



Sur le journalisme About journalism Sobre jornalismo

Vol 12, n°1 - 2023

NEWS FRAMING
& INTERNATIONAL NEWS FLOWS

CADRAGES MÉDIATIQUES
& FLUX D'INFORMATIONS
INTERNATIONALES

ENCUADRES MEDIÁTICOS
& FLUJOS NOTICIOSOS
INTERNACIONALES

ENQUADRAMENTOS MIDIÁTICOS
& FLUXOS DE NOTÍCIAS
INTERNACIONAIS

EDITEURS / EDITORS / EDITORES

François Demers (Université Laval, Canada) • Florence Le Cam (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Sandrine Lévêque (Université de Lille, France) • Isabelle Meuret (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Fábio Henrique Pereira (Université Laval, Canada) • Laura Rosenberg (CONICET et Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina) • Denis Ruellan (Sorbonne-Université, France) • Florian Tixier (Université Bordeaux Montaigne, France)

CONSEILS SCIENTIFIQUES / SCIENTIFIC BOARD / CONSELHOS CIENTÍFICOS

Zélia Leal Adghirni (Universidade de Brasília, Brasil) • Henri Assogba (Université Laval, Canada) • João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Jean Charron (Université Laval, Canada) • Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) • Béatrice Damian-Gaillard (Université de Rennes 1, France) • Salvador De León (Universidad Autónoma de Aguascalientes, Mexico) • Juliette De Maeyer (Université de Montréal, Canada) • Javier Diaz Noci (Universidad Pompeu Fabra, España) • David Domingo (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Chantal Francoeur (Université du Québec à Montréal, Canada) • Marie-Soleil Frère (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Mike Gasher (Concordia University, Canada) • Gilles Gauthier (Université Laval, Canada) • María Elena Hernández Ramírez (Universidad de Guadalajara, Mexico) • Thais de Mendonça Jorge (Universidade de Brasília, Brasil) • Eric Lagneau (LIER – EHESS, France) • Marie-Soleil Frère (Université libre de Bruxelles, Belgique) *In memoriam* • Mike Gasher (Concordia University, Canada) *In memoriam* • Kenia Beatriz Ferreira Maia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil) • Pere Masip Masip (Universidad Ramon Llull, España) • Cláudia Mellado Ruiz (Universidad de Santiago, Chile) • Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasília, Brasil) • Véronique Nguyen-Duy (Université Laval, Canada) • Greg Nielsen (Concordia University, Canada) • Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, Colombia) • Sylvain Parasie (Université Paris-Est, France) • Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires, Argentina) • Valérie Jeanne Perrier (Université Paris-Sorbonne, France) • Guillaume Pinson (Université Laval, Canada) • Mauro Pereira Porto (Tulane University, USA) • Franck Rebillard (Université Sorbonne nouvelle, France) • Viviane Resende (Universidade de Brasília, Brasil) • Rémy Rieffel (Université Panthéon-Assas, France) • Roselyne Ringoot (Université Grenoble Alpes, France) • Julien Rueff (Université Laval, Canada) • Eugenie Saitta (Université de Rennes 1, France) • Lia Seixas (Universidade Federal da Bahia, Brasil) • Nikos Smyrnaios (Université Toulouse 3, France) • Jean-François Tétu (IEP de Lyon, France) • Marie-Eve Thérenty (Université Paul Valéry, France) • Annelise Touboul (Université de Lyon 2, France) • Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, France)

EQUIPE ÉDITORIALE / EDITORIAL TEAM / EQUIPE EDITORIAL

Assistantes éditoriales : Mariana Ausani (responsable de la communication) • Gabrielle Ramain (gestion de la traduction) • Ana Gabriela Guerreiro (gestion de la traduction)
Traductions : Emilie Traub (anglais) • Laure Schalchli (portugais) • Jorge Ferreira (espagnol)
Graphisme : Yann Le Sager, Zen-at-work.com (conception graphique, mise en page)

La revue est présente en ligne (<https://revue.surlejournalisme.com/>). L'intégralité des articles est consultable. Vous pouvez vous inscrire pour connaître les appels à publication, les parutions de nouveaux numéros. Vous pouvez aussi déposer vos propositions d'article directement sur cet espace.

The Journal is online (<https://revue.surlejournalisme.com/>). Its articles are all available for consultation. You can subscribe to be informed of the calls for publication as well as the new publications. You may also upload your own proposals on the platform.

A revista está disponível online (<https://revue.surlejournalisme.com/>). A versão integral de todos os artigos pode ser consultada. Você pode se cadastrar para ser avisado sobre a abertura de uma chamada de trabalhos ou publicação de uma nova edição da revista. Neste espaço, você também pode submeter um artigo.

Numéros publiés - Published issues - Números publicados

2022

Vol. 11, n°2

Journalistes et construction médiatique des problèmes publics
Journalists and media construction of public problems
Jornalistas e construção midiática dos problemas públicos
Periodistas y construcción mediática de los problemas públicos

Vol. 11, n°1

Reportages de guerre
Reportagens de guerra
War reporting

2021

Vol. 10, n°2

Les écritures du journalisme sportif
As escritas do jornalismo esportivo
The writing(s) of sports journalism

Vol. 10, n°1

Violences publiques
Public violence
Violências públicas

2020

Vol. 9, n°1

Sous l'emprise des plateformes
In the Grip of Platforms
Sob a tutela das plataformas

2019

Vol. 8, n°2

Stéréotypes dans l'exercice du journalisme
Stereotypes in Journalistic Practice
Estereótipos na prática jornalística

Vol. 8, n°1

The Journalism Worlds
Os mundos do jornalismo
Les mondes du journalisme

2018

Vol. 7, n°2

Local Journalism
Jornalismo local
Journalisme local
Periodismo local

Vol. 7, n°1

Journalisme et risques
Journalism and risks
Jornalismo e riscos

2017

Vol. 6, n°2

Comparaison en journalisme, médias et politique
Comparison in journalism, media and politics
Comparação em jornalismo, mídia e política

Vol. 6, n°1

Pobreza e jornalismo
Poverty and Journalism
Pauvreté et journalisme

2016

Vol. 5, n°2

Normes des chercheurs -&- Éditorial et débat public (numéro double)
Norms of researchers-&- Editorial and public debate (double issue)
Normas dos pesquisadores -&- Editorial e debate público (edição dupla)

Vol. 5, n°1

Correspondants à l'étranger
Foreign Correspondents
Correspondentes internacionais

2015

Vol. 4, n°2

Online Journalism and its Publics
Le journalisme en ligne et ses publics
O jornalismo online e seus públicos

Vol. 4, n°1

Journalisme et réseaux socionumériques
Journalism and Social Networking Sites
Jornalismo e redes sociodigitais

2014

Vol. 3, n°2

Journalisme et dispositifs mobiles
Journalism and Mobile Devices
Jornalismo e dispositivos móveis

Vol. 3, n°1

Les invisibles du journalisme -&- L'image d'actualité (numéro double)
Journalism's 'invisibles' -&- The news image (double issue)
Os invisíveis do jornalismo -&- A imagem noticiosa (edição dupla)

2013

Vol. 2, n°2

Le « Gouvernement » des journalistes
The “Government” of journalists
O “governo” dos jornalistas

Vol. 2, n°1

Sources et flux de nouvelles
Sources and flow of news
Fontes e fluxos de notícias

2012

Vol. 1, n°1

L'entretien de recherche avec des journalistes
Research interviews with journalists
A entrevista de pesquisa com jornalistas



Sumário Summary Sommaire

News Framing Cadrages médiatiques Encuadres mediáticos Enquadramentos midiáticos

Estudios de framing en Latinoamérica.....	6
Introducción	
Estudos de enquadramento na América Latina.....	12
Introdução	
Les études sur le cadrage en Amérique latine	18
Introduction	
Studies on Media Framing in Latin America.....	24
Introduction	
<i>Paola Ingrassia, Carlos Muñiz, Natalia Araguete, Jamil Marques</i>	
Enquadramentos em análises de dinâmicas interacionais.....	30
aproximações entre Goffman e Butler	
<i>Vanessa Neme Spirandeo, Luis Mauro Sá Martino, Ângela Cristina Salgueiro Marques</i>	
A narrativa e os enquadramentos do Estadão sobre o “lulopetismo”.....	44
uma perspectiva crítica latino-americana	
<i>Pablo Silva Pimentel</i>	
De herói a vilão	58
Wallace Souza e o enquadramento sensacionalista no jornalismo brasileiro	
<i>Henrique Caixeta Moreira, Bruna Silveira de Oliveira</i>	
Images of Social Policy in Brazil	74
A Comparison between Government Frames	
<i>Marta R. Maia, Dayane do C. Barretos</i>	
Os enquadramentos do usuário de drogas na <i>Folha de S. Paulo</i> ao longo da Ditadura Militar	90
Brazilian salt production environmental issues	
<i>Júlio César Rigoni Filho</i>	
Violência contra a mulher em jornais amazônicos	106
Análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021	
<i>Daniele Silva Lima, Gabriela Almeida Silva, Camilla Quesada Tavares, Wyldiany Oliveira dos Santos</i>	

International News Flows Flux d'informations internationales Flujos noticiosos internacionales Fluxos de notícias internacionais

International news flows through the lens of platformization	126
Introduction	
Plateformisation de la circulation de l'information internationale.....	132
Introduction	
Plataformatização do fluxo internacional de informações	138
Introdução	
Platformización del flujo de información internacional	144
Introducción	
<i>Alan Ouakrat, Chris Paterson, Franck Rebillard, Jasmin Surm, Camila Moreira-Cesar</i>	
Interview with Tristan Mattelart	150
« Global news diversity in perspective »	
Entretien avec Tristan Mattelart	158
« La diversité des informations internationales en perspective »	
<i>Chris Patterson, Jasmin Surm</i>	
More of the shareable same	164
How Facebook induces conformity among Indian alternative journalism startups	
<i>Darsana Vijay</i>	
L'information transnationale des « Convois de la liberté » canadiens dans l'espace numérique des Gilets jaunes	178
<i>Raphaël Lupovici</i>	
Varias	
Les strates identitaires	194
Analyser l'identité professionnelle des journalistes pour mieux comprendre leur carrière	
<i>Manon Libert</i>	
Entretien avec Florian Sauvageau.....	210
Au carrefour des influences américaine, britannique et française	
<i>François Demers, Florence Le Cam</i>	
<i>Merci aux évaluateurs et évaluatrices des récents numéros de la revue</i>	
<i>Agradecemos aos avaliadores das últimas edições da revista</i>	



Estudios de framing en Latinoamérica

Introducción

PAOLA INGRASSIA

CONICET

Universidad Nacional de San Juan
paoingrassia@gmail.com
/0000-0002-2810-4632



l enfoque que los discursos dan a los asuntos públicos al disputar una percepción legítima y extendida de la realidad social y política incorpora los componentes de la controversia, del espectáculo y del registro dramático. En particular, los discursos de actualidad evidencian cómo los medios, en tanto actores políticos, inscriben sus coberturas en una dinámica de polarización que los excede, pero de la cual constituyen un eslabón central. En la arena de disputa de sentidos, los políticos, los medios de comunicación, los movimientos sociales, las instituciones religiosas y otros actores sociales y públicos están inmersos en la misma comunidad y allí dialogan y compiten por imponer su propia definición sobre los problemas públicos, algunos con más eficacia que otros según las circunstancias, utilizando la compleja combinación de plataformas de expresión que ofrece el escenario mediático digital actual. El sentido público que definitivamente quede instalado dependerá de las estrategias discursivas puestas en juego y pondrá en evidencia la correlación de fuerzas existente en esa comunidad en un momento determinado.

El estudio del juego convergente de estos actores en el ágora requiere de una mirada integral, comprensiva y estructural que considere al circuito comunicacional en su conjunto y atienda las disputas de poder simbólico que se dan en este proceso en todas sus dimensiones. Ello nos obliga a desestimar la premisa

CARLOS MUÑIZ
Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales
Universidad Autónoma de Nuevo León
carlos.munizm@uanl.mx
/0000-0002-9021-8198

NATALIA ARUGUETE
CONICET
Universidad Nacional de Quilmes
nataliaaruguete@gmail.com
/0000-0002-1571-9224

JAMIL MARQUES
Departamento de Ciencias Políticas
Universidad Federal de Paraná
marquesjamil@gmail.com
/0000-0002-5256-1964

de que los actores estratégicos, los profesionales de la información y las audiencias son simplemente el reflejo de realidades políticas y sociales asépticas. Por el contrario, las políticas, los temas y los acontecimientos son objeto de patrones de selección e interpretación que se definen en negociaciones y peleas y, por ello, pueden modificarse a lo largo del tiempo. Con este espíritu de reflexión crítica sobre la realidad política y social, hemos propuesto el dossier “Estudios de framing en Latinoamérica”.

El contexto en el que abordamos este tema problemático para el dossier de *Sur Le Journalisme* se justifica por los avances de la investigación en comunicación política en las últimas décadas, especialmente los vinculados a la teoría del Framing. Esta teoría ha demostrado una consolidación progresiva en el análisis político, convirtiéndose en un programa de investigación multiparadigmático (D'Angelo, 2012). Además, América Latina ha sido testigo de una creciente producción de trabajos teóricos y empíricos basados en esta perspectiva. Los recientes eventos políticos, institucionales y sociales en la región refuerzan la necesidad de investigar en profundidad desde una perspectiva amplia y flexible, que permita abordar de manera comprensiva la producción y circulación de significados públicos.

En concreto, los encuadres mediáticos, los discursos políticos y los marcos de significación para la acción colectiva, entre otros, se convierten en herramientas productivas para analizar las características de la comunicación gubernamental, las narrativas polarizantes durante las campañas electorales, las coberturas mediáticas sobre las desigualdades de género, la acción colectiva de los movimientos sociales y el activismo, la configuración discursiva de la inmigración, el tratamiento informativo del delito y la activación de encuadres en redes sociales digitales, así como su capacidad para evitar los caminos convencionales de la información. En resumen, se trata de un enfoque analítico capaz de proporcionar las herramientas necesarias para reflexionar sobre las diferentes etapas del proceso comunicativo: desde los encuadres de los emisores hasta aquellos que se plasman en los textos, así como los esquemas interpretativos de las audiencias y los que influyen en la cultura política en la que se producen y circulan los discursos.

El concepto de “integralidad” del framing (Aruguete, 2021; D'Angelo, 2012) permite abordar el proceso de encuadre desde diversos paradigmas: crítico, cognitivo y constructivista. El paradigma crítico se centra en la etapa de construcción de los encuadres mediáticos, al investigar la relación entre los movimientos sociales, las élites políticas y los medios de comunicación (Ingrassia et al., 2023). El paradigma cognitivo analiza la influencia de los mensajes y las formas en que los encuadres activan esquemas de percepción individuales al evaluar eventos políticos u otros (Matthes & Kohring, 2008), e interactúan con el conocimiento previo de un individuo afectando sus interpretaciones. El paradigma constructivista analiza de manera holística los procesos sociales de formación de visiones del mundo en torno a cuestiones políticas. Desde esta perspectiva, la propagación de los encuadres se explica por la coherencia entre las convenciones culturales, las tradiciones narrativas y los esquemas individuales de los usuarios que los elementos del encuadre son capaces de activar.

El framing tiene sus raíces en la sociología interpretativa y la psicología cognitiva, y se presenta desde una perspectiva centrada en los medios de comunicación, enfatizando su importancia dentro de un proceso social más amplio de definición de la realidad. Los estudios de revisión histórica y teórica del Framing se combinan con enfoques de aplicación empírica desde diferentes paradigmas. La coexistencia de estos paradigmas ha permitido un enfoque integral del proceso de encuadre de la comunicación, donde convergen perspectivas teóricas que a veces se complementan y otras se contradicen. Aunque la discusión teórica en este campo es abundante (Entman, 1993, 2007; D'Angelo, 2002, 2012; Scheufele & Tewksbury, 2007), no se ha estudiado tanto en profundidad sus bases epistemológicas, lo cual es importante considerando las diversas corrientes que han aportado fundamentos epistemológicos a este programa de investigación multiparadigmático (D'Angelo, 2012).

Para el análisis y reflexión de las cuestiones precedentes, al igual que para explorar alternativas empíricas en torno a las dinámicas que conlleva la creación, circulación y recepción de encuadres a lo largo de todo el proceso de intercambio de sentidos, se presenta esta compilación de artículos científicos.

El trabajo de Ângela Marques, Luis Mauro, Sá Martino y Vanessa Spirandeo, se centra en las premisas de Erving Goffman (2002, 2012) y Judith Butler (2004, 2015, 2019) e invita a una reflexión profunda, que incluye las contradicciones internas, sobre las bases epistemológicas de la teoría del Framing. En esa línea, se destacan aspectos que resultan fundamentales para comprender la evolución del Framing como una de las principales teorías en el campo de la comunicación política. Tales aspectos también servirán como vías de entrada a la perspectiva epistemológica y teórica de este dossier. La propuesta de Goffman sobre el concepto de encuadre ayuda a comprender los intercambios de interpretación que se producen en el proceso comunicativo. Goffman utiliza el término “frame” para referirse a los elementos que organizan los principios que rigen la interpretación de los eventos sociales y la participación subjetiva en ellos. Según el autor, el “análisis de frames” se refiere a la exploración de la

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Paola Ingrassia, Carlos Muñiz, Natalia Aruguete, Jamil Marques, « Estudios de framing en Latinoamérica »,
Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.544>



organización de la experiencia en estos términos (Goffman, 1974, p. 10-11). A partir de la comprensión de Goffman sobre el framing, Butler incorpora este enfoque a los encuadres mediáticos como construcciones que indican posiciones de poder y que buscan regular las experiencias intersubjetivas. A su vez, establece conexiones con otros trabajos de este dossier desde su perspectiva crítica sobre la producción periodística y las imágenes mediáticas.

Esta concepción del framing que proponemos aquí implica reconocer que los/as periodistas también recurren a esquemas de comprensión e interpretación de la realidad al elaborar sus contenidos noticiosos. Estos contenidos se definen como paquetes de recursos simbólicos o “colecciones de herramientas” (D’Angelo, 2002) que simplifican la comprensión de los eventos por parte de la sociedad. A la vez, esos recursos simbólicos toman forma a través de imágenes y significados presentes en las representaciones de los medios de comunicación, pero también se ven influenciados por otros factores, como las experiencias personales, las características del tema, las identificaciones culturales previas y la memoria colectiva de una comunidad (Koziner, 2015, p. 28).

El artículo de Pablo Pimentel recupera y aborda el interés por la forma en que el periodismo construye narrativas y reorganiza signos para acercarse a una realidad socialmente construida. Pimentel propone repensar el análisis del proceso de encuadre desde una “perspectiva crítica latinoamericana”. En este sentido, su contribución es crucial, ya que pone de manifiesto la necesidad de adoptar una postura que vaya más allá de los “supuestos epistemológicos empíricos” y abandone la pretensión de objetividad que a menudo se reclama en el estudio de la cobertura de temas políticos. Pimentel sostiene que la construcción de narrativas se basa en lógicas profesionales rutinarias, expresadas en su forma y contenido, y en mecanismos institucionalizados que establecen las relaciones interorganizativas. Además, encuentra en las editoriales periodísticas recursos discursivos que revelan el posicionamiento y la autoridad de las organizaciones mediáticas. Basándose en las disputas de sentido que han caracterizado las recientes crisis políticas en Brasil, el autor concluye que el tono intervencionista de los agentes periodísticos es un ejemplo elocuente de lo que denomina un sistema mediático “liberal-capturado”, en el cual la prensa favorece sus propias agendas e intereses al mantener una apariencia de neutralidad e imparcialidad. Presentar esta instancia de producción de sentido como un procedimiento objetivo no es más que un “ritual estratégico de protección para los periodistas ante los riesgos de su actividad profesional”, y son principalmente formas inconscientes y naturalizadas de legitimar el *status quo* a través del ejercicio periodístico (Tuchman, 1999, p. 199).

Una visión amplia del framing implica reconocer su presencia en cualquier tipo de mensaje, así como en las etapas de producción y reconocimiento de los discursos (Duckman, 2001). Sin embargo, hasta la fecha, la investigación se ha centrado principalmente en la detección y análisis de los encuadres presentes en los contenidos noticiosos, lo cual ha sido criticado por su excesivo “sesgo mediocéntrico” (Valera Ordaz, 2016). Desde esta perspectiva mediocéntrica, los frames se definen como conjuntos de recursos discursivos a través de los cuales diferentes actores políticos, corporativos o mediáticos ofrecen una forma de definir los asuntos de interés público (Schuck et al., 2013). Se trata de una especie de traducción de la información a través del uso de marcos desde los cuales ofrecer una perspectiva particular de la realidad (D’Angelo, 2002; de Vreese, 2003; Entman, 1993; Matthes, 2012). Sin embargo, este sesgo descarta la variedad que el proceso de encuadre podría aportar y su capacidad para intervenir en cualquier manifestación comunicativa que implique la creación, circulación y transmisión de mensajes. Es especialmente importante tener esto en cuenta y actuar en consecuencia en el entorno digital actual. Al respecto, el artículo de Henrique Moreira Caixeta representa una interesante propuesta teórico-metodológica para reflexionar sobre las relaciones entre series, audiencia, periodismo policial y opinión pública.

En el campo de la comunicación política, es común referirse a los discursos políticos como fuentes relevantes para el proceso de establecimiento de la agenda y el debate político. Por su parte, el framing sugiere la manera en que los eventos son presentados a través de los mensajes informativos, enfatizando o excluyendo posibles aspectos de la realidad existente (de Vreese, 2005; Muñiz, 2015). En resumen, el framing se concibe como un paradigma capaz de informar y enriquecer enfoques conductuales y críticos, tanto cuantitativos como cualitativos. El encuadre es un ejercicio de poder, ya que afecta nuestra comprensión del mundo político (Reese, 2007). Sin embargo, existe una falta de estudios que hayan abordado empíricamente el estudio de los encuadres políticos y su impacto en el tratamiento mediático de los eventos de manera efectiva. Nos referimos específicamente al análisis de las estrategias comunicativas utilizadas por los diferentes actores que conforman el sistema político para respaldar una visión particular de la realidad social y de las políticas públicas a través de encuadres de promoción (advocacy frames) (Carragee & Roefs, 2004; de Vreese, 2012). Aunque este tipo de estudios puede llevarse a cabo desde diferentes ámbitos del campo político, es más común hacerlo desde la influencia que genera los marcos propuestos desde un gobierno en el caso de los sistemas parlamentarios. En efecto, el estudio de los marcos promovidos por los gobiernos u otros líderes

políticos son representaciones oficiales que, en ocasiones, se integran y en otras entran en conflicto con diversas instancias del intercambio discursivo, donde los encuadres se manifiestan como formas de disputas de sentido. El aporte de Mario Luis Grangeia en este dossier aborda esta área de vacancia de manera elocuente. Adopta el concepto de encuadres desde la perspectiva de la sociología cultural para examinar los discursos de los gobiernos en los 30 años posteriores a la restauración de la democracia (1985-2016) y los de Getúlio Vargas (1930-45/51-54), centrándose en las imágenes que estos gobiernos atribuyen a la política social en Brasil. “Durante la fase de construcción de los encuadres noticiosos y las políticas públicas, los diversos actores involucrados, como periodistas, instituciones mediáticas, formuladores de políticas y la sociedad civil, libraron disputas de poder que dejaron sus huellas en los textos, ya sean mediáticos o documentos de política”. (Koziner, 2022, p. 197) A partir de ahí, continúa Koziner (2022), diversos actores, especialmente aquellos que tienen más peso en el debate político y público, representan los intereses y cosmovisiones que intentan instalar como perspectivas generalizadas y ampliamente compartidas. Aquí se evidencia la confrontación entre dos niveles del framing: el encuadre en la comunicación (frame in communication), referido a la información transmitida, y el encuadre en el pensamiento (frame in thought), referido a la comprensión cognitiva individual de la información recibida (Druckman, 2001). Así, para comprender los efectos que producen los encuadres oficiales, es imprescindible comprender los encuadres promovidos y activados desde los paradigmas crítico y constructivista.

Desde finales del siglo XX, la inquietud generada por la posibilidad aleatoria de ser víctima de un delito no solo se manifiesta en la opinión pública, sino también en las agendas de temas políticos y, sobre todo, en la cobertura mediática (Dammert, 2010; Kessler, 2009). El delito, la violencia y la inseguridad ciudadana han experimentado un notable aumento en la cobertura mediática, especialmente en los últimos años. El temor al delito se ha extendido gradualmente a diferentes centros urbanos, tanto grandes como medianos y pequeños. La forma en que se presentan los eventos delictivos y las violencias de distinto tipo, cómo se los califica, cómo se retrata a las víctimas y a los delincuentes, y cómo se tipifican geográficamente los lugares en términos de peligro, son solo algunos de los rasgos que configuran este tipo de noticias. Esta problemática es aún más relevante si se analiza en contextos dictatoriales, especialmente en las últimas dictaduras militares que ocurrieron en la región hasta la recuperación democrática. Es en este contexto que Júlio César Rigoni Filho realiza su estudio sobre el papel desempeñado por la cobertura periodística durante el período y destaca la existencia de encuadres criminales por sobre los de salud pública.

Otro tema que también se aborda en este número de *Sur Le Journalism* es el de las desigualdades de género y la violencia machista, dos de los principales problemas que enfrentan muchas sociedades y que, en los últimos años, se han convertido en problemas públicos. Los problemas sociales necesitan alcanzar una definición y legitimarse en, al menos, una de las arenas competitivas para alcanzar la categoría de problemas públicos (Ingrassia et al., 2023). Uno de esos espacios competitivos son los medios de comunicación, no solo porque producen sentidos públicos en disputa con otros actores políticos y sociales, sino también porque permiten la visibilidad de los eventos sociales. La problemática de género, como observa Scott (2019), no ha sido históricamente definida en estos términos, sino que es una construcción que surge de “organizaciones sociales históricamente situadas y representaciones culturales” (Scott, 2019, p. 69). En este sentido, los movimientos feministas han desempeñado un papel clave en promover este problema social al estatus de problema público. Dentro de ese marco de ideas se inscribe el artículo “A cobertura sobre violência contra a mulher em jornais amazônicos: análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021”, de Daniele Silva Lima, Wyldiani Oliveira, Gabriela Almeida Silva y Camilla Quesada Tavares. Los/as autores/as presentan una revisión de las teorías y métodos para el estudio de los encuadres noticiosos sobre la violencia contra la mujer en tres medios de la Amazônia Legal, una de las regiones de Brasil que presentó la mayor cantidad de casos relacionados con esta problemática social durante el período de estudio. Además, proponen una complementación teórico-metodológica entre las ideas de Scott y las funciones del encuadre propuestas por Entman (1993) para analizar una serie de marcos con perspectiva de género, como el marco penal, legal, estadístico, dramático y de conciencia y género, en medios regionales, considerando que tienen un gran poder para movilizar socialmente por atender las demandas y necesidades sociales de las personas (Ghizzoni, 2013).

En “What is all about? Framing in Political Science”, Druckman (2011) asocia el término “encuadre” con la noción de “preferencia”. Nuestra comprensión, asimilación e interpretación de los objetos, fenómenos y eventos en el mundo están en línea con nuestras preferencias. También, James (1869) afirma que la selección de ciertos esquemas de pensamiento activados por los enfoques que ofrece un discurso, entendiendo los eventos políticos y sociales también como construcciones discursivas, depende de que esos encuadres sean resonantes y no contradigan los conocimientos previos. En definitiva, los marcos son, según Butler (2015), “formas de inteligibilidad que favorecen el funcionamiento del Estado y, por lo tanto, se constituyen en sí mismos” (p. 213).

En resumen, en este número hemos procurado reunir una concepción del proceso de encuadre en la comunicación que se acerque a ese conjunto de información adicional necesaria para dar sentido a una interpretación y reinterpretación del mundo. Aquí, los nuevos discursos entran en contacto y activan información previa y evidencia que tenemos a nuestra disposición al momento de evaluar los asuntos. Nues-

tra intención ha sido incluir algunas de las múltiples perspectivas que nos permiten entender el Framing como un programa integral, comprensivo, dinámico e interactivo.

REFERENCIAS

- Aruguete, N. (2021). Activación de encuadres en red. Un modelo para repensar la circulación de sentidos en el nuevo entorno mediático. *Profesional de la Información*, 30(2).
- Butler, J. (2015). Variaciones sobre sexo y género: Beauvoir, Wittig y Foucault. En M. Lamas (Ed.), *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*, (pp. 291-312). Bonilla Artigas Editores.
- Butler, J. (2019 [2004]). *La vida precaria: The Powers of Mourning and Violence*. Verso.
- Carragee, K. & Roefs, W. (2004). The Neglect of Power in Recent Framing. *International Communication Association*, 214-233.
- D'Angelo, P. (2002). News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman. *Journal of Communication*, 52(4), 870-888. doi: 10.1111/j.1460-2466.2002.tb02578.x.
- D'Angelo, P. (2012). Studying Framing in Political Communication with an Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 353-364.
- Dammert, L. (2010). Violencia, crimen e inseguridad en América Latina: desafíos para la democracia. *Academia Superior de Estudios Policiales*, 6, 56-87.
- De-Vreese C. (2003). *Framing Europe: Television news and European integration*. Aksant Academic Publishers.
- De-Vreese C. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal*, 13(1), 51-62.
- De Vreese, C. H. (2012). New Avenues for Framing Research. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 365-375.
- Druckman, J. N. (2001). The implications of framing effects for citizen competence. *Political behavior*, 23, 225-256.
- Druckman, J. N. (2011). What's it all about? Framing in political science. *Perspectives on framing*, 279, 282-296.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.
- Entman, R. M. (2007). Framing bias: Media in the distribution of power. *Journal of communication*, 57(1), 163-173.
- Ghizzoni, M. (2013). El periodismo regional como mediador social: un análisis de contenido. *Vernáculo*, 32.
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. London: Harper and Row.
- Goffman, E. (2002). Pie. En B. Ribeiro & P. Garcez (eds.), *Sociolingüística Interacional*, (pp.107-148).
- Goffman, E. (2012). *Los marcos de la experiencia social*. Voces.
- Ingrassia, P., Gómez Wagner, C., Aruguete, N. y Calvo, E. (2023). La IVE en disputa. Los encuadres estratégicos en las noticias digitales argentinas. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación [Ensayos]*, 26(194), 115-130.
- James, W. (1869). "The perception of reality". En: Principles of psychology, vol. 2. Dover Publications, pp. 283-324.
- Kessler, G. (2005). Miedo al crimen: campo de investigación y preocupación política. *Oficios Terrestres*, 17, 27-37.
- Koziner, N. (2015). El Framing: un programa de investigación para el estudio de las comunicaciones mediáticas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Mediática*, 14(28), 22-45.
- Koziner, N. (2022). El frame-building. Una herramienta de análisis para el tratamiento mediático de las políticas de medios. InMediaciones de la Comunicación, 17(2), 197-218.
- Matthes, J. (2012). Framing Politics: An Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 247-259.
- Matthes, J., & Kohring, M. (2008). The Content Analysis of Media Frames: Toward Improving Reliability and Validity. *Journal of Communication*, 58(2), 258-279.
- Muñiz C., 2015. La política como debate temático o estratégico. *Framing de la campaña electoral mexicana de 2012 en la prensa digital. Comunicación y Sociedad*, (23), 67-95.
- Reese, S. D. (2007). The Framing Project: A Bridging Model for Media Research Revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154.
- Retegui, L. e Ingrassia, P. (2022). Las desigualdades de género, precarización laboral y estereotipos. Atravesar la pandemia como periodista en una redacción tradicional. *Intersecciones en Comunicación*, 1(16).
- Scheufele, D. A. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57(1), 9-20.
- Schuck A.; Boomgaarden H.; de-Vreese C. (2013). "Cynics all around? The impact of election news on political cynicism in comparative perspective". *Journal of Communication*, 63(2), 287-311.
- Scott, J. (2019) Género: una categoría útil para el análisis histórico. En Hollanda, HB de (Org.), *Pensamiento feminista: conceptos fundamentales*. Time Bazaar
- Tuchman, G. (1999). La objetividad como ritual estratégico: un análisis de las nociones de objetividad de los periodistas. *CIC*, 4, 199-217.
- Valera Ordaz, L. (2016). El sesgo mediocéntrico del framing en España: una revisión crítica de la aplicación de la teoría del encuadre en los estudios de comunicación. ZER: Revista De Estudios De Comunicación = Komunikazio Ikasketen Aldizkaria, 21(41).



Estudos de enquadramento na América Latina

Introdução

PAOLA INGRASSIA

CONICET

Universidad Nacional de San Juan
paoingrassia@gmail.com
/0000-0002-2810-4632



abordagem que os discursos dão aos assuntos públicos ao disputar uma percepção legítima e generalizada da realidade social e política incorpora os componentes da controvérsia, o espetáculo e o registro dramático. Em particular, os discursos de atualidade mostram como a mídia, na qualidade de ator político, enquadra sua cobertura em uma dinâmica de polarização que a ultrapassa, mas da qual ela é um elo central. Na arena de disputa de significados, os políticos, a mídia, os movimentos sociais, as instituições religiosas e outros atores sociais e públicos estão imersos na mesma comunidade e ali dialogam e competem para impor sua própria definição de problemas públicos, alguns com mais eficácia do que outros dependendo das circunstâncias, usando a complexa combinação de plataformas de expressão oferecidas pelo cenário atual da mídia digital. O significado público estabelecido definitivamente dependerá das estratégias discursivas utilizadas e revelará a correlação de forças existentes naquela comunidade em um determinado momento.

O estudo do jogo convergente desses atores na ágora requer uma visão integral, abrangente e estrutural que considere o circuito de comunicação como um todo e aborde as disputas de poder simbólico que ocorrem nesse processo em todas as suas dimensões. Isso nos obriga a rejeitar a premissa de que os atores estratégicos, os profissionais da informação e as audiências são simplesmente um reflexo de realidades

NATALIA ARUGUETE
CONICET
Universidad Nacional de Quilmes
nataliaaruguete@gmail.com
/0000-0002-1571-9224

JAMIL MARQUES
Departamento de Ciencias Políticas
Universidad Federal de Paraná
marquesjamil@gmail.com
/0000-0002-5256-1964

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Paola Ingrassia, Carlos Muñiz, Natalia Aruguete, Jamil Marques, « Estudos de enquadramento na América Latina », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.543>

políticas e sociais assépticas. Ao contrário, políticas, questões e eventos estão sujeitos a padrões de seleção e interpretação que são definidos em negociações e lutas e, portanto, podem mudar com o tempo. Com esse espírito de reflexão crítica sobre a realidade política e social, propusemos o dossier “Estudos de enquadramento na América Latina”.

O contexto no qual abordamos essa questão problemática para o dossier da *Sur Le Journalisme* é justificado pelos avanços na pesquisa de comunicação política nas últimas décadas, especialmente aqueles ligados à teoria do enquadramento. Essa teoria mostrou uma consolidação progressiva na análise política, tornando-se um programa de pesquisa multiparadigmático (D’Angelo, 2012). Além disso, a América Latina testemunhou uma produção crescente de trabalhos teóricos e empíricos baseados nessa perspectiva. Os recentes acontecimentos políticos, institucionais e sociais na região reforçam a necessidade de pesquisas aprofundadas a partir de uma perspectiva ampla e flexível, que permita uma abordagem abrangente da produção e circulação de significados públicos.

Especificamente, os enquadramentos da mídia, os discursos políticos e os enquadramentos de significado para a ação coletiva, entre outros, tornam-se ferramentas produtivas para analisar as características da comunicação governamental, as narrativas polarizadoras durante as campanhas eleitorais, a cobertura da mídia sobre as desigualdades de gênero, a ação coletiva dos movimentos sociais e o ativismo, a configuração discursiva da imigração, o tratamento noticioso do crime e a ativação de enquadramentos nas redes sociais digitais, bem como sua capacidade de evitar os caminhos convencionais da informação. Em suma, é uma abordagem analítica capaz de fornecer as ferramentas necessárias para refletir sobre os diferentes estágios do processo comunicativo: desde os enquadramentos dos emissores até os que são incorporados nos textos, bem como os esquemas interpretativos dos públicos e os que influenciam a cultura política na qual os discursos são produzidos e circulam.

O conceito de “integralidade” do enquadramento (Aruguete, 2021; D’Angelo, 2012) permite abordar esse processo a partir de diferentes paradigmas: crítico, cognitivo e construtivista. O paradigma crítico concentra-se no estágio de construção do enquadramento da mídia, investigando a relação entre os movimentos sociais, as elites políticas e a mídia (Ingrassia et al., 2023). O paradigma cognitivo analisa a influência das mensagens e as maneiras pelas quais os enquadramentos ativam esquemas perceptuais individuais ao avaliar eventos políticos ou outros (Matthes & Kohring, 2008) e interagem com o conhecimento prévio de um indivíduo para afetar suas interpretações. O paradigma construtivista analisa de forma holística os processos

sociais de formação da visão de mundo em torno de questões políticas. Nessa perspectiva, a propagação de enquadramentos é explicada pela coerência entre as convenções culturais, as tradições narrativas e os esquemas individuais dos usuários que os elementos de enquadramento são capazes de ativar.

O enquadramento tem suas raízes na sociologia interpretativa e na psicologia cognitiva, e é apresentado a partir de uma perspectiva centrada na mídia, enfatizando sua importância dentro de um processo social mais amplo de definição da realidade. Os estudos de revisão histórica e teórica do enquadramento são combinados com abordagens de aplicação empírica de diferentes paradigmas. A coexistência desses paradigmas permitiu uma abordagem abrangente do processo de enquadramento da comunicação, em que as perspectivas teóricas convergem, às vezes se complementando e às vezes se contradizendo. Embora a discussão teórica nesse campo seja abundante (Entman, 1993, 2007; D’Angelo, 2002, 2012; Scheufele & Tewksbury, 2007), seus fundamentos epistemológicos não foram estudados com tanta profundidade, o que é importante se considerarmos as várias correntes que forneceram bases epistemológicas para esse programa de pesquisa multiparadigmático (D’Angelo, 2012).

Com o objetivo de analisar e refletir sobre as questões acima, bem como explorar alternativas empíricas em relação às dinâmicas envolvidas na criação, circulação e recepção de enquadramentos ao longo de todo o processo de troca de significados, é apresentada esta compilação de artigos científicos.

O trabalho de Ângela Marques, Luis Mauro, Sá Martino e Vanessa Spirandeo centra-se nas premissas de Erving Goffman (2002, 2012) e Judith Butler (2004, 2015, 2019) e convida a uma reflexão profunda, incluindo contradições internas, sobre os fundamentos epistemológicos da teoria do enquadramento. Nessa linha, destacam-se aspectos fundamentais para a compreensão da evolução do enquadramento como uma das principais teorias no campo da comunicação política. Esses aspectos também servirão como pontos de entrada para a perspectiva epistemológica e teórica deste dossier. A proposta de Goffman do conceito de enquadramento ajuda a entender as trocas interpretativas que ocorrem no processo comunicativo. Goffman usa o termo “frame” para se referir aos elementos que organizam os princípios que regem a interpretação dos eventos sociais e a participação subjetiva neles. De acordo com o autor, a “análise de frames” refere-se à exploração da organização da experiência nesses termos (Goffman, 1974, p. 10-11). Com base no entendimento de Goffman sobre enquadramento, Butler incorpora essa abordagem aos enquadramentos da mídia como construções que indicam posições de poder e que procuram regular as experiências intersubjetivas.



Por sua vez, a autora estabelece conexões com outros trabalhos neste dossiê a partir de sua perspectiva crítica sobre a produção jornalística e as imagens da mídia.

Essa concepção de enquadramento que propomos aqui implica reconhecer que o(a)s jornalistas também recorrem a esquemas de compreensão e interpretação da realidade na elaboração do conteúdo das suas notícias. Esses conteúdos são definidos como pacotes de recursos simbólicos ou “coleções de ferramentas” (D’Angelo, 2002) que simplificam a compreensão dos eventos pela sociedade. Ao mesmo tempo, esses recursos simbólicos tomam forma através de imagens e significados presentes nas representações da mídia, mas também são influenciados por outros fatores, como experiências pessoais, características do assunto, identificações culturais anteriores e a memória coletiva de uma comunidade (Koziner, 2015, p. 28).

O artigo de Pablo Pimentel recupera e aborda o interesse na maneira como o jornalismo constrói narrativas e reorganiza signos para abordar uma realidade socialmente construída. Pimentel propõe repensar a análise do processo de enquadramento a partir de uma “perspectiva crítica latino-americana”. Nesse sentido, sua contribuição é fundamental, pois evidencia a necessidade de adotar uma postura que ultrapasse as “suposições epistemológicas empíricas” e abandone a pretensão de objetividade que muitas vezes é exigida no estudo da cobertura de questões políticas. Pimentel argumenta que a construção de narrativas se baseia em lógicas profissionais rotineiras, expressas em sua forma e conteúdo, e em mecanismos institucionalizados que estabelecem as relações interorganizacionais. Além disso, ele encontra nos editoriais jornalísticos recursos discursivos que revelam o posicionamento e a autoridade das organizações de mídia. Com base nas disputas de significado que caracterizaram as recentes crises políticas no Brasil, o autor conclui que o tom intervencionista dos atores jornalísticos é um exemplo revelador do que ele chama de sistema de mídia “liberal-cativo”, no qual a imprensa favorece suas próprias agendas e interesses ao manter uma aparência de neutralidade e imparcialidade. Apresentar essa instância da produção de significado como um procedimento objetivo nada mais é do que um “ritual estratégico de proteção para os jornalistas contra os riscos da sua atividade profissional”, e são principalmente formas inconscientes e naturalizadas de legitimar o status quo através da prática jornalística (Tuchman, 1999, p. 199).

Uma visão ampla do enquadramento implica reconhecer sua presença em qualquer tipo de mensagem, bem como nos estágios de produção e reconhecimento dos discursos (Druckman, 2001). No entanto, até o momento, as pesquisas se concentraram principalmente na detecção e análise do enquadramento presente nas notícias, que tem sido criticado por seu excessivo “viés mediocêntrico”

(Valera Ordaz, 2016). Nessa perspectiva mediocêntrica, os enquadramentos são definidos como conjuntos de recursos discursivos por meio dos quais diferentes atores políticos, corporativos ou da mídia oferecem uma maneira de definir as questões de interesse público (Schuck et al., 2013). É um tipo de tradução de informações através do uso de quadros para oferecer uma perspectiva particular da realidade (D’Angelo, 2002; de Vreese, 2003; Entman, 1993; Matthes, 2012). Entretanto, esse viés desconsidera a variedade que o processo de enquadramento pode trazer e sua capacidade de intervir em qualquer manifestação comunicativa que envolva a criação, a circulação e a transmissão de mensagens. Ter isso em mente e agir de acordo com isso no ambiente digital de hoje é especialmente importante. Nesse sentido, o artigo de Henrique Moreira Caixeta representa uma interessante proposta teórico-metodológica para refletir sobre as relações entre série, audiência, jornalismo policial e opinião pública.

No campo da comunicação política, é comum fazer referência aos discursos políticos como fontes relevantes para o processo de definição da agenda e do debate político. Por sua vez, o enquadramento sugere a maneira pela qual os eventos são apresentados através das mensagens informativas, enfatizando ou excluindo possíveis aspectos da realidade existente (de Vreese, 2005; Muñiz, 2015). Em resumo, o enquadramento é concebido como um paradigma capaz de informar e enriquecer abordagens comportamentais e críticas, tanto quantitativas quanto qualitativas. O enquadramento é um exercício de poder, pois afeta nossa compreensão do mundo político (Reese, 2007). No entanto, faltam estudos que abordem empiricamente o estudo do enquadramento político e seu impacto no tratamento dos eventos pela mídia de forma eficaz. Referimo-nos especificamente à análise das estratégias comunicativas usadas pelos diferentes atores que compõem o sistema político para sustentar uma visão particular da realidade social e das políticas públicas por meio de estruturas de defesa (Carragee & Roefs, 2004; de Vreese, 2012). Embora esse tipo de estudo possa ser conduzido desde diferentes esferas do campo político, é mais comum fazê-lo a partir da influência gerada pelos quadros propostos por um governo no caso de sistemas parlamentares. Efetivamente, o estudo dos quadros promovidos por governos ou outros líderes políticos são representações oficiais que às vezes se integram e às vezes entram em conflito com diversas instâncias de troca discursiva, em que os enquadramentos se manifestam como formas de disputas de significado.

A contribuição de Mario Luis Grangea neste dossiê aborda essa área de vacância de forma eloquente. O autor adota o conceito de enquadramento da perspectiva da sociologia cultural para examinar os discursos dos governos nos 30 anos após a restauração da democracia (1985-2016) e os de Getúlio Vargas (1930-45/51-54), com foco nas imagens que esses governos atribuem à política social no Brasil. “Durante a fase de construção

do enquadramento de notícias e das políticas públicas, os diversos atores que participam, como jornalistas, instituições de mídia, formuladores de políticas e sociedade civil, se envolvem em lutas de poder que deixam seus traços nos textos, sejam eles documentos de mídia ou de políticas” (Koziner, 2022, p. 197) A partir daí, continua Koziner (2022), vários atores, especialmente aqueles que têm mais peso no debate político e público, representam interesses e visões de mundo que tentam instalar como perspectivas generalizadas e amplamente compartilhadas. Aqui fica evidente o confronto entre dois níveis do *framing*: o enquadramento na comunicação (*frame in communication*), referente às informações transmitidas, e o enquadramento no pensamento (*frame in thought*), referente à compreensão cognitiva individual das informações recebidas (Druckman, 2001). Portanto, para entender os efeitos produzidos pelos enquadramentos oficiais, é essencial entender os enquadramentos promovidos e ativados a partir dos paradigmas crítico e construtivista.

Desde o final do século XX, a preocupação gerada pela possibilidade aleatória de se tornar vítima de um crime não só se manifestou na opinião pública, mas também nas agendas políticas e, acima de tudo, na cobertura da mídia (Dammert, 2010; Kessler, 2009). O crime, a violência e a insegurança pública tiveram um aumento significativo na cobertura da mídia, especialmente nos últimos anos. O medo do crime tem se espalhado gradualmente por diferentes centros urbanos, grandes, médios e pequenos. A maneira como os eventos de crime e a violência de diferentes tipos são apresentados, como são rotulados, como as vítimas e os infratores são retratados e como os lugares são geograficamente tipificados em termos de perigo são apenas algumas das características que moldam esse tipo de notícia. Esse problema é ainda mais relevante se for analisado em contextos ditatoriais, especialmente nas últimas ditaduras militares que ocorreram na região até a recuperação da democracia. É nesse contexto que Júlio César Rigoni Filho conduz seu estudo sobre o papel desempenhado pela cobertura jornalística no período e destaca a existência de enquadramentos criminais em detrimento dos de saúde pública.

Outro tema também abordado nesta edição da *Sur Le Journalism* é o das desigualdades de gênero e da violência masculina, dois dos principais problemas enfrentados por muitas sociedades e que se tornaram problemas públicos nos últimos anos. Os problemas sociais precisam ser definidos e legitimados em pelo menos uma das arenas concorrentes para alcançar o status de problemas públicos (Ingrassia et al., 2023). Um desses espaços competitivos é a mídia, não apenas porque ela produz significados públicos em contestação com outros atores políticos e sociais, mas também porque permite a visibilidade dos eventos sociais. O gênero, como observa Scott (2019), não foi historicamente definido nesses termos, mas é uma construção que emerge de “organizações sociais historicamente situadas e representações culturais” (Scott, 2019, p. 69).

Nesse sentido, os movimentos feministas têm desempenhado um papel fundamental na promoção desse problema social ao status de questão pública. Nesse quadro de ideias encontramos o artigo “A cobertura sobre violência contra a mulher em jornais amazônicos: análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021”, de Daniele Silva Lima, Wyldiany Oliveira, Gabriela Almeida Silva e Camilla Quesada Tavares. O(a)s autore(a)s apresentam uma revisão das teorias e métodos para o estudo do enquadramento das notícias sobre a violência contra a mulher em três organizações de mídia da Amazônia Legal, uma das regiões do Brasil que apresentou o maior número de casos relacionados a esse problema social durante o período do estudo. Além disso, propõem uma complementação teórico-metodológica entre as ideias de Scott e as funções do enquadramento propostas por Entman (1993) para analisar uma série de quadros com perspectiva de gênero, como os quadros penal, legal, estatístico, dramático e de consciência e gênero na mídia regional, considerando que eles têm um grande poder de mobilização social para atender às demandas e necessidades sociais das pessoas (Ghizzoni, 2013).

Em “What is all about? Framing in Political Science”, Druckman (2011) associa o termo “enquadramento” à noção de “preferência”. Nossa compreensão, assimilação e interpretação de objetos, fenômenos e eventos no mundo estão alinhadas com nossas preferências. Além disso, James (1869) afirma que a seleção de determinados esquemas de pensamento ativados pelas abordagens oferecidas por um discurso, entendendo os eventos políticos e sociais também como construções discursivas, depende de que esses enquadramentos sejam ressonantes e não contradigam o conhecimento prévio. Definitivamente, os quadros são, de acordo com Butler (2015), “formas de inteligibilidade que favorecem o funcionamento do Estado e, portanto, se constituem por si mesmos” (p. 213).

Em suma, nesta edição procuramos reunir uma concepção do processo de enquadramento na comunicação que possa abordar o conjunto de informações adicionais necessárias para dar sentido a uma interpretação e reinterpretação do mundo. Aqui, os novos discursos entram em contato e ativam informações anteriores e evidências que temos à nossa disposição para avaliar questões. Nossa intenção foi incluir algumas das múltiplas perspectivas que nos permitem entender o enquadramento como um programa integral, abrangente, dinâmico e interativo.

Traducido por Jorge Ferreira

REFERÊNCIAS

- Aruguete, N. (2021). Activación de encuadres en red. Un modelo para repensar la circulación de sentidos en el nuevo entorno mediático. *Profesional de la Información*, 30(2).
- Butler, J. (2015). Variaciones sobre sexo y género: Beauvoir, Wittig y Foucault. En M. Lamas (Ed.), *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*, (pp. 291-312). Bonilla Artigas Editores.
- Butler, J. (2019 [2004]). *La vida precaria: The Powers of Mourning and Violence*. Verso.
- Carragee, K. & Roefs, W. (2004). The Neglect of Power in Recent Framing. *International Communication Association*, 214-233.
- D'Angelo, P. (2002). News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman. *Journal of Communication*, 52(4), 870-888. doi: 10.1111/j.1460-2466.2002.tb02578.x.
- D'Angelo, P. (2012). Studying Framing in Political Communication with an Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 353-364.
- Dammert, L. (2010). Violencia, crimen e inseguridad en América Latina: desafíos para la democracia. *Academia Superior de Estudios Policiales*, 6, 56-87.
- De-Vreese C. (2003). *Framing Europe: Television news and European integration*. Aksant Academic Publishers.
- De-Vreese C. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal*, 13(1), 51-62.
- De Vreese, C. H. (2012). New Avenues for Framing Research. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 365-375.
- Druckman, J. N. (2001). The implications of framing effects for citizen competence. *Political behavior*, 23, 225-256.
- Druckman, J. N. (2011). What's it all about? Framing in political science. *Perspectives on framing*, 279, 282-296.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.
- Entman, R. M. (2007). Framing bias: Media in the distribution of power. *Journal of communication*, 57(1), 163-173.
- Ghizzoni, M. (2013). El periodismo regional como mediador social: un análisis de contenido. *Vernáculo*, 32.
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. London: Harper and Row.
- Goffman, E. (2002). Pie. En B. Ribeiro & P. Garcez (eds.), *Sociolinguística Interacional*, (pp.107-148).
- Goffman, E. (2012). *Los marcos de la experiencia social*. Voces.
- Ingrassia, P., Gómez Wagner, C., Aruguete, N. y Calvo, E. (2023). La IVE en disputa. Los encuadres estratégicos en las noticias digitales argentinas. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación [Ensayos]*, 26(194), 115-130.
- James, W. (1869). "The perception of reality". En: *Principles of psychology*, vol. 2. Dover Publications, pp. 283-324.
- Kessler, G. (2005). Miedo al crimen: campo de investigación y preocupación política. *Oficios Terrestres*, 17, 27-37.
- Koziner, N. (2015). El Framing: un programa de investigación para el estudio de las comunicaciones mediáticas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 14(28), 22-45.
- Koziner, N. (2022). El frame-building. Una herramienta de análisis para el tratamiento mediático de las políticas de medios. In *Mediaciones de la Comunicación*, 17(2), 197-218.
- Matthes, J. (2012). Framing Politics: An Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 247-259.
- Matthes, J., & Kohring, M. (2008). The Content Analysis of Media Frames: Toward Improving Reliability and Validity. *Journal of Communication*, 58(2), 258-279.
- Muñiz C., 2015. La política como debate temático o estratégico. Framing de la campaña electoral mexicana de 2012 en la prensa digital. *Comunicación y Sociedad*, (23), 67-95.
- Reese, S. D. (2007). The Framing Project: A Bridging Model for Media Research Revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154.
- Retegui, L. e Ingrassia, P. (2022). Las desigualdades de género, precarización laboral y estereotipos. Atravesar la pandemia como periodista en una redacción tradicional. *Intersecciones en Comunicación*, 1(16).
- Scheufele, D. A. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57(1), 9-20.
- Schuck A.; Boomgaarden H.; de-Vreese C. (2013). "Cynics all around? The impact of election news on political cynicism in comparative perspective". *Journal of Communication*, 63(2), 287-311.
- Scott, J. (2019) Género: una categoría útil para el análisis histórico. En Holland, HB de (Org.), *Pensamiento feminista: conceptos fundamentales*. Time Bazaar
- Tuchman, G. (1999). La objetividad como ritual estratégico: un análisis de las nociones de objetividad de los periodistas. *CIC*, 4, 199-217.
- Valera Ordaz, L. (2016). El sesgo mediocéntrico del framing en España: una revisión crítica de la aplicación de la teoría del encuadre en los estudios de comunicación. *ZER: Revista De Estudios De Comunicación = Komunikazio Ikasketen Aldizkaria*, 21(41).



Les études sur le cadrage en Amérique latine

Introduction

PAOLA INGRASSIA

CONICET

Universidad Nacional de San Juan
paoingrassia@gmail.com
/0000-0002-2810-4632



es discours sur les affaires publiques, dans leurs abordages concurrents autour d'une perception légitime et généralisée de la réalité sociale et politique, font appel à la controverse, au spectacle et au registre dramatique. En particulier, les discours sur l'actualité révèlent que les médias, en tant qu'acteurs politiques, encadrent leur couverture en suivant une dynamique de polarisation qui les dépasse, mais dont ils représentent un maillon central. Dans cette arène de conflit des sens, hommes politiques, médias, mouvements sociaux, institutions religieuses et autres acteurs sociaux et publics se retrouvent au sein d'une même communauté, où ils dialoguent et rivalisent pour imposer leur propre définition des problèmes publics, certains plus efficacement que d'autres selon les circonstances, en utilisant l'ensemble des plateformes d'expression présentes dans le paysage complexe des médias numériques actuels. Le sens public qui sera en définitive établi dépendra des stratégies discursives utilisées et révélera les rapports de force présents, à un instant donné, au sein de cette communauté.

Étudier le jeu convergent de ces acteurs dans l'agora demande d'en avoir une vision intégrale, globale et structurelle, en considérant le circuit de communication dans son ensemble et en se penchant sur toutes les dimensions des conflits de pouvoir symbolique à l'œuvre dans ce processus. Cela nous amène à écar-

CARLOS MUÑIZ

Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales
Universidad Autónoma de Nuevo León
carlos.munizm@uanl.mx
/0000-0002-9021-8198

NATALIA ARUGUETE

CONICET

Universidad Nacional de Quilmes
nataliaaruguete@gmail.com
/0000-0002-1571-9224

JAMIL MARQUES

Departamento de Ciencias Políticas
Universidad Federal de Paraná
marquesjamil@gmail.com
/0000-0002-5256-1964

ter l'hypothèse selon laquelle les acteurs stratégiques, les professionnels de l'information et les publics ne seraient que le reflet de réalités politiques et sociales aseptisées. Au contraire, les politiques, les questions et les événements sont soumis à des schémas de sélection et d'interprétation définis au travers de négociations et de luttes, qui peuvent évoluer avec le temps. C'est dans cet esprit de réflexion critique sur la réalité politique et sociale que nous avons proposé le dossier « *Les études sur le cadrage médiatique en Amérique latine* ».

Aborder cette problématique dans la revue *Sur le journalisme* se justifie au regard des avancées de la recherche en communication politique au cours des dernières décennies, notamment en lien avec la théorie du cadrage. Celle-ci s'est progressivement consolidée dans le champ de l'analyse politique pour devenir un programme de recherche multiparadigmatique (D'Angelo, 2012), avec la production croissante de travaux théoriques et empiriques fondés sur cette perspective en Amérique latine. Les récents événements politiques, institutionnels et sociaux dans la région renforcent le besoin de recherches approfondies, selon une approche large et flexible, pour adresser de façon globale la production et la circulation des sens publics.

Plus précisément, les cadrages médiatiques, les discours politiques et les cadrages de sens pour l'action collective, entre autres, constituent aujourd'hui des outils efficaces pour analyser les caractéristiques de la communication gouvernementale, les récits polarisants lors des campagnes électorales, la couverture médiatique des inégalités de genre, l'action collective des mouvements sociaux et l'activisme, la configuration discursive de l'immigration, le traitement des actualités criminelles ou encore l'activation de cadrages dans les réseaux sociaux numériques, capables d'échapper aux circuits conventionnels de l'information. En somme, cette approche analytique fournit les outils nécessaires pour réfléchir aux différents stades du processus de communication : des cadrages des diffuseurs à ceux présents dans les textes, ainsi que des schémas d'interprétation des publics aux cadrages influençant la culture politique dans laquelle les discours sont produits et circulent.

Le concept d'« intégralité » du cadrage (Aruguete, 2021 ; D'Angelo, 2012) permet d'aborder ce processus à partir de différents paradigmes : critique, cognitif et constructiviste. Le paradigme critique se concentre sur la phase de construction du cadrage médiatique, en étudiant la relation entre les mouvements sociaux, les élites politiques et les médias (Ingrassia et al., 2023). Le paradigme cognitif s'intéresse à l'influence des messages, à la manière dont les cadrages activent des schémas perceptifs individuels pour évaluer les événements politiques ou d'autre nature (Matthes & Kohring, 2008), et à la façon dont ils interagissent avec

les connaissances préalables d'un individu pour influencer ses interprétations. Le paradigme constructiviste analyse de façon holistique les processus sociaux de formation des conceptions du monde touchant aux questions politiques. Selon cette approche, la propagation de certains cadrages s'explique par la cohérence entre les conventions culturelles, les traditions narratives et les schémas individuels des consommateurs que les éléments de cadrage sont en mesure d'activer.

Partant de la sociologie interprétative et de la psychologie cognitive, l'approche du cadrage adoptée ici est centrée sur les médias, en insistant sur leur importance au sein d'un processus social plus large de définition de la réalité. Les revues historiques et théoriques sur le cadrage s'associent à des approches fondées sur l'application empirique de différents paradigmes. La coexistence de ces derniers permet d'aborder globalement le processus de cadrage de la communication à partir de points de vue théoriques convergents, parfois complémentaires, parfois opposés. Bien que ce champ suscite de nombreux débats théoriques (Entman, 1993, 2007 ; D'Angelo, 2002, 2012 ; Scheufele & Tewksbury, 2007), ses fondements épistémologiques ont donné lieu à peu d'études approfondies. C'est pourtant un point important, compte tenu des divers courants qui ont fourni les bases épistémologiques de ce programme de recherche multiparadigmatique (D'Angelo, 2012).

Les articles scientifiques réunis ici se proposent de réfléchir aux thèmes exposés ci-dessus, tout en explorant des pistes empiriques pour analyser les dynamiques impliquées dans la création, la circulation et la réception des cadrages tout au long du processus d'échange de significations.

La contribution d'Àngela Marques, Luis Mauro, Sá Martino et Vanessa Spirandeo porte sur les prémisses posées par Erving Goffman (2002, 2012) et Judith Butler (2004, 2015, 2019) et invite à une réflexion approfondie, n'excluant pas les contradictions internes, sur les fondements épistémologiques de la théorie du cadrage. Il en ressort certains aspects fondamentaux permettant de saisir comment le cadrage a évolué pour devenir l'une des principales théories du champ de la communication politique. Ces aspects fourniront également des points d'entrée pour la perspective épistémologique et théorique de ce dossier. Le concept de cadrage tel que proposé par Goffman aide en effet à comprendre les échanges interprétatifs à l'œuvre dans le processus de communication. Goffman utilise le terme « *frame* » pour désigner les éléments à partir desquels s'organisent les principes qui gouvernent l'interprétation des événements sociaux et la participation subjective à ces derniers. Pour cet auteur, l'« analyse des *frames* » revient à explorer la façon dont l'expérience s'organise en ces termes (Goff-



Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Paola Ingrassia, Carlos Muñiz, Natalia Aruguete, Jamil Marques, « Les études sur le cadrage en Amérique latine », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.545>

man, 1974, p. 10-11). Butler part de la conception de Goffman pour l'appliquer aux cadrages médiatiques, envisagés comme des constructions qui indiquent des positions de pouvoir et cherchent à réguler les expériences intersubjectives. Cette perspective critique sur la production journalistique et les images médiatiques relie à son tour la pensée de Butler à d'autres travaux présentés dans ce dossier.

La conception du cadrage proposée ici suppose de reconnaître que les journalistes ont également recours à des schémas de compréhension et d'interprétation de la réalité pour élaborer le contenu de leurs actualités. Ces contenus sont définis comme des ensembles de ressources symboliques ou des « panoplies d'outils » (D'Angelo, 2002) qui simplifient la compréhension des événements par la société. Ces ressources symboliques prennent forme au travers des images et des significations présentes dans les représentations médiatiques, tout en étant influencées par d'autres facteurs, tels que les expériences personnelles, les caractéristiques du sujet, les identifications culturelles antérieures et la mémoire collective d'une communauté (Koziner, 2015, p. 28).

L'article de Pablo Pimentel s'intéresse à la manière dont le journalisme construit des récits et réorganise des signes pour aborder une réalité socialement construite. Pimentel propose ainsi de repenser l'analyse du processus de cadrage à partir

d'une « perspective critique latino-américaine ». En ce sens, sa contribution est fondamentale, car elle montre la nécessité d'adopter une position qui dépasse les « hypothèses épistémologiques empiristes » et abandonne la prétention à l'objectivité souvent exigée pour l'étude de la couverture des questions politiques. Pimentel soutient que la construction des récits repose sur des logiques professionnelles routinières, qui se reflètent dans leur forme et leur contenu, ainsi que sur des mécanismes institutionnalisés qui sous-tendent les relations inter-organisationnelles. Il identifie en outre, dans les éditoriaux journalistiques, des ressources discursives révélatrices du positionnement et de l'autorité des organisations médiatiques. En partant des conflits de sens qui ont marqué les crises politiques récentes au Brésil, l'auteur conclut que le ton interventionniste des acteurs journalistiques est un bon exemple de ce qu'il appelle le système médiatique « libéral-captif », dans lequel la presse favorise ses propres agendas et ses intérêts, tout en maintenant une apparence de neutralité et d'impartialité. Présenter cette production de sens comme un processus objectif n'est rien d'autre qu'un « rituel stratégique de protection des journalistes contre les risques de leur activité professionnelle », et surtout un moyen inconscient et naturalisé de légitimer le statu quo à travers la pratique journalistique (Tuchman, 1999, p. 199).

Une vision large du cadrage implique de reconnaître sa présence dans tous les types de messages, ainsi que dans les différentes étapes de la production et de la reconnaissance du discours (Duckman, 2001). Cependant, jusqu'à présent, les études se sont principalement concentrées sur la détection et l'analyse du cadrage présent dans les actualités, suscitant des critiques pour leur trop grand « biais médiacentrique » (Valera Ordaz, 2016). Selon cette optique médiacentrique, les cadrages sont définis comme des ensembles de moyens discursifs grâce auxquels différents acteurs politiques, corporatifs ou médiatiques proposent une manière de définir les questions d'intérêt public (Schuck et al., 2013). Il s'agit d'un type de traduction de l'information qui utilise des cadres pour proposer un point de vue particulier sur la réalité (D'Angelo, 2002 ; de Vreese, 2003 ; Entman, 1993 ; Matthes, 2012).

Cependant, ce parti pris ne tient pas compte de la variété que le processus de cadrage peut apporter et du fait qu'il peut intervenir dans toute manifestation de communication impliquant la création, la circulation et la transmission de messages. Il est particulièrement important de garder cela à l'esprit pour agir dans l'environnement numérique actuel. En ce sens, l'article de Henrique Moreira Caixeta présente une proposition théorico-méthodologique intéressante pour réfléchir aux relations entre les séries, le public, le journalisme policier et l'opinion publique.

Dans le domaine de la communication politique, il est courant de faire référence aux discours politiques en tant que sources importantes pour le processus de définition de l'agenda et du débat politiques. Le cadrage médiatique indique quant à lui comment les événements sont présentés au travers d'informations qui soulignent ou excluent certains aspects de la réalité (de Vreese, 2005 ; Muñiz, 2015). En somme, le cadrage est conçu comme un paradigme permettant d'enrichir les approches comportementales et critiques, qu'elles soient quantitatives ou qualitatives. Le cadrage est une forme d'exercice du pouvoir, car il affecte notre compréhension du monde politique (Reese, 2007). Cependant, on manque d'études qui abordent de manière empirique la question du cadrage politique et de son impact sur le traitement efficace des événements par les médias. Nous nous référons plus précisément à l'analyse des stratégies de communication employées par les différents acteurs au sein du système politique pour défendre une vision donnée de la réalité sociale et des politiques publiques, à travers des dispositifs de plaidoyer (Carragee & Roefs, 2004 ; de Vreese, 2012). Bien que ce type d'études puisse être mené dans différentes sphères du champ politique, celles-ci se penchent le plus souvent sur l'influence qu'exercent les cadres proposés par les gouvernements dans le cas des systèmes parlementaires. De fait, les cadres promus par les gouvernements ou d'autres responsables politiques sont autant de représentations officielles

qui tantôt s'intègrent, tantôt s'opposent aux diverses instances d'échange discursif, les cadrages se manifestant alors comme des formes de conflit de sens. La contribution de Mario Luis Grangeia au présent dossier aborde ce sujet d'étude de manière éloquente. Reprenant le concept de cadrage sous l'angle de la sociologie culturelle, il examine les discours gouvernementaux au cours des 30 années qui ont suivi la restauration de la démocratie (1985-2016) et durant la présidence de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954), en se concentrant sur les images des politiques sociales au Brésil véhiculées par ces gouvernements. « Pendant la phase de construction du cadrage des actualités et des politiques publiques, les différents acteurs concernés, tels que les journalistes, les institutions médiatiques, les décideurs politiques et la société civile, s'engagent dans des luttes de pouvoir qui laissent leurs traces dans les textes, qu'il s'agisse de documents médiatiques ou politiques. » (Koziner, 2022, p. 197). À partir de là, poursuit Koziner (2022), divers acteurs, surtout ceux avec davantage de poids dans les débats politique et public, vont représenter des intérêts et des visions du monde et tenter des instaurer comme des points de vue généraux, largement partagés. Ici, la confrontation entre deux niveaux du *framing* devient évidente : d'un côté, le cadrage de la communication, qui se rapporte à l'information transmise, et de l'autre, le cadrage de la pensée (*frame in thought*), qui renvoie à la compréhension cognitive individuelle de l'information reçue (Druckman, 2001). Pour comprendre les effets produits par les cadrages officiels, il est donc essentiel de saisir quels sont les cadrages promus et activés à partir des paradigmes critique et constructiviste.

Depuis la fin du XXe siècle, l'inquiétude face au risque aléatoire d'être victime d'un crime a pris corps non seulement dans l'opinion publique, mais aussi dans les agendas politiques et, avant tout, dans la couverture médiatique (Dammert, 2010 ; Kessler, 2009). La criminalité, la violence et l'insécurité publique ont pris une place croissante dans les médias, surtout au cours des dernières années. La peur du crime s'est peu à peu répandue dans différents centres urbains, grands, moyens ou petits. La façon dont les faits divers et les violences de toutes sortes sont présentés et qualifiés, la manière dont les victimes et les auteurs d'infractions sont décrits et la caractérisation des lieux géographiques en fonction de leur dangerosité ne sont que quelques-unes des caractéristiques qui façonnent ce type d'actualités. Cette problématique est d'autant plus pertinente lorsqu'il s'agit de contextes autoritaires, comme sous les dernières dictatures militaires qui ont sévi dans la région avant la redémocratisation. C'est dans un tel contexte que Júlio César Rigoni Filho étudie le rôle joué par la couverture journalistique au cours de cette période et met en évidence l'existence de cadrages criminels, au détriment des cadrages de santé publique.

Un autre thème abordé dans ce numéro de *Sur le Journalisme* est celui des inégalités de genre et de la violence masculine, deux problèmes majeurs frappant de nombreuses sociétés et devenus ces dernières années des questions d'intérêt public. Les problèmes sociaux doivent être définis et légitimés dans au moins l'une des arènes en concurrence pour acquérir le statut de questions d'intérêt public (Ingrassia et al., 2023). Les médias constituent l'un de ces espaces de compétition, non seulement parce qu'ils produisent des sens publics qui s'opposent à d'autres acteurs politiques et sociaux, mais aussi parce qu'ils permettent aux événements sociaux de gagner en visibilité. Scott (2019) fait observer que le genre n'a pas été historiquement défini en ces termes et qu'il s'agit d'une construction émergeant « d'organisations sociales historiquement situées et de représentations culturelles » (Scott, 2019, p. 69). En ce sens, les mouvements féministes ont joué un rôle clé pour promouvoir ce problème social au rang de question d'intérêt public. L'article « La couverture médiatique des violences faites aux femmes dans les journaux amazoniens : une analyse de cadrage des actualités publiées en 2021 », de Daniele Silva Lima, Wyldiany Oliveira, Gabriela Almeida Silva et Camilla Quesada Tavares, s'inscrit dans cette idée. Les auteur.e.s présentent une revue des théories et méthodes pour l'étude du cadrage des informations sur les violences faites aux femmes dans trois groupes médiatiques de l'Amazonie légale, l'une des régions du Brésil qui a compté le plus d'affaires en lien avec ce problème social au cours de la période étudiée. Ils suggèrent par ailleurs que les idées de Scott peuvent être complémentaires des fonctions du cadrage proposées par Entman (1993), au plan théorico-méthodologique, pour analyser une série de cadres avec une perspective de genre dans les médias régionaux, tels que les cadres pénaux, juridiques, statistiques, dramatiques ou encore de conscience et de genre, en tenant compte de leur fort pouvoir de mobilisation sociale pour répondre aux demandes et aux besoins sociaux de la population (Ghizzoni, 2013).

Dans « What is all about? Framing in Political Science », Druckman (2011) associe le terme « cadrage » à la notion de « préférence ». Nous comprenons, assimilons et interprétons les objets, les phénomènes et les événements dans le monde en fonction de nos préférences. James (1869) affirme en outre que la sélection de certains schémas de pensée activés par les abordages d'un discours, en considérant que les événements politiques et sociaux sont aussi des constructions discursives, dépend de la capacité de ces encadrements à faire écho aux connaissances préalables et à ne pas les contredire. Pour reprendre Butler, les cadres sont définitivement des « formes d'intelligibilité qui favorisent le fonctionnement de l'État et qui se constituent donc par elles-mêmes » (p. 213).

Nous avons donc cherché à réunir, dans ce numéro, les éléments d'une conception du processus de cadrage en communication qui prenne en compte l'ensemble des informations complémentaires requises pour donner du sens à une interprétation ou une réinterprétation du monde. Ici, de nouveaux discours entrent en contact, activant les informations antérieures et les preuves dont nous disposons pour évaluer des sujets.

Notre intention était de présenter quelques-unes des multiples perspectives qui nous permettent de comprendre le cadrage comme un programme intégral, complet, dynamique et interactif.

Traduit par Laure Schalchli

RÉFÉRENCES

- Aruguete, N. (2021). Activación de encuadres en red. Un modelo para repensar la circulación de sentidos en el nuevo entorno mediático. *Profesional de la Información*, 30(2).
- Butler, J. (2015). Variaciones sobre sexo y género: Beauvoir, Wittig y Foucault. En M. Lamas (Ed.), *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*, (pp. 291-312). Bonilla Artigas Editores.
- Butler, J. (2019 [2004]). *La vida precaria: The Powers of Mourning and Violence*. Verso.
- Carragee, K. & Roefs, W. (2004). The Neglect of Power in Recent Framing. *International Communication Association*, 214-233.
- D'Angelo, P. (2002). News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman. *Journal of Communication*, 52(4), 870-888. doi: 10.1111/j.1460-2466.2002.tb02578.x.
- D'Angelo, P. (2012). Studying Framing in Political Communication with an Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 353-364.
- Dammert, L. (2010). Violencia, crimen e inseguridad en América Latina: desafíos para la democracia. *Academia Superior de Estudios Policiales*, 6, 56-87.
- De-Vreese C. (2003). *Framing Europe: Television news and European integration*. Aksant Academic Publishers.
- De-Vreese C. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal*, 13(1), 51-62.
- De Vreese, C. H. (2012). New Avenues for Framing Research. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 365-375.
- Druckman, J. N. (2001). The implications of framing effects for citizen competence. *Political behavior*, 23, 225-256.
- Druckman, J. N. (2011). What's it all about? Framing in political science. *Perspectives on framing*, 279, 282-296.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.
- Entman, R. M. (2007). Framing bias: Media in the distribution of power. *Journal of communication*, 57(1), 163-173.
- Ghizzoni, M. (2013). El periodismo regional como mediador social: un análisis de contenido. *Vernáculo*, 32.
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. London: Harper and Row.
- Goffman, E. (2002). Pie. En B. Ribeiro & P. Garcez (eds.), *Sociolingüística Interacional*, (pp.107-148).
- Goffman, E. (2012). *Los marcos de la experiencia social*. Voces.
- Ingrassia, P., Gómez Wagner, C., Aruguete, N. y Calvo, E. (2023). La IVE en disputa. Los encuadres estratégicos en las noticias digitales argentinas. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación [Ensayos]*, 26(194), 115-130.
- James, W. (1869). "The perception of reality". En: *Principles of psychology*, vol. 2. Dover Publications, pp. 283-324.
- Kessler, G. (2005). Miedo al crimen: campo de investigación y preocupación política. *Oficios Terrestres*, 17, 27-37.
- Koziner, N. (2015). El Framing: un programa de investigación para el estudio de las comunicaciones mediáticas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Mediática*, 14(28), 22-45.
- Koziner, N. (2022). El frame-building. Una herramienta de análisis para el tratamiento mediático de las políticas de medios. InMediaciones de la Comunicación, 17(2), 197-218.
- Matthes, J. (2012). Framing Politics: An Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 247-259.
- Matthes, J., & Kohring, M. (2008). The Content Analysis of Media Frames: Toward Improving Reliability and Validity. *Journal of Communication*, 58(2), 258-279.
- Muñiz C., 2015. La política como debate temático o estratégico. *Framing de la campaña electoral mexicana de 2012 en la prensa digital. Comunicación y Sociedad*, (23), 67-95.
- Reese, S. D. (2007). The Framing Project: A Bridging Model for Media Research Revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154.
- Retegui, L. e Ingrassia, P. (2022). Las desigualdades de género, precarización laboral y estereotipos. Atravesar la pandemia como periodista en una redacción tradicional. *Intersecciones en Comunicación*, 1(16).
- Scheufele, D. A. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57(1), 9-20.
- Schuck A.; Boomgaarden H.; de-Vreese C. (2013). "Cynics all around? The impact of election news on political cynicism in comparative perspective". *Journal of Communication*, 63(2), 287-311.
- Scott, J. (2019) Género: una categoría útil para el análisis histórico. En Hollanda, HB de (Org.), *Pensamiento feminista: conceptos fundamentales*. Time Bazaar
- Tuchman, G. (1999). La objetividad como ritual estratégico: un análisis de las nociones de objetividad de los periodistas. *CIC*, 4, 199-217.
- Valera Ordaz, L. (2016). El sesgo mediocéntrico del framing en España: una revisión crítica de la aplicación de la teoría del encuadre en los estudios de comunicación. ZER: Revista De Estudios De Comunicación = Komunikazio Ikasketen Aldizkaria, 21(41).

Studies on Media Framing in Latin America

Introduction

PAOLA INGRASSIA

CONICET

Universidad Nacional de San Juan

paoingrassia@gmail.com
/0000-0002-2810-4632



Discourses on public affairs, in their competing approaches to a legitimate and generalized perception of social and political reality, resort to controversy, the spectacular and the dramatic registers.

CARLOS MUÑIZ

Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales

Universidad Autónoma de Nuevo León
carlos.munizm@uanl.mx
/0000-0002-9021-8198

NATALIA ARUGUETE

CONICET

Universidad Nacional de Quilmes
nataliaaruguete@gmail.com
/0000-0002-1571-9224

JAMIL MARQUES

Departamento de Ciencias Políticas
Universidad Federal de Paraná
marquesjamil@gmail.com
/0000-0002-5256-1964

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Paola Ingrassia, Carlos Muñiz, Natalia Aruguete, Jamil Marques, « Studies on Media Framing in Latin America », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.497>

events are subject to patterns of selection and interpretation defined through negotiation and contestation, which may evolve over time. With this critical analysis of political and social reality in mind, we bring forward the issue "Studies on media framing in Latin America".

Discussing this topic in the journal *On Journalism* is largely motivated by the progress made in political communication research in recent decades, especially in relation to framing theory. Framing theory has gradually emerged in the field of political analysis as a multiparadigmatic research program (D'Angelo, 2012), with a growing production in Latin America of theoretical and empirical works developed from this perspective. Recent political, institutional and social events in the region reinforce the need for in-depth research, using a broad and flexible approach, to comprehensively address the production and circulation of public meanings.

More specifically, framings in the media, political discourses and framings of meaning for collective action, among others, are today effective tools for analyzing the characteristics of governmental communication, the polarizing narratives during election campaigns, the media coverage of gender inequalities, collective action by social movements and activism, the discursive configuration of immigration, the treatment of crime news or even the activation of framings in digital social networks, in capacity of escaping conventional information circuits. In short, this analytical approach provides the tools needed to reflect on the different stages of the communication process: from the framings of broadcasters to those present in texts, as well as from the interpretation frameworks of audiences to the framings influencing the political culture in which discourses are produced and circulated.

The concept of the "totality" of framing (Aruguete, 2021; D'Angelo, 2012) makes it possible to approach this process from different paradigms: critical, cognitive and constructivist. The critical paradigm focuses on the construction phase of media framing, studying the relationship between social movements, political elites and the media (Ingrassia et al., 2023). The cognitive paradigm looks at the influence of messages, how framings activate individual perceptual schemes to evaluate political or events of other nature (Matthes & Kohring, 2008), and how they interact with an individual's pre-existing knowledge to influence his or her interpretations. The constructivist paradigm holistically analyzes the social processes through which worldviews on political issues are formed. According to this approach, the dissemination of certain framings is explained by the coherence between cultural conventions, narrative traditions and individual consumer patterns, activated by specific elements of framing.

Drawing on interpretive sociology and cognitive psychology, the approach to framing adopted here focuses on the media, emphasizing their importance within a broader social process of defining reality. Historical and theoretical reviews of framing are combined with approaches based on the empirical application of different paradigms. The coexistence of these paradigms makes it possible to consider the processes of framing of communication from convergent, sometimes complementary, sometimes opposing theoretical viewpoints. Although this field has given rise to numerous theoretical debates (Entman, 1993, 2007; D'Angelo, 2002, 2012; Scheufele & Tewksbury, 2007), its epistemological foundations have led to few in-depth studies. Yet this is an important aspect, given the various movements that have provided the epistemological foundations for this multiparadigmatic research program (D'Angelo, 2012).

The scientific articles gathered in this issue aim to address the themes outlined above, while exploring empirical avenues for analyzing the dynamics at play in the creation, circulation and reception of framings throughout the process of exchanging meanings.

The contribution by Ângela Marques, Luis Mauro, Sá Martino and Vanessa Spirandeo focuses on the premises established by Erving Goffman (2002, 2012) and Judith Butler (2004, 2015, 2019), and invites to an in-depth examination, without excluding internal contradictions, of the epistemological foundations of framing theory. Some fundamental aspects emerge, enabling us to grasp how framing has evolved to become one of the main theories in the field of political communication. These aspects will also provide entry points for the epistemological and theoretical approach of this issue. Goffman's concept of framing helps us understand the interpretive exchanges at work in the communication process. Goffman uses the term "frame" to designate the elements that organize the principles governing the interpretation of social events and subjective participation in them. For Goffman, "frame analysis" means exploring how experience is organized in these terms (Goffman, 1974, pp. 10-11). Butler takes Goffman's concept and applies it to media framing, conceived as constructions that indicate positions of power and seek to regulate intersubjective experiences. This critical perspective on journalistic production and media images connects in turn Butler's approach to other works presented in this issue.

The concept of framing proposed here implies acknowledging that journalists also rely on constructs for understanding and interpreting reality in order to develop their news content. These contents are defined as sets of symbolic resources or "toolkits" (D'Angelo, 2002) that simplify the understanding of events by



society. These symbolic resources take shape through the images and meanings present in media representations, while being influenced by other factors, such as personal experiences, characteristics of the subject, prior cultural identifications and the collective memory of a community (Koziner, 2015, p. 28).

Pablo Pimentel's article explores how journalism structures narratives and reorganizes signs to address a socially constructed reality. Pimentel thus proposes to rethink the analysis of the framing process from a "critical Latin American perspective". In this sense, his contribution is fundamental, demonstrating the need to adopt a position that goes beyond "empiricist epistemological assumptions" and abandons the claim to objectivity often demanded for the study of the coverage of political issues. Pimentel argues that the construction of narratives is based on routinized professional logics, revealed in the format and content of the narratives, as well as on institutionalized mechanisms underpinning inter-organizational relations. He also identifies discursive resources in newspaper editorials that indicates the positioning and the authority of media organizations. Reflecting on the conflicts of meaning that have characterized recent political crises in Brazil, the author concludes that the interventionist tone of journalistic stakeholders is a good example of what he refers to as the "liberal-captive" media system, in which the press promotes its own agendas and interests, while maintaining an appearance of neutrality and impartiality. To present this production of meaning as an objective process is nothing more than a "strategic ritual of protection for journalists from the risks of their professional activity", and above all an unconscious and naturalized method of legitimizing the status quo within journalistic practice (Tuchman, 1999, p. 199).

A broad approach to framing implies recognizing its presence in all types of messages, as well as in the different stages of discourse production and recognition (Duckman, 2001). However, to date, studies have mainly focused on identifying and analyzing the framing present in news, drawing criticism for being too "mediacentrically biased" (Valera Ordaz, 2016). According to this mediocentric perspective, framings are defined as sets of discursive devices through which various political, corporate or media actors propose a way of defining issues of public interest (Schuck et al., 2013). They constitute a type of information translation that uses frames to propose a particular point of view on reality (D'Angelo, 2002; de Vreese, 2003; Entman, 1993; Matthes, 2012). However, this bias does not take into account the diversity that the framing process can bring and its ability to intervene in any communicative event that involves the creation, circulation and transmission of messages. This is particularly important to bear in mind when acting in today's digital environ-

ment. In this respect, Henrique Moreira Caixeta's article presents an interesting theoretical-methodological proposal to consider the relationship between TV series, the public, crime reporting and public opinion.

In the field of political communication, it is common to refer to political discourses as important sources to the process of definition of the political agenda and debate. Media framing, for its part, identifies how events are presented through information that highlights or leaves out certain aspects of reality (de Vreese, 2005; Muñiz, 2015). In short, framing is conceived as a paradigm for enriching behavioral and critical approaches, whether quantitative or qualitative. Framing is a form of exercise of power, as it affects our understanding of the political world (Reese, 2007). However, there is a lack of studies which empirically address the issue of political framing and its impact on the effective treatment of events by the media. We refer more specifically to the analysis of communication strategies employed by various actors within the political system to defend a given vision of social reality and public policy, through advocacy devices (Carragee & Roefs, 2004; de Vreese, 2012). Although studies of this kind can be carried out in different spheres of the political field, they most often focus on the influence exerted by the framings proposed by governments in the case of parliamentary systems. Indeed, the framings promoted by governments or other political leaders constitute as many official representations that sometimes integrate with, and sometimes oppose, the various instances of discursive exchange, the framings then appearing as expressions of a conflict of meanings. Mario Luis Grangeia's contribution to the present issue eloquently addresses this topic of study. Taking up the concept of framing from the perspective of cultural sociology, he examines government discourses in the 30 years following the restoration of democracy (1985-2016) and during the presidency of Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954), focusing on the imagery conveyed by these governments of social policies in Brazil. "During the phase of construction of the framing of news and public policies, the various stakeholders involved, such as journalists, media institutions, political decision-makers and civil society, engage in power struggles that leave an imprint in texts, both in the media and political documents." (Koziner, 2022, p. 197). From this point onwards, continues Koziner (2022), various actors, especially those with more clout in political and public debates, will represent interests and worldviews and attempt to establish them as universal and widely shared points of view. Here, the confrontation between two levels of framing becomes evident: on the one hand, framing in communication, which refers to the information transmitted, and on the other, framing in thought, which refers to the individual cognitive understanding of the information received (Druckman, 2001). To understand the

impacts of official framing, it is essential to understand the framing promoted and activated by the critical and constructivist paradigms.

Since the end of the 20th century, concern about the random risk of becoming a victim of crime has taken shape not only in public opinion, but also in political agendas and, above all, in media coverage (Dammert, 2010; Kessler, 2009). Crime, violence and public insecurity have become increasingly prominent in the media, especially in recent years. Fear of crime has gradually spread across large, medium-sized and small urban centers. The way in which news stories and violence of all kinds are presented and qualified, the way in which victims and perpetrators are described, and the characterization of geographical locations according to their dangerousness are just some of the features that shape such news coverage. This is especially relevant in authoritarian contexts, such as the former military dictatorship regimes of the region before re-democratization. In this particular context, Júlio César Rigoni Filho studies the role played by journalistic coverage during this period and highlights the existence of criminal framing, to the detriment of public health framing.

Another theme addressed in this issue of *On Journalism* is gender inequality and violence perpetrated by men, two major problems which affect many societies and have become of public interest in recent years. Social problems must be defined and legitimized in at least one of the competing arenas in order to reach the status of public interest matter (Ingrassia et al., 2023). The media constitute one of these competing arenas, not only because they produce public meanings in opposition to other political and social actors, but also because they enable social events to gain visibility. Scott (2019) points out that gender has not been historically defined in these terms, and is a construct which emerges "from historically situated social organizations and cultural representations" (Scott, 2019, p. 69). In this respect, feminist movements have played a key role in promoting this social problem as a matter of public interest. The article "Media coverage of violence against women in Amazonian newspapers: a framing analysis of news published in 2021", by Danièle Silva Lima, Wyldiani Oliveira, Gabriela Almeida Silva and Camilla Quesada Tavares, supports this suggestion. The authors present a review of theories and

methods for studying the framing of news about violence against women in three media groups in the wider Amazon region (Amazon Legal), one of the areas of Brazil with the highest number of cases pertaining to this social problem during the period studied. They further suggest that Scott's thinking can be complementary to the framing functions proposed by Entman (1993), on a theoretical-methodological level, in order to analyze a range of frames with a gender perspective in regional media, such as penal, legal, statistical, dramatic or even awareness and gender frames, taking into account their strong power of social mobilization to respond to the social demands and needs of the population (Ghizzoni, 2013).

In "What is all about? Framing in Political Science", Druckman (2011) associates the term "framing" with the notion of "preference". We understand, assimilate and interpret objects, phenomena and events in the world according to our preferences. James (1869) further asserts that the selection of certain thought patterns activated by discourse approaches, considering that political and social events are also discursive constructions, depends on the ability of these frames to echo and not contradict pre-existing knowledge. In Butler's words, frames are definitively "forms of intelligibility that promote the functioning of the State and are therefore self-constituting" (p. 213).

In this issue, we seek to bring together the elements constitutive of the framing process in communication that takes into account all the additional information required to make sense of an interpretation or a reinterpretation of the world. Here, new discourses come into contact with one another, activating the prior information and evidence available for assessing issues. Our intention is to present some of the multiple perspectives that contribute to understand framing as an integral, comprehensive, dynamic and interactive program.

Translated by Emilie Traub

REFERENCES

- Aruguete, N. (2021). Activación de encuadres en red. Un modelo para repensar la circulación de sentidos en el nuevo entorno mediático. *Profesional de la Información*, 30(2).
- Butler, J. (2015). Variaciones sobre sexo y género: Beauvoir, Wittig y Foucault. En M. Lamas (Ed.), *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*, (pp. 291-312). Bonilla Artigas Editores.
- Butler, J. (2019 [2004]). *La vida precaria: The Powers of Mourning and Violence*. Verso.
- Carragee, K. & Roefs, W. (2004). The Neglect of Power in Recent Framing. *International Communication Association*, 214-233.
- D'Angelo, P. (2002). News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman. *Journal of Communication*, 52(4), 870-888. doi: 10.1111/j.1460-2466.2002.tb02578.x.
- D'Angelo, P. (2012). Studying Framing in Political Communication with an Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 353-364.
- Dammert, L. (2010). Violencia, crimen e inseguridad en América Latina: desafíos para la democracia. *Academia Superior de Estudios Policiales*, 6, 56-87.
- De-Vreese C. (2003). *Framing Europe: Television news and European integration*. Aksant Academic Publishers.
- De-Vreese C. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal*, 13(1), 51-62.
- De Vreese, C. H. (2012). New Avenues for Framing Research. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 365-375.
- Druckman, J. N. (2001). The implications of framing effects for citizen competence. *Political behavior*, 23, 225-256.
- Druckman, J. N. (2011). What's it all about? Framing in political science. *Perspectives on framing*, 279, 282-296.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.
- Entman, R. M. (2007). Framing bias: Media in the distribution of power. *Journal of communication*, 57(1), 163-173.
- Ghizzoni, M. (2013). El periodismo regional como mediador social: un análisis de contenido. *Vernáculo*, 32.
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. London: Harper and Row.
- Goffman, E. (2002). Pie. En B. Ribeiro & P. Garcez (eds.), *Sociolinguística Interacional*, (pp.107-148).
- Goffman, E. (2012). *Los marcos de la experiencia social*. Voces.
- Ingrassia, P., Gómez Wagner, C., Aruguete, N. y Calvo, E. (2023). La IVE en disputa. Los encuadres estratégicos en las noticias digitales argentinas. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación [Ensayos]*, 26(194), 115-130.
- James, W. (1869). "The perception of reality". En: *Principles of psychology*, vol. 2. Dover Publications, pp. 283-324.
- Kessler, G. (2005). Miedo al crimen: campo de investigación y preocupación política. *Oficios Terrestres*, 17, 27-37.
- Koziner, N. (2015). El Framing: un programa de investigación para el estudio de las comunicaciones mediáticas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 14(28), 22-45.
- Koziner, N. (2022). El frame-building. Una herramienta de análisis para el tratamiento mediático de las políticas de medios. In *Mediaciones de la Comunicación*, 17(2), 197-218.
- Matthes, J. (2012). Framing Politics: An Integrative Approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 247-259.
- Matthes, J., & Kohring, M. (2008). The Content Analysis of Media Frames: Toward Improving Reliability and Validity. *Journal of Communication*, 58(2), 258-279.
- Muñiz C., 2015. La política como debate temático o estratégico. Framing de la campaña electoral mexicana de 2012 en la prensa digital. *Comunicación y Sociedad*, (23), 67-95.
- Reese, S. D. (2007). The Framing Project: A Bridging Model for Media Research Revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154.
- Retegui, L. e Ingrassia, P. (2022). Las desigualdades de género, precarización laboral y estereotipos. Atravesar la pandemia como periodista en una redacción tradicional. *Intersecciones en Comunicación*, 1(16).
- Scheufele, D. A. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57(1), 9-20.
- Schuck A.; Boomgaarden H.; de-Vreese C. (2013). "Cynics all around? The impact of election news on political cynicism in comparative perspective". *Journal of Communication*, 63(2), 287-311.
- Scott, J. (2019) Género: una categoría útil para el análisis histórico. En Holland, HB de (Org.), *Pensamiento feminista: conceptos fundamentales*. Time Bazaar
- Tuchman, G. (1999). La objetividad como ritual estratégico: un análisis de las nociones de objetividad de los periodistas. *CIC*, 4, 199-217.
- Valera Ordaz, L. (2016). El sesgo mediocéntrico del framing en España: una revisión crítica de la aplicación de la teoría del encuadre en los estudios de comunicación. *ZER: Revista De Estudios De Comunicación = Komunikazio Ikasketen Aldizkaria*, 21(41).



Enquadramentos em análises de dinâmicas interacionais: aproximações entre Goffman e Butler

VANESSA NEME SPIRANDEO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Faculdade Cásper Líbero

vanessaneme@gmail.com
ORCID: /0000-0003-0904-4520



studos sobre enquadramento parecem ter encontrado um espaço já consolidado, não só nas Ciências Sociais, mas também nas pesquisas em Comunicação (Kim, 2019), onde o conceito vem se constituindo como um operador analítico de importância, sobretudo nas investigações sobre Jornalismo. Ao mesmo tempo, no âmbito epistemológico, é possível indicar um considerável número de estudos (Entman, 1993; Joseph, 1998; Porto, 2004; Scheufele, 2004; Chong & Druckman, 2007; Gitlin, 2009; Carvalho, 2011; Mendonça & Simões, 2012; França & Lopes, 2017; Monteiro & Bressan, 2021) voltados para a revisão dos princípios, genealogias e derivações do conceito a partir de diversas perspectivas.

Desde que o conceito foi proposto pelo sociólogo canadense Erving Goffman (1974), em seu livro *Frame Analysis*, traduzido no Brasil como *Os quadros da experiência social*, a ideia vem passando por um considerável número de reelaborações, críticas e utilizações em relação à sua potencialidade hermenêutica nos diversos tensionamentos com temas, situações ou objetos específicos de estudo. Em boa medida, essas revisões do conceito procuram trabalhar a partir das elaborações propostas por Goffman, retomando e desenvolvendo suas proposições iniciais, voltadas para a interação face a face e até mesmo online, no sentido de direcioná-las para a análise das mútuas afetações entre sujeitos em narrativas e produções midiáticas (França, 2011; França & Lopes, 2017).

Pour citer cet article

Référence électronique

Vanessa Neme Spirandeo, Luis Mauro Sá Martino, Ângela Cristina Salgueiro Marques, « Enquadramentos em análises de dinâmicas interacionais : aproximações entre Goffman e Butler », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.525>

Dentre as elaborações contemporâneas do conceito, a perspectiva proposta pela filósofa norte-americana Judith Butler em seus livros *Vida Precária* (2019 [2004]) e *Quadros de Guerra* (2015 [2009]) pode ser destacada como um dos principais desenvolvimentos da ideia, sobretudo no sentido de oferecer uma compreensão dos enquadramentos dentro de uma perspectiva dinâmica e tensional. Ao mesmo tempo, a proposta de Butler parece se caracterizar por sua localização dentro de uma perspectiva que articula as produções midiáticas, sobretudo jornalísticas, ao estabelecimento dos sentidos e das afetações que regulam o aparecimento e a avaliação moral de formas de vida, condicionando a possibilidade de existência de grupos em condições historicamente subalternizadas.

No livro *Vida Precária*, Butler (2019) menciona uma série de narrativas jornalísticas com o intuito de conectar duas ideias: a) nossas experiências, vividas em situações comunicacionais específicas, são organizadas por esquemas interpretativos que ordenam a inteligibilidade e a legibilidade do que vivemos, além da maneira através da qual iremos compartilhar o que foi vivenciado; b) a produção de enquadramentos midiáticos, sobretudo aqueles configurados pelas imagens e relatos jornalísticos, podem definir, ao reiterar determinados esquemas interpretativos moralizantes, quais vidas serão apreendidas e reconhecidas como dignas de consideração. A partir de artigos publicados em jornais norte-americanos, sobretudo o *The New York Times*, Butler apresenta várias questões acerca da desumanização das vidas de pessoas geralmente vistas como “estranghas”, “inimigas”, “ameaças”, a partir de como aparecem e da regulação de seus modos de aparecimento (ou desaparecimento) nos discursos que circulam e constituem a esfera pública. Ao comentar sobre a inexistência de obituários e narrativas jornalísticas¹ que pudessem acolher “as vidas muçulmanas” (2019, p. 32) “as vidas queers” (2019, p. 55), Butler deseja evidenciar que os enquadramentos que organizam nossas experiências intersubjetivas estão sendo entrelaçados a enquadramentos que circulam na esfera de aparecimento midiático de modo a alimentar uma forma de violência desumanizante que interfere na dimensão interdependente dos vínculos que mantêm nossas formas de vida e nossa vida em comum.

O diálogo que Butler estabelece com Erving Goffman (2012) se aproxima da primeira ideia mencionada acima, ou seja: as experiências que nos constituem, ao mesmo tempo, como sujeitos e como sociedade, são articuladas através da maneira como lemos e interpretamos os gestos, as ações e as palavras de nossos interlocutores em contextos sociais e históricos particulares. Para isso, quadros e esquemas são partilhados culturalmente, orientando-nos na apreensão, na interpretação e na produção de uma resposta adequada à interpelação que os outros nos dirigem. Goffman

(2002) busca evidenciar como, em nossas relações comunicativas cotidianas, há um jogo de poder que define a mobilidade e a modificação dos enquadramentos elaborados para definir como interlocutores apreendem, escutam e respondem à interpelação que lhes é endereçada.

Há uma narrativa examinada por Goffman (2002) que nos chama a atenção por permitir outra interface com as reflexões de Butler. Ele narra que, no ano de 1973, depois de uma cerimônia de assinatura de lei no Salão Oval da Casa Branca, o presidente Nixon interpelou a jornalista Helen Thomas (a única jornalista a acompanhar de perto e cobrir os eventos da agenda política do presidente), fazendo uma piada sexista acerca de ela estar usando calças. Na sequência, ele pede que ela dê uma voltinha diante dos homens presentes na sala e pergunta a ela se seu marido aprovaria que ela usasse roupas que marcavam o contorno de seu corpo. Na análise de Goffman, Nixon altera o enquadramento da situação e endereça-se aos homens presentes na sala, constrangendo a jornalista e ativando uma série de esquemas avaliativos morais que revelam como “mulheres podem se tornar objeto de atenção e julgamento apenas, deixando de ser percebidas como agentes autônomas e soberanas (2002, p. 110).

A utilização e a modificação de enquadramentos que orientam os sujeitos em suas experiências inter-subjetivas é um jogo que não delimita apenas a percepção social da alteridade, mas também produz e reproduz códigos morais que se entrelaçam com formatos narrativos e discursivos destinados a configurar a esfera de aparecimento dos sujeitos. É esse movimento de aproximação entre Goffman e Butler que pretendemos evidenciar neste artigo. A reflexão desenvolvida é de cunho teórico e dialoga com outras pesquisas já realizadas pelos autores (Martino, 2009, 2021; Marques & Martino, 2020; Martino, Amá & Marques, 2021). Buscamos também evidenciar como os textos mais recentes de Butler apresentam uma preocupação com a performatividade² ética dos quadros morais que regulam a vida coletiva e a esfera de aparecimento das vidas que merecem ser protegidas.

Assim, a primeira parte do artigo é dedicada a uma exploração das principais dimensões da abordagem de Goffman sobre o conceito de enquadramento, destacando-o como uma construção comunicacional, situada, marcada por jogos de interpelação em que assimetrias, violências e mútua observação constituem entendimentos partilhados acerca do que está acontecendo em dada interação e orientam os sujeitos em suas demandas e elaboração de respostas.

A segunda parte é dedicada a evidenciar como Butler dialoga com a abordagem de Goffman acerca de como os enquadramentos assinalam posições de



poder, indo além ao acrescentar que os quadros orientadores de nossas experiências intersubjetivas se alinham com os enquadramentos midiáticos no sentido de avaliar e julgar moralmente as vidas e os viventes. Nossa aposta é a de que as possíveis interfaces entre Butler e Goffman encampam, sobretudo, a maneira como ambos tematizam a relação entre enquadramentos e formas de poder e controle. Segundo Butler (2015, p. 14), os enquadramentos são operações de poder: “não decidem unilateralmente as condições de aparição dos sujeitos e acontecimentos, mas seu objetivo é delimitar a esfera da aparição enquanto tal”. Para ela, “não há vida e morte sem relação com um determinado enquadramento” (2015, p. 22). Ambas nos são apresentadas dentro de molduras específicas que não apenas estruturam a maneira pela qual passamos a conhecê-las e a identificá-las, mas constituem condições que lhes conferem suporte e legitimidade. Os enquadramentos atuariam, assim, para diferenciar as vidas que podemos apreender e valorizar daquelas que não podemos. Os termos, as categorias, as convenções e as normas gerais que agem nos dispositivos de enquadre moldam os quadros de sentido como uma orientação para a interpretação e para a apreensão e avaliação de uma vida. Goffman assinala que impor e alterar enquadramentos é um gesto político delicado e que cada tentativa de alterar o jogo conflitivo traçado em torno da disputa pela predominância de enquadramentos é um ato de poder: “cada definição da situação, cada aplicação continuada de um quadro costumeiro, parece pressupor e contar com um conjunto de forças motivacionais e, mediante medidas extremas, qualquer equilíbrio parece sujeito a romper-se. Ser capaz de alterar esse equilíbrio à vontade representa o exercício de um poder” (2012, p. 543).

De maneira a explorar essa atuação do poder através da elaboração de enquadramentos, a terceira parte do texto é destinada a ressaltar como a abordagem de Butler dialoga com a produção jornalística ao mencionar o papel das imagens como potenciais agentes de reprodução de esquemas normativos de inteligibilidade voltados para estabelecer quais vidas e modos de vida serão dignos de proteção, escuta e reconhecimento.

Concordamos aqui com as reflexões de Lage (2018) e Sepulveda (2022), que confere destaque à abordagem ética e estética de Butler ao tematizar as operações de violência postas em cena pelos esquemas de legibilidade definidos por enquadramentos hegemônicos do jornalismo. Sepulveda argumenta que “o jornalismo, em seus movimentos ético-políticos sobre o visual, atua como peça ou maquinário performativo que regula o inteligível e o enlutável” (2022, p. 245). Acreditamos também que as instituições, os profissionais, as narrativas e os modos de fazer ligados ao jornalismo podem ser criticamente avaliados a partir de como

elaboram enquadramentos que não apenas definem e constrangem as situações e experiências, mas também oferecem algumas definições mais legítimas do que outras, sustentadas por profundas desigualdades.

A PERSPECTIVA SITUACIONAL DO ENQUADRAMENTO

A concepção goffmaniana, enquanto devedora das primeiras perspectivas trabalhadas por Gregory Bateson (1954), apresenta dimensões próprias, ligadas, em boa medida, às preocupações do autor na observação e compreensão das relações sociais a partir de uma escala micro. Para Bateson (1954), os indivíduos experimentam processos de aprendizagem que lhes permitem comunicar e interagir através da manifestação de um conteúdo e, ao mesmo tempo, da expressão de sinais sobre o tipo de relação que estabelecem ou pretendem estabelecer um com o outro. Assim, ao combinar pragmaticamente conteúdos explícitos com gestos e sinais que tematizam a relação em jogo, os sujeitos elaboram pistas intersubjetivas de como devem agir, abrindo algumas possibilidades interacionais e fechando outras. Segundo ele, é o enquadramento que permite compreender a situação ali delineada, assim como as regras implícitas e instruções que orientam as ações dos sujeitos e seu envolvimento recíproco³.

Goffman, no início dos anos 1970, já era um autor consagrado na Sociologia, e se dedicava ao tema das interações sociais há cerca de duas décadas quando efetivamente se debruça sobre o problema do enquadramento. O tema parecia se revestir de especial importância para ele: o livro no qual estuda detalhadamente o assunto, *Frame Analysis*, traduzido em português como “Os quadros da experiência social”, é um de seus poucos livros planejados como tal – boa parte dos outros são coletâneas de artigos publicados em revistas especializadas. Em “Os quadros da experiência social”, Goffman (2012) parece tentar oferecer uma síntese teórica, e até certo ponto metodológica, dos princípios que guiaram boa parte de suas pesquisas até então. Ele usa o conceito de quadros da experiência a fim de revelar como, em todo processo comunicativo, a organização das mensagens e experiências pode afetar a produção de sentidos e de ações a elas associadas. O enquadramento organiza um conjunto de princípios que regem a interpretação de acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles. São esses princípios conformadores que permitem a definição da situação pelos sujeitos.

O pressuposto parece se dirigir para a perspectiva de que as interações sociais se definem, em primeiro lugar, por um aspecto cognitivo reflexivo, no qual cada uma das pessoas dentro de uma situação pauta

suas atitudes e reações a partir do que consegue depreender (1) das atitudes do outro e (2) do contexto imediato no qual uma determinada interação ocorre. A relação entre esses dois termos é constituída por um questionamento, raramente verbalizado, a respeito de qual é a definição correta – o enquadramento – de uma situação.

Assim, para Goffman (2012), o enquadramento pode ser definido inicialmente como sendo a moldura (*frame*) utilizada por uma pessoa para atribuir sentido a uma determinada situação. No entanto, essa metáfora pictórica talvez não contribua muito para se pensar em termos de operacionalização metodológica se não for levado em consideração o fato de que essas referências não são dadas, mas socialmente construídas.

Nesse aspecto, Goffman se insere dentro da perspectiva de certo construtivismo social, mas distanciando-se voluntariamente de Berger e Luckmann (2014), então referências sobre o assunto. É questionável, inclusive, em que medida a proposta de Goffman efetivamente compartilha alguma coisa com o modo de pensar construtivista, sobretudo em sua base fenomenológica, como ressaltam alguns autores (Van Gorp, 2007; França, 2011).

É talvez nesse sentido que Schutz (1972) tenha indicado as pressuposições sociais do cotidiano como um fator de relevância na compreensão dos sujeitos a respeito do que definiriam como sua realidade. Em seu trabalho, comenta como se dá a criação de uma realidade social por meio de símbolos e ações humanas, tentando lançar luz na questão de ações simples terem interpretações tão diversas:

O mundo da vida cotidiana, o mundo do senso comum, ocupa um lugar privilegiado entre as várias províncias da realidade, já que somente dentro dele é que se torna possível a comunicação com nossos semelhantes. Mas o mundo do senso comum é, desde o início, um mundo sociocultural e as muitas questões ligadas à intersubjetividade das relações simbólicas originam-se nele, são por ele determinadas e encontram nele sua solução. (Schutz, 1972, p. 294)

Em Goffman (2002, 2012), o enquadramento não ocorre no momento da relação intersubjetiva da qual emerge algo que pode ser chamado de “realidade social”, mas como um pressuposto desse momento previamente delimitado pelos sujeitos dessa interação. Ao mesmo tempo, ele não deixa de lado o fato de que as referências dos atores envolvidos na interação, e responsáveis pelo enquadramento, são socialmente adquiridas ao longo de uma trajetória específica. Os quadros de sentido utilizados pelos atores envolvidos em uma interação efetivamente são, portanto, vincula-

dos às experiências dos sujeitos e definem previamente quais serão os significados da interação por vir. “Os quadros não são inventados pelo sujeito, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados” (Mendonça & Simões, 2012, p. 189). Assim, a noção de enquadramento evidentemente não deixa de lado a perspectiva de uma “construção social” da realidade, mas pontua que esse processo tem início antes do estabelecimento de uma interação qualquer, sendo fruto de uma história e no posicionamento subjetivo em um determinado momento.

Um quadro seria delimitado pelas referências utilizadas para estabelecer quais são os componentes daquele momento, como o cenário no qual essa interação ocorre, quem está participando e de que maneira cada uma dessas pessoas define a si mesma, e aos outros, no decorrer dessa interação. Nesse aspecto, Goffman (2012) resume o princípio da noção de enquadramento como sendo uma ação mutuamente referenciada dos indivíduos para definir o que pode estar acontecendo em um momento específico.

[...] os enquadramentos (o uso dos quadros de sentido) nos auxiliam a viver as ações do dia a dia, a interagir, mas também a lidar com fatos externos, a construir e encaixar novas ocorrências dentro de certo padrão de inteligibilidade. A significação de um acontecimento se dá e se constrói situando-o dentro de um quadro de referências e de valores já estabelecidos, ligando-o a certas questões e sentidos, organizando-o conforme certos princípios. (França, 2011, p. 68)

Parece trivial, mas a resposta à pergunta “o que está acontecendo aqui?” pode ser complexa. Isso porque as pessoas, ainda que estejam no mesmo lugar, na mesma hora e testemunhem os mesmos acontecimentos, terão lugares de observação diferentes. Isso não significa que cada sujeito crie ou inventa seus próprios enquadramentos, desvinculados de um entorno social, político e cultural, mas chama a atenção para o fato de que a maneira como apreendemos os acontecimentos é atravessada por afetos, memórias e saberes particulares. Essas experiências anteriores, longe de estarem presas ou restritas ao passado, parecem se constituir como poderosos elementos na formação de expectativas a respeito dos acontecimentos presentes, ou mesmo em relação às perspectivas futuras. Nesse sentido, um enquadramento está sempre ligado às referências empregadas pelos sujeitos para definirem uma situação específica, e, por isso mesmo, cada enquadramento tem sua validade delimitada, espacial e temporalmente, pela aplicação de um conjunto geral de referências a um momento particular.

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência. (Goffman, 2012, p. 34)

Desse modo, seria possível pressupor a existência de vários enquadramentos diante de uma mesma situação. No entanto, essa afirmativa poderia rapidamente se aproximar da noção do senso comum a respeito de uma suposta singularidade de opiniões e pontos de vista (“cada um pensa de um jeito”). A noção de enquadramento, em Goffman, parece buscar superar essa ideia demonstrando que as referências a partir das quais se atribui sentido a uma situação podem ser amplamente compartilhadas: frutos de um aprendizado social, essas referências são compartilhadas por todas as pessoas ligadas, com mais ou menos intensidade, a um determinado grupo – sendo, portanto, expostas às mesmas referências.

Na esteira da perspectiva construtivista, no diálogo tensional que mantém com ela, Goffman (2012) entende a “realidade” como algo definido na interação entre interlocutores, a situação imediata que os cerca e suas referências, não em termos de algo palpável ou objetivo em si. Por isso, tentar entender o que está acontecendo a partir da noção de “realidade” parece não bastar para compreender o mundo social, sobretudo na medida em que grupos diferentes tendem a construir enquadramentos diversos nos quais a “realidade” de um não converge necessariamente com a de outro.

Esse processo, descreve Goffman (2012, p. 71), se utiliza de recursos para a formação do quadro. Três deles são essenciais: (1) os esquemas ou quadros primários, os tons (*keys*, “conjunto de convenções pelas quais uma dada atividade, já significativa em termos de algum esquema primário, é transformada em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente”); (2) os posicionamentos subsequentes, ou *footings* (o que o repertório da pessoa a ajuda a entender ou ler de determinada situação), e (3) as faixas ou *strips* (o recorte feito pelo indivíduo faz do que está vendo, na definição de quais elementos, e como, pertencem a uma situação).

Como estabelece Goffman (2012), os esquemas primários são uma espécie de primeira camada da percepção inicial do sujeito, perspectivas enquadradadas a partir de referências oriundas do social. Seu papel é

permitir “ao usuário localizar, perceber, identificar e etiquetar um número aparentemente infinito de ocorrências concretas, definidas em seus termos” (2012, p. 45). É um quadro que a pessoa emprega sem notar e lhe permite interpretar a realidade imediata, dando “significado àquilo que de outra forma seria um aspecto insignificante de uma cena” (2012, p. 45). Esses quadros são construídos e alterados socialmente dentro de contextos que os tornam comprehensíveis de forma coletiva e, ao mesmo tempo, permitem sua utilização na singularidade de uma relação protagonizada por um ator individual.

“Tendemos, portanto, a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários, e o tipo de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado”, explica Goffman (2012, p. 49), e essas estruturas primárias ajudam as pessoas a se entenderem em determinados contextos. Vale notar que um quadro primário pode se alterar uma vez que lhe é conferido um tom diferente. Uma demonstração, na qual se observa em que medida Goffman se apresenta também como devedor de Bateson são as lutas simuladas, em tom de brincadeira, que até animais, como lontras e macacos, fazem. Ao olhar para a cena, a estrutura primária diz “luta”. Detendo-se mais sobre o momento, é possível notar que não há uma disputa real, e o esquema primário de representação “luta” é então modificado para “brincadeira”, um tom de cena diferente. Ele “modifica completamente aquilo que um participante diria que está ocorrendo” (Goffman, 2012, p. 73).

Essa transformação, no entanto, nem sempre é imediatamente compreendida por todos os participantes de uma situação, e pode se apresentar como especialmente difícil para um observador externo que desconheça as minúcias, sutilezas e particularidades de uma dada interação. Mais ainda, é necessário que todos os participantes, efetivamente, compartilhem não apenas da percepção do esquema primário, mas estejam atentos às modulações existentes no sentido de acompanhar as transformações; quando isso não ocorre, pode ser necessária uma interrupção na situação para, em termos quase metalingüísticos, reestabelecer a compreensão mútua (“você está falando sério?”; “isto é brincadeira?”) e permitir que a situação retome um curso.

De acordo com Goffman (2012), embora a busca pela definição de uma situação necessariamente envolva todos os participantes, nenhum deles efetivamente é capaz de indicar “o que está acontecendo” sem o compartilhamento dos outros. E, mais ainda, não se trata de uma definição nova e individual, o que impedia, de saída, sua compreensão, mas de algo previamente entendido, ao menos em parte, pelos envolvidos.

Minha perspectiva é situacional, o que significa aqui uma preocupação com aquilo a que um indivíduo pode estar atento em determinado momento, e isto muitas vezes envolve outros indivíduos determinados, e não se restringe necessariamente à arena mutuamente controlada de um encontro face a face. (Goffman, 2012, p. 30)

Procura-se, dessa maneira, evitar tanto posições dentro de um extremo subjetivista em relação às definições do real (“cada um vê as coisas de uma maneira”) quanto em relação a uma perspectiva que ressalta um suposto caráter objetivo (“as coisas são como são”), deixando de lado a ponte feita pelo enquadramento entre sujeito e alteridade mediada por uma situação específica. “As definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e o nosso envolvimento subjetivo neles” (Goffman, 2012, p. 34).

Nesse contexto, em sua disseminação, os enquadramentos podem se tornar “princípios epistemológicos”, como aponta Carvalho (2011, p.10), uma vez que “estão sujeitos a variações não somente em função dos olhares diferentes, mas também das negociações que cada interação aciona.” As informações culturais que cada um traz consigo, aliadas às mediações institucionais e às maneiras como aqueles à sua volta percebem os acontecimentos, têm um peso na definição do que vai ser percebido e lido. Consequentemente, nossa capacidade ética de ação e resposta aos acontecimentos orienta-se a partir de apreciações morais que fazemos a partir de indicações presentes nos enquadramentos.

APROXIMAÇÕES ENTRE GOFFMAN E BUTLER

Em certa medida, o conceito de enquadramento gerou uma complexa descendência, de maneira que seria possível encontrar desdobramentos em várias direções e sentidos (Mendonça & Simões, 2012). Ao que parece, no entanto, seria difícil ver uma unidade no conjunto desses trabalhos. Do mesmo modo, um recenseamento ou levantamento das operacionalizações do conceito requer um espaço muito mais amplo do que os limites de um artigo. Por isso, aqui, busca-se uma revisão específica, levada a efeito por Butler em trabalhos recentes.

Dentre os estudos pós-goffmanianos de enquadramento, as perspectivas adotadas por Butler parecem se destacar, não apenas por sua abrangência, mas também pelos novos direcionamentos propostos em relação ao conceito. De fato, em pelo menos duas de suas obras, a noção alcança desenvolvimentos inéditos, não apenas em relação às suas operacionalizações inter-

pretativas, mas também em termos de um aprofundamento de suas raízes. Talvez não esteja de todo errado, inclusive, sugerir que a perspectiva de enquadramento encontrada em Butler, de certa maneira, propõe uma modulação do conceito dentro de uma nova chave interpretativa. Em linhas gerais, enquanto a noção original de Goffman, como visto, pode ser situada dentro de um foco da sociologia do conhecimento, Butler parece localizar o conceito a partir de uma tradição que dialoga com a hermenêutica, em termos gerais, e com uma investigação em torno da ética da responsabilidade a partir das imagens, em um aspecto mais restrito.

Em *Vida Precária*, Butler (2019) indica quais são as condições de vulnerabilidade amplificadas pela ameaça e pelo desrespeito às necessidades básicas de sobrevivência e dignidade humana. Segundo ela, a visibilidade da vida precária, quando construída a partir de enquadramentos de controle majoritariamente produzidos e legitimados pelo Estado neoliberal, gera esquemas interpretativos que tendem a destacar tais situações de opressão como corriqueiras, contribuindo para definir quais vidas são dignas de serem lamentadas.

Assim, quando falamos sobre enquadramentos nesse sentido, não estamos falando simplesmente de perspectivas teóricas que trazemos para a análise da política, mas sim de modos de inteligibilidade que favorecem o funcionamento do Estado e que, assim, constituem, eles próprios, exercícios de poder mesmo quando excedem o âmbito específico do poder estatal. (Butler, 2015, p. 213)

Assim, Butler não só considera importante conhecer os termos, as convenções e as normas gerais que atuam na produção de enquadramentos que nos permitem compreender as situações comunicativas (como faz Goffman), mas também chama a atenção para o modo como discursos midiáticos fabricam quadros destinados a moldar as “condições de reconhecibilidade” (2015, p. 37) de sujeitos e grupos. As categorias e normas que preparam ou estabelecem um sujeito para o reconhecimento, que induzem um sujeito desse tipo, precedem e tornam possível o ato do reconhecimento propriamente dito. “Não podemos reconhecer facilmente a vida fora dos enquadramentos nos quais ela é apresentada, e esses enquadramentos não apenas estruturam a maneira pela qual passamos a conhecer e a identificar a vida, mas constituem condições que dão suporte para essa mesma vida” (Butler, 2015, p. 44).

É sintomático observar, de saída, que Butler intitula originalmente seu livro como *Frames of War*, destacando, já no título, o comprometimento com a ideia de “quadros” ou “enquadramento”, como a tradução brasileira destaca. No entanto, Goffman é por ela men-

cionado em uma nota de rodapé⁴, na qual ela apresenta sua aproximação ao autor – daí a possibilidade de se pensar até que ponto Butler não procura, em certa medida, romper com uma tradição de estudos – não necessariamente com Goffman em si, mas com uma tradição de estudos de enquadramento pós-goffmanianos que, seguindo em uma trilha marcadamente destinada à compreensão das relações entre a circulação midiática de informações e a formação de quadros de sentido, parece ter dedicado um espaço consideravelmente menor ao exame das maneiras como o enquadramento se articula com uma ética da responsabilidade, seja em termos da circulação de imagens, já em termos do conhecimento formado a partir delas.

Butler (2015) dialoga com Goffman quando aponta a relationalidade como dimensão normativa de nossas vidas sociais e políticas, apostando em outras possibilidades de interdependência e de alianças como formas de ação política capazes de questionar discursos que estabelecem os limites da inteligibilidade do que pode ser considerado humano. O enquadramento de Goffman é utilizado por Butler para ajudá-la a definir modos de relação, de mútua apreciação e julgamento, nos quais há uma repetição de discursos de desumanização das vidas e das mortes. Não é seu objetivo estudar os gestos significativos da interação mutuamente referenciada, mas evidenciar como enquadramentos da situação se entrelaçam com esquemas normativos que definem esquemas de inteligibilidade para, de maneira implícita, atuar em operações através das quais o discurso público é construído. Enquadramentos produzem “diferentes maneiras de esculpir seletivamente a experiência” (Butler, 2015, p. 47) e orientam a afetação em relação à condição diferenciada de vidas que se encontram em condições precárias. Assim, os atos interpretativos, como já apontava Goffman, não surgem como atos espontâneos de mentes isoladas, “mas como uma consequência de certo campo de inteligibilidade que ajuda a formar e a enquadrar nossa reação ao mundo invasivo (um mundo do qual dependemos, mas que também nos invade, exigindo uma reação de formas complexas e, às vezes, ambivalentes)” (Butler, 2015, p. 59).

Para Goffman (2002, 2012) o enquadramento se refere a uma ideia “implícita” que permite que os sujeitos em interação (e mesmo seus observadores) reconheçam, entendam e esboçem uma reação diante daquilo que acontece com eles em uma determinada situação. Assim como alterações culturais e relacionais se processam com o tempo e as condições situadas, enquadramentos são dinâmicos e só podem ser compreendidos a partir da situação em que a interlocução ocorre. Trata-se de uma estrutura de sentido processualmente delineada por meio do encontro de sujeitos em uma situação. Sob esse aspecto, enquadramentos podem ser aceitos, negociados ou rejeitados pelos interlocutores.

Butler (2015) retoma a preocupação que Goffman (2002) tinha com as assimetrias de poder envolvidas no enquadramento de situações e também dos atores que delas fazem parte. Diferentes atores disputam pela prevalência dos esquemas interpretativos que orientam as relações situadas e alguns são mais bem posicionados e menos vulneráveis nessa disputa, conseguindo alterar tais esquemas com maior facilidade e sem serem questionados. Goffman chama a atenção para as relações de força que produzem e legitimam certos enquadramentos, evidenciando estigmas, preconceitos e o desprezo a certas posições de sujeito.

Esse aspecto da obra de Goffman parece interessar particularmente a Butler, uma vez que, para ela, a teia relacional e material que nos sustenta e define nosso grau de exposição à precariedade é diretamente afetada pela maneira como enquadramentos nos afetam e orientam nosso julgamento moral e nossas respostas diante de injustiças. Por isso, enquadramentos são por ela descritos como “molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como susceptível de ser perdida ou le-sada” (2015, p. 14). Tais operações de poder interferem nas condições de aparição e consideração dos sujeitos, porque delimitam mecanismos específicos mediante os quais uma forma de vida é apreendida e avaliada.

Ao apontar as “vulnerabilidades da experiência”, Goffman (2012, p. 534) fornece outro ponto de contato para a abordagem de Butler, uma vez que ele afirma que, em uma relação, sujeitos são vulneráveis a serem enredados, descreditados, injuriados e humilhados pelos outros. E, não raro, essas vulnerabilidades são geradas pelos enquadramentos, que atuam modelando nossas reações morais e afetos diante de acontecimentos, regulando o que sentimos e as condições de apreensão desse sentimento. “Existem, portanto, pontos fracos na vida social, nos quais os participantes se tornam mais vulneráveis do que habitualmente ao engano e à ilusão, a uma relação incorreta com os fatos e a um desalinhamento em face da experiência” (Goffman, 2012, p. 562).

OS ENQUADRAMENTOS E AS DINÂMICAS ESTÉTICAS E POLÍTICAS DA CIRCULAÇÃO DE IMAGENS

Ao comentar, no livro *Vida Precária* (2019, p. 172), as fotografias jornalísticas que foram escolhidas para compor a capa do jornal *New York Times* no final do ano de 2003, Butler destaca como o veículo escolheu mostrar o rosto de meninas afgãs que haviam tirado suas burcas a partir de um enquadramento específico: o triunfo da cultura norte-americana sobre um símbolo de atraso e sujeição. Os rostos soridentes proviam,

segundo Butler, uma razão para fazer prosseguir a guerra, justificavam a violência. E, por mais que trouxessem a face de mulheres que vivem em condição de grande vulnerabilidade continuamos sem saber quem elas são, como é seu cotidiano, o que sentem e como sobrevivem. Além disso, a guerra dos EUA contra o Afeganistão não ocorreu em nome da libertação feminina. Nesse caso, a face figurada nas imagens são representações em favor da violência e da máquina de morte.

Em *Quadros de Guerra*, Butler endereça diretamente a questão da ética do enquadramento ao trabalhar com imagens, de ampla circulação na mídia, retratando situações de vulnerabilidade e desrespeito à dignidade humana. Ao comentar as fotografias de prisioneiros árabes-muçulmanos nas prisões norte-americanas de Guantánamo e Abu Graib, Butler faz menção ao modo como a circulação de imagens de violência e tortura perpetradas contra os prisioneiros são veiculadas na internet, às vezes produzidas pelos próprios agentes, levantando diversas questões a respeito não só do que estava acontecendo, mas também da maneira como isso chegou ao conhecimento do público e na cena de visibilidade das narrativas jornalísticas. Enquadramentos interferem nas condições de vulnerabilidade dos sujeitos, limitam ou amplificam as possibilidades de serem reconhecidos, modelando seletivamente a experiência da alteridade.

Esse é o ponto de partida utilizado por Butler para discutir a noção de enquadramento sob uma perspectiva ética, situando a noção dentro de uma formulação concreta em relação à visualidade da imagem. É interessante notar que o próprio Goffman raramente utiliza imagens para exemplificar a ideia de enquadramento que, a rigor, tem uma conotação marcadamente visual. É possível que o desenvolvimento desse conceito seja um eco longínquo das atividades de Goffman no *Canadian Film Institute*, onde trabalhou na juventude. Dentro de sua concepção dramatúrgica da vida social, Goffman retoma essa perspectiva dos enquadramentos da imagem em *Gender Advertising* (“Propaganda de gênero”), seu último livro publicado em vida⁵.

Butler, em *Quadros de Guerra*, parece retomar essa reflexão feita por Goffman, buscando ver na cena de aparecimento em que circulam as imagens, situações de flagrante desrespeito à vida e a formas de vida consideradas moralmente ameaçadoras. O enquadramento, como visto, está longe de ser um aspecto formal da construção de uma imagem; ao contrário, é um importante definidor de seu conteúdo, das maneiras como uma determinada formulação será produzida, compartilhada e recebida. Butler (2019) enfatiza que, de um lado, a mídia faz imagens de injustiça circularem para além de contextos mais restritos e, de outro, enquadra existências de modo a obscurecer suas vulnerabilida-

des e condições de injustiça, de modo a oferecê-las a nosso olhar a partir de registros que não permitem que escutemos de fato a voz do outro.

Os esquemas interpretativos produzidos pelos dispositivos e regimes de visualidade que criam imagens dificultam a formação de uma responsabilidade ampliada. Contudo, não se trata de substituir enquadramentos pejorativos por enquadramentos menos injustos. Para Butler, “a realidade não é expressa por aquilo que está representado no interior da imagem, mas sim por meio do desafio à representação que a realidade entrega.” (2019, p. 128) Dito de outro modo, contestar a perspectiva hegemônica requer tanto uma pluralidade de quadros de sentido, quanto uma habilidade para desmontar as normas morais que orientam a produção de enquadramentos “através dos quais o discurso e a representação visual articulam nossa capacidade de resposta ética ao sofrimento” (Butler, 2015, p. 119).

Butler questiona como as imagens midiáticas que circulam amplamente são utilizadas a serviço de uma guerra que oprime as alteridades, criando personificações do terror, da tirania, da vilania ou da bondade, da empatia e da hospitalidade. Em sua abordagem aparece a preocupação com a maneira como narrativas jornalísticas ajudam a compor e definir arranjos institucionais capazes de selecionar, avaliar, rotular e até mesmo inviabilizar e tornar inaudíveis o aparecer dos sujeitos e de suas demandas. Para ela, as imagens em si não definem quem pode ou não ser considerado humano, uma vez que muitas vezes elas nos apresentam “o rosto humano em sua deformidade, em seu extremo, não aquele com o qual somos convidados a nos identificar” (Butler, 2019, p. 126). Nossos sentidos são afeitados por imagens que controlam nossas percepções e orientam nossos julgamentos para que julguemos o outro a partir de critérios implícitos. Assim, questionar os enquadramentos envolve “uma luta no âmbito da aparência e dos sentidos, buscando a melhor forma de organizar a mídia a fim de superar as maneiras diferenciadas através das quais a condição de ser passível de luto é distribuída” (Butler, 2015, p. 255).

A última frase do livro de Goffman (2012) revela que, assim como Butler, ele também estava preocupado com a maneira como os enquadramentos capturam a alteridade dentro da imagem, desconsiderando que as diferenças não estão nunca onde nosso olhar pretende classificar e avaliar: “o outro, aos meus olhos, está sempre nas margens daquilo que vejo e escuto, ele está do meu lado, ao meu lado ou atrás de mim, ele não está naquele lugar que meu olhar esmagá e esvazia de todo ‘interior’” (Goffman, 2012, p. 692). Ambos parecem se posicionar a favor de buscarmos elementos capazes de apontar para um tipo de resistência a formas de vida prontas, ao apagamento e desaparição dos sujeitos em narrativas que apenas “encaixam” os

indivíduos em molduras discursivas previamente arquitetadas, capturando seus gestos, rotinas e corpos em operações consensuais, constrangimentos e submissões de toda ordem.

Nesse sentido, a compreensão da situação à frente do indivíduo exige uma organização da experiência, e “uma determinada maneira de organizar e apresentar uma ação leva a uma conclusão interpretativa acerca da própria ação” (Butler, 2018, p. 23). Esta organização descrita por Butler retoma a ideia goffmaniana de esquemas primários usados para descrever o que se passa.

A interpretação não surge como um ato espontâneo de uma mente isolada, mas como uma consequência de certo campo de inteligibilidade que ajuda a formar e a enquadrar nossa reação ao mundo invasivo (um mundo do qual dependemos, mas que também nos invade, exigindo uma reação de formas complexas e, às vezes, ambivalentes). (Butler, 2018, p. 59)

Um campo de inteligibilidade é desenhado a partir de esquemas interpretativos tácitos que mobilizam nossos afetos e sentidos, interferindo nas ordens discursivas que condicionam o legível e o ilegível, a interpretação possível e a impossível, as condições de escuta de um interlocutor que “só aparece para mim, só funciona para mim como outro, se há um quadro de referência dentro do qual eu posso vê-lo e apreendê-lo em sua separabilidade e exterioridade” (Butler, 2018, p. 82). Para Butler, os esquemas interpretativos interferem no que será chamado de realidade, alterando “o alcance do que vai ser percebido como existente” (2015, p. 103). Isso vale tanto para quem narra quanto para quem consome a narrativa.

Podemos pensar no enquadramento, então, como algo ativo, que tanto descarta como mostra, e que faz as duas coisas ao mesmo tempo, em silêncio, sem nenhum sinal visível da operação. O que surge nessas condições é um espectador que supõe estar em uma relação visual imediata (e incontestável) com a realidade. (Butler, 2015, p. 112)

Sob essa perspectiva, os enquadramentos não apenas estão relacionados entre si, mas também constituem todo um arranjo em relação ao posicionamento dos sujeitos que os elaboram em suas experiências de fabulação a respeito da realidade; o posicionamento de um recorte, por parte da circulação mediada de imagens, não implica necessariamente sua constituição como referência única. Para Butler e Goffman, as categorias, convenções e normas que preparam ou estabelecem condições para que um indivíduo seja ou não estigmatizado condiciona seu reconhecimento e sua estima social. Ambos

afirmam que, quando o enquadramento colapsa, uma realidade que anteriormente era aceita sem discussão é colocada em xeque, expondo os regimes de violência e de aparência que procuravam controlar o funcionamento dos esquemas interpretativos que zelam pela vida em comum. Não se trata apenas de encontrar um novo conteúdo para as imagens ou novos enquadramentos para situações de violência, mas também de trabalhar com interpretações já estabilizadas para mostrar seus possíveis pontos de fratura e as brechas que promoveriam outros imaginários políticos.

Butler interpela as narrativas jornalísticas buscando “enquadrar o enquadramento”, ou seja, buscando evidenciar as fissuras que indicam que a moldura não consegue determinar de forma precisa o que vemos, pensamos, apreendemos e reconhecemos. Além disso, ela considera vital aprender “a enxergar o enquadramento que nos cega para aquilo que vemos” (2015, p. 148).

“Enquadrar o enquadramento”, questionar a moldura, significa mostrar que ela nunca contempla de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível. A moldura nunca determinou realmente, de forma precisa, o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos. Algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso senso de realidade. (Butler, 2015, p. 24)

A maneira como Butler desenvolve sua crítica à noção de enquadramento considera que há um problema que não diz respeito apenas às operações discursivas da mídia e do jornalismo, mas também ao modo como as normas estruturam a vida social, definindo o que pode ou não ser reconhecido. Assim, ela aponta que o gesto de desenquadrar o enquadramento não se reduz a identificar o que está dentro ou fora dos frames, mas avaliar os arranjos que tornam possíveis essas separações. Tal argumento não tem o intuito de reforçar os efeitos estruturantes que o enquadramento possui sobre a realidade, mas deseja tornar os sujeitos mais atentos aos preconceitos, às naturalizações de arranjos morais considerados inquestionáveis (O’Gorman, 2015). Quando Butler afirma que é preciso “enquadrar o enquadramento”, seu intuito é chamar a atenção para o fato de ele pode ser remodelado, redefinido de acordo com as especificidades das experiências situadas de injustiça, contribuindo para a construção de respostas menos simbolicamente violentas às demandas vindas da alteridade. Esse gesto ético, político e estético permite às pessoas uma abertura à reflexão acerca de seu próprio papel nos processos de discriminação. Assim, “desenquadrar o enquadramento” é um trabalho que põe em xeque os pressupostos avaliativos do quadro ocidental dominante, porque destaca sua instabilidade

discursiva e seus limites para nos oferecer elementos capazes de contribuir para uma imaginação política transformadora.

É importante destacar que enquadramentos atuam em arranjos formados pelo entrelaçamento de crenças subjetivas e institucionais, compondo redes complexas de ações, discursos, normas e valores (Monteiro & Bressan, 2021; Shulman & Sweitzer, 2018; Wadhwa, Kim, Chattopadhyay & Wang, 2019). Por isso, o que está em jogo no questionamento das molduras é a promoção de outra forma de estruturação do “pensável”, envolvendo a alteração de um regime de percepção, leitura e escuta, por meio do qual elementos diversos se justapõem e se atritam de modo a permitir um deslocamento de posição em relação ao modo como apreendemos, percebemos e respondemos às demandas do outro e aos eventos do mundo.

De acordo com Sepulveda (2022), as reflexões de Butler contribuem com a prática jornalística no sentido de instigarem a produção de narrativas textuais e imagéticas que interpelem o espectador a olhar com mais cuidado o que apresentado como estranho ou intolerável. Contudo, isso não significa legitimar a validade de todos os apelos que ganham visibilidade, pois muitos deles estão editados segundo interesses privados que, não raro, revitimizam os sujeitos (Lage, 2018). Ao mesmo tempo, argumentamos que gesto de produzir aparecimento por meio dessas narrativas se dá no encontro entre o gesto do fotógrafo, a cena enquadrada na imagem (em constante operação), a mediação do veículo jornalístico, a circulação e a implicação do espectador na imagem. A articulação entre esses elementos requer um tipo de performatividade ética que pode abrir brechas para novas formas de perceber as alteridades que nos interpellam e que recusam a violência que atua por meio do enquadramento no jornalismo. Tal performatividade ética busca fazer aparecer o inesperado em narrativas jornalísticas humanizantes, que desorganizam e perturbam o que é dado como definitivo, possibilitando a criação de outras cenas (ou interpretações da mesma cena) por grupos e sujeitos em suas lutas por reconhecimento.

É nesse sentido que as ideias de Goffman e Butler nos convidam a desmontar e recusar esquemas interpretativos naturalizados, buscando abrir planos de conexões e desconexões que não realizem expectativas de legibilidade, trazendo ao olhar do espectador uma indecidibilidade que o torna sensível a aspectos que antes não seriam objeto de contemplação ou consideração. Partindo de Goffman, a perspectiva de Butler confere destaque à imagem jornalística e mostra que ela pode tanto controlar a distribuição do visível e do pensável, quanto oferecer uma potência política de

transformação se ela puder explicitar e duvidar das relações e operações que a definem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura proposta por Butler mostra que, por lado, considerar situações comunicacionais a partir dos enquadramentos, torna mais fácil, como argumentava Goffman, compreender o jogo de sentidos que posicionava os interlocutores. Contudo, a seleção de alguns elementos em detrimento de outros, leva à perda de detalhes e nuances. Se Goffman nos instigava a uma contemplação atenta das ações e comportamentos na cena interativa, Butler nos oferece uma crítica à maneira como narrativas jornalísticas frequentemente atuam junto aos quadros de sentido da experiência de modo a assegurar que a interpretação, de antemão formulada, seja projetada sobre a situação. Segundo ela, “não precisamos mais entender, apenas julgar” (2015, p. 206).

A maneira como Butler analisa narrativas e imagens escolhidas pelos veículos jornalísticos para organizar os acontecimentos revela, em diálogo com Goffman, que o aparecimento diante do outro (seja ele face a face ou mediado pela cena de visibilidade pública) e a sobrevivência estão relacionados. A prática jornalística contribui para reiterar normas morais injustas, mas pode também atuar em prol da elaboração de enquadramentos que nos tornem sensíveis ao apelo ético da alteridade. Butler (2015) e Goffman (2002) apontam em seus trabalhos que a forma como vamos apreender e responder a esse apelo depende de como ele é formulado e enquadrado, de quais afetos são mobilizados na produção e na receptividade de quadros de sentido e de como os interlocutores aprendem a criar táticas de enfrentamento aos constrangimentos de poder. E, como evidencia Goffman, enquadramentos estão pautados por afetos, crenças e valores compartilhados em nossas experiências situadas, que sempre se organizam entrelaçadas às narrativas midiáticas.

É assim que a força da abordagem de Butler está também voltada para como descobrir e apoiar modos de representação e aparecimento que permitam que a reivindicação de justiça seja feita e ouvida. Há uma possibilidade de que narrativas e imagens jornalísticas mobilizem alternativas para “estabelecer maneiras públicas de ver e ouvir que possam responder ao grito do humano dentro da esfera da aparência” (Butler, 2019, p. 178). Tal possibilidade é articulada pelo papel crítico desempenhado pelas narrativas jornalísticas, por seus autores e pelas instituições midiáticas quando se dedicam a tematizar enquadramentos coercitivos que restringem nosso entendimento e nossa escuta. “Enquadrar enquadramentos” no jornalismo implica mostrar e romper seus mecanismos de desigualdade, evidenciando suas limitações em produzir espaços

de avizinhamento entre os sujeitos. Sob esse aspecto, acreditamos que narrativas jornalísticas podem criar cenas de aparecimento nas quais estarão em questão não apenas as condições violentas de produção de alguém, mas também a forma como cada um tem de assumir a responsabilidade de viver em interdependência, contestando os poderes e normas que interferem nos processos emancipatórios dessa elaboração.

*Submetido em 15/07/2022
Aceito em 17/04/2023*

NOTES

¹ Leal (2013) entende que as narrativas jornalísticas podem se configurar como um modo de compreender o mundo e torná-lo legível, conferindo-lhe sentido a partir de enquadramentos que misturam experiências e esquemas interpretativos compartilhados. A narrativa jornalística revela uma rede de significados, não reduzindo sua potencialidade à representação dos acontecimentos, pois abrange múltiplas textualidades como práticas sociodiscursivas historicamente situadas. Tais textualidades expressam processos de múltimos tensionamentos com temporalidades e espacialidades socialmente articuladas, em meio a clivagens e contradições, nas quais múltiplos atores sociais estão envolvidos em disputas de sentido e jogos de poder. As redes configuradas pelas textualidades orientam processos narrativos que dinamizam não só os enunciados e enunciaciones sociais, mas dialetizam os vínculos que configuram o tecido comum que nos une.

² Se considerarmos um breve panorama das reflexões de Butler acerca do conceito de performatividade, iremos perceber que, desde a publicação de *Problemas de Gênero*, na década de 1990, ela propõe pensar o sujeito como aquele que produz a si mesmo e ao outro a partir da reiteração de normas, mas que, nesse processo, produz desvios e rupturas. Sob esse aspecto, tanto as normas de gênero quanto as regras jurídicas e institucionais precisam ser revistas à luz do atual processo de subjetivação política, no qual a experimentação de outras formas de “estar juntos”, dão origem a performatividades que valorizam as singularidades das experiências e manifestações assimétricas da precariedade que torna as vidas desigualmente valorizáveis. A performatividade relaciona-se também ao modo como a linguagem age sobre nós (ser interpelado, chamado de certo nome) e as condições e possibilidades para o agir. Muitas vezes um ato de fala atua sobre nós antes mesmo de falarmos e, se assim for, nem sempre podemos falar por nós mesmos.

Em obras mais recentes, sobretudo os livros *Vida Precária* e *Quadros de Guerra*, Butler aposta na performatividade da interpelação ética, que abrange a vulnerabilidade a partir da interdependência criada em uma infraestrutura complexa de bens materiais e relações sociais capazes de assegurar uma vida vivível.

³ Importante salientar que, para Bateson (2002), os enquadramentos não são inventados pelos sujeitos, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados. Seu conceito implica a existência de uma intersubjetividade fundante que permite a partilha do *enquadre* e a definição da situação. É a atualização situacional de um conhecimento comum que permite que os sujeitos operem, em um nível metacomunicativo, com um conjunto de regras e normas guiando suas ações.

⁴ Na nota 4 da introdução do livro *Quadros de Guerra*, Butler comenta que sua leitura do conceito de enquadramento deriva de fontes analíticas e sociológicas apontando como marcentes as influências de Jacques Derrida (*The truth of painting*, 1975), Erving Goffman (*Frame Analysis*, 1974) e Michel Callon (“An essay on framing and overflowing”, 1998).

⁵ Analisando mais de quinhentas fotografias de homens e mulheres em interação nos anúncios publicitários, Goffman encontra várias regularidades: quando alguém ensina alguma coisa à outra pessoa, é o homem que ensina a mulher, mesmo que seja um garoto de seis anos “ensinando” a professora a utilizar um novo produto. Quando alguém é mais alto, é o homem que ocupa a posição superior. A única exceção é quando o viés de classe se interpõe, de modo que a mulher de classe alta aparece num plano superior, com seus serviços - garçons, jardinéiros etc., - curvando-se perante a “patroa”, o que evidencia hierarquias sociais ritualizadas e, porque não assumidas nem colocadas em discussão, apresentadas como parte da “natureza”, como obviedades.

REFERÊNCIAS

- Bateson, G. (1954). A theory of play and fantasy. *Psychiatric Research Reports*, 2(1), 39-51. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/13297882/>, acesso em 21/04/2023.
- Butler, J. (2019). *Vida precária*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: Quando uma vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carvalho, C. (2011). Aportes para a concepção do conceito goffmaniano de enquadramento e suas interconexões com a noção de contexto. *Anais do XX Encontro Compós*, Porto Alegre, pp. 1-15.
- Chong, D.; Druckman, J. (2007). Framing theory. *Annual Review of political science*, 10(1), 103-126. <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.10.072805.103054>
- Entman, R. (1993). Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. *Journal of communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- França, V. & Lopes, S. (2017). Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*, 11(3), 71-87. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i3p71-87>
- França, V. (2011). O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. *Caleidoscópio*, 10(1), 59-72. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/6052>, acesso em 21/04/2023.
- Gitlin, T. (2003). *The whole world is watching*. Berkley: University of California Press.
- Goffman, E. (2012). *Os quadros da experiência social*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (2002). Footing. In B. Ribeiro & P. Garcez (orgs.), *Sociolinguística Interacional* (pp.107-148). São Paulo: Loyola.
- Joseph, I. (1998). *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Kim, S.-H. (2019). Beyond framing: a forum for framing researchers. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 96(1), 12-30. <https://doi.org/10.1177/1077699018825004>
- Leal, B. (2013). Jornalismo à luz das narrativas. In B. Leal & C. Carvalho (Orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas* (pp.25-48). São Paulo: Intermeios.
- Lage, L. (2018). *Testemunhos do sofrimento nas narrativas telejornalísticas*. Florianópolis: Insular.
- Marques, A. & Martino, L. M. (2020). Entre o digno e o precário: enquadramento biopolítico de mulheres em fotografias jornalísticas sobre o Programa Bolsa-Família. *Bakhtiniana*, 15(1), 33-60. <https://doi.org/10.1590/2176-457339739>
- Martino, L. M., Ama, V. & Marques, A. (2021). Atravessamentos do tempo e do olhar na imagem jornalística de vidas precárias da “Cracolândia” (SP). *Brazilian Journalism Research*, 17(1), 452-487. <https://doi.org/10.25200/BJR.v17n2.2021.1367>
- Martino, L. M. (2021). *Dez lições sobre Goffman*. Petrópolis: Vozes.
- Martino, L. M. (2009). *Teoria da Comunicação*. Petrópolis: Vozes.
- Mendonça, R. & Simões, P. (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(79), 187-201. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>
- Monteiro, B. & Bressan, A. (2021). Framing effects of information on investment risk perception. *Revista Contabilidade e Finanças*, 32(86), 285-300. <https://doi.org/10.1590/1808-057x202111290>
- O’Gorman, D. (2014). “[N]ew constellations for thinking about normativity”: rethinking Judith Butler’s “frame” with reference to Dave Eggers’What Is the What. *Textual Practice*, 29(4), 653-674. <https://doi.org/10.1080/0950236x.2014.955815>
- Porto, M. (2004). Enquadramentos da mídia e política. In A. Rubin, Antonio (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens* (pp.74-104). Salvador: Edufba/Unesp.
- Scheufele, B. (2004). Framing-effects approach. *European Journal of Communication Research*, 2004, 29(4), 401-428. <https://doi.org/10.1515/comm.2004.29.4.401>
- Schütz, A. (1972). *Collected Papers I - The Problem of Social Reality*. Holanda: Springer.
- Sepulveda, L. (2022). Um jornalismo sem raça? *Líbero*, 51(1), 241-255. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1615>, acesso em 20/04/2023.
- Shulman, H. & Sweitzer, M. (2018). Advancing frame theory. *Human Communication Research*, 44(1), 155-175. <https://dx.doi.org/10.1093/hcr/hqx006>
- Van Gorp, B. (2007). The constructionist approach of framing: bringing culture back in. *Journal of communication*, 57(1), 60-78. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9916.2007.00329.x>
- Wadhwa, M., Kim, J., Chattopadhyay, A. & Wang, W. (2019). Unexpected framing effect. *Journal of Consumer Research*, 46(2), 223-245. <https://doi.org/10.1093/jcr/ucz008>

RÉSUMÉ | RESUMO | ABSTRACT

Enquadramentos em análises de dinâmicas interacionais: aproximações entre Goffman e Butler

Le cadrage dans l'analyse des dynamiques interactionnelles : les rapprochements entre Goffman et Butler

Framing as a key to the analysis of interactions: bridges between Goffman and Butler

Pt. Este artigo delineia dois aspectos da noção de “enquadramento”, tal como foi originalmente criada pelo sociólogo canadense Erving Goffman, em seu livro *Os quadros da experiência social* e desenvolvida pela filósofa norte-americana Judith Butler em *Vida Precária e Quadros de Guerra*. Argumenta-se que a leitura feita por Butler reelabora a ideia original ao acrescentar a noção de que os frames estão diretamente relacionados ao exercício moral do poder, fundamentados na definição arbitrária do que deve ser conhecido por uma audiência como uma forma de vida reconhecível. Butler também abre espaço para o questionamento dos quadros estabelecidos, que não apenas são desafiados por novos esquemas de legibilidade, mas também deixam entrever as operações de violência que os sustenta. A partir de uma leitura que tenta aproximar os dois autores, argumentamos que é possível evidenciar uma preocupação comum com a maneira de construir quadros de sentido que informam e orientam a produção de respostas morais no âmbito interpessoal e no âmbito da elaboração de narrativas que circulam na mídia. A maneira como Butler analisa narrativas e imagens escolhidas pelos veículos jornalísticos para organizar os acontecimentos revela, em diálogo com Goffman, que o modo como é construído o aparecimento diante do outro (seja ele face a face ou mediado pela cena de visibilidade pública) interfere nas estratégicas de organização social e na própria sobrevivência de sujeitos e grupos. A prática jornalística contribui para a formulação de normas morais injustas, mas pode também atuar em prol da elaboração de enquadramentos que nos tornem sensíveis ao apelo ético da alteridade. Butler (2015) e Goffman (2002) apontam em seus trabalhos que a forma como vamos apreender e responder a esse apelo depende de como ele é formulado e enquadrado, de quais afetos são mobilizados na produção e na receptividade de quadros de sentido e de como os interlocutores aprendem a criar táticas de enfrentamento aos constrangimentos de poder. E, como evidencia Goffman, enquadramentos estão pautados por afetos, crenças e valores compartilhados em nossas experiências situadas, que sempre se organizam entrelaçadas às narrativas midiáticas e às narrativas identitárias que apreendemos criticamente. Assim, este artigo propõe que a noção de frame de Butler ressalta, em diálogo com Goffman, as dimensões éticas e estéticas que podem contribuir para a elaboração de narrativas jornalísticas comprometidas com a valorização e reconhecimento das vidas.

Palavras-chave : enquadramento; Goffman; Butler; relações interpessoais; media

Fr. Cet article se penche sur deux aspects de la notion de « cadrage » telle qu'elle a été définie à l'origine par le sociologue canadien Erving Goffman dans son livre *Les Cadres de l'expérience*, puis développée par la philosophe américaine Judith Butler dans *Vie précaire et Ce qui fait une vie*. La lecture de Butler aboutit selon nous à reformuler le concept initial, en y ajoutant l'idée que les cadrages sont directement liés à l'exercice moral du pouvoir et reposent sur la définition arbitraire de ce qui doit être connu, par un public donné, en tant que mode de vie reconnaissable. Butler ouvre également la voie à une remise en question des cadres établis, non seulement en leur opposant de nouveaux schémas de lisibilité, mais aussi en dévoilant les processus de violence qui les sous-tendent. Partant d'une lecture qui tente de rapprocher les deux auteurs, nous soutenons qu'il est possible de dégager une préoccupation commune quant aux modes de construction de cadres de sens qui informent et guident la production des réponses morales, aussi bien dans la sphère interpersonnelle que pour l'élaboration de récits diffusés par les médias. La manière dont Butler analyse les récits et les images choisis par les médias d'information pour organiser les événements, en dialogue avec Goffman, révèle que la construction de

leur apparition devant autrui (qu'il s'agisse d'un face à face ou d'une scène de visibilité publique) interfère avec les stratégies d'organisation sociale et avec la survie même des individus et des groupes. La pratique journalistique contribue à la formulation de normes morales injustes, mais elle peut aussi participer à l'élaboration de cadrages qui nous sensibilisent à la dimension éthique de l'altérité. Butler (2015) et Goffman (2002) soulignent dans leurs travaux que la manière d'appréhender cet appel éthique, et d'y répondre, dépend de la façon dont il est formulé et cadré, des affects mobilisés dans la production et la réception des cadres de sens, et enfin des tactiques que les interlocuteurs apprennent à créer pour faire face aux contraintes de pouvoir. Comme le montre Goffman, ces cadrages sont guidés par des affects, des croyances et des valeurs partagés dans nos expériences situées, qui s'organisent toujours en s'entrelaçant avec les récits médiatiques et identitaires que nous appréhendons avec un regard critique. Nous avançons donc ici que la notion de cadrage de Butler fait ressortir, en dialogue avec Goffman, les dimensions éthiques et esthétiques qui peuvent contribuer à l'élaboration de récits journalistiques engagés dans la valorisation et la reconnaissance de la vie.

Mots-clés : cadrage ; Goffman ; Butler ; relations interpersonnelles ; médias

En. This article looks at two aspects of the notion of "framing" as originally defined by Canadian sociologist Erving Goffman in his book *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, then developed by American philosopher Judith Butler in *Precarious Life* and *Frames of War*. In our view, Butler's interpretation results in a reformulation of the original concept, adding the idea that framings are directly linked to the moral exercise of power, and rely on the arbitrary definition of what ought to be known, by a given audience, as a recognizable way of life. Butler also challenges established frameworks, not only by opposing them with new schemes of intelligibility, but also by revealing the processes of violence that sustain them. Drawing on an interpretation that attempts to bring the two authors closer together, we argue that it is possible to identify a common focus on the modes of construction of frames of meaning that inform and guide the production of moral responses, both in the interpersonal sphere and in the elaboration of narratives disseminated by the media. Butler's analysis of the narratives and images chosen by the news media to organize events, in dialogue with Goffman, reveals that the construction of their appearance before others (whether face-to-face or on a stage with public visibility) interferes with strategies of social organization and with the very survival of individuals and groups. Journalistic praxis contributes to the formulation of unjust moral norms, but it can also participate in the elaboration of framings that educate us about the ethical dimension of otherness. Butler (2015) and Goffman (2002) emphasize in their work that our way of apprehending this ethical call, and the ways in which we respond to it, depends on how it is formulated and framed, on the affects mobilized in the production and reception of these frames of meaning, and finally on the tactics that interlocutors learn to create in order to deal with the constraints of power. As Goffman shows, these framings are guided by affects, beliefs and values shared in our situated experiences, which are always organized through the interweaving of the media and identity narratives which are apprehended with a critical eye. We therefore argue here that Butler's notion of framing brings out, in dialogue with Goffman, the ethical and aesthetic dimensions that can contribute to the elaboration of journalistic narratives committed to the valorization and recognition of life.

Key words: framing; Goffman; Butler; interpersonal relations; media



A narrativa e os enquadramentos do Estadão sobre o “lulopetismo”

uma perspectiva crítica latino-americana

PABLO SILVA PIMENTEL

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS)

Universidade Federal do Paraná

pablo.pimentel@ymail.com

ORCID: /0000-0002-2493-9624



Em *A partilha do sensível*, o filósofo Jacques Rancière (2005, p. 58) afirmava que “o real precisa[va] ser ficcionado para ser pensado”. No processo de feitura de realidades, as narrativas construídas pelo jornalismo ocupam um lugar privilegiado no rearranjo de signos e imagens que constrói o real. O conceito de enquadramento nas teorias do jornalismo tem se relacionado a essa assertiva, auxiliando a compreensão de pesquisadores sobre os mecanismos simbólicos e linguísticos operados por textos jornalísticos. Diversos autores tem apontado essa relação como Matthes (2011, p. 249) que conceitua os enquadramentos como “visões seletivas sobre assuntos – visões que constroem a realidade de uma certa maneira, levando a diferentes avaliações e recomendações”. Segundo nessa linha, Reese (2001, p. 11) afirma que os “enquadramentos são princípios organizadores que são socialmente compartilhados e persistentes ao longo do tempo, que funcionam simbolicamente para estruturar significativamente o mundo social”.

Mesmo que o campo de pesquisa sobre enquadramentos tenha se tornado amplo, inclusive na América Latina, alguns autores tem feito críticas a uma alegada imprecisão conceitual ou mesmo a uma falta de rigor técnico-metodológico (Campos, 2014; Cappella & Jamieson, 1997; Mendonça & Guimarães Simões, 2012). Neste artigo, contudo, defendo que uma perspectiva latino-americana para as pesquisas de enquadramento

precisa ser necessariamente crítica e diversa – reconectando-se a sua tradição (Albuquerque & Oliveira, 2021) –, afastando-se de pressupostos epistemológicos empiricistas que se amparam no primado da técnica – pretensamente neutra e objetiva – sobre a política. Dessa forma, ressalto a importância do olhar analítico e crítico do pesquisador na tarefa de discernir e remontar os enquadramentos jornalísticos.

Nessa perspectiva crítica, considero fundamental o aporte teórico e metodológico de autores que pensam nas potencialidades da narrativa. Penso que aliar uma análise crítica da narrativa à análise dos enquadramentos permite a introdução de uma variável pouco lembrada em pesquisas do campo: o tempo. Sustento que é o tempo narrativo que encadeia a série de determinados pacotes interpretativos compartilhados pelos jornais sobre determinado tema. Ao inserir a narrativa na análise, os enquadramentos podem ser melhor compreendidos em sua dinamicidade e no seu percurso comunicativo. Defendo que esse aporte metodológico pode conferir uma relevante contribuição para a robustez da análise de enquadramentos e na apreensão dos seus aspectos discursivos, ou seja, históricos, políticos e ideológicos.

A partir dessas reflexões, os estudos de casos latino-americanos podem fornecer mais subsídios que sustentem a perspectiva que proponho. Os últimos anos da política brasileira, por exemplo, foram alvos de uma intensa disputa de sentidos e, consequentemente, tem sido tema de diversas pesquisas no campo da comunicação política na América Latina. Eventos como as grandes manifestações antipetistas, o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a consequente ascensão da extrema-direita ao poder foram retratos de uma crise democrática que já foi representada por vários atores políticos e sociais.

Os editoriais dos grandes jornais brasileiros não se furtaram em abordar a crise do projeto lulista, construindo enquadramentos e disputando seus sentidos (Marques, Mitozo, & Montalverne, 2021; Pimentel & Marques, 2021a; Pimentel & Marques 2021b). Dentro desse contexto, chama a atenção o termo utilizado no gênero editorial dos jornais *Estado de S. Paulo* e *O Globo* para representar o projeto político liderado por Lula e pelo Partido dos trabalhadores: o “lulopetismo”. Alguns pesquisadores já apontaram – em análises mais genéricas – que o termo “lulopetismo” foi utilizado na última década para atribuir uma valoração negativa às ideias, projetos e ações dos atores políticos do PT (Albuquerque, 2019; Azevedo, 2016; Van Dijk, 2017).

O gênero editorial é relevante para a compreensão de como as narrativas são elaboradas pelos jornais porque é nesse espaço que estão “as linhas

mestras que marcam ideologicamente os conteúdos jornalísticos e fundamentam a atividade empresarial de uma publicação” (Armañanzas & Nocí, 1996, p. 171). É através desse gênero que as empresas jornalísticas avaliam os assuntos públicos e orientam os dirigentes do Estado à ação a partir de um “efeito de autoridade”.

Em relação ao *O Globo*, Juliana Gagliardi (2018), em *Um projeto de poder por vias não democráticas: O Globo e a narrativa do Lulopetismo*, deu uma contribuição relevante ao realizar uma genealogia do uso do termo no jornal. Porém, ainda faltam análises específicas sobre a sua utilização no *Estadão*. Nesse sentido, este artigo realiza uma análise sobre os enquadramentos encadeados em narrativa sobre projeto político do Partido dos Trabalhadores elaborados pelos editoriais jornalísticos do jornal *O Estado de S. Paulo*. Neste trabalho, atentarei para composição dessa narrativa em um mês relevante do contexto de crise do lulismo, março de 2015 – período marcado pela primeira grande manifestação antipetista pelo impeachment de Dilma. Defendo que uma análise crítica das narrativas editoriais pode auxiliar no debate sobre o papel dessas empresas jornalísticas como atores políticos da crise do lulismo, bem como de promover avanços teóricos para o campo de estudos sobre o enquadramento a partir de uma perspectiva latino-americana.

Na próxima seção, discutirei a importância de uma abordagem transdisciplinar para enriquecer o conceito e análise dos enquadramentos, apontando como essa abordagem auxilia na elaboração de uma contribuição pós-colonial para o estudo de caso específico e para o campo de pesquisa. Ao definir o olhar metodológico – tendo o debate da relação entre narrativas e enquadramentos como fundamental –, logo passo a realizar o trabalho de desconstrução e remontagem da narrativa sobre o “lulopetismo” nos editoriais coletados no recorte temporal definido. Ao final, escrevo as considerações finais discutindo a contribuição que a análise pode oferecer para a teoria e para o seguimento de uma agenda de pesquisa.

UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR E PÓS-COLONIAL NOS ESTUDOS DE ENQUADRAMENTO

São bem conhecidas dos pesquisadores de comunicação política as clássicas definições sobre enquadramento como as de Goffman (1986), Entman (1993), Gitlin (1980) ou Gamson e Modigliani (1987). Essa diversidade conceitual que enfatiza elementos como “ênfase”, “saliência” de determinados acontecimentos ou a “construção”, “significação” e “princípios de organização” da realidade em textos comunicativos



Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo
Pablo Silva Pimentel « A narrativa e os enquadramentos do Estadão sobre o “lulopetismo” : uma perspectiva crítica latino-americana », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.V12.N1.2023.542>

faz com que diversos autores afirmem que o conceito de enquadramento é tratado mais como um campo de pesquisa do que um paradigma teórico unificado (D'Angelo 2002; Entman, 1993; Gamson, 2001; Reese, 2007).

Ao diagnosticar essa abertura e maleabilidade teórica, respeitados estudiosos tem lançado alertas e tecido algumas críticas quanto a uma possível falta de rigor científico nos estudos de enquadramentos, derivado de uma alegada fluidez conceitual (Campos, 2014; Cappella & Jamieson, 1997; Mendonça & Guimarães Simões, 2012). Como exemplo dessas críticas, os pesquisadores Ricardo Mendonça e Paula Guimarães Simões reforçam a ideia de que essa ampla utilização do conceito poderia acarretar o que denominam de “consequências perigosas”: a perda de sua precisão conceitual levando a prejuízos de sua exatidão, e a própria fratura do conceito de enquadramento, fazendo com que surjam “terrenos teóricos distintos”. Explorando as raízes do conceito de enquadramento nas obras de Gregory Bateson (2002) e Erving Goffman (1986), os autores alertam para uma possível descontextualização ou mesmo “desvirtuamento” do conceito em estudos do campo.

Apesar dessas importantes críticas, a proposta desse trabalho diverge respeitosamente dessas perspectivas. Considero que para fomentar uma perspectiva teórica para os enquadramentos a partir de um olhar latino-americano, é preciso abrir e ampliar seus limites e suas balizas para prover uma contribuição original para os estudos do campo. Nesse sentido, concordo com Reese (2007) e D'Angelo (2002) de que uma diversidade teórica pode ser benéfica para a compreensão dos processos de fazimento do mundo e do real – aspectos que o conceito de enquadramento engloba; ainda mais ao tratarmos aqui de uma perspectiva latino-americana.

A partir dessa abertura, não só é possível, mas imprescindível, recorrer a um arcabouço transdisciplinar para o entendimento desse processo de construção simbólica. Nesse sentido, é salutar recorrer a teóricos de diversos campos do conhecimento para além do jornalismo como a filosofia, a história, a linguística, a sociologia e a ciência política. Matthes (2011) propõe que na discussão teórica sobre o termo enquadramento é importante buscar soluções criativas para as novas questões suscitadas a partir de pontes com perspectivas de outros campos.

Para além do aprofundamento teórico, a abertura à transdisciplinariedade possibilita o avanço dos esforços para uma perspectiva latino-americana nos estudos de enquadramento que, como afirmei anteriormente, precisa ser crítica e comprometida com um imperativo ético e político de transformação. A defesa

desse olhar não se trata de algo novo, mas o reforço de uma tradição da região que, segundo Albuquerque e Oliveira (2021), já estava presente desde os anos 1950 com criação de institutos de pesquisa em Comunicação como o CIESPAL e a ALAIC. Além desses institutos, os autores ressaltam a importância das perspectivas críticas de pesquisadores como Martín-Barbero, Néstor Canclini, Eliseo Verón, Renato Ortiz, Marques de Melo, Luis Beltrán, e o educador Paulo Freire (Albuquerque & Oliveira, 2021, p. 7).

Uma perspectiva crítica e de tradição latino-americana deve privilegiar metodologias que refinem o olhar do pesquisador a partir de uma premissa epistemológica que reconheça as relações assimétricas de poder derivadas da colonialidade. Relações essas que se fazem presentes tanto nos objetos de estudo quanto na forma de produção de conhecimento. O sociólogo Ramón Grosfoguel – pioneiro na produção de conhecimento decolonial na América Latina – avança nessa discussão sustentando que

Não se trata apenas de uma questão de valores sociais na produção de conhecimento O ponto central aqui é o locus de enunciação, ou seja, a localização geopolítica e corpo-política do sujeito que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais o sujeito que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A “ego-política do conhecimento” da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um “eu” não situado. A localização epistêmica étnico/racial/gênero/sexual e o sujeito que fala estão sempre desacoplados. Ao desvincular a localização epistêmica étnico/racial/gênero/sexual do sujeito que fala, a filosofia e as ciências ocidentais são capazes de produzir um mito sobre um saber universal verdadeiro que encobre, ou seja, oculta quem está falando, bem como a realidade geopolítica e localização epistêmica corpo-política nas estruturas de poder/saber colonial de que fala o sujeito. (Grosfoguel, 2007, p. 213)

Para o autor, a modernidade ocidental e suas formas de produção de conhecimento criaram o mito da objetividade e da neutralidade “descorporificada”, no que é chamado por Grosfoguel de “ego-política do conhecimento”. Esse discurso sobre a produção científica universaliza a verdade e as técnicas para o seu descobrimento. O sociólogo sustenta que essa estratégia epistêmica foi historicamente crucial para os projetos do Ocidente. “Ao ocultar a localização do sujeito da enunciação, a expansão e dominação colonial europeia/euro-americana foi capaz de construir uma hierarquia de saberes superiores e inferiores e, portanto, de pessoas superiores e inferiores em todo o mundo” (Grosfoguel, 2007, p. 214).

O pensador Castro-Gómez (2010) chama essa estratégia discursiva sobre o lugar social do pesquisador/cientista como “ponto zero” das filosofias eurocêntricas. Trata-se de um “ponto de vista que se esconde e se oculta como estando além de um determinado ponto de vista, ou seja, o ponto de vista que se representa como sendo sem ponto de vista” (Grosfoguel, 2007, p. 214). Essa perspectiva científica particulariza determinadas formas de produção de conhecimento não ocidentais e universaliza as fórmulas da modernidade evitadas da hierarquização colonial. A partir disso, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) lançam uma provocação, principalmente aos pesquisadores latino-americanos: sabendo que todo conhecimento se encontra incorporado e corporificado em sujeitos situados em determinados contextos históricos, ideológicos e culturais, continuaremos reproduzindo em nossas pesquisas a premissa epistemológica eurocêntrica e universalista do ponto zero?

Nesse sentido, é preciso destacar a importância do olhar do pesquisador que – explicitando seu lugar social de fala – precisa trabalhar com os saberes produzidos por outros campos de forma transdisciplinar, mobilizando um repertório analítico diverso, discernindo as operações linguísticas e ideológicas operadas pelos enquadramentos jornalísticos que estão ligadas aos seus contextos históricos e socioeconômicos. Desse forma, tornamos nosso ofício, nossas ferramentas e mediações mais transparentes e refinados. O encontro honesto entre a subjetividade do pesquisador com suas escolhas teóricas e metodológicas – que são intrinsecamente políticas – é o que fornece um conhecimento crítico necessário às pesquisas em sociedades pós-coloniais.

O pesquisador brasileiro Afonso Albuquerque, reflete sobre essas questões buscando uma nova abordagem que consiga interpretar de forma crítica a atuação política do jornalismo na América Latina. O autor afirma que é preciso problematizar a atuação das empresas jornalísticas na região enquanto uma construção histórica advinda do colonialismo, percebendo as complexas relações sociais encontradas na América Latina. Para isso, ele advoga por uma abordagem analítica pós-colonial que perceba os padrões assimétricos de relação historicamente estabelecidos.

Na visão do pesquisador, as instituições jornalísticas nas sociedades latino-americanas internalizaram e naturalizaram fortemente modelos normativos externos, apresentando-se como portadores de valores universais, adaptando-os aos seus interesses. Ao apropriarem-se do discurso de que exercem o “*quarto poder*”, os jornais fortaleceram uma retórica que concedeu a si uma legitimidade para desempenhar um papel político ativo. Essa visão se comunica com o fenômeno que Guerrero (2014) chama de “modelo de mídia liberal

capturado”. Para o autor, as organizações jornalísticas brasileiras se apropriam do ideal americano de objetividade jornalística ao mesmo tempo em que buscam contemplar interesses privados. Em outras palavras, o discurso do modelo liberal é frequentemente aplicado para promover um “cão de guarda seletivo”. Nesse contexto, Albuquerque (2019, p. 908) afirma que as empresas jornalísticas na América Latina “podem soplar a democracia, ao mesmo tempo em que afirmam defendê-la”.

Fernando Azevedo (2006) levanta algumas hipóteses que podem nos auxiliar na compreensão desse papel do jornalismo latino-americano, e em especial no Brasil. Para o autor, a baixa diversidade externa nos grandes jornais – entendida como a oferta de pluralidade de informações e opiniões – está associada a uma relação histórica com as elites da região. Sendo assim, esses segmentos sempre tiverem força para pautar sua agenda junto as empresas jornalísticas. Entre outras características do sistema de mídia brasileiro, Azevedo (2006) destaca

... o monopólio familiar e a propriedade cruzada nos meios de comunicação de massa, a pequena diversidade externa do ponto de vista político e o viés conservador, a baixa circulação dos jornais associada ao baixo número de leitores e, como consequência, no campo da grande imprensa, um jornalismo orientado prioritariamente para as elites e permeável à influência dos públicos fortes. (Azevedo, 2006, p. 89)

A partir desse aporte teórico, reforço que é fundamental que o pesquisador dos enquadramentos jornalísticos domine ferramentas analíticas do campo das humanidades para discernir, a partir de uma perspectiva crítica, as operações ideológicas e políticas dos jornais latino-americanos. Essas reflexões epistemológicas são essenciais para se pensar nos caminhos para a diversificação do campo de pesquisa da comunicação política.

DEBATE METODOLÓGICO: ENQUADRAMENTOS, NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DO REAL

Como já discutido, o diálogo com autores de outros campos sobre o processo de fazimento do real é imprescindível para nortear minha análise das narrativas e enquadramentos editoriais sobre o “lulopetismo”. Rancière (2005, p.59) define esse processo como construção de ficções, “rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o se faz e o que se pode fazer”. O autor ainda propõe que “os enunciados políticos e literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação

, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos de fazer e modos do dizer. (Rancière, 2005, p. 59).

A partir desse quadro, afirmo que é pela articulação de narrativas que os enunciados e rearranjos simbólicos de realidades – ou poderia dizer, os enquadramentos – podem ser transmitidos. Da mesma forma, é o tempo narrativo que pode encadear um conjunto de enquadramentos sobre temas e agentes públicos. Em *Análise crítica da narrativa*, Luiz Gonzaga Motta (2013, p. 33) afirma que “grande parte dessas representações mentais se estrutura na forma de narrativas”. Para o autor, por não existir um conhecimento direto sobre o real, a realidade precisa de mediação da linguagem para ser conhecida. Ou seja, nos termos de Motta (2013, p. 84), “a realidade é uma questão epistemológica, não ontológica”. Sendo assim, é a articulação da narrativa que torna a realidade inteligível. A partir desse quadro, uma análise crítica da narrativa seria “observar os conteúdos da comunicação narrativa como uma tessitura cognitiva entrelaçada que dá visibilidade e classifica ininterruptamente a realidade, dotando o contexto social de significados culturais” (Motta, 2013, p. 129).

Pesquisadores do campo da comunicação também compreendem os enquadramentos jornalísticos enquanto forma de construção do mundo social. Para Reese (2001, p. 11), enquadramentos são “princípios organizadores que são socialmente compartilhados e persistentes ao longo do tempo, que funcionam simbolicamente para estruturar significativamente o mundo social”. Matthes (2011, p. 249) também sustenta que o conceito engloba a ideia de “construir a realidade de uma certa maneira levando a diferentes avaliações e recomendações”.

Reforçando o argumento de que é a narrativa que articula o conjunto de enquadramentos sobre determinado assunto, Reese realiza uma observação interessante sobre um elemento da conceituação de Entman.

A definição de Entman levanta a questão de como elas [notícias] são organizadas “*in such a way as to promote*” seus efeitos. É precisamente “a forma” [no original, o termo “way” denota um movimento dinâmico] como certos atributos passam a ser associados a questões particulares que devem preocupar a análise de enquadramento. Foi um grande passo à frente na tradição empírica perceber que existem características que, quando tomadas em conjunto, contam uma história maior do que a história manifesta. O projeto de enquadramento abre mais espaço para interpretação, captura um processo mais dinâmico de negociação de signi-

ficado e destaca as relações dentro do discurso. (Reese, 2007, p. 152)

Refletindo sobre essa questão, defendo a ideia de que é preciso adensar aos estudos de enquadramento, um aprofundamento teórico-metodológico sobre a construção das narrativas e como elas podem ser melhor apreendidas pelo pesquisador. Esse aporte pode tornar menos estático e dar mais dinamicidade ao estudo de como os enquadramentos são articulados ao longo do tempo para assim compreender “a história maior do que a história manifesta”.

Nesse diálogo, é imprescindível abordar o pensamento do Paul Ricoeur. Em sua obra clássica, *Tempo e Narrativa*, o autor afirma que é a configuração de uma intriga – o agenciamento em sistema dos fatos – que encadeia “fatores tão heterogêneos como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados” (Ricoeur, 2010, pp.114-115). O autor afirma que a intriga é necessária para mediação da narrativa, conduzindo uma situação e personagens de um antes a um depois.

Essa relação se completa através de um círculo hermenêutico que Ricoeur chama de “tríplice mimese”. O conceito articula três fases da narrativa: (1) o tempo prefigurado, o mundo referencial do sujeito que narra com seus pressupostos e sistemas simbólicos – elementos que antecedem o texto, porém estruturantes da ação e de uma primeira legibilidade – (2) o tempo configurado, onde ocorre a mediação do narrador, através da intriga, utilizando os elementos linguísticos que estruturam a narrativa; e (3) o tempo refigurado, em que ocorre uma intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, este convocado a fazer parte da trama refigurando o texto.

A partir da discussão teórica, alguns passos metodológicos precisam ser observados nesta proposta de análise de enquadramentos associada à análise crítica da narrativa. Reforço que trabalho aqui na ampliação dos sentidos do conceito de enquadramento jornalístico numa tentativa de fomentar um olhar transdisciplinar, diverso e crítico, centrado em premissas epistemológicas que nos auxiliem numa contribuição latino-americana para o campo de pesquisa. O adensamento analítico das narrativas ao estudo vai no encontro do que Motta (2013, p. 119) sustenta ao afirmar que o pesquisador “não deve sentir-se constrangido com os rigores das propostas formais e consolidados da literatura, nem temer ser metodologicamente criativo. Deve buscar caminhos próprios, até porque a narratologia está em processo de geração”.

Sendo assim, inspirado, principalmente, pelas contribuições de Paul Ricoeur e Luiz Gonzaga Motta, proponho os seguintes passos metodológicos: em pri-

meiro lugar, é fundamental identificar uma serialidade temática, conectando os enquadramentos ao encadeamento narrativo – pensados aqui como pacotes interpretativos encontrados nos textos jornalísticos e que promovem o rearranjo simbólico do real – para compreender a síntese da narrativa (Motta, 2005). Para Ricoeur (2010, p. 114), é a intriga que tem a função de fazer essa síntese, uma “totalidade inteligível, de modo tal que que possa sempre perguntar qual é o ‘tema’ da história”. É desse arranjo configurante que uma história pode ser seguida. Desta forma, o pesquisador deve realizar uma leitura atenta para identificação da trama, a “chave de ouro” da narrativa.

Em segundo lugar, é importante observar a atribuição dos papéis aos personagens da narrativa; ou seja, quem são os protagonistas e os antagonistas e como eles são enquadradados e entrelaçados na trama (Motta, 2005). Nesse processo, a intriga compartilha com o leitor as pressuposições éticas do narrador sobre a “nobreza” e a “vilania”, o bem e o mal.

Como terceiro ponto, é preciso observar as estratégias textuais próprias do discurso jornalístico que intencionam provocar o “efeito de real” através da mobilização de recursos linguísticos. Por mais que os enquadramentos não sejam meramente forjados estrategicamente por atores autoconscientes para convencer seus interlocutores (Mendonça & Guimarães Simões, 2012), uma análise crítica da narrativa remete imprescindivelmente à consideração das intencionalidades do texto uma vez que é objetivo do narrar a configuração de sentidos (Motta, 2013, p. 36). Segundo Luiz Motta, jornalistas sabem como utilizar do discurso narrativo para causar efeitos de sentido emocionais como surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, deboche e ironia. Dessa forma, o leitor identifica-se com o narrado.

Tendo esse quadro em vista, este trabalho realiza uma remontagem da narrativa, ou mesmo – utilizando os termos de Ricoeur – uma refiguração do texto. O crítico da narrativa deve se apropriar da mesma para revelar a intriga, os enquadramentos, a mediação e as estratégias narrativas. Da mesma forma, é importante historicizar o discurso contido das narrativas, relacionando-o aos seus efeitos no debate público – debate esse situado espacial e historicamente.

“LULOPETISMO” NOS EDITORIAIS: ENQUADRAMENTOS E ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA

Os dias anteriores à primeira grande manifestação contra o governo Dilma e o Partido dos Trabalhadores (PT) – ocorrida num domingo, 15 de março – foram

de uma intensa elaboração de representações sobre o projeto político dos governos petistas no gênero editorial do *Estadão*. Os eventos episódicos selecionados pelos editoriais parecem se conectar a partir de uma elaboração de intriga em que era preciso recordar o que, na construção discursiva dos jornais, seria o famigerado “lulopetismo”. A narrativa editorial sobre o “lulopetismo” é repleta de deboche, acidez, ironia e, até mesmo, virulência contra o projeto político do PT e seus principais agentes políticos. A mobilização desses recursos é uma das grandes marcas da construção narrativa do jornal.

Os enquadramentos predominantes compartilhados nos editoriais do *Estadão* formam um panorama que ressalta um caráter autoritário de uma organização política com sede de se perpetuar no poder. O “lulopetismo” seria a representação de uma força ideológica de esquerda que fomenta um radicalismo virulento antidemocrático. O jornal afirmava que o “Planalto não tem qualquer pudor em explicitar que, na sua ótica, a lei é apenas para os inimigos. Para o lulopetismo, os laços de amizade – e de proximidade ideológica – estão acima das leis do País” (Ação entre amigos, *OESP*, 10/03/2015). Em outro editorial, sentencia-se que “tolerância, diálogo e respeito é tudo o que o PT jamais praticou em mais de 20 anos de oposição e 12 anos de governo. Muito menos convergência. O lulopetismo sempre tratou os adversários como inimigos a serem eliminados” (É hora de cair na real, *OESP*, 11/03/2015).

Contudo, o “lulopetismo” construído e compartilhado pelo *Estadão*, através dos enquadramentos encadeados pelo tempo narrativo, parece ser uma manifestação – ou mesmo uma projeção mimética – do corpo político de Lula, refletindo suas vontades e ações. Esse recurso narrativo é essencial para a composição da intriga na narrativa do jornal paulista. Lula é o grande antagonista da trama, ainda que não participe ativamente dos episódios retratados. As situações episódicas são interligadas pela ação desse protagonista por trás dos personagens, manipulando e movimentando as peças do jogo político para alimentar seu projeto de poder. Em suma, os enquadramentos produzidos sobre ação política de Lula fazem com que ele seja concebido como o grande inimigo a ser combatido. Dessa forma, o próprio jornal teria a missão de retirar a “máscara” desse personagem político, revelando aos leitores a “verdade” sobre ele e seu projeto político.

Os mais recentes movimentos de Lula nada mais são do que uma tentativa de desatrelar-se das trapalhadas da presidente para continuar se apresentando como o herói das classes desfavorecidas na luta contra “eles” – isto é, contra os supostos conspiradores, representantes das “elites” que tramam a queda de Dilma, e mais que isso, urdem a derrota do PT e seu projeto

redentor. Lula nunca teve pudores de abandonar pelo caminho seus companheiros de viagem, quando isso foi necessário para a manutenção de seu projeto de poder. ... Lula conduz o jogo para o terreno que lhe é favorável – o da confusão e da anarquia. (Confusão é tudo o que Lula quer, *OESP*, 08/03/2015)

Esse mesmo editorial, publicado no domingo anterior aos protestos do dia 15, já abordava a futura manifestação antipetista. Isso demonstra a importância que o jornal estava conferindo à produção de sentidos e significados ao evento que ainda estava para acontecer. O jornal já estava buscando inscrever o evento na cena pública, antecipando os sentidos sobre a manifestação. Porém, mesmo que o *Estadão* eleja o “lulopetismo” como inimigo antidemocrático a ser desmascarado, o jornal não apoia os protestos pelo impeachment de Dilma. Mais: desabona a convocação, chamando-a de “inopportunamente” e fruto de um radicalismo. Essa instigante construção de opinião é justificada da seguinte forma:

O efeito imediato das manifestações ... será o acirramento dos ânimos e a radicalização. Tal atmosfera de instabilidade ofereceria àqueles que se sentem acuados pela crise a oportunidade de reagir de forma violenta, transformando em “golpistas” todos os que se opõem ao governo Dilma O ex-presidente Lula, por exemplo, já disse que aoculará o “exército” de Stédile – o chefe do MST – contra quem for às ruas pedir a saída de Dilma. ... Quando Lula incita seus sabujos a atacar os opositores da presidente nas ruas, não é a Dilma que ele está defendendo, mas a si mesmo. ... Nesse sentido, os movimentos que defendem o impeachment de Dilma servem aos propósitos do lulopetismo, pois jogam no tudo ou nada anunciado por Lula. Nascidos à margem dos inoperantes partidos de oposição, esses movimentos acreditam que só a radicalização nas ruas será capaz de remover os petistas no poder. Mas são amadores nesse perigoso mister. Conhecendo a força da militância do PT e de seus satélites nos sindicatos e movimentos sociais, é possível imaginar a violência da reação a essa afoiteza. Pois essa é uma militância paga e profissional, pronta para a truculência. (Confusão é tudo o que Lula quer, *OESP*, 08/03/2015)

O *Estadão* enquadra os protestos contra Dilma de forma desabonadora, afirmando que estariam caindo numa armadilha criada pelo movimento/projeção das vontades de Lula, este enquadrado pelo jornal como senhor do caos e da anarquia. Essa intrigante construção narrativa utiliza, mesmo que pareça paradoxal, do próprio lugar de força autoritária do “lulopetismo”

para se posicionar contra o transbordamento da crise política para as ruas. A partir dessa afirmação, penso que, àquela altura dos acontecimentos, o interesse do *Estadão* não era propriamente desestabilizar o governo Dilma – ainda que o jornal atribua termos jocosos à presidente. Julgo que o interesse do periódico era desestabilizar o lulismo enquanto discurso poderoso de legitimação política configurado pelo corpo político de Lula.

Levanto a hipótese de que o *Estadão* ainda apostava no ajuste fiscal encampado pela equipe econômica do governo à época. Curiosamente, o jornal parecia ainda ter alguma esperança de que Dilma não servisse aos propósitos do “lulopetismo” e apoiasse com mais vigor seu ministro da Fazenda. Ainda no dia 8 de março, o *Estadão* afirmava que “apesar da crise política, o Brasil poderá chegar ao fim do ano com as contas do governo em melhor estado e com a inflação a caminho da meta, se a presidente Dilma Rousseff apoiar com determinação a equipe econômica” (Dilma pode agir sem o Congresso, *OESP*, 08/03/2015).

Contudo, mesmo que o jornal fizesse apelos a então presidente, a forma como são produzidos os enquadramentos sobre Dilma na trama é bem ácida. Ela é representada de uma forma agressiva, irônica e debochada. Comentando o pronunciamento de Dilma no dia internacional da mulher, o jornal a desqualifica como incompetente, atrapalhada e desnorteada para afirmar que

Atrás da sua soberba assoma a absoluta incapacidade de admitir os próprios erros, uma característica marcante de Lula e do PT que ela se encarregou de levar a extremos e que a torna uma governante medíocre. Não reconhecendo os próprios erros, ela escamoteia a verdade, dissimula. E como uma mentira puxa outra, Dilma encontra-se refém das fabulações com que tem insultado a inteligência dos brasileiros. (A grande mentira, *OESP*, 10/03/2015)

Quatro dias depois, o jornal criticava a tentativa de Dilma de melhorar a articulação política com uma minorreforma ministerial nos seguintes termos:

Ela vai ter de se superar, considerando a enorme dificuldade que tem de entender-se com quem quer que seja fora de seu círculo íntimo. É nesse ambiente que ela fica à vontade para exercitar seu autoritarismo e intolerância. Resta saber até que ponto está disposta a mudar, não apenas a composição de sua equipe de comando, mas a si própria. ... Se continuar assim, vai acabar forçando Lula, que é esperto o suficiente para não lhe oferecer um abraço de afogado, a encontrar outros meios para viabilizar sua ambição de vol-

tar à Presidência, ancorado no projeto de poder pelo qual o PT se tornou obcecado. (Dilma diz que vai mudar política, *OESP*, 14/03/2015)

Ao realizar esta remontagem da intriga, é possível seguir a história – nos termos de Ricoeur – para afirmar que mesmo os ataques a Dilma visavam atacar não só suas próprias características, mas atacar, também, Lula. Mesmo sem participar ativamente dos episódios, o ex-presidente sempre é trazido para a trama e aparece como fundo e tema-chave da narrativa.

Retornando ao seguimento da narrativa, ainda no dia 11 de março o periódico volta a projetar as manifestações do domingo. No editorial intitulado “É hora de cair na real”, o *Estadão* ridiculariza as respostas dos dirigentes petistas à queda da aprovação pública, mas também continua a desaprovar manifestações que podem provocar o aprofundamento da crise.

Apesar de haver setores radicais propondo a deposição legal da chefe do governo, está claro que a maior parte da oposição, na política e nas ruas, entende, sensatamente, que não é a hora de falar em impeachment. O argumento de que a oposição está tentando promover o “terceiro turno” das eleições presidenciais é risível, retórica apelativa, própria da maneira singular de o PT pensar e fazer política. ... São legítimas e democráticas, para o PT, apenas as manifestações populares por ele próprio orquestradas, ou pelas organizações sociais, sindicais e estudantis que manipula. Fora disso está tudo politicamente desqualificado, por vício de origem: ser contra o PT é o mesmo que ser contra o povo. O lulopetismo sempre tratou os adversários como inimigos a serem eliminados... (É hora de cair na real, *OESP*, 11/03/2015)

Mesmo continuando a representar o “lulopetismo” como antidemocrático, o *Estadão* não só desaprova os protestos que aconteceriam no domingo como avalia que apenas setores radicais pretendiam pedir o impeachment de Dilma, enquanto a maioria acreditaria que não seria a hora adequada – mesmo que a deposição da presidente fosse a pauta dos movimentos. A produção de sentidos sobre o futuro evento é intensamente disputada, como se o jornal pretendesse dizer o que ele deveria significar e o que não deveria.

Já no domingo, dia da grande manifestação, o jornal volta a abordar os protestos preparando o ambiente.

Hoje milhares de brasileiros estarão nas ruas das principais cidades para exercer o direito democrático de protestar contra um governo com o qual não estão satisfeitos. É um ato político saudável como são todos aqueles que per-

mitem a expressão do sentimento da cidadania Desde, enfim, que sejam pacíficos. ... O que se espera das manifestações de hoje, portanto, é que venham a significar um importante passo adiante na luta permanente pelo bem do Brasil, evitando as armadilhas que podem levar ao retrocesso. Essas armadilhas são muitas. (Tudo tem sua hora, *OESP*, 15/03/2015)

O editorial, carregado de um clima de expectativa, passa agora a promover um enquadramento sobre as manifestações do dia de forma positiva, alertando, porém, para que fossem tomados cuidados em relação ao que considerava como armadilhas do “lulopetismo”. Para o jornal, essas arapucas tinham relação tanto com possíveis confrontos com militantes, quanto pelo pedido de impeachment de Dilma. Por mais que o *Estadão* ressalte o processo de impeachment como um julgamento político e não um golpe, o jornal afirma que seria preciso que se configurassem requisitos legais que ainda não estariam dados. A partir dessa justificativa, o jornal afirma que

Não é, portanto, questão a ser resolvida apenas com base no genuíno sentimento de revolta a que os desmandos de Dilma Rousseff e do PT tem levado um número cada vez maior de brasileiros. Os brasileiros honestos devem exigir, pelos meios democráticos à sua disposição, que o governo e os homens públicos se comportem eticamente Tudo tem sua hora – e esta não é a do impeachment. (Tudo tem sua hora, *OESP*, 15/03/2015)

Existe aqui nesse trecho o começo de uma mudança de perspectiva do *Estadão* no sentido de se aproximar dos movimentos de rua, se colocar no mesmo campo de ação política para então disputar os significados, as pautas e os direcionamentos do campo oposicionista – no caso, defender a posição de que ainda não era a hora do impeachment. Dois dias depois, o jornal lança editorial para comentar as manifestações de domingo e seus efeitos. O título “Os brasileiros falaram” já apresentava o direcionamento do periódico para a representação do evento. A utilização de recursos narrativos que associam as vozes dos manifestantes a uma única voz da nação ou do povo brasileiro produz um efeito de autoridade que seleciona certos discursos como válidos e exclui discursos divergentes. Essa construção é realizada no editorial a partir de um enaltecimento das manifestações verde-amarelas.

Os brasileiros saíram às ruas – cerca de 1 milhão só em São Paulo – para dizer que não aceitam os caminhos pelos quais a presidente Dilma Rousseff e o PT estão conduzindo o País. Foi uma contundente manifestação espontânea, com o predomínio da classe média – assalaria-

dos, profissionais liberais, pequenos empreendedores, jovens e idosos – a exigir dos governantes probidade e competência na gestão da coisa pública. O desprezo pela probidade por parte do partido que dirige o País há mais de 12 anos está cruelmente exposto na sucessão de dois grandes escândalos de corrupção: o mensalão e o da Petrobrás. ... Os brasileiros saíram às ruas em 15 de março disseram basta a tudo isso, inclusive à teimosia da presidente da República em não admitir seus erros. E o povo falou que Dilma – reeleita há quatro meses – já não merece sua confiança. Falou que não quer mais, encastelada no governo, uma quadrilha que assalta sistematicamente a Fazenda Pública. Falou que não mais tolera uma administração que não trabalha para benefício de todos, e sim para a perpetuação de um projeto de poder que repudia, por antidemocrático e divorciado do interesse nacional. (Os Brasileiros falaram, *OESP*, 17/03/2015)

O *Estado de S. Paulo* reforça não só a quantidade de manifestantes nas ruas como uma suposta “qualidade moral”. A escolha textual de justificar a espontaneidade da manifestação através da citação de diversos setores etários e profissionais se encaixa numa estratégia narrativa de representar uma amplitude do movimento e de universalizar o discurso do jornal sobre o mesmo. Interessante também é a volta do tema da corrupção nos governos petistas como razão para a insatisfação das ruas. No *Estadão* a corrupção ocupa um lugar importante na caracterização do projeto lulista. A corrupção seria uma das ferramentas do “lulopetismo” como projeto de poder.

Ainda sobre a primeira reação do jornal aos protestos do dia 15, um trecho é bem significativo ao manifestar o que poderia ser, em sua opinião, os efeitos políticos dos protestos:

Nesse sentido, embora as manifestações de protesto tenham sido focadas em Dilma e no PT, abrangeram como um todo o ente governamental – ou “a política” – e podem por essa razão produzir no Congresso o efeito positivo de facilitar a aprovação das medidas de ajuste fiscal propostas pelo Executivo. Afinal, os parlamentares estão empenhados em afirmar diante do Executivo a autonomia do poder que representam, mas sabem perfeitamente de onde vêm os votos que os elegem. (Os Brasileiros falaram, *OESP*, 17/03/2015)

Aqui fica evidente a tentativa de deslocar os sentidos do dia de manifestações para empoderar o Congresso a aprovar as medidas de austeridade propostas pelo governo. Chega a ser engraçado, uma vez que

qualquer efeito prático desses protestos, logicamente, é o enfraquecimento do governo. Esse *whisful thinking* demonstra a confluência do jornal com a política econômica neoliberal.

Nos dias seguintes, o *Estadão* continua a repercutir os ecos das manifestações e as tentativas de resposta do governo. O foco parece indicar uma descrença de que Dilma poderia ouvir os apelos dos setores econômicos e realmente cumprir as medidas apoiadas pelo jornal. O *Estadão* desqualifica Dilma utilizando termos como autossuficiente, autoritária e pouco disposta a ouvir. Outra grande desconfiança em relação ao compromisso fiscal do governo é a relação da presidente com Lula e o PT. Para o *Estadão*, o “lulopetismo” poderia a qualquer momento descartar Dilma para manter seu projeto de poder.

... desde que chegaram ao poder, Lula e o PT se empenharam em propagar a versão de que ‘nunca antes na história deste país’ houve governos tão maravilhosos. Enquanto tinha algum lastro na realidade, com investimentos sociais fortemente propagandeados e crescimento econômico baseado em fundamentos sólidos e favorecido pela conjuntura internacional, o ‘nunca antes’ funcionou bem a ponto de garantir mais três eleições presidenciais para o lulopetismo. Aí Dilma Rousseff entrou em cena e se encarregou de fazer tudo errado. (A manipulação da comunicação, *OESP*, 19/03/2015)

O PT, na verdade, está menos preocupado com os problemas reais que Dilma enfrenta do que em encontrar para si a porta de saída de uma crise que pode levá-lo a se confrontar com a temida e indesejável alternância no poder. Prestar atenção ao que Lula tem dito e feito ajuda a ilustrar esse cenário. (A humildade de Dilma, *OESP*, 18/03/2015)

Lula mais uma vez é o personagem por trás da trama; é enquadrado como o antagonista que manipula o jogo político de acordo com seus interesses de poder. A estratégia de desestabilização do lulismo através da demonização de Lula, seu partido e projeto político prosseguia ainda que o jornal não embarcasse diretamente, nesse momento, na deposição da ex-presidente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao disputar a estruturação dos sentidos dos acontecimentos, o jornalismo age como um ator político que dispõe de um “poderoso capital simbólico no jogo de disputa de poder e construção de memórias e marcos históricos” (Meneses, 2011, p. 75). Essa potência exercida na feitura de realidade foi largamente mobilizada

pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, reproduzindo enquadramentos sobre o projeto político de Lula, Dilma e o Partido dos Trabalhadores com a escalada da crise em que era atingido em março de 2015.

Como demonstrei, o jornal investiu na construção de uma narrativa editorial cujo tema chave foi o “lulopetismo”, um projeto autoritário e corrompido encaralado pela insatisfação das ruas. Para o *Estadão*, esse projeto era enquadrado como virulento e autoritário, um movimento político que representava uma projeção mimética dos desejos de poder de Lula. Esse processo ficcional construiu representações que criminalizavam e demonizavam o projeto político encampado pelos governos petistas.

Pensando o lulismo enquanto formulação narrativa configurada pelo corpo político de Lula, é fundamental observar a luta sobre suas representações, uma vez que elas são fundamentais pela disputa do poder. Os editoriais da empresa jornalística aqui estudados parecem investir de forma sistemática na formulação enquadramentos e uma narrativa que antagonizavam com o lulismo, mobilizando recursos simbólicos para deslegitimá-lo. Nesse sentido, ao elaborarem esses enquadramentos por meio do gênero editorial, *O Estado de S. Paulo* pode ser compreendido como ator político fundamental dessa disputa simbólica, portanto, de poder.

Esse estudo de caso dá força ao argumento de que é necessário uma abordagem epistemológica crítica para o avanço de uma perspectiva latino-americana do campo de pesquisa sobre enquadramentos. Em sociedades marcadas pelo colonialismo que gerou profundas relações desiguais de poder, a atuação dos jornais na construção do mundo social precisa ser estudada a partir da análise do lugar de enunciação que os mesmos ocupam nas estruturas de poder. A ação do *Estadão* em lutar abertamente sobre os sentidos do lulismo se relaciona ao argumento de Albuquerque (2019) de que os jornais se apropriam do papel normativo de defensores do interesse público para agir diretamente em prol de seus interesses particulares e a partir de suas disposições ideológicas, solapando a própria democracia afirmando defendê-la. Para discernir e localizar a ação do jornal na produção dos enquadramentos, o pesquisador precisa dominar ferramentas transdisciplinares que o permitam avançar para além da reprodução automática do conteúdo das ênfases e saliências do enquadramento.

A partir da discussão teórica e da análise crítica dos editoriais do *Estadão*, proponho uma tipologia que englobe três dimensões de objetivos para enquadramentos de movimentos e personagens políticos em editoriais jornalísticos latino-americanos: (1) enquadramentos de apropriação política, quando o jornais

representam movimentos políticos de forma heroica e em sintonia com seus próprios discursos, apropriando-se de suas pautas para se aproximar e disputar os rumos, estratégias e caminhos do movimento/projeto político em questão, como foi percebido na apropriação das manifestações antipetistas no intuito de pautar o movimento. (2) Enquadramentos de oposição política, quando são produzidas representações negativas, e mesmo acirradas, contra movimentos ou personagens políticos mas sem uma radicalização profunda pela destruição de sua imagem pública, como ainda, naquele momento, o *Estadão* representava Rousseff. Por último, os (3) enquadramentos de demonização política, em que são engendrados significados e símbolos que visam o aniquilamento da imagem daquele projeto/movimento ou mesmo personagem político, investindo de forma constante em sua vilanização e na instrumentalização de poder simbólico para insultar abertamente os leitores contra o personagem em questão, como apontei na construção do “lulopetismo” como movimento e expressão mimética de Lula.

Novas questões, também, irrompem para o seguimento de uma agenda de pesquisa. Por exemplo, (1) é preciso avançar a investigação sobre os interesses políticos e econômicos que influenciaram a tessitura da narrativa do jornal naquele contexto. Ademais, (2) interessa pensar sobre a confluência dos enquadramentos analisados com os discursos do grupo de extrema-direita que ascendeu ao poder em 2018 no Brasil. E por último, (3) é importante ampliar a compreensão de como essas narrativas foram se construindo para além do recorte temporal desse trabalho, antes e depois do aprofundamento da crise que levou a deposição de Dilma.

Por fim, este trabalho de remontagem da intriga da narrativa jornalística e do encadeamento de seus enquadramentos me permitiu compreender o jornal *Estado de S. Paulo* como ator político fundamental na desestabilização do lulismo. Afirmo que nesse processo – através de estratégias narrativas e recursos linguísticos que promoveram a estigmatização do projeto político do Partido dos Trabalhadores – as posições políticas de uma das maiores empresas jornalísticas do país insuflou afetos e ódios que colaboraram não só para a exacerbada do sentimento antipetista, mas, principalmente, para a crise da democracia brasileira.

Submetido em 15/07/2022
Aceito em 18/04/2023

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. (2019). Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America. *Journalism*, 20(7), 906-923. <https://doi.org/10.1177/1464884917738376>
- Albuquerque, A., & Oliveira, T. (2021). Pensando o decolonial nos estudos da Comunicação: reflexões a partir da América Latina. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 18(51), 82-102. <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v18i51.2521>
- Armañanzas, E., & Nocí, J. (1996). *Periodismo y argumentación*. Universidad del País Vasco.
- Azevedo, F. (2006). Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, 12(1), 88-113. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762006000100004>
- Azevedo, F. (2016). *A Grande Imprensa Brasileira*. São Carlos: UFSCar.
- Bateson, G. (2002). Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (Org.), *Sociolinguística interacional* (2 ed., pp. 257-264). São Paulo: Loyola.
- Campos, L. (2014). A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências. *Opinião Pública*, 20, 377-406. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912014203377>
- Cappella, J., & Jamieson, K. (1997). *Spiral of cynicism. The press and the public good*. New York: Oxford University Press.
- Castro-Gómez, S. (2010). *La hybris del punto cero*. Editorial Pontificia Universidad Javeriana.
- Castro-Gómez, S., & Grosfoguel, R. (2007). Giro colonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In S. Castro-Gómez, & R. Grosfoguel (Eds.). *El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica* (pp. 9-23). Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Entman, R. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Gagliardi, J. (2018). “Um projeto de poder por vias não democráticas”: *O Globo e a narrativa do lulopetismo*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Gamson, W. (2001). Foreword. In S. D. Reese, O. H. Gandy Jr., & A. E. Grant (Eds.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Gamson, W., & Modigliani, A. (1987). The changing culture of affirmative action. In R. Braungart (ed.), *Research in political sociology*, Vol. 3 (pp. 137-177). Greenwich: JAI Press.
- Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching*. Berkeley: University of California Press.
- Goffman, E. (1986). *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press.
- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn. *Cultural Studies*, 21(2-3), 211-223. <https://doi.org/10.1080/09502380601162514>
- Guerrero, M. (2014). The ‘Captured Liberal’ Model of Media Systems in Latin America. In M. Guerrero & M. Márquez-Ramírez (Eds.). *Media Systems and Communication Policies in Latin America*, (pp. 43-65) Palgrave Macmillan, UK: Springer.
- Marques, J., Mont’Alverne, C., & Mitozo, I. (2021). Editorial journalism and political interests, *Journalism*, 2(11), 2816-2835. <https://doi.org/10.1177/1464884919894126>
- Matthes, J. (2012). Framing politics: An integrative approach. *American Behavioral Scientist*, 56(3), 247-259. <http://dx.doi.org/10.1177/0002764211426324>
- Mendonça, R. F., & Guimarães Simões, P. (2012). Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(79), 187-201. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>
- Meneses, S. (2011). *A Operação Midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Motta, L. (2005). A análise pragmática da narrativa jornalística. In *Anais do Congresso Brasileiro. de Ciência da Comunic.* São Paulo: Intercom.
- Motta, L. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora UnB.
- Pimentel, P., & Marques, J. (2021). De-Westernizing Media Parallelism, *Journalism Studies*, 22(3), 282-304. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1867000>
- Pimentel, P., & Marques, J. (2021). Narrativas em disputa: os editoriais de *O Globo* e a desconstrução da ideia de “golpe”. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, 46(2), 276-296. <https://doi.org/10.1080/08263663.2021.1912151>
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34.
- Reese, S. (2001). Framing public life. In S. D. Reese, O. H. Gandy Jr., & A. E. Grant (Eds.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world* (pp. 7-31). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Reese, S. (2007). The framing project: A bridging model for media research revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00334.x>
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus.
- Van Dijk, T. (2017). How Globo media manipulated the Impeachment of President Dilma Rousseff. *Discourse & Communication*, 11(2), 199-229. <https://doi.org/10.1177/1750481317691838>



RESUMO | ABSTRACT | RESUMÉ

A narrativa e os enquadramentos do Estadão sobre o “lulopetismo” : uma perspectiva crítica latino-americana

Le récit et les cadrages médiatiques du “Lulopétisme” dans *O Estado De S. Paulo* : Une perspective critique latino-américaine

Narrative construction and framing of “Lulopetism” in *O Estado De S. Paulo* : a latin american critical perspective

Pt. No processo de significação dos acontecimentos, as narrativas jornalísticas ocupam um lugar privilegiado no rearranjo simbólico que constrói o real. Através dos campo de pesquisa dos enquadramentos, pesquisadores podem compreender a estruturação simbólica que confere sentido aos acontecimentos midiáticos. Contribuindo para a temática, este artigo tem por objetivo analisar os enquadramentos em torno do projeto político do Partido dos Trabalhadores elaborados pelos editoriais jornalísticos do *Estado de S. Paulo* durante o mês de março de 2015, período da primeira grande manifestação pelo impeachment de Dilma Rousseff. O trabalho procura refletir sobre a importância de uma perspectiva latino-americana para enriquecer os estudos sobre enquadramento, a partir de pressupostos epistemológicos críticos que levem em conta as características da região marcada pelas profundas relações desiguais de poder derivadas da colonialidade. Ao mobilizar um referencial teórico-metodológico que tensão a relação entre narrativas e enquadramentos, comprehende-se a atuação política do jornal no período ao promover um tratamento que demonizava o lulismo, procurando desestabilizá-lo.

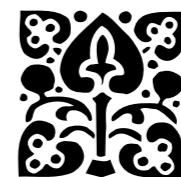
Palavras-chave: Enquadramentos; Lulopetismo; Perspectiva pós-colonial; Narrativa jornalística.

Fr. Au cours du processus de signification des événements, les récits journalistiques occupent une place privilégiée dans la réorganisation symbolique qui construit le réel. Le champ de recherche des cadrages peut aider les chercheurs à mieux comprendre la structuration symbolique qui donne un sens aux événements médiatiques. Cet article se propose de contribuer à la réflexion sur ce thème en analysant les cadrages du projet politique du Partido dos Trabalhadores dans les éditoriaux du quotidien *O Estado de S. Paulo* publiés en mars 2015, au moment de la première grande manifestation en faveur de la destitution de Dilma Rousseff. Nous discuterons l'importance d'une perspective latino-américaine pour enrichir les études sur le cadrage, à partir d'hypothèses épistémologiques critiques qui prennent en compte les caractéristiques de la région, marquée par des rapports de pouvoir profondément inégalitaires dérivés de la colonialité. La mobilisation d'un référentiel théorique et méthodologique mettant en tension le lien entre récits et cadrages permet de mieux saisir le rôle politique joué à l'époque par ce journal, à travers l'adoption d'un traitement médiatique diabolisant le « lulisme » (ou « lulopétisme ») et cherchant à le déstabiliser.

Mots-clés : cadrage ; lulisme ; lulopétisme ; perspective postcoloniale ; récit journalistique.

En. In the process of signifying events, journalistic narratives occupy a privileged place in the symbolic reorganization that constructs reality. The field of research on framing can support researchers in better understanding the symbolic structuring that gives meaning to media events. This article makes a contribution to discussions on this theme through the analysis of the framings of the political project of the Partido dos Trabalhadores in the editorials of the daily *O Estado de S. Paulo* published in March 2015, at the time of the first major demonstration in favor of the impeachment of Dilma Rousseff. We will discuss the importance of a Latin American perspective to enrich studies on framing, based on critical epistemological assumptions that take into account the characteristics of the region, which is marked by deeply unequal power relations derived from coloniality. The mobilization of a theoretical and methodological framework that brings into tension the correlation between narratives and framing enables us to better grasp the political role played by this newspaper at the time, through the adoption of a media treatment demonizing "lulisme" (or "lulopetism") and attempting to destabilize it.

Keywords: framing; lulism; lulopetism; postcolonial perspective; journalistic narrative.



De herói a vilão Wallace Souza e o enquadramento sensacionalista no jornalismo brasileiro

HENRIQUE CAIXETA MOREIRA

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Universidade Federal de Minas Gerais

henriquecaixetamoreira@gmail.com

ORCID: /0009-0002-7407-6393



Francisco Wallace Cavalcante de Souza, ou, como conhecido, Wallace Souza, foi deputado estadual do Amazonas por três mandatos consecutivos e apresentador do programa Canal Livre, originalmente exibido pela TV Rio Negro, atual TV Bandeirantes Amazonas. Vítima de uma parada cardíaca, o ex-deputado, que faleceu em julho de 2010, estava internado sob tutela do Estado por suspeita de envolvimento em diversos crimes, incluindo uma série de assassinatos que ocorreram em Manaus (AM) em anos anteriores¹. Wallace era acusado de comandar os crimes que viria a reportar em seguida em seu programa. O falecimento de Wallace se torna mais um capítulo na história do programa, mas não a encerra.

Após sua morte, a investigação acerca do envolvimento entre jornalismo e criminalidade no Canal Livre continuou, culminando na condenação de dois irmãos de Wallace. Carlos e Fausto – que também foram apresentadores do programa Canal Livre e mantiveram a atração televisiva após a morte do irmão – foram acusados de utilizar do programa de cunho jornalístico² para reportar crimes cometidos a mando deles com o intuito de atrapalhar facções de tráfico de drogas rivais. O programa serviria como uma espécie de vitrine para a organização criminosa comandada por eles e como uma arma para a conquista de poder pelos irmãos, que concorreram a diversos cargos pú-

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Henrique Caixeta Moreira, Bruna Silveira de Oliveira,
« De herói a vilão: Wallace Souza e o enquadramento
sensacionalista no jornalismo brasileiro », *Sur le
journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En
ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 -
15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.521>

blicos. Wallace foi eleito deputado estadual três vezes (1998, 2002 e 2006) e em uma das eleições se consagrou como o deputado mais votado do Brasil. Sob a chancela do jornalismo, os irmãos tinham contatos privilegiados na polícia militar amazonense, voz ativa e frequente na programação televisiva do estado e a simpatia da população, que via no programa um ímpeto de combate à criminalidade.

E é a partir da figura emblemática de Wallace Souza que o presente artigo discute as relações entre a utilização de enquadramentos sensacionalistas pelo jornalismo brasileiro e o caso da série documental da Netflix Bandidos na TV, que conta a história do ex-deputado e do programa Canal Livre. Com o objetivo de responder à pergunta “Como determinados enquadramentos podem corroborar para a construção da imagem de uma personalidade como herói ou bandido?”, tomamos como objeto de análise a série, que se apropria desses enquadramentos para a criação de um roteiro interpretativo. Este trabalho olha para a série no intuito de buscar respostas acerca das representações feitas de Wallace Souza. Apesar de o objeto do artigo ser a série da plataforma de streaming, é válido ressaltar que discutimos também sobre o programa Canal Livre e sobre a figura de Wallace Souza, já que ambos estão imbricados à produção documental.

Para a construção da análise, focamos em dois eventos narrativos da série, denominados “O sequestro” e “A investigação dos funcionários”, respectivamente, do primeiro e do segundo episódio. Tais eventos foram selecionados por dar enfoque em Wallace Souza, tentando construí-lo como herói e/ou vilão, e pelos seguintes critérios: a) o fato de serem os primeiros eventos dos dois primeiros episódios; b) ambos os eventos são primordiais para o entendimento de Wallace como uma figura que tem credibilidade perante à opinião pública. Passamos, assim, pelas questões que abordam a imagem construída de Wallace Souza, e pelos embates e significados que corroboram com tal posicionamento. Na tentativa de acessar os significados que são colocados em jogo pela série, o enquadramento é eleito para ser utilizado como um operador metodológico de análise.

A partir da perspectiva de que a série documental pode ser entendida como um tipo de jornalismo (Nichols, 2005), trazemos como um dos resultados do artigo a noção de como Bandidos na TV, ao se utilizar também de enquadramentos sensacionalistas – da mesma maneira que o programa Canal Livre – produz um efeito na construção da imagem de Wallace Souza. Isto é, ao reconstruir tramas jornalísticas, a série pretende desenhar a imagem do apresentador e deputado ora como herói, ora como bandido.

O artigo está assim dividido: primeiramente, descrevemos a série Bandidos na TV e explicamos sobre

as problematizações que envolvem o programa Canal Livre, bem como a construção da figura de Wallace Souza; na próxima seção, discutimos como o sensacionalismo pode ser entendido como um tipo de enquadramento jornalístico e sua relação contextual com o Brasil; posteriormente, apresentamos o percurso metodológico; e por último, trazemos a análise dos eventos narrativos.

A SÉRIE BANDIDOS NA TV E O PROGRAMA CANAL LIVRE: A CONSTRUÇÃO DE WALLACE SOUZA

Com um discurso punitivista e sensacionalista (Arcoverde, 2019) o programa Canal Livre promoveu uma aparente guerra contra a criminalidade reportando pontos de vendas de drogas, acompanhando “batiadas” policiais e denunciando o crime organizado no estado. Era comum para os telespectadores do programa o acompanhamento praticamente em tempo real de crimes e assassinatos, o que levantou suspeitas do ministério público. Por vezes, os repórteres do Canal Livre chegavam à cena dos crimes antes da polícia. O argumento apresentado à época pelos produtores do programa para tal eficiência era que a população ligaria primeiramente para o programa para denunciar o crime e apenas depois para a polícia. A validade do argumento era dada pelo caráter ultra popular do programa que batia recordes de audiência na época e pela imagem pública idônea de seu apresentador Wallace Souza, que à época era visto como um combatente do crime na televisão. Além disso, ele tinha acesso facilitado às ações policiais por ser ex-policial militar. Wallace Souza e seus irmãos ficaram conhecidos como “irmãos coragem” pelo aparente combate público ao crime organizado. Toda essa construção midiática ajudou Wallace a alavancar sua carreira política.

É importante ressaltar que o caráter popular de Wallace na política não se configura como um evento isolado. O apresentador pode ser colocado em um grupo de apresentadores de programas brasileiros semelhantes que também tiveram suas imagens públicas alavancadas. Alguns inclusive, como é o caso de Wallace, entraram na vida política ganhando eleições com votações expressivas. É o caso de Luiz Carlos Alborghetti, apresentador do programa Cadeia na década de 1990, que foi eleito deputado estadual pelo estado do Paraná e de Mauro Tramonte, eleito em 2018 como o deputado mais votado no estado de Minas Gerais. Tramonte apresenta o programa Balanço Geral em Belo Horizonte.

No Brasil, o jornalismo policial se configura como um modelo recorrente na televisão aberta desde a década de 1990 (Lana, 2009). Esses programas visam



como público parcelas mais populares da sociedade e se distanciam dos tradicionais programas jornalísticos dando enfoque nas pessoas e histórias comuns, na preocupação com a retratação da criminalidade nos programas e na exploração das situações íntimas de pessoas reais. Além de uma estética mais popular, outro rompimento característico desses programas diz sobre a performance dos apresentadores. Ao contrário do tom sério dos tradicionais telejornais, os programas policiais contam com apresentadores muito performáticos que gritam e se exaltam em quadro mostrando uma performance diferente de eloquência e oratória. O programa “Cadeia” pode ser utilizado como exemplo dessa performance, seu apresentador, Luiz Carlos Alborghetti, apresentava o programa com uma toalha enrolada no pescoço e com um porrete de madeira na mão que utilizava para golpear a mesa freqüentemente. Em 1994, o programa começou a se chamar Cadeia Neles, em referência ao bordão muito utilizado no programa cobrando punição para os crimes relatados. A eloquência e a performance da oratória ganham destaque no trabalho de Negrini e Tondo (2007) sobre José Luiz Datena, apresentador do programa Brasil Urgente. Para os autores, “o apresentador vai além da simples transmissão de notícias, ele enaltece suas idéias com um conjunto de artimanhas espetaculares, fazendo com que a forma de apresentação tenha destaque sobre o que é apresentado.” (Negrini & Tondo, 2007, p. 31). Nessa perspectiva, a dramatização e a espetacularização se configuram para além da instituição jornalística e fazem parte também do aparato pessoal dos apresentadores. Através da performance, altamente dramática, pessoal e sensacionalista, os apresentadores constroem suas imagens pautadas no universo do julgamento moral promovido por esses programas, onde são os promotores da acusação, o juiz e o júri.

O programa Canal Livre foi ao ar pela primeira vez em 1996, e, além de narrar as ações policiais, o programa acompanhava tais movimentações, mostrando com detalhes corpos mortos, mutilados, carbonizados e, por vezes, situações com trocas de tiros e mortes na frente das câmeras. Para Arcos:

Os limites daquilo que se podia mostrar ou não no programa eram flexíveis. Não existia pudor em apresentar corpos queimados, traficantes baleados, poças de sangue e execuções frias. Todos esses elementos eram constantes nas coberturas jornalísticas do programa. Os corpos mortos violentamente na tela da televisão eram naturalizados. O móbido se constituía em um valor notícia. (Arcos, 2009, p. 6)

Apesar da grande popularidade desses programas policiais de cunho sensacionalista, demonstrada no sucesso político de seus apresentadores e em sua presença ainda atual nas televisões e na política nacional,

sua atuação não é apoiada por todos os setores da sociedade. Existem instituições que atuam no combate aos programas policiais especialmente por sua postura em matérias envolvendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Desde 2002, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados organiza uma campanha intitulada “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”³ que recolhe denúncias a programas televisivos que descumprem artigos da Constituição Federal, do ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Imprensa.

Em 2019, a produtora Netflix lançou oficialmente a série Bandos na TV, que narra a história de Wallace Souza. Nove anos após o falecimento de seu personagem principal, a série documental vai ao ar e traz ao telespectador um compilado de imagens e depoimentos reais sobre o caso, narrando a história de Wallace e do Canal Livre. Sob a direção de um diretor britânico com origens paraguaias (Daniel Bogado) e uma diretora brasileira criada na Inglaterra (Suemay Oram), Bandos na TV constrói uma narrativa inédita. A série não leva o telespectador de maneira objetiva à conclusão dos fatos, ela dramatiza o acontecido ora trazendo as provas da acusação, ora trazendo as provas da defesa, fazendo com que a audiência vivencie a experiência da incerteza sobre a culpa de Wallace, emulando a experiência vivida pela população amazonense à época dos acontecimentos.

SENSACIONALISMO COMO UM ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO

A fim de situarmos a abordagem sobre enquadramento midiático e sobre o sensacionalismo que iremos adotar no presente trabalho, é válido considerarmos, brevemente, a contextualização do fazer jornalístico no Brasil. A chamada “modernização autoritária” (Albuquerque, 2010) do jornalismo brasileiro, que se deu em torno de 1950, produziu efeitos diversos no cenário midiático: além de potencializar um nicho empresarial da mídia tradicional, com a bandeira do “jornalismo de qualidade” e de “referência”, também consolidou as iniciativas alternativas e sensacionalistas, que seriam, posteriormente, controladas também pelas grandes empresas (Góes, 2014, 2018). Isto significa dizer que a “modernização” foi forjada para a manutenção das relações de poder, o que foi sustentado pela percepção – de membros da elite – de que a sociedade brasileira seria inferior, atrasada e periférica e que, só a partir de uma solução autoritária, como uma domesticação punitiva, por exemplo, seria possível superar esse atraso (Albuquerque & Góes, 2010, 2018). Tal perspectiva é facilmente compreendida se considerarmos as raízes históricas do Brasil: um país latino-americano, que

sofreu (e ainda sofre) os efeitos da colonização, seja nas esferas culturais, sociais, e até midiáticas.

De acordo com Pérez Arce (2019), a imprensa sensacionalista latino-americana está relacionada aos diversos processos de marginalização das classes populares. Assim, com a percepção de que tais classes se aproximam mais dessas narrativas, as produções sensacionalistas adotam o melodramatismo e o exagero (Pérez Arce, 2019). Como características do jornalismo sensacionalista na América Latina, pode-se citar: a preferência pelo entretenimento em prol da veracidade; as abordagens transgressivas; a procura pela horizontalidade com as audiências; e a narrativa da ação, e não da análise (Pérez Arce, 2019; Mecassi & Lavander, 2002).

É a partir desse cenário brasileiro e latino-americano que o sensacionalismo será detalhado no artigo. Enquanto uma forma específica de enquadramento do jornalismo (Franciscato & Góes, 2012), o sensacionalismo pode ser visto como uma ferramenta de organização da realidade (Gomes, 2011), como já mencionado, destinada às camadas mais populares. Quando falamos em sensacionalismo no Brasil é comum que nossos olhares sejam direcionados aos clássicos telejornais policiais ou dramáticos, como Brasil Urgente (Lana, 2009), Cidade Alerta (Oliveira, 2011) e Balanço geral (Borja, 2011). Os enquadramentos sensacionalistas na descrição de casos de homicídio, como nos telejornais citados, causam o medo de crimes (Peelo et al., 2014; Wong & Harraway, 2019), e acabam por incentivar o público a se identificar e a se envolver emocionalmente com os eventos (Gilchrist, 2010; Wong & Harraway, 2019; Otto, Gloger & Boukes, 2017). De acordo com Wong e Harraway (2019) certos elementos de destaque sensacionalista nas histórias moldam a categorização de notícias para “importantes”.

Diversos teóricos da comunicação se dedicaram a estudar as distinções entre “notícias importantes” e “notícias interessantes” – ou, ainda, *information* e *stories* – (Azevedo & Schaun, 2016; Gans, 1979; Schudson, 1978; Wolf, 2003, entre outros). Para Azevedo e Schaun (2016), as notícias importantes seriam aquelas que visam o interesse público, enquanto as interessantes as que atraem o interesse do público. Os autores afirmam, então, que a imprensa sensacionalista se aproxima desses dois valores-notícias que parecem inconciliáveis: as notícias importantes e as interessantes, na medida em que realizam uma fusão de informação com entretenimento. Para os objetivos do presente artigo, é importante mencionar que consideraremos o conteúdo tratado pelo jornalismo sensacionalista como um assunto da esfera pública, visto que são abordadas questões de violência que poderiam ser resolvidas com políticas públicas mais eficazes e por meio de um processo deliberativo mais efetivo, por exemplo. É

fato que a intenção desses veículos não é politizar os eventos e nem possibilitar qualquer sentido histórico ou panorâmico, mas sim gerar reações momentâneas de sentimento na audiência (Góes & Marques, 2014, 2006). No Canal Livre, a título de exemplo, a participação da audiência se torna central para a construção do enquadramento sensacionalista. Apesar de a audiência sensacionalista ser considerada crítica e despolitizada, isto não significa dizer que os eventos retratados não devem ser discutidos em esfera pública.

Adotar o sensacionalismo como uma forma de enquadramento nos ajuda a entender como ele está relacionado, de maneira enraizada, com o fazer jornalístico (Azevedo & Schaun, 2016; Góes, 2014; Marshall, 2003; Schudson, 1978). De acordo com Otto et al., 2017, o sensacionalismo representa um tipo de cobertura jornalística que tem como consequência provocar reações aos destinatários, como atenção e emoção, a partir do uso de características específicas da produção sensacionalista – que engloba características audiovisuais e linguísticas. Franciscato e Góes (2012) apontam três formas de representação do sensacionalismo: a) enquanto conteúdo; b) enquanto linguagem, e c) enquanto estratégia empresarial-mercadológica diretamente conectada ao campo organizacional do jornalismo – a esta terceira, iremos incluir uma perspectiva semelhante, mas que se alinha melhor aos nossos objetivos, que é: d) o sensacionalismo como influência sobre a opinião pública.

Enquanto conteúdo (a), podemos focar: i) no caráter episódico das notícias, isto é, a capacidade de ser fechada em si mesma, de modo que não se remeta a uma solução contextual ou externa à situação. Nos programas de jornalismo policial ou dramático esse tipo de matéria é comum, principalmente quando se trata de retratação da criminalidade, violência urbana e especialmente sobre sujeitos negros; ii) na atenção ao “interesse humano” (Azevedo & Schaun, 2016; Franciscato & Góes, 2012.). Estes conteúdos são caracterizados por trazerem um rosto humano, por contarem a história de um indivíduo, normalmente uma história de sofrimento ou superação, a partir de um ângulo emocional e de espetacularização; iii) nas reflexões acerca da moralidade - o caráter moral nos jornais policiais ou dramáticos revela a maneira como enquadram a realidade e como são enquadradados por ela. A leitura moral promovida por esses jornais sensacionalistas costumeiramente é de caráter conservador (Amaral, 2005; Franciscato & Góes, 2012; Góes, 2014), em que tais produtos se comportam como verdadeiros educadores do certo e errado. Construindo representações exageradas guiadas por esses princípios, esses jornais buscam reforçar o domínio do vigente; e, por último, podemos abordar: iv) a violência como uma das características do sensacionalismo do ponto de vista do conteúdo (Góes, 2014).

Compreendido como linguagem (b) visual e discursiva, o sensacionalismo se vale de escolhas – como o exagero, o dramatismo, o caráter vexatório, a repetição, os bordões, a linguagem popular – que corroboram com o tom punitivista dos jornais policiais, como é o caso do Canal Livre.

Quando descrevem o sensacionalismo como uma estratégia empresarial-mercadológica (c), Franciscato e Góes (2012) mencionam o fato de a produção sensacionalista ser uma criação das instituições desde antes mesmo da construção das matérias. “Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação” (Marcondes Filho, 1986, p. 66). Apesar dos 36 anos que nos distanciam da proposição de Marcondes Filho, faz sentido mencionarmos tal reflexão no entendimento do sensacionalismo e de seu caráter organizacional, que leva a empresa à necessidade de conquistar um público específico para a capitalização da notícia.

Em relação à última perspectiva proposta, que diz respeito ao sensacionalismo como influência sobre a opinião pública (d), partimos da compreensão de que as notícias sensacionalistas, ao afetarem os públicos e provocar sentimentos como empatia, por exemplo, atraí naturalmente a atenção dos receptores (Otto et al., 2017; Davis & McLeod, 2003). Entendemos, então, que as disputas de significados acirradas por diferentes enquadramentos produzem efeitos na opinião pública.

As histórias jornalísticas podem ser entendidas como o sistema circulatório da vida pública, na medida em que carregam quadros de questões (D'Angelo, 2012). Isto significa dizer que os enquadramentos descrevem certas políticas e problemas sociais e, dessa forma, moldam as percepções públicas de questões sociais e também a compreensão do público sobre os critérios fundamentais para implementação de medidas políticas (D'Angelo, 2012; Furedi, 2016; Nelson & Willey, 2001; Paulsen, 2003; Wong & Harraway, 2019).

Outra característica importante para entendermos o funcionamento do sensacionalismo e da popularização dos jornais policiais ou dramáticos é a construção do herói. Um fator que chama a atenção no caso do Canal Livre retratado em Bandidos na TV é como Wallace Souza ganhou notoriedade e construiu uma imagem pública de herói, sendo eleito como o deputado mais votado do país em uma cidade que figura, nacionalmente, como a sétima mais populosa. A ascensão e a queda de Wallace se deram em materialidade: ele foi preso, perdeu benefícios parlamentares e teve contas bloqueadas. No entanto, elas também se deram em um lugar de abstração: a opinião pública. Wallace utilizava sua credibilidade como instrumento de poder para mobilizar a opinião pública. Era através delas que ele conseguia benefi-

cios junto à polícia, colaboração da população ao programa e votos em suas eleições.

Uma característica central do sensacionalismo que nos ajuda a entender como apresentadores de jornais policiais como Wallace ganham relevância política e passam a serem vistos como heróis é a ideia de moralidade. Desde a definição dos critérios-notícia, a moralidade se configura como um operador das escolhas tomadas pelos produtores desses programas, criando-se, assim, uma espécie de pedagogia moral onde o corpo e as escolhas do outro, especialmente de pessoas vulnerabilizadas, são colocadas em julgamento e confrontadas com uma “verdade moral”, estabelecida com base no que se imagina da opinião pública (Franciscato, 2012).

A atuação do julgamento moral promovido pelo sensacionalismo costumeiramente se refere a aspectos da vida privada de sujeitos ou a atuações pontuais destes, com ênfase em temas criminais ou extraordinários. O entendimento desse caráter moral nos jornais policiais ou dramáticos revela uma característica importante ao entendimento do funcionamento destes na sociedade. A leitura moral promovida por esses jornais costumeiramente é de caráter conservador (Amaral & Franciscato, 2005, 2012), onde esses produtos se comportam como verdadeiros educadores do certo e errado.

Nas escolhas linguísticas, esse caráter pedagógico da moralidade se constrói de maneira mais óbvia. Angrimani (1995) aponta como o tom vexatório e raivoso, incorporado nos discursos pelas escolhas linguísticas, constroem uma das faces do sensacionalismo. Ele ainda propõe que “o jornal, através do conjunto manchete-foto-reportagem, incorpora a postura de alguém que quer punir, a postura sádica de um superego acesório, socializado.” (Angrimani, 1995, p. 118).

A construção linguística do punitivismo e do discurso de ódio no sensacionalismo se configura em diversas escolhas, desde as palavras utilizadas para tratar dos “transgressores morais” quanto aos signos visuais utilizados na representação destes. No entanto, a oralidade assume, nesse ponto, uma centralidade. Para Sodré (1972), o gosto pelo verbalismo se configura como uma estrutura psicosocial que se construiu na cultura nacional especialmente entre as classes menos privilegiadas, onde o letramento, historicamente, se deu de maneira tardia. Segundo o autor, teria-se construído um fascínio pelo verbalismo que, juntamente com um personalismo exagerado, favorece a ascensão de figuras televisivas carismáticas com discursos exacerbados. Nessa relação entre o julgamento moral, a performance dramática e o punitivismo, os apresentadores de jornais policiais vão se construindo como figuras heroicas na televisão com um discurso conservador e raso contra a criminalidade, ao mesmo tempo em que

constroem imagens daqueles que seriam os vilões, “transgressores morais”, diretamente ligados à criminalidade. Wallace surge como uma figura de estudo interessante por ter estado nos dois lugares, e Bandidos na TV representa todo o processo de sua ascensão e queda.

PERCURSO METODOLÓGICO

Neste trabalho, propomos o enquadramento enquanto um operador metodológico. Para isso, nos atentamos ao que descreve Bateson (2002) ao dividir as interações comunicativas em três níveis. O “nível da comunicação”, o “nível metalinguístico” e o “nível metacomunicativo”. Essa divisão se dá de modo a refletir acerca de todos os sentidos veiculados em uma interação comunicativa. Enquanto os dois primeiros níveis tratam de escolhas como colocações de linguagem e denotação, o nível metacomunicativo diz das relações estabelecidas entre os comunicantes. Isso é, se refere a informações implícitas que comunicam aos envolvidos a natureza de sua interação (Bateson,

2002, pp. 87-88). Guimarães (2016) incorpora esse entendimento ao dizer que “é por meio do nível abs-trato da metacomunicação que as pessoas são capazes de identificar aspectos definidores da própria relação entre elas.” (Guimarães, 2016, p. 88). Assim sendo, para acessarmos a relação colocada em jogo na situação comunicativa, entramos no campo da metacomunicação, que nos diz qual enquadramento está em jogo (Guimarães, 2016).

Entendemos que em situações comunicativas mais de um enquadramento pode estar em jogo. Para analisar Bandidos na TV, dividimos os sete episódios da série em eventos narrativos – trechos com início, desenvolvimento e desfecho próprio que fazem parte da narrativa do episódio. Cada um desses eventos foi observado separadamente pela equipe de pesquisa composta por dois pesquisadores e, a partir de três critérios, encaminhamos a análise: a) o enfoque na figura de Wallace; b) a presença de estratégias sensacionalistas; c) a representação de Wallace Souza como uma figura heroica ou vilanesca.

Figura 1

Listagem dos eventos narrativos retirados do corpus.

Evento narrativo	Nome do episódio	Resumo do evento	Representação de Wallace
O sequestro	1 - A acusação	Wallace se oferece para trocar de lugar com um refém	Herói
A defesa do Deputado Wallace	1 - A acusação	Wallace se defende das acusações na câmara	Herói
A investigação dos funcionários	2 - A investigação	Os funcionários de Wallace são investigados	Vilão/Herói
Busca e apreensão	3 - Conspiração	A casa de Wallace é vasculhada pela polícia	Vilão
A defesa do dinheiro	4 - O filho	Wallace apresenta sua doença para um jornalista	Herói
O depoimento	5 - Nas mãos de Deus	Wallace aparece de maca para dar depoimento na câmara	Vilão
A mentira	6 - O julgamento	A juíza do caso aponta mentira de Wallace	Vilão
A morte de Wallace	7 - Comoção e barbárie	Filho de Wallace narra seus últimos momentos	Herói

Fonte: Moreira, 2021 - com adaptações.

O presente artigo se configura como um estudo promovido a partir das investigações desenvolvidas na monografia “As construções da imagem de Wallace Souza apresentadas pela série Bandidos na TV”. Na pesquisa inicial, o processo de observação dos eventos narrativos resultou em uma seleção de oito trechos com potencialidade para tensionar os significados que a série Bandidos na TV coloca em jogo quando representa a construção da imagem de Wallace. Foram recortados, assim, um evento narrativo por episódio, com exceção do primeiro, do qual foram recortados dois eventos narrativos, já que ele narra acontecimentos que se desenrolam ao longo de diversos anos, representando, assim, diversas construções da imagem de Wallace.

Em todos os eventos, há representações de Wallace ora como herói, ora como vilão, como podemos ver na Figura 1. Para este artigo, dois desses oito eventos foram escolhidos para serem analisados a partir de alguns critérios: a) o fato de serem os primeiros eventos dos dois primeiros episódios; b) ambos os eventos são primordiais para o entendimento de Wallace como uma figura que tem credibilidade perante à opinião pública.

No evento narrativo 1, “O sequestro”, Wallace é representado como herói e a principal apropriação do sensacionalismo se dá através da utilização de imagens do Canal Livre. No evento narrativo 2, “A investigação dos funcionários”, Wallace é representado de maneira dicotômica, ora como herói, ora como vilão e as principais incorporações do sensacionalismo se dão pela descontextualização do fato e da incorporação de elementos de dramatização sobrepostos a elementos documentais.

A análise dos eventos narrativos procurou entender quais foram os enquadramentos representados na série para construir a imagem de Wallace. A resposta a essa busca se assenta nas intenções de produção do Canal Livre, das mídias apresentadas pela série e da própria série em construir narrativas endereçadas a um público. É importante que o recorte e a análise não promovessem um “descolamento” entre o evento narrativo e a série, por isso, durante a análise foram tomadas medidas de contextualização que ajudaram a construir uma totalidade para a análise e ancorar seu desenvolvimento no contexto da série, olhando para o evento narrativo.

Dessa forma, foi pensado um roteiro analítico na intenção de entender como os enquadramentos interagem entre si para dotar o mundo de sentido e afirmar sobre Wallace Souza. Este roteiro analítico conta com cinco passos:

1. Breve descrição do episódio em questão;

2. Reconhecimento do momento cronológico do episódio na biografia de Wallace;
3. Descrição do evento narrativo;
4. Considerações acerca da escolha das imagens e texto escolhidos;
5. Análise dos enquadramentos, de modo a responder às seguintes perguntas:
 - . Qual o posicionamento construído em relação à imagem de Wallace?
 - . Como os embates e significados colocados em jogo dizem desse posicionamento?
 - . Como o evento se relaciona com o episódio ou a série?

ANÁLISE DOS EVENTOS NARRATIVOS

Evento narrativo 1 - “O sequestro”

O primeiro episódio da série trata da história da criação do Canal Livre e do contexto no qual Wallace e o programa estavam inseridos quando as primeiras denúncias contra o apresentador foram ao público. O Canal Livre e Wallace são representados neste episódio como instituições simbólicas de combate à criminalidade e auxílio à população pobre e desamparada.

Ao final do episódio, Wallace é acusado de estar relacionado a um criminoso identificado como Moa. Ele se defende publicamente, diz não conhecer Moa e afirma ser vítima de uma perseguição. Contudo, após as falas de Wallace, jornais locais recebem fotos incriminatórias que mostram Wallace e Moa juntos na piscina da casa do apresentador. Essa sequência final exemplifica a presença de um roteiro interpretativo que busca remontar a experiência de incerteza vivida pelo público à época do caso (Moreira, 2021). A escolha editorial do programa busca primeiramente construir a imagem de Wallace como um grande herói do povo e, logo após, derrubar essa construção com uma nova representação de Wallace, agora como um bandido. À frente, no segundo episódio, essa representação também é contrariada por uma nova organização narrativa que coloca o apresentador como inocente, construindo, assim, sua imagem entre as noções de herói e bandido.

O evento narrativo analisado no primeiro episódio, nomeado “O sequestro”, apresenta a atuação de Wallace na mediação de um sequestro onde ele consegue a libertação dos reféns (uma mulher e uma criança) em troca de se tornar um deles, colocando, assim, sua vida em risco. O evento começa com um trecho da cobertura do Canal Livre a uma situação de negociação com reféns no dia 9 de novembro de 2005.

A fala do repórter ajuda a construir a situação tensa e violenta representada. São mostradas imagens do sequestrador acuado com a criança no colo e de policiais escondidos em frente a casa. A narração passa a ser feita por Victor Hugo, funcionário do Canal Livre e amigo pessoal de Wallace, em depoimento exclusivo.

Juntamente com o depoimento de Victor Hugo, são exibidas imagens de Wallace no lugar do crime. O caminhar do apresentador parece calmo, em contraste com a trilha e com a situação previamente apresentada que denotam tensão.

Victor Hugo aponta que Wallace estava em sua casa e quando ficou sabendo da exigência do sequestrador, que teria dito que só se entregaria na presença de Wallace. Ao ouvir isso, Wallace logo se encaminhou ao local. Tal afirmação, juntamente com as imagens de Wallace calmamente indo até à casa onde se encontrava o sequestrador, denotam a construção de Wallace como um personagem de coragem inigualável. Para entender como os embates e significados colocados em jogo dizem desse posicionamento, além dos elementos já mencionados, podemos comparar a imagem apresentada pela série de Wallace sem colete à prova de balas na porta da casa, arriscando sua vida em troca da libertação da família que vinha sendo feita refém e a do policial, fardado, de colete à prova de balas e armado, se escondendo atrás de uma parede enquanto uma mulher conversa com o sequestrador, imagem também apresentada pela série.

É importante ressaltar que essas imagens foram veiculadas ao vivo pelo programa Canal Livre na televisão aberta, e Wallace, na época, também era deputado. A natureza espetacular da situação é inegável. A inserção editorial do programa que adiciona trilha sonora e comentários do repórter e do apresentador aumentam ainda mais esses critérios fortalecendo, o caráter dramático da situação.

Lana (2009) aponta como programas como o Canal Livre superam critérios do jornalismo policial e defende o enquadramento desses programas dentro de um novo gênero: o jornalismo dramático. Ela aponta que a alcunha “policial” não dá conta da pluralidade de diálogos existentes nesses programas que se pautam para muito além da atividade policial, mas que tem em seu cerne a busca pelo dramático, pela espetacularização do cotidiano e pela participação popular. Programas sensacionalistas que têm o policial como pauta central e o drama como condutor narrativo são comuns no Brasil há um bom tempo (Gomes, 2011; Lana, 2009; Oliveira, 2011) e vêm cada vez ganhando mais espaço (Dias, 2020). Contudo, esse tipo de sensacionalismo também se apresenta como um problema para outros países da América Latina (Tutivén, Medina & Solís, 2021).

O evento narrativo segue e Wallace se oferece para ser feito refém no lugar da mulher e da criança. O enquadramento construído pela série é de que Wallace é um herói que coloca sua vida em risco para salvar a vida de outras pessoas que nem conhece com a tranquilidade de quem faz isso cotidianamente. Se apropriando de uma das definições apontadas por Simões (2013, p.2), os heróis seriam aqueles que “se empenham para redimir a sociedade, que lutam por e conquistam um bem coletivo”. O enquadramento central do evento denota precisamente a construção de Wallace como um herói corajoso, e essa representação, pela potência imágica, funciona como uma validação da construção narrativa de que Wallace e o Canal Livre “se empenham para redimir a sociedade”.

Wallace entra em uma viatura com o sequestrador e outros policiais e segue escoltado por outras viaturas e pelo carro da reportagem em direção ao presídio quando ouve-se um tiro. O repórter se mostra afoito. A narração acontece de um ponto de vista bem pessoal e afetivo. As escolhas de linguagem como o uso do termo “vagabundo”, o acompanhamento das viaturas e a narração em tempo real do ocorrido com comentários são características do sensacionalismo. O envolvimento dramático promovido pelo sensacionalismo ao jornalismo ajuda na construção de sentidos de compaixão, empatia e idolatria. O silêncio do repórter ganha peso em contraste com a trilha sonora, até que Wallace é filmado saindo da viatura enquanto o repórter comemora sua libertação. O apresentador dá uma rápida entrevista dizendo que estavam indo para o presídio mas mudaram de ideia no meio do caminho. Não há explicação sobre o tiro ou sobre o destino da viatura.

Neste momento, se faz importante destacar alguns elementos caros ao jornalismo policial. A narrativa dramática propõe uma construção coletiva de争斗 que reforça sentidos de ódio num modelo de nós contra eles, no qual o nós é construído junto as forças policiais através de enquadramentos heróicos e os eles é construído através da desumanização de corpos, normalmente corpos negros e periféricos (Franciscato & Góes, 2012). A tensão provocada pelo tiro nas imagens é quebrada assim que Wallace Souza é mostrado vivo e sem ferimentos. Não existe espaço para empatia com aqueles que são enquadrados como bandidos. Essas características são caras à sociedade brasileira e suportam o gênero jornalístico abrangendo também outros textos midiáticos. Podemos entender que a violência é produto ao mesmo tempo em que é constituidora de um imaginário popular televisivo nacional (Angriani, 1995), na qual a dessensibilização com o outro é necessária para a construção de um enquadramento otimista de representação de vitória na guerra contra o crime.

Evento narrativo 2 - “A investigação dos funcionários”

O segundo episódio narra o início das investigações contra Wallace e a criação de uma força-tarefa da Polícia Civil encarregada pela apuração. Os representantes da Polícia Civil rebatem a defesa de Wallace, que acusa Moa de conspiração, dizendo que o criminoso teria delatado Wallace por medo de ser morto na cadeia, vítima de queima de arquivo. Uma explosão na sede da Polícia Federal onde Moa estava preso faz com que a polícia desconfie dessa tentativa de queima de arquivo e, com isso, Moa é transferido para outro local.

A força-tarefa da Polícia Civil começa a investigar Wallace a partir das matérias do Canal Livre e de seus funcionários pessoais. Ao fim do episódio, duas reviravoltas : descobre-se que a bomba na sede da polícia foi um acidente no laboratório do esquadrão anti-bombas e vai a público o depoimento da esposa de Moa dizendo que ele foi vítima de tortura por parte dos policiais para incriminar Wallace.

A construção narrativa deste episódio é tematizada em desconstruir a imagem heroica de Wallace construída no primeiro episódio. Os enquadramentos heróicos vão sendo deslocados a partir da associação de Wallace com Moa e com outros funcionários que teriam cometido crimes, e da construção da possibilidade de uma eventual queima de arquivo comandada por Wallace. O caso da bomba é bem emblemático para pensarmos nas dinâmicas de enquadramento da série e do jornalismo policial. A explosão em si tem pouco impacto na história de Wallace, sua maior relevância foi ter feito a polícia deslocar Moa para outra prisão. Contudo, a explosão é trazida pela narrativa da série de maneira descontextualizada para construir a materialidade da possibilidade da queima de arquivo. O enquadramento de Wallace como um vilão acuado independe da existência, àquele momento, das provas. O jornalismo policial age de maneira semelhante construindo enquadramentos narrativos através da ocultação, fragmentação e descontextualização do fato (Franciscato & Góes, 2012).

O evento narrativo retirado do episódio 2 foi batizado como “A investigação dos funcionários”. Ele apresenta a contextualização de alguns funcionários de Wallace como ex-criminosos que, para a força-tarefa, estariam envolvidos com a organização criminosa chefiada por Wallace e, para Victor Hugo, seriam ex-criminosos reabilitados por Wallace. O evento se encerra com a narração da suposta queima de arquivo de Junior Sujo. Mesmo que de maneira indireta, os sentidos mobilizados pelos agentes inter-comunicativos ganham destaque nesse momento da narrativa por romper drasticamente com a imagem heroica de Wallace. O depoimento de Victor Hugo também ganha

destaque pelo contraste, que dá indícios de como a série brinca com as percepções do interlocutor e convida o público a tomar uma posição em relação ao discurso, estratégia também comum ao sensacionalismo.

O evento começa com a declaração do delegado Cavalcanti de que Moa relatou justamente a grande dimensão da organização criminosa e que, a partir daquele ponto, a força-tarefa passou a investigar as pessoas ligadas a essa organização criminosa e os seguranças do deputado Wallace. Destaca-se, nesse trecho, a convicção de Divanilson, delegado-chefe da investigação contra Wallace, acerca da culpa e envolvimento das pessoas em questão. Apesar de sua declaração ser posterior a todos os acontecimentos narrados na série, narrativamente, esse trecho encontra-se no segundo episódio. Nesse momento, o delegado não se refere aos investigados como funcionários de Wallace ou, simplesmente, como investigados. Ele se refere a eles como “pessoas ligadas à organização criminosa”. Esse senso de certeza, vindo dos investigadores, que, até então, para o espectador da série, não tinham interesses próprios na condenação de Wallace, ajuda a desconstruir a imagem de herói que foi consolidada no primeiro episódio.

A fala dos integrantes da força-tarefa nos ajuda a entender a construção de Wallace pelos olhos dos investigadores. É importante apontar que a presença de uma pergunta direcionada ao interlocutor dá indícios de sua proposta de mobilização argumentativa. Ao perguntar “Então como é que pode?”, o investigador convoca a audiência a tomar um posicionamento frente a seu argumento que se baseia na incongruência entre discurso e ação de Wallace. Narrativamente, a série posiciona esse depoimento junto ao começo da desconstrução da imagem heroica de Wallace. A série mobiliza a fala dos investigadores no intuito de convencer a audiência de que havia incongruências no discurso de Wallace em relação à realidade.

A utilização do termo “criminosos”, junto à constatação de uma periculosidade dos sujeitos, ajuda a dar o tom de seriedade necessário para combater a forte imagem de Wallace construída anteriormente. A utilização do termo deixa claro que Wallace não está cercado de pessoas que erraram, mas pessoas que são inherentemente criminosas e perigosas. Essa construção mobiliza sentidos que ajudam a entender qual o enquadramento da representação de Wallace. Nesse trecho, o apresentador não é encarado como suspeito, mas como culpado, um chefe criminoso que está cercado de criminosos perigosos. Assim como o discurso de Wallace em seu programa, o discurso dos policiais é fortemente ligado ao ódio, à desconfiança e ao punitivismo àqueles que cometem crimes. Nesse momento, a série utiliza de recursos narrativos para enquadrar Wallace como criminoso, da mesma maneira

que o político faz com outros em seu programa. Como citado no item 3, Angrimani (1995) pontua o protagonismo do tom e das escolhas linguísticas acima das informações na construção desses enquadramentos no sensacionalismo. O tom agressivo, jocoso, a apresentação de enquadramentos estigmatizantes de sujeitos em situações de vulnerabilidade e a apresentação de soluções sumárias como encarceramento, espancamento ou execução também se configuram como facetas da violência urbana.

O evento narrativo continua com um depoimento de Victor Hugo no qual o amigo de Wallace defende o apresentador. Victor Hugo diz que era de conhecimento público o passado criminal de alguns funcionários de Wallace e que este não relutava em dizer que contratava essas pessoas como forma de ajudá-las a sustentar suas famílias, já que, por terem passagens pela polícia, eles não conseguiriam emprego facilmente.

Diferentemente do que acontece no primeiro episódio, neste evento narrativo a construção da boa imagem de Wallace é atravessada por um significado em comum com a construção negativa de sua imagem. Victor Hugo assume que os seguranças de Wallace eram pessoas mal vistas na sociedade. Ao contrário dos policiais, Victor Hugo não utiliza termos como “criminosos” ou “perigosos” para descrever os sujeitos. Ele ainda vira o argumento à favor de Wallace ao apontar que ele estaria sendo caridoso, o que fortalece a tentativa de narrativa heroica ao fim, quando aponta que Wallace ainda “se prejudicava por querer ajudar os outros”.

Nas construções de Simões (2013), o entendimento contemporâneo de heroísmo passa pela percepção de que a pessoa em questão se empenha para redimir a sociedade. Essa ideia é central no depoimento de Victor Hugo, o que levanta certos problemas. Ele cria uma situação dicotômica. Para ele, Wallace não tem pequenos erros, ou esses pequenos erros são motivados por um motivo muito nobre. A dicotomia reside na diferença da imagem de Wallace para os policiais e na imagem de Wallace para Victor Hugo. O fato, nesse momento, se mantém inalterado. Wallace, para os dois pontos de vista, empregou funcionários que se envolveram com crimes no passado, no entanto, para a força-tarefa isso é uma evidência de sua ligação com o crime organizado e, para Victor Hugo, isso é uma evidência do enorme coração de Wallace. Essa dicotomia ajuda a construir para o público da série um sentimento de indecisão acerca da culpa de Wallace.

Bandidos na TV propõe, através de seu roteiro interpretativo, a construção desses posicionamentos concretos sobre o caso. Não se trata de colocar a dúvida como um mobilizador da audiência, mas sim um posicionamento em relação à controvérsia. A série

se inspira em enquadramentos sensacionalistas para construir seu roteiro interpretativo, no qual Wallace é construído como herói ou como vilão, nunca em algum lugar entre as duas categorias. Essa construção da dicotomia favorece a tomada de posições passionais frente à narrativa, o que se mostra interessante para a série e reforça a importância de pensarmos os efeitos no público da utilização de enquadramentos sensacionalistas no jornalismo.

Maria Franz Amaral (2005) aponta como o sensacionalismo deturpa preceitos base da construção do jornalismo brasileiro, como o compromisso com o interesse público e o papel fiscalizador da mídia. Quando ela fala sobre denuncismo, fala também sobre a banalização da denúncia. Tudo se torna espetacular e digno de revolta, cria-se um espectador raivoso, propenso a aceitação de discursos de ódio, inflamados e punitivistas. Para o caso do Canal Livre, isso era de extrema importância, já que os apresentadores e o modelo de jornalismo praticado eram apontados como a alternativa política no combate à violência urbana e à criminalidade.

A série apresenta um depoimento do motorista de Wallace, Mario Pequeno, no qual ele aponta que os investigadores da força-tarefa tentaram induzir seu depoimento para que ele construísse uma imagem negativa de Wallace, fato que favorece a imagem de Wallace perante a audiência da série. Esse favorecimento se dá a partir da construção da dicotomia estabelecida entre acusação e defesa de Wallace. A força-tarefa acusa Wallace de diversos fatos e ele nega veementemente todos eles, construindo uma situação instável onde um deles necessariamente está contra a verdade. O depoimento de Pequeno é importante para a análise, já que nos ajuda a entender como o evento se relaciona com a narrativa geral da série, pois, pela primeira vez, é mostrada uma atitude escusa por parte da força-tarefa. Nesse momento, a série vinha construindo uma narrativa que descredibiliza Wallace. Ao trazer esse descredito também aos investigadores, a série abre ainda mais ao público a proposta de que cabe aos interlocutores tomarem partido perante a controvérsia e construir novas percepções.

Tentar induzir uma testemunha é algo que favorece uma descredibilização da imagem da força-tarefa. Em um embate imagético, que foi travado à época e é emulado aos telespectadores da série, a credibilidade se torna um fator essencial. Com a credibilidade em xeque, as acusações da força-tarefa, por mais reais que sejam, não convencem o público de sua materialidade. Sem credibilidade, Wallace também não sustenta publicamente a narrativa de complô contra ele. É um jogo tenso onde tão importante quanto garantir sua imagem é derrubar a imagem do adversário. Como apontado por Mendonça e Simões (2012), existe uma

importância na relação estabelecida entre os comunicantes para a definição dos enquadramentos. Com imagens consolidadas e credibilidade, a representação de Wallace ou dos policiais passa por uma relação onde o público busca ver as ações destes como justificáveis. As tentativas de minar a credibilidade e manchar as reputações são esforços de deslocamento dos enquadramentos, no caso narrado pela série isto se deu para que houvesse apoio popular nas disputas políticas envolvendo Wallace.

O evento se encerra com uma reconstituição dramática do que a força-tarefa alega ter sido uma queima de arquivo a mando de Wallace. Ao utilizar de tal reconstituição deslocada das imagens documentais e entrevistas levantadas até então, a série incorpora uma proposta narrativa que assume sua postura sensacionista e dramática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a TV aparece como uma importante mídia de massa com alcance ao longo do território nacional e continua dominante em termos de gastos com mídia, segundo relatório de notícias do Instituto Reuters⁴. Wallace Souza se insere na cultura televisiva nacional como uma figura icônica, já que o apresentador de jornal que “sai sangue” (Angriman, 1995) se tornou o deputado estadual mais votado do Brasil e, então, foi acusado de chefiar uma organização criminosa envolvendo seu programa de televisão. Sua história tangencia diversos aspectos da cultura brasileira: a relação entre o jornalismo e a atuação policial; as construções de heroísmo pautando eleições políticas; o sensacionalismo; o discurso de ódio, entre outros elementos. Esses aspectos são aspectos caros à cultura nacional e envolvem uma tentativa de canalização do poder midiático da televisão.

Utilizar os enquadramentos enquanto operadores metodológicos surge como uma proposta interessante para os estudos do jornalismo, pois eles trazem à tona sentidos que surgem em camadas mais internas dos textos. Essa perspectiva nos possibilita olhar para o fenômeno dos jornais policiais e dramáticos na América Latina e no Brasil a partir de um ponto de vista mais amplo, tentando entender qual a relação estabelecida entre esses jornais e seus respectivos públicos.

Importante ressaltar que nosso objeto de estudo é uma série documental veiculada pela Netflix e não o programa Canal Livre. Contudo, as descobertas da pesquisa nos trouxeram insights acerca das relações entre série, audiência, jornalismo policial e opinião pública. O jornalismo policial (ou dramático) utiliza de enquadramentos sensacionistas para mobilizar a opinião pública (Franciscato & Goés, 2012; Marcondes

Filho, 1986) com intuições diversos, podendo, inclusive ser de cunho político ou mercadológico.

Como resultados do artigo, é possível dizer que a análise dos enquadramentos construídos nos dois eventos narrativos retirados da série levantou alguns pontos. O primeiro deles é a presença de um roteiro interpretativo que busca emular a experiência vivida pela opinião pública à época dos eventos. O roteiro interpretativo age de maneira sugestiva para balizar uma redução de possibilidades de interpretação (Mendonça & Simões, 2012). O segundo ponto é a relação entre a série e o sensacionalismo. A série Bandidos na TV se apropria de diversos artifícios sensacionalistas para construir sua narrativa, criando uma ponte de formato e conteúdo com seu objeto retratado, o programa Canal Livre. Por fim, os enquadramentos construídos na série evidenciam uma incorporação de enquadramentos do jornalismo dramático sensacionalista, em que o público é convidado a assumir uma posição perante o caso, a violência simbólica referencia a uma violência real e o dramático configura o quadro central da narrativa, propondo uma disputa de sentidos entre heróis e vilões.

A presente análise pode servir como arcabouço para discussões sobre a relação entre estratégias midiáticas e influências na opinião pública. O sensacionalismo como um fenômeno midiático tem em sua popularidade uma validação de sua atuação. Pudemos observar que os enquadramentos sensacionalistas de cunho heroico balizam as interações comunicativas com a audiência, propondo uma disputa de sentidos e convocando o interlocutor a tomar lugar na discussão se envolvendo de maneira passionada com o conteúdo. Assim, esses programas constroem uma audiência mais propensa aos discursos de ódio, mais fidelizada aos programas e mais mobilizadas com as pautas políticas levantadas nos discursos sob a bandeira de combate à criminalidade.

Submetido em 15/07/2022
Aceito em 17/04/2023

NOTES

¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/morre-em-sao-paulo-o-ex-deputado-do-am-wallace-souza-diz-ad-vogada.html>. Acesso em: 17 de dezembro de 2020.

² Aqui, apontamos que o programa Canal Livre se entendia como um produto jornalístico. Tal fato fica claro logo nos primeiros minutos do primeiro episódio da série no depoimento do cinegrafista Josenilton que diz que o programa foi o primeiro na história do jornalismo do Amazonas a cobrir a atuação policial.

³ Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/campanhas/a_pdf/campanha_contra_baixaria_tv.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2022.

⁴ Ver mais em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2022.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. (2009). A modernização autoritária do jornalismo brasileiro. *Alceu*, 10(20), 100-115.
- D'angelo, P. (2012). Studying framing in political communication with an integrative approach. *American behavioral scientist*, 56(3), 353-364.
- Dias, Mabel. (2020). A estética dos programas policialescos chega ao noticiário tradicional. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-estetica-dos-programas-policialescos-chega-ao-noticiario-tradicional/>. Acesso em: 08 de julho de 2022.
- Franciscato, C. E., & Góes, J. C. (2012). Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 11(22), 291-310.
- Furedi, F. (2016). Moral panic and reading: Early elite anxieties about the media effect. *Cultural Sociology*, 10(4), 523-537.
- Gans, H. J. (1979). *Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBS Nightly News, Newsweek and Time*. Pantheon Books.
- Gilchrist, K. (2010). “Newsworthy” victims? Exploring differences in Canadian local press coverage of missing/murdered Aboriginal and White women. *Feminist media studies*, 10(4), 373-390.
- Angriman, D. (1994). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (Vol. 47). Summus Editorial.
- Arcoverde, M. R. (2019). Bandidos na TV: a morte pela audiência. In *Anais 42º Congresso de ciências da comunicação, Belém..*
- Azevedo, L., & Schaun, A. (2016). A notícia e a lógica das sensações: uma contribuição para as teorias do jornalismo. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (132), 225-243.
- Bateson, G. (2002). Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *Sociolinguística interacional*, 2, 257-264.
- Borja, J. (2011). O grito da cidade: Balanço Geral, qualidade e modos de endereçamento. *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*, 223.
- Cerdeira Lana, L. C. (2009). *Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente*. Editora E-papers.
- Davis, H., & McLeod, S. L. (2003). Why humans value sensational news: An evolutionary perspective. *Evolution and Human Behavior*, 24(3), 208-216. <https://doi.org/10.1016/j.ehb.2003.07.001>

- Góes, José Cristian. (2014). Jornalismo e sensacionalismo: enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal Cinform. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe.
- Góes, J. C. (2018). Urgência das historicidades críticas sobre os media para ajudar a desvelar o Jornalismo. *NAUS-Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*, 1(2), 007-024.
- Gomes, Itania Maria Mota.(2011). Metodologia de Análise de Telejornalismo. In, Gomes, Itania Maria Mota. *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornal*. Salvador: EDUFBA, p.18.
- Guimarães, Bruno Menezes Andrade. (2016). O riso bate à porta. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Macassi, S., & Lavander, S. (2002). *La prensa amarilla en América Latina. Chasqui*, 5.
- Marcondes Filho, Ciro. (1986). *O capital da notícia. Jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática.
- Marques, Fábio C. (2006). Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: Coelho, Cláudio Novaes Pinto; Castro, Valdir J. de (orgs). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus.
- Marshall, Leandro. (2003). *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus.
- Mendonça, R. F. & Simões, P. G. (2012) *Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito*. RBCS, 27(79).
- Moreira, Henrique Caixeta. (2021). A Opinião Pública no Centro de Tudo: Uma Análise da Série Bandidos na TV. *Anais do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas da Abrapcorp*, São Paulo.
- Negrini, M. & Tondo, R. (2007) *O apresentador-espetáculo: o discurso de José Luiz Datena. Estudos em Jornalismo e Mídia*, 4(1), 23-32.
- Nelson, T. E.; Willey, E. A. (2001). Issue frames that strike a balance: A political psychology perspective. In: S. D. Reese, O. H. Gandy Jr., & A. E. Grant (Eds.), *Framing public life* (pp. 245-266). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Nichols, B. (2005). *Introdução ao documentário*. Papirus editora.
- Oliveira, Dannilo Duarte. (2011). Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. In: Gomes, Itania Maria Mota. *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornal*. Salvador: EDUFBA, p. 121.
- Otto, L., Glogger, I., & Boukes, M. (2017). *The softening of journalistic political communication: A comprehensive framework model of sensationalism, soft news, infotainment, and tabloidization*. *Communication Theory*, 27(2), 136-155.
- Paulsen, D. J. (2003). Murder in black and white: The newspaper coverage of homicide in Houston. *Homicide Studies*, 7, 289–317.
- Peelo, M.; Francis, B.; Soothill, K.; Pearson, J., & Ackerly, E.. (2004). Newspaper reporting and the public construction of homicide. *British Journal of Criminology*, 44, 256–275.
- Pérez Arce, J. C. (2019). Sensacionalismo en Latinoamérica: Debates y conflictividades irresueltas en la sociedad de la información latinoamericana. *Journal de Comunicación social*, 8, 133.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news: a Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books.
- Simões, Paula Guimarães. (2013). Celebidades na sociedade midiatisada: em busca de uma abordagem relacional. *Revista ECO-Pós*, 16(1), 104-119.
- Sodré, M. (1972) *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Tutivén, Ingrid Viviana Estrella; Medina, Héctor Manuel Córdova; Solís, Madelen Janina Cabezas. El Femicidio: Morbo, Banalidad Y Sensacionalismo En La Prensa Ecuatoriana. *RISTI: Revista Ibérica De Sistemas E Tecnologias De Informação*, 40, 259-68.
- Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.
- Wong, Jennifer S.; Harraway, Victoria. (2020). Media presentation of homicide: examining characteristics of sensationalism and fear of victimization and their relation to newspaper article prominence. *Homicide studies*, 24(4), 333-352.

RESUMO | ABSTRACT | RESUMÉ

De herói a vilão: Wallace Souza e o enquadramento sensacionalista no jornalismo brasileiro

Héros ou bandit : Wallace Souza et le cadrage sensationnaliste dans le journalisme brésilien

From hero to villain: Wallace Souza and the sensationalist framing in Brazilian journalism

Pt. O presente artigo discute as relações entre a utilização de enquadramentos sensacionistas pelo jornalismo brasileiro e o caso da série documental da Netflix *Bandidos na TV*, que conta a história do ex-deputado Wallace Souza e a do programa *Canal Livre*. Wallace foi deputado estadual do Amazonas por três mandatos consecutivos e apresentador do programa *Canal Livre*, que bateu recordes de audiência com a cobertura do trabalho policial e com a cobrança ao poder público no combate à criminalidade. Com o objetivo de responder à pergunta “Como determinados enquadramentos podem corroborar para a construção da imagem de uma personalidade como herói ou bandido?”, tomamos como objeto de análise a série da Netflix, que se apropria de enquadramentos sensacionistas para a criação de um roteiro interpretativo. Este trabalho olha para a série no intuito de buscar respostas acerca das representações feitas de Wallace Souza. Apesar de o objeto do artigo ser a série da plataforma de streaming, é válido ressaltar que discutimos também sobre o programa *Canal Livre* e sobre a figura de Wallace Souza no contexto do jornalismo brasileiro, já que ambos estão imbricados à produção documental. Para a construção da análise, focamos em dois eventos narrativos da série, respectivamente, do primeiro e do segundo episódio - selecionados pelo fato de serem os primeiros eventos dos dois primeiros episódios e por ambos serem primordiais para o entendimento de Wallace como uma figura que tem credibilidade perante à opinião pública. Na tentativa de acessar os significados que são colocados em jogo pela série, o enquadramento é eleito para ser utilizado como um operador metodológico de análise.

Palavras-chave : enquadramento; sensacionalismo; *Canal Livre*; Wallace Souza; documentário

Fr. Cet article examine les liens entre le recours à des cadrages médiatiques sensationnalistes dans le journalisme brésilien et le cas de la série documentaire *Homicides en série*, de Netflix, consacrée à l'histoire de l'ancien député Wallace Souza et à son émission *Canal Livre*. Député de l'État de l'Amazonas durant trois mandats consécutifs, Wallace Souza a aussi été présentateur de l'émission télévisée *Canal Livre*, qui a enregistré des records d'audience en suivant le travail de la police et en appelant les pouvoirs publics à lutter contre la criminalité. Pour aborder la question « Comment certains cadrages peuvent-ils contribuer à construire l'image d'une personnalité en tant que héros ou bandit ? », nous avons choisi de prendre comme sujet d'étude cette série produite par Netflix, dont le scénario interprétatif est construit en faisant appel à des cadrages sensationnalistes. Notre regard sur la série vise à apporter des réponses concernant les représentations de Wallace Souza. Bien que cet article se concentre sur la série de la plateforme de streaming, nous nous intéressons également au traitement de l'émission *Canal Livre* et de Wallace Souza par les journalistes brésiliens, puisque ces deux sujets sont étroitement liés à la production du documentaire. Notre analyse est construite autour de deux événements présentés dans la série, respectivement dans le premier et le deuxième épisode – nous les avons retenus car ils ouvrent le récit de ces deux épisodes et sont cruciaux pour comprendre comment Wallace Souza est perçu en tant que personne crédible aux yeux de l'opinion publique. Pour tenter d'accéder aux significations mises en jeu par la série, nous avons choisi d'utiliser le cadrage médiatique comme outil méthodologique d'analyse.

Mots-clés : cadrage ; sensationnalisme ; *Canal Livre* ; Wallace Souza ; documentaire

En.

This paper discusses the relationships between the use of sensationalist framing by Brazilian journalism and the case of the Netflix documentary series *Killer Ratings*, which tells the story of former deputy Wallace Souza and his show *Canal Livre*. Wallace was a deputy for the state of Amazonas for three consecutive mandates and hosted the show *Canal Livre*, which broke ratings records with its coverage of police work, pressuring public authorities to fight crime. In order to answer the question "How can certain framings corroborate the construction of the image of a personality as hero or villain?", we take as object of analysis the Netflix series, which employs sensationalist framings for the creation of an interpretative script. This paper looks at the series to seek answers about the representations given of Wallace Souza. Although the object of the article is the series on the streaming platform, we also discuss the program *Canal Livre* and the figure of Wallace Souza in the context of Brazilian journalism, since both are imbricated with documentary production. For the construction of the analysis, we focus on two narrative events of the series, respectively, the first and the second episode – selected for the fact that they are the first events of the first two episodes and for both being primordial for the understanding of Wallace as a credible figure within public opinion. In the attempt to access the meanings that are raised by the series, the framing is chosen as a methodological operator of analysis.

Key words: framing; sensationalism; *Canal Livre*; Wallace Souza; documentary.





Images of Social Policy in Brazil

A Comparison between Government Frames

MARIO LUIS GRANGEIA

Albert Hirschman Centre on Democracy
Geneva Graduate Institute (AHCD/IHEID)
mario.grangeia@graduateinstitute.ch
and mario.grangeia@gmail.com
ORCID: /0000-0002-9541-0517



What images do governments attribute to social policy in Brazil? The answer to this research question is a triad: *justice*, *modernization*, and *redistribution*. This article discusses and compares official images of social policy once captured from how to frame inequality. Social policy frames, as analyzed here, are related to the definition of inequality, although the rhetorical dimension of political discourse can mask personal assumptions. Governments are actors that create speeches which, even if present contrasts between them, express the official approaches on topics of their agenda. Finally, the utility of the concept of frames is highlighted to identify and analyze relationships between culture and politics.

The concept of frames is used as adopted in the perspective of cultural sociology to examine the discourses of the governments in the 30 years after the restoration of democracy (1985-2016) and the ones of Getúlio Vargas (1930-45/51-54), taken as a counterpoint due to the centrality of the social issue in the Vargas rhetoric and agenda, as noted by scholars and presidents¹. In the official rhetoric, three meanings were attributed to social policy: *justice*, noticeable since the 1930s, which dates back to the moral condemnation of inequality and the notion of enforcing rights as a response to social issues; *modernization*, the sense more reiterated in recent decades and already captured in the 1950s, coming from the belief that a modern country should overcome great inequalities through

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Mario Luis Grangeia, « Images of Social Policy in Brazil : A Comparison between Government Frames »,
Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.518>



economic and educational policies; and *redistribution*, noted in the 1980s and of increasing use in the last decade and a half, which responds to inequalities with the redistribution of resources, whether by distributive reforms or direct income transfer programs. Interpretations of inequality influence social policy and seek to direct popular perceptions. Changes and continuities in official images of social policy are discussed based on 12 presidential inauguration addresses and 39 annual reports of the Executive. This study points out relevant variations in the relations between governmental priorities (e.g., inflation contention and improvement of public education) and the agenda of reducing inequality.

The systematization and analysis of the inequality and social policy frames – both seem to be the verse and reverse of the coins – allow to face the challenge of comparison. The image of social policy as justice, for example, is related to the point of view that rights are supposed to be enforced in response to inequalities classified as injustice. The comparison between images of social policy and inequality, captured from the similarities and differences in the discourse of the governments, contributes to reflecting on these issues in Brazil and the role of the state and citizens towards it. The governments' selection is related to the centrality of social issues in Vargas's rhetoric and his influence on the presidents of the 30 years after re-democratization (Temer's and Bolsonaro's governments, in 2016-22, were self-declared oppositional to Vargas's social assistance heritage). In terms of social policy, historiography in Brazil recognizes a longstanding influence of Vargas's policies from his three phases – the semi-authoritarian 1930-37, the authoritarian 1937-45 *Estado Novo*, and his democratic years 1951-54² –, as well as a sensitive novelty of post-1985 policies in comparison with the ones along the military dictatorship (1964-85).

To identify the images of social policy in each government, this study explores their plans and accountability reports, especially presidential inaugural addresses (1930, 1937, and 1951 and nine since 1985) and the *Mensagens ao Congresso Nacional*; dozens of other speeches were used for testing hypotheses and inform about years without Messages (1930-34 and 1938-45, years of closed regimes in Brazil). First, it divides frames between diagnostic framing (forms and causes of inequality) and prognostic framing (effects of inequality and public strategies against it). Then the research focuses on government assessments of social policy (goals, audiences, results, and difficulties). The article reinforces the existence of the already-mentioned match between images of inequality and those of social policy.

The image of social policy as *justice* was the only one in Vargas Era (1930-45) and the most common

in the 1980s, the image of *modernization* prevailed in the 1990s and the one of *redistribution* has increased use over the past decade and a half (such images were not mutually excluding and coexisted in most governments). Official discourse is compared for reasons such as it portrays the political elites' images on social policy and inequality; is a rich material yet poorly researched; and allows comparing governmental views. The next section introduces the concept of frames and the way it helps to answer the research questions.

FRAMES AND COMPARATIVE SOCIOLOGY

The use of the concept of framing by sociologists dates to Goffman (1986), which analyzed small social interactions to understand how individuals organize everyday experiences. "I assume that definitions of a situation are built up following principles of organization which governs events – at least social ones – and our objective involvement in them" (Ibid.: pp. 10-1). In this case, frame analysis isolates the frames presented to extract meanings of events and analyze their special vulnerabilities.

The initial frame analysis offered four axioms, mainly sociological ones (Vliegenthart, Van Zoonen, 2011): frames are multiple and can be contradictory or oppositional; are part of a struggle for meaning between different actors that have unequal material and symbolic resources; news frames result from situated social and routinized processes in which the agency of the individual journalists is relative; and that frames used by audiences are the result of socially situated articulations between particular issues, individual and collective differences, experiential knowledge, popular wisdom, and media discourse.

Someone who frames something gives it meaning. Scholars have seen frames as thought organizers (Ferree et al., 2002), ideas, and principles that organize experiences and direct actions (Gamson & Modigliani, 1989; Benford & Snow, 2000). Chong and Druckman (2007) distinguished between "frames in thought" – affects an individual assessment – and "frames for communication", which are central considerations highlighted in a speech act. The meaning results from the act of framing, which is the "process by which people develop a particular conceptualization of an issue or reorient their thinking about an issue" (Ibid.: p. 104).

These analysts share the idea that frames guide visions and interpretations of the world, as they encode expectations concerning social relations and the effects of acts. "By understanding the frames that different individuals or groups bring to social interactions and decision-making, we can begin to understand

variation in their interpretations and understandings" (Small *et al.*, 2010, p. 10). That is a way of linking culture and behavior: frames do not cause the behavior, since they indicate relations restriction-possibility, not cause and effect. Frames are one of the seven concepts highlighted by Small and co-authors in the studies that approach the relations between culture and poverty (values, repertoires, and symbolic borders are others), which have more precision than the usually vague notion of culture. Swidler (1986), for example, stressed that culture influences the action to shape a repertoire or "toolbox" of habits, skills, and styles from which people construct strategies of action. Her repertoire concept is partially coincident with frame one, as both allude to a set of options available to individuals or groups.

Frame analyses were divided by Mendonça and Simões (2012) into three types: *microanalysis of interactions*: which emphasize communicative situation, as in Goffman, shedding light on positions between actors and the rules and conventions; *framing effects analysis*: frames are discursive angles used to get strategic effects; and *discourse content analysis*: explore frameworks and emphasis generated by the statements.

The concept of frames is especially useful to compare discourses. In news about abortion in Germany and US, the "fetal life" frame dominates the debate among Germans; in the US, there was a struggle between individual rights and pro-abortion frames and rights of the fetus and anti-abortion ones (Ferree *et al.* 2002). Gitlin (1980) studied how the media framed a student movement when the US entered in Vietnam War³. In women's protests in Chile, feminism did not emerge in the 1950-60s, when frames focused on working-class issues but emerged when repression of the dictatorship and the emergence of the frame "back to democracy" propitiated typical frames of movements like a feminist (Noonan, 1995). When comparing poverty frames by US congresspeople in three decades, Guetzkow (2010) showed that the notion of merit does not explain the definition and changes in anti-poverty policies, which depend more on how are framed the causes of poverty and the abilities and desires of the poor. This concept has been applied to study media coverage of corruption scandals (Berti, 2019), media discourse on childhood vaccine rejection (Court *et al.*, 2021), and public discourse about equity policies in the early childhood education and care sector (Molla & Nolan, 2019). Frame analysis, as it can be seen, may also be good to study the social policy agenda.

When discussing public policy frame analysis, Campbell (2002) shared criticisms such as the objection that they fail to demonstrate causal connections; ignore counterarguments and other possible frames; do not usually review the process of creation, testing,

modification, and adaptation of frames; and do not indicate how policymakers use them to hide real reasons to those who they want to persuade. Criticisms like these are expected to be avoided by the used methods and data.

As frames are a fertile tool in microanalyses of interactions, framing effects analyses, and discourse content analyses (case illustrated by this article), they are adopted here for privileging how discourses frame the world, noting how the content appeals to the interlocutors to follow a certain interpretation. That is why it seems so suitable for capturing governmental images to answer "How Brazilian governments framed social policy?".

Government speeches are studied here, therefore, since they portray political elites' images on topics such as social policy, they are rich and little researched material, and they allow comparing images of different governments. This research considered such attributes of the discourse – how much it informs, how much it is underused, and how much it is comparable – while advancing in the methods exposed in the next section.

RESEARCH METHODOLOGY AND TYPOLOGY OF IMAGES

The employed analytical perspective based on frames dialogues with Cefai (2009), Entman (2006), and Lepińska (2015). According to Cefai, frame analysis has proliferated in these studies since they converted Goffman's concept of the frame into one of a repertoire of cognitive resources used by leaders in strategies of communication to exercise power. Entman (2006) saw framing as a 'research paradigm' that could be applied to the study of mass communication. Frames (1) define problems, (2) diagnose causes, (3) make moral judgments about causal agents and their effects, and (4) suggest remedies. Entman's paradigm and the study of Lepińska on poverty discourse in Polish media offered useful proposals for this research, such as adding a search for framing devices as metaphors and catchphrases. The notion of frames is used to privilege the function of suggesting a tone to a certain image – in this case, the discourse on social policy⁴.

A set of 12 inaugural presidential speeches (1930/37/51 and 1985-2015) and 39 Messages to the National Congress – see Appendix – was systematized by using coding techniques with Atlas.ti software. The goal was to capture differences referred to as inequalities – such as race and region – and strategies to deal with them. The codes resulted from using a dictionary created after an initial reading of the post-1985 discourses. Four key issues were more articulated to ine-

quality by governments: containing inflation; job creation; enforcement of rights; and transfer of income (a link between the first two was immediately detected). Correspondences were identified between images of inequality and social policy, at the heart of the definition of the three frames.

One decision taken was to check the actions attributed to the fight against inequality as anti-inflation plans. With inspiration from variables currently focused on by the literature on inequality,⁵ the first four families of codes were built, and later inductively improved and expanded:

- *Forms of inequalities* – statements about forms of inequality perceived in Brazil, such as race, educational level, generation, and region;⁶
- *Causes of inequality* – explanation of the agents responsible for inequalities;⁷
- *Effects of inequality* – mentions of by-products of inequality (no positive effects were mentioned);⁸ and
- *Public strategies* – an indication of state actions to deal with inequalities.⁹

Those first three axes – forms, causes, and effects of inequality – may be seen as parts of diagnostics, while the latter was related to the official prognosis of inequality. Government assessments of social policy – its objectives, audiences, results, and difficulties – were focused, allowing to elaborate families of codes for such variables. Then it became evident correspondence between the images of inequality and social policy, which are at the heart of the definition of the three frameworks. Those images of social policy and inequality intertwined, and not in a cause-and-effect relation, but rather of restriction-possibilities, as is characteristic of frames according to Small *et al.* (2011).

Despite the heterogeneity of government discourse, three images of social policy are highlighted: *Justice*: related to a moral look to inequality, to be fought by the creation and consolidation of rights; *Modernization*: related to the belief that one modern country must overcome its major inequalities, attacked with economic and education policies; and *Redistribution*: related to a moral look to inequality, to be addressed through the redistribution of resources, such as agrarian and fiscal reforms or income transfer programs.

SOCIAL POLICY AS JUSTICE

When governments frame social policy as justice (or as an enforcement of rights), they have reflected

the idea introduced by Rawls (1999) of justice as fairness – even though such a reference is not explicit or conscious – and have replied to the two key issues on Sen (1992): "why equality?" and "equality of what?". In this second question, the speeches point out changes and continuities in forms of inequality explained by the presidents.

In the Vargas years (1930-45/51-54), the focal variables classified as injustices were *class* and – from 1930 to 1945 – *professional category*. It is curious, but of immediate understanding, that a president whose anti-communism is considered a truism by scholars emphasized the inequality of class (in the roots of communism) while addressing social issues. Inequalities by class and category assigned by Vargas to disorganization of work (less frequently to individualism, industrialization, and overpopulation). The excerpt below illustrates the image of justice five months before the institution of the authoritarian regime of the New State:

Much of the effort applied to the work by the Brazilians was lost unproductively for lack of method, educational deficiencies, precariousness in technical training, and lack of incentives to continue in job and occupation.

(...) we could not carry out such a task without the deliberate and decisive intervention of the government, more than anyone interested in avoiding sterile clashes and struggles, to better ensure the balance of social life and the indispensable conditions for collective progress and well-being. (Brasil, 1937, p. 174-5)

The most recent governments treated three forms of inequality as injustices: regional, quoted from geographic clippings increasingly accurate; income, attributed to minority interests; and racial, said after the Cardoso administration (1995-2002). Since 1985, the speeches of presidents saw as unjust such inequalities, which interpret that echoes the slightest justification for unequal opportunities for rich people than for the poor.

Causes of inequality were rarely attributed in most recent inaugural addresses and annual Messages. In indirect terms or other speeches, the unequal distribution of goods and opportunities was explained by the action of the elites (Itamar administration), defocusing on social spending (Cardoso), history (Cardoso and Lula), and lack of social protection (Rousseff), mentioned without details. Interests of minorities, selfishness, greed, or privilege were blamed for the income inequalities less often than inflation, which appeared and still appears in the official discourse as a reason for the social question.

Table 1
Justice frame: main statements in each government

Secondary frames in each government	Vargas1	Vargas2	Vargas3	Sarney	Collor	Itamar	Cardoso	Lula	Rousseff
Labor rights equality as a goal	X	X							
Organization of work as a duty of the state	X	X							
The social issue originates in the industrialization	X	X							
Combating rural depopulation as a duty of the state	X	X	X	X	X	X	X	X	
Inequality between categories is injustice	X	X							
Class inequality as injustice	X	X	X						
Income inequality as injustice			X	X	X	X	X	X	
Regional inequalities and injustices			X	X	X	X	X	X	X
Criticism of governmental and elites' paternalism				X					
Contrasts economic progress and social injustice				X		X	X		
Inequality affects the democratic character of the state					X				
The national breakdown as the effect of injustice					X				
Social spending focalization via HDI differences						X			
Racial inequalities as injustices						X	X	X	
Brazilian social policy is an example to the world							X	X	

OBS.: Vargas 1: 1930-37; Vargas 2: 1937-45; Vargas 3: 1951-54.

Regional inequalities are the most mentioned by the presidents in the last three decades – taken more as injustices than as regional delays or debts at an inter-regional level. In this case, the diagnostics no longer stuck to the concentrated poverty in the Northeast and began to capture variables such as the influence of geography on inequalities. The first Message from José Sarney's government illustrates this view of regional inequality as an injustice (then of social policies as forms of justice):

There is a paradoxical situation in Brazil: on one hand, has built up an economy in many aspects of the next industrial maturity; on the other, it remains an unjust social structure, which undergoes considerable part of the population to pitiable living conditions, only comparable to those of the poorest nations in the world. (...) It is not possible to eliminate poverty and injustice if it remains unsolved the problem of the Northeast, where almost half of the country's poverty and two-thirds of rural poverty are placed. (Brasil, 1986, pp. 47-49)

Numbers have been more associated in recent decades with the forms of inequality considered injustices. Income inequality began to be illustrated with data from official domiciliary surveys, for example. Also, the Gini coefficient has been quoted in official discourse in the two most recent decades. In the Message of 1998, a curve of the Gini index between 1993 and 1996 was accompanied by the consideration that 1995 (1st year of the Cardoso government) was the "milestone in the resumption of deconcentration". Instead of absolute numbers of poverty and inequality, different governments preferred relative values, as in "the number of poor in the total population decreased from 33.9% in 1997 to 32.7% in 1998, a percentage much lower than the 47.9% in the period immediately preceding the Plano Real" (Brasil, 2000, p. 42) and "IPEA [Institute for Applied Economic Research] showed that poverty in the six main metropolitan regions of the country fell to 35% of the population in 2003 to 24, 1% in 2008" (Brasil, 2009, p. 10). Numbers like these are used in a more political than technical way, as a self-laudatory proof of results, and less as a measure of a problem to be faced.

Racial inequalities, which more lately got into the governmental agenda, have never been commented on based on numbers, relative or absolute ones. This fact exposes a weakness of the diagnosis of the matter, indirectly referred to in other approaches, such as on violence, "the lethal victimization is distributed unevenly: variations are mostly poor and black youth, male, between 15 and 24 who have paid with their lives the price of the rise of violence in Brazil" (Brasil, 2003, p. 111). Even the government has estimated the extent of that injustice, which of course makes it even harder to overcome it, so it is unlikely a poorly diagnosed problem turns out to be well treated.

At this section and the following two, the main argumentative lines of the governments that expressed their images of social policy are summarized. Statements introduced or taken up in each term were collected, as well as singled out here as secondary frames – sublevels of a general description ("rights against inequality" in the case of interpretative frames focused for now). These tables present, in a synthetic way, some results of this research. The possibilities for variations of interpretations are not exhausted, since the focus stands on the main statements of successive governments, which can express other frames more secondarily.

SOCIAL POLICY AS MODERNIZATION

The most unique aspect of the modernization frame is that inequality is seen as an economic issue to be solved through policies such as controlling inflation, promoting domestic production, and qualification of professionals for the labor market. The concentration of income was the main form of inequality seen as a delay, but this image was also mobilized by certain governments about inequalities in education and health (I emphasize considerations related to income inequality).

The discourse that maximizes economic growth would minimize the concentration of income is official since at least the last government Vargas. Such convergence, present in the rhetoric and practice of the former leader of the New State was inconsistent with two major goals in his last years in power, "a significant increase of national autonomy, notably in its economic dimension, and a serious effort to reduce social inequalities and incorporating the masses to the Brazilian civilizing process" (Jaguaribe, 2008, pp. 362-363). Significantly, this reference is to a civilizing process to which the masses must be integrated, which well expresses the orientation of the government's actions, as seen in various executive documents signed by Vargas elected by ballot. The high rates of development of

fered by the economic model have occurred with the consolidation of advantages for some groups and the exclusion of others, making Brazil an internationally known case for its concentration of income, poverty, and social inequalities.

Awareness of the delay in the economy was explained in official discourse and studies influenced by the structuralism of the Economic Commission for Latin America (CEPAL in its local acronym), as the classic study by Furtado (2001), which noted that the industrial expansion, based on undiversified production base, necessarily tend to an external imbalance and strong inflationary pressures. Furtado argued that the lag of three-quarters of a century between the coffee boom and the decline of mining inhibited the diversification of the productive structure and the diffusion of a high technological standard, as happened in the US, for example. Cardoso and Faletto (2004) argued in their thesis on dependence that different arrangements between oligarchic elites, incipient bourgeoisie, and middle and urban working classes were key to the Latin American path toward development. In their argument, the peripheral position of the sub-continent in the world economy dictated first their class structure, while the patrimonialism of the elites with the state has been the cause of the reproduction of underdevelopment.

The priority given to growth in the late 1960s and part of the 1970s brought implicit the idea that rapid growth would lead to structural changes that gradually mitigate the long-term inequalities in access to goods and services. Bonelli and Sedlacek (1988) found that income was more concentrated between 1960 and 1986, especially until the mid-70s when it began to be devoluted until the early 1980s after the oil post-crisis recession, the concentration increased up to 1985 and suffered little significant reversal in 1986, with high average income gains. They stressed that, contrary to what one might expect, income was more concentrated despite the economy's growth.

It has lasted on the agenda of post-democratic transition governments the equality of opportunities referred to by Vargas solely in his government of the middle of that century. Official discourse on the issue varied greatly according to the president, but the emphasis on education was permanent – given its mission to equalize the capabilities of citizens – despite the imbalances between discourse and action.

The contrast between the relative strength of the economy and the absolute vulnerability of the social question was one of the statements in public discourse from the passage of 1980 to 1990. This contrast, which makes us think of what can be considered modernization or delay, was vocalized by politicians and intel-

Table 2*Modernization frame: main statements in each government*

Secondary frames in each government	Vargas 3	Sarney	Collor	Itamar	Cardoso	Lula	Rousseff
Equal opportunities as a goal of the government	X	X	X	X	X	X	X
Economic development as a goal of the government	X	X	X	X	X	X	X
Economic policy as social policy	X	X	X	X	X	X	X
The current educational system is an obstacle to equality	X	X			X	X	
Combating inflation as a social policy	X	X			X	X	
State modernization/reduction as a goal of the government		X	X				
External debt as a social problem		X					
Economic policy needs to sacrifice			X		X		
Economic globalization as a destiny				X			
The social policy ensures economic development				X			
Intervention in the markets as a solution				X			
Criticism of the idea of leaving the cake to grow before dividing				X			
Inflation is a more political problem				X			
Social policy as a public-private partnership					X		
Complementarity between social and infrastructure programs					X		
Emphasis on focalization of social spending					X		
The alliance between economic growth and equity					X	X	
Intraregional non-balance as a delay					X		
Fiscal policy as social policy					X		
Emphasis on the rise of class C/goal of "country of the middle class"					X	X	
Emphasis on the new development model						X	
Foreign policy aligned with social policy						X	

lectuals. The social question was viewed by Fernando Collor, for example, as a delay concerning developed countries:

My generation does not admit more to living with an economic giant but social pygmy Brazil: the tenth economy in the globe with social indicators registering such penury, disease and so much inequality. We do not conceive of modernity without its component of justice, nor progress without everybody being beneficiated from its fruits. (Fernando Collor, inaugural address, 3/15/1990)

State intervention in the economy was, in fact, a focal point of the link between social and economic pol-

icies. According to some authors, a new form of Brazilian state emerged in the 1990s, with the end of the Vargas model. Sallum (2003), for example, highlighted political democratization and economic liberalization as central aspects of that transition. A liberal hegemony started with Collor and reaffirmed by Cardoso and Lula's election would have given conditions to a developmental model.

Regardless of the scope of changes in state and social policy, it is certain that in the official discourse, the links between social policy and the economy have changed a lot with Collor and his emphasis on the need to reconcile the reduction of state presence in productive sectors with a vague notion of social policy as a defense of citizenship. The unprecedented dele-

gation of implementation and/or implementation of public policies to civil society actors from Cardoso has been linked by some (e.g., Dagnino, 2004) to neoliberal ideas then in vogue. Such delegation is associated with one statement that can be correlated to the delay frame: "social policy as a public-private partnership".

The basic principles of the strategy of this program [Comunidade Solidária] are decentralization – with the various Ministries executing actions in their area of competence – and the practice of partnership between the three levels of government [federal, state, and municipal] and between them and society. (Brasil, 1996, p. 23)

The next section discusses the third official image of social policy – redistribution – which intertwines the perception of inequality as a matter of debt (or "social debt"). As noticed before, this frame shows increasing use in recent governments. This is not, however, a new frame. As the delay image transpired in the official rhetoric of the 1950s, the debt one had a strong presence in the Brazilian government for the last three decades.

SOCIAL POLICY AS REDISTRIBUTION

Besides the enforcement of rights (new and old ones) and actions guided to economic expansion or professional qualification, egalitarian speeches of Brazilian governments advocate policies to redistribute public and private assets and resources, such as agrarian, social security, and tax reforms (in this agenda, there is a clear absence of taxation on large fortunes) as well as the income transfer programs adopted since the beginning of the XXI century. This frame of social policy as redistribution is connected to the image of inequality as a debt – from the perspective that some groups owe something to others, it is seen as the need to provide benefits that improve the living conditions of other Brazilians. The "social debt", even without its origin being explicit, was considered a problem compounded by the neglect of previous governments and as a cause for certain social ills.

The redistributive policy was, by its objectives and mechanisms, classified by Ruggeri, Van Wart, and Howard (1996) into two approaches: preventive redistribution, with policies to reduce inequalities of opportunity by providing social services or using non-fiscal instruments (e.g., human rights law); and corrective redistribution, to reduce socially unacceptable income inequalities, especially with disbursements for income transfers to people – in this case, an insufficient income of some groups is seen as a problem. From this classification, presented in an analysis of fiscal redistribution in Canada for three decades, the frame for

social policy as redistribution (and inequality as debt) by the Brazilian government does share the approach of corrective redistribution, and not of preventive redistribution – the images of modernization and delay are closer to this one.

In Brazil, the discourse of the Executive was a rich material to capture what governments understood about the idea of a "government as Robin Hood" (as in Ruggeri and coauthors' book), concerning the mythical character known to give to the poor what they stole from the rich. In the discourses that used the redistribution image, it can be noticed two phases with marked differences among themselves: in the Sarney and Cardoso governments, it prevailed the emphasis on that reformist agenda with egalitarian effects – agrarian, tax, and social security (and administrative one, in Sarney's rhetoric) –; Lula and Rousseff's governments stressed more the redistributive effects of income transfer programs. This discursive turn on social policy is exposed in Table 3.

Under the presidencies of Lula and Rousseff, it is remarkable a shift in official discourse on redistributive policies, with the emphasis not falling back on the reformist agenda, but on the income transfer policies such as Bolsa Família, launched in 2003 (one year earlier, the precursor Bolsa Escola Federal was more referred as an educational policy and the rural social security was seen as the largest income transfer program in the country). Cardoso's and Lula's governments have expressed the ideas of income transfer as a breakthrough of focalization (Brasil, 2002, XIII) and the current tax system as a limit to equality (Brasil, 2005, p.XX).

While Lula's government emphasized the intersectoral view of Bolsa Família – in evident opposition to the fragmentation of its predecessor income transfer programs –, Rousseff's government distinguished by correlating that program with the redistribution of wealth, besides of income, as in a passage of the 2013 and 2014 Messages (pg. 35 and 32, respectively): "the Brazilian inclusive growth model not only favors the reduction of income inequalities but also aims to reduce the wealth gap".

Indeed, Brazil is showing the world that is possible and necessary stability compatible, environmentally sustainable economic growth, income distribution, social inclusion, and justice. For the first time since 1975, when the UN calculated the quality of life of many countries, Brazil joins the group considered high human development countries, which expresses the success of a set of policies adopted, in particular, those related to the poorest ones. (Brasil, 2008, p. 97)

Table 3
Redistribution frame: main statements in each government

Secondary frames in each government	Sarney	Cardoso	Lula	Rousseff
Redistribution as a duty of the state	X	X	X	X
Tax reform as social policy	X	X		
Pension reform as social policy	X	X		
Agrarian reform as social policy	X	X		
Administrative reform as social policy		X		
A social pact needed to redistribute rewards	X			
The current tax system is an obstacle to equality		X	X	
Transfer income as an advancement of focalization in a social area	X	X		
Income transfer programs emphasized as an educational policy		X		
The focalization of social spending to improve income distribution		X		
Land credit as part of agrarian reform		X		
Land redistribution as social and economic policy		X		
Defense of an intersectoral view of income transfer		X		
<i>Cadastro Único</i> (Single Registry) needed to redistribute income		X	X	
Social program success linked to its focus		X	X	
Social programs as the inclusion of the poor in the economy		X	X	

In a country with such complexity as ours, we need to always want more, discover more, innovate in ways, and always seek new solutions.

Only then can we ensure to the ones that have improved life that they can achieve more; and prove to those who are still struggling to get out of poverty that they can, with the help of the government and the whole society, change of life and level.

We can be, in fact, one of the most developed and less unequal nations of the world – a country with a solid and entrepreneurial middle class.” (Dilma Rousseff, 1st inaugural address, 01/01/2011)

Mentions of the eradication of extreme poverty can be read as a government priority or conquest: “the end of poverty is only a beginning” (2014 and 2015 Messages). And, continuing with this motto, the president projected an image of a new Brazil more just and much stronger.

RESULTS: COMPARING GOVERNMENT AND DISCOURSES

Justice, modernization, and redistribution. Pointing out that the most enduring Brazilian governments

and some of the most recent have framed social policies in these three ways is an important finding. A study like this one matters by methodological and empirical advances, after all, it highlights the utility of frame analysis and discourse studies in general to answer certain questions. This study brings new subsidies for reflections on social policy and inequality, both persistent issues on the global agenda, and the role of states and citizens towards them.

Governmental images of social policy were identified by four aspects: diagnostics (forms and causes of inequality); prognostics (effects of inequality and strategies against it); goals (role of social policy); and what authors like Gamson and Modigliani (1989) called “framing devices”, such as metaphors or slogans.

Justice

– *Diagnostics*: were classified as unjust inequalities of five types: *class until 1945*, *professional category* (both only in Vargas governments), and, since 1985, those by *region, income*, and – after Cardoso – by *race*. Inequalities diagnosed by Vargas were attributed to the disorganization of work (to a lesser extent to individualism, industrialization, and overpopulation). Other causes of inequality were recently referred to as the action of the elites (Itamar), defocusing of social spending (Cardoso), history (Cardoso and Lula), and lack of social protection (Rousseff); such causes were mentioned only superficially outside the inaugural addresses and the annual Messages.

– *Prognostics*: speeches indicated social problems (all governments), political problems, reportedly democracy (especially Itamar and Cardoso), and economic ones (mainly Cardoso and Rousseff). Under Vargas, especially social problems included rural depopulation and marginalization. The Sarney and Itamar governments stressed the insecurity; discrimination was pointed out by the Lula government. The enforcement of rights is the typical prognosis of this image, evident in the defense of more labor laws (Vargas), new benefits (Sarney), food security (Itamar), benefits for workers, the focalization of social spending and affirmative action (Cardoso) and enhancement of minimum wages, food distribution, benefits for the poor and racial equality legislation (Lula and Rousseff).

– *Goals*: enforcing rights has had, in the Vargas years, the goal of organizing labor relations and, since 1985, getting more democracy or citizenship (all governments), mitigating problems

such as hunger and misery; and from Lula on, strengthening internal market.

– *Framing devices*: common reference to “social justice”, moral condemnation of inequality, and references to rights to combat it. In allusion to the interests of minorities at the root of regional and income inequalities, there was mention of terms like selfishness (Sarney), greed (Collor), ostentation (Itamar), and privilege (Cardoso). With its call for “Workers from Brazil”, Vargas reinforced the notion of egalitarianism in the job market.

Modernization

– *Diagnostics*: starting on the 3rd Vargas government (1951-54), attributes the inequalities of income, opportunity, and region to a modernization missed by all. Given its concentrated effect on income, inflation is commonly seen as the main responsible for inequality (an idea less highlighted in the injustice frame). Then there is a constant correlation between economic and social policies. Also, inequality was attributed to the educational system, especially in four terms: Vargas, Sarney – which saw foreign debt as an aggravating factor –, and Cardoso and Lula.

– *Prognostics*: it reiterated the need for the government to intervene in the economy, reduce inflation and create jobs; in education, it indicated the qualification of the population. The impact of economic growth on poverty and inequality was particularly marked by Vargas, Sarney, and Lula, while Collor and Cardoso stressed the adoption of economic policies that sacrifice, and Itamar criticized the wait for the growth of wealth and only then distribute it. Rousseff defended what she defined as a new development model.

– *Goals*: modernization to be achieved through economic and educational policies. Economic development and democracy were considered requirements to end inequalities classified as delays. There was a current articulation between the fight against poverty and the defense of economic stability in the discourse of different governments.

– *Framing devices*: an allusion to “underdeveloped” and – less frequently – “delay” or “social delay”, the contrast between inequality and modernization, and repeated links between economic and social policies. The reference to the goal of a “country of the middle class”

was introduced by Lula and Rousseff (1st term). “Brazil without misery”, the name of a program in the Rousseff government, suggested the passage from one country to another without misery. The reduction of the state was the beaded goal of Sarney and Collor in discourses on social issues (this idea was expressed by others in different contexts).

Redistribution

– *Diagnostics*: absent in Vargas’s years, this image was almost always related to income inequality (it was rare to look at gender inequality as debt with women; other inequalities were framed using previous images). In addition to the causes exposed before, it is added here the neglect of previous governments and regressivity of the tax system (in this case, by the Cardoso and Lula governments, which also indicated income transfer as an advance of focalization of social policy).

– *Prognostics*: egalitarians speeches of Sarney, Cardoso, Lula, and Rousseff governments were in favor of two forms of redistributive actions: agrarian, tax, and social security reforms (agendas more highlighted by the first two) and conditional income transfer programs (most notably between those two most recent governments). Although it was a matter introduced by Cardoso, the focalization of social spending has only been more related to the success of social programs in the following two governments.

– *Goals*: redistribution was more emphasized by its curative effect of reducing present inequalities (as opposed to preventive redistribution, seeking equity through social services and non-fiscal instruments). The goal is to transfer resources such as land and financial aid so that certain groups have living conditions equivalent to those of others.

– *Framing devices*: the idea of “social debt” to be rescued by the redistribution of resources; and the view that the rich owe something to the poor. The so-called “New Republic” government (Sarney term) began considering the “social debt” as “our greatest debt”. “The end of the misery is only a beginning” was an idea expressed in the Rousseff government with enough ambiguity to suggest both a priority as a result already achieved.

From the types of framing processes of collective action defined by Benford and Snow (2000) – discursive, strategic, and contested – this study seems to sug-

gest that the three would apply to inequality and social policy frames (the closest to “contention” perhaps is the rhetoric of governments that succeed opponents). The final section highlights the implications of this study for two fields: frame research and inequality.

FINAL REMARKS: CORRELATING CULTURE AND INEQUALITY

Certain choices of my frame analysis – articulations of diagnostics and prognostics, the emphasis on secondary frames, and attention to framing devices without displaced conclusions and stressing textual minutia – provided an effective use of this concept. A contribution to the research agenda on social policy and inequality has been making use of an analytical perspective based on frames and of a methodological choice – extract interpretations of official discourse – both still little explored by scholars dedicated to both

issues. Current culturalist analyses of inequality have focused on popular and elite perceptions of this issue and poverty. This study may be read also as an invitation for more analysis of meaning-making regarding themes such as social policy.

Submitted on 06/07/2022

Accepted on 03/05/2023

To overcome the ambiguity and imprecision of the theoretical and methodological use of the concept of frames, several frame analyzes were reviewed. This study confirms the multiplicity and the coexistence of frames. Every actor creates meanings on issues such as social policy using their material and symbolic resources. By focusing on the range of governmental meanings, it could be noticed the restriction-possible relationship between culture and behavior reported by cultural sociologists, who have rejected a cause-effect relation in this case. The allusion to the forms of social policy as justice, modernization, or redistribution does not condition the policies to deal with inequality but influences their formulation and execution.

The typology of social policy frames was proposed by focusing on the attributes of the concept, reviewed in Johnston (2002): each one has a content; is a cognitive structure; individual as well as social; it has a fixed and dynamic nature; is based on texts. It could also be closely verified such attributes and checked frame variables such as influence and resonance, as seen by authors such as Benford and Snow (2000). The appropriateness of the concept of frames seems to have been well demonstrated, as the pros of this perspective were highlighted, such as the approach to processes of framing changes, as well as some of its difficulties, such as minimizing the relational aspect of discourses and reducing frames to more traceable and measurable themes.

Emphasized by cultural sociology, the concept of culture as an independent variable proved fruitful here, as I focused on the interactions between framing and governing, although the emphasis falls on meaning-making, and not on the elaboration of policies; future studies on the relations between the images of the governments and their actions can follow this track. It was possible, anyway, to address some political effects of the frames on the trajectory of social policy and inequality in Brazil – notably the relations between references to inequalities in the plans of governments (inaugural addresses, especially) and their respective balance sheets, as the annual Messages. Such correlations were deliberately exposed more tacitly than explicitly, to avoid exhaustive, strategic, and contested – this study seems to sug-

NOTES

¹ A comparison with military governments (1964-85), for example, would be inaccurate due to variables such as the lack of electoral calculation in speeches and the authoritarian nature of the regime.

² After an armed coup in 1930, landowner Getúlio Vargas, a defeated presidential candidate, rose to power under a presidency prolonged by his election in 1934. Three years later, he executed a self-coup, and Brazil became a dictatorship (*Estado Novo* or New State) led by him until 1945, when the military forced his resignation and deposed him after a growing wave of internal discontent. After a victorious presidential campaign, Vargas took office for a democratic presidency in 1951 and governed Brazil until his suicide which put an end to a political crisis in 1954.

³ The news, which at first marginalized protesters, focused on their image and stressed their dissent, began to focus on the presence of communists, violence in protests, etc. Unspoken or not accepted, frames would enable journalists to process large amounts of information quickly, assign it to cognitive categories and package it for efficient relay to the audience.

⁴ Besides the function of giving a tone to the image display, Tankard (2001) suggests other two views of the frame metaphor: the function of isolating determined material and drawing attention

to it (as in Goffman) and how what is known in architecture as a frame, what stands for organizing structure (organizing idea here) on which a narrative is built.

⁵ The creation of families of codes was initially inspired by some questions from a survey of the Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade (NIED) at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) to capture perceptions of the elites about inequality in Brazil and Uruguay, in 2013.

⁶ The expected categories referred to as forms of inequalities included ‘income’; ‘region’; ‘educational level’; ‘health’; ‘opportunities’; ‘race’; ‘gender’; ‘generation’; and ‘others’.

⁷ The expected categories referred to as causes of inequality included ‘state’; ‘market’; ‘civil society’; ‘elites’; ‘history’; and ‘others’.

⁸ The expected categories referred to as effects of inequality included ‘economic ills’; ‘social ills’; ‘political ills’; and ‘others’.

⁹ The expected categories referred to as public strategies against inequality included ‘agrarian reform’; ‘employees’ participation in profits’; ‘more spending in social programs’; ‘more deregulation in the economy’; ‘more progressive income tax’; ‘wealth tax’; ‘more efficient social services’; ‘birth control’; and ‘others’.

REFERENCES

- Benford R. D.; Snow D. A. (2000). Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, 26, 611-39. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.611>
- Berti C. (2019). 'Rotten Apples or Rotten System?' Media Framing of Political Corruption in New Zealand and Italy. *Journalism Studies*, 20(11), 1580-1597. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1530068>
- Bonelli R.; Sedlacek G. (1988). *Distribuição de renda: evolução no último quarto de século*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Brasil (1937). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 1937. Rio de Janeiro: Presidência da República.
- (1986). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 1986. Brasília: Presidência da República.
- (1996). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 1996. Brasília: Presidência da República.
- (2002). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2002. Brasília: Presidência da República.
- (2003). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2003. Brasília: Presidência da República.
- (2008). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2008. Brasília: Presidência da República.
- (2009). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2009. Brasília: Presidência da República.
- (2013). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2013. Brasília: Presidência da República.
- (2014). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2014. Brasília: Presidência da República.
- (2015). *Mensagem ao Congresso Nacional*, 2015. Brasília: Presidência da República.
- Campbell J. L. (2002). Ideas, politics and public policy. *Annual Review of Sociology*, 28, 21-38. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.28.110601.141111>
- Cardoso F. H.; Faletto E. (2004). *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cefaï D. (2009). Comment se mobilise-t-on? L'apport d'une approche pragmatiste à la sociologie de l'action collective. *Sociologie et sociétés*, 41(2), 245-269. <https://doi.org/10.7202/039267ar>
- Chong D.; Druckman J. N. (2007). Framing theory. *Annual Review of Political Science*, 10, 103-26. <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.10.072805.103054>
- Court, Carter, S. M., Attwell, K., Leask, J., & Wiley, K. (2021). Labels matter: Use and non-use of "anti-vax" framing in Australian media discourse 2008–2018. *Social Science & Medicine* (1982), 291, 114502-114502. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114502>
- Dagnino, E. (2004). ¿Sociedad civil, participación e ciudadanía: de que estamos falando? In: D. Mato (Coord.) *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*, 95-110. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela.
- Entman R. M. (2006). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <http://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Ferree, M. M., Gamson, W. A., Gerhards J.; Rucht D. (2002). *Shaping Abortion Discourse: Democracy and the Public Sphere in Germany and the United States*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Furtado, C. (2001). *Formação econômica do Brasil*. 30 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- Gamson, W. A.; Modigliani, A. (1989). Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, 95(1), 1-37.
- Gitlin, T. (1980). *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left*. Berkeley: University of California Press.
- Goffman, E. (1986). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. 2 ed. Boston: Northeastern University Press.
- Guetzkow, J. (2010). Beyond Deservingness: Congressional Discourse on Poverty, 1964-1996. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 629(1), 173-97. <https://doi.org/10.1177/0002716209357404>
- Jaguaribe, H. (2008). *Brasil, mundo e homem na atualidade: estudos diversos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- Johnston, H. (2002). Verification and Proof in Frame and Discourse Analysis. In: B. Klandermans & S. Staggenborg. (Ed.) *Methods of Social Movement Research*, 62-91. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.
- Lepianka, D. (2015). Images of poverty in a selection of the Polish daily press. *Current Sociology*, 63(7), 999-1016. <https://doi.org/10.1177/0011392115587021>
- Mendonça, R. F., Simões, P. G. (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(79), 187-235. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>
- Molla, T., Nolan, A. (2019). The problem of inequality in Australia's early childhood education and care sector: A policy frame analysis. *The Australian Journal of Education*, 63(3), 322-339. <https://doi.org/10.1177/0004944119880612>
- Noonan, R. K. (1995). Women against the state: political opportunities and collective action frames in Chile's transition to democracy. *Sociological Forum*, 10, 81-111. <https://doi.org/10.1007/BF02098565>
- Rawls, J. (1999). *A Theory of Justice*. Revised ed. Harvard: Harvard University Press.
- Ruggeri, G. C.; Van Wart, D.; Howard, R. (1996). *The Government as Robin Hood: Exploring the Myth*. Kingston: Queens University/Caledon Institute of Social Policy.
- Sallum, B. (2003). Metamorfoses do estado brasileiro no final do século XX. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(52), 35-54. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000200003>
- Sen, A. (2012). *Desigualdade reexaminada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Small, M. L.; Harding, D. J.; Lamont, M. (2010). Reconsidering culture and poverty. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 629(1), 6-27. <https://doi.org/10.1177/0002716210362077>
- Swidler, A. (1986). Culture in Action: Symbols and Strategies. *American Sociological Review*, 51(2), 273-86. <https://doi.org/10.2307/2095521>

Tankard, J. W. (2001). An empirical approach to the study of media framing. In: S. D. Reese, O. H. Gandy & A. E. Grant (Ed.). *Framing public life: Perspectives of media and our understanding of the social world*, 95-106. Mahwah: Erlbaum.

Vliegenthart, R.; Van Zoonen, L. (2011). Power to the Frame: Bringing Sociology Back to Frame Analysis. *European Journal of Communication*, 26(2), 101-115. <https://doi.org/10.1177/0267323111404838>

Appendix : Corpus sources

Government	Inaugural Address (12 speeches)	Annual Messages (39 documents)
Vargas 1	1930	1935, 1936
Vargas 2	1937	1937
Vargas 3	1951	1951, 1952, 1953, 1954
Sarney	1985	1986, 1987, 1988, 1989, 1990
Collor	1990	1991, 1992
Itamar	1992 (1992-10-05)	1993, 1994 (2 editions that year)
Cardoso	1995, 1999	1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002
Lula	2003, 2007	2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010
Dilma	2011, 2015	2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016

ABSTRACT | RESUMO | RÉSUMÉ

Images of Social Policy in Brazil : A Comparison between Government Frames

Imagens da política social no Brasil: uma comparação entre enquadramentos governamentais

Les images des politiques sociales au Brésil : une comparaison des cadrages gouvernementaux

En. The analysis of official representations of social policy in Brazil illustrates the relevance of the concept of framing, as used by cultural sociologists, in comparative studies. The article focuses on the discourse of federal governments subsequent to the restoration of democracy (1985-2016) and the mandates of Getúlio Vargas, once called “father of the poor” in the 1930’s-1950’s. Two challenges in framing research are discussed: the nature of the concept (what is framing) and its operationalization (where is it). Having clarified the theoretical and methodological use of the concept, we move on to recognize and compare framings in 12 inaugural speeches and 39 annual accountability reports of the Executive Branch. Government understandings of four aspects of social policy are more closely analyzed: diagnoses, prognoses, goals, and framing devices. Significance attributed to social policy (such as justice, modernization, and redistribution) undergoes major changes, however continuities also appear, such as the correlation between social development and economic development. Additionally, the paper highlights the advantages of this lens, such as addressing processes in the change of framing, and some of its difficulties, such as minimizing the relational aspect of discourses and reducing framings to more traceable and measurable themes. Intersecting culture and politics enable the identification of the political effects of framings on the evolution of social policy and inequality in Brazil – as demonstrates the representations given of inequality in governmental plans and annual reports. Relevant variables are highlighted in the relations between government priorities (e.g., containing inflation and improving public education) and the agenda of reducing inequality. Some choices of this framing analysis - such as linking diagnoses and prognoses, highlighting secondary framing, and paying attention to framing devices rather than textual details - have added to the effectiveness of the concept. This analytical perspective, still little used by scholars working on these topics, contributes to the research agenda on social policy and inequality.

Keywords: framing; social policies; political effects; Getúlio Vargas; restoration of democracy.

Pt. A análise de imagens oficiais da política social no Brasil ilustra a utilidade do conceito de enquadramento, conforme usado por sociólogos culturais, em estudos comparativos. O artigo focaliza o discurso de governos federais posteriores à restauração da democracia (1985-2016) e dos mandatos de Getúlio Vargas, outrora chamado “pai dos pobres”, nos anos 1930-1950. Dois desafios na pesquisa de enquadramento são discutidos: natureza do conceito (o que é enquadramento) e sua operacionalização (onde está). Esclarecido o uso teórico e metodológico do conceito, passa-se a reconhecer e comparar enquadramentos em 12 discursos de posse e 39 relatórios anuais de prestação de contas do Executivo. Os entendimentos governamentais de quatro aspectos da política social são analisados mais de perto: diagnósticos, prognósticos, metas e dispositivos de enquadramento. Houve mudanças importantes nos significados atribuídos à política social (como justiça, modernização e redistribuição) e continuidades, como a correlação entre desenvolvimento social e desenvolvimento econômico. O texto também destaca prós dessa perspectiva, como a abordagem dos processos de mudança de enquadramento, e algumas de suas dificuldades, como minimizar o aspecto relacional dos discursos e reduzir os enquadramentos a temas mais rastreáveis e mensuráveis. Ao interrelacionar cultura e política, abordaram-se efeitos políticos dos enquadramentos em trajetos da política social e desigualdade no Brasil – vide as menções à desigualdade nos planos de governos e nos respectivos balanços anuais. São apontadas variáveis relevantes nas relações entre prioridades governamentais (p. ex., contenção da inflação e melhoria da educação pública) e a agenda de redução da desigualdade. Certas opções desta análise

de enquadramento – tais como ligar diagnósticos e prognósticos, realçar enquadramentos secundários e atentar a dispositivos de enquadramento sem fristar minúcias textuais – deram eficácia ao uso do conceito. Uma contribuição à agenda de pesquisa da política social e desigualdade foi recorrer a essa perspectiva analítica ainda pouco usada por estudiosos desses temas.

Palavras-chave: enquadramento; políticas sociais; efeitos políticos; Getúlio Vargas; restauração da democracia

Fr. L’analyse des images officielles des politiques sociales au Brésil illustre la pertinence, pour les études comparatives, du concept de cadrage tel qu'il est utilisé en sociologie de la culture. Cet article se penche sur les discours des gouvernements fédéraux après la restauration de la démocratie (1985-2016) et dans les années 1930-1950, sous les présidences de Getúlio Vargas, alors surnommé « père des pauvres ». Nous nous intéressons ici à deux enjeux des études sur le cadrage : la nature du concept (qu'est-ce que le cadrage) et son opérationnalisation (où se trouve-t-il). Après quelques précisions sur l'utilisation théorique et méthodologique de ce concept, nous identifions et comparons les cadrages utilisés au sein de 12 discours d'investiture et de 39 rapports annuels du pouvoir exécutif. Nous examinons les visions gouvernementales concernant quatre aspects des politiques sociales : les diagnostics, les prévisions, les objectifs et les dispositifs de cadrage. Nous constatons des changements notables dans les significations attribuées aux politiques sociales (sur des sujets comme la justice, la modernisation et la redistribution), mais également des continuités, telles que le lien entre développement social et développement économique. Nous soulignons aussi les avantages de cette approche, comme de pouvoir aborder les processus de changement de cadrage, et certaines de ses difficultés, dont le fait de minimiser l'aspect relationnel des discours et de limiter les cadrages à des thèmes facilement traçables et mesurables. Établir un lien entre culture et politique permet d'appréhender les effets politiques des cadrages au fil de l'évolution des politiques sociales et des inégalités au Brésil – comme en témoignent les références aux inégalités dans les plans gouvernementaux et les bilans annuels. Nous identifions plusieurs variables pertinentes concernant les rapports entre les priorités gouvernementales (maîtriser l'inflation ou améliorer l'enseignement public, par exemple) et l'agenda de réduction des inégalités. Certains choix opérés pour cette analyse de cadrage – tels que relier les diagnostics aux prévisions, faire ressortir les cadrages secondaires et être attentif aux mécanismes de cadrage plutôt qu'aux détails textuels – ont permis au concept de gagner en efficacité. Le recours à cette approche analytique, encore peu fréquent chez les spécialistes du domaine, contribue ainsi à l'agenda de recherche sur les politiques sociales et les inégalités.

Mots-clés : cadrage ; politiques sociales ; effets politiques ; Getúlio Vargas ; restauration de la démocratie

Os enquadramentos do usuário de drogas na *Folha de S. Paulo* ao longo da Ditadura Militar

JÚLIO CÉSAR RIGONI FILHO

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal do Paraná

julinhorigoni@hotmail.com

ORCID: /0000-0002-5151-1623



o longo da Ditadura Militar consolidou-se um modelo bélico de combate à figura do usuário de drogas como criminoso (Torquato, 2016). Para o órgão de inteligência da Ditadura, o Sistema Nacional de Informações, o vício em drogas era uma das causas para o envolvimento de jovens em movimentos revolucionários, como iniciativa fomentada pelo comunismo (Brito, 2021). Inclusive, no período, amedrontava-se a população sobre os malefícios do comunismo, associando valores como proteção à família, à propriedade privada e aos ‘bons costumes’ (Rezende, 2013).

Isso ressignifica uma série de enquadramentos jornalísticos relativos ao usuário de drogas, pois estabeleceu-se como critério de noticiabilidade o combate às condutas imorais, pelo alinhamento de grande parte da imprensa com o regime ditatorial.

Desperta a curiosidade pela ascensão da *Folha de S. Paulo* nesse processo, bem como sua participação no jogo de alianças traçadas entre a empresa e o governo militar. Pelas decisões editoriais e comerciais, a ênfase ao tema drogas, a expansão das vendas e as mudanças editoriais. Ainda, há particularidades que sugerem a fluidez do periódico, pois ao passo que legitimou o Golpe de 1964, nas décadas seguintes, atuou a favor do movimento de eleições diretas, conhecido como ‘Díretas Já’. E na atualidade, se envolveu em polêmicas,

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Júlio César Rigoni Filho, « Os enquadramentos do usuário de drogas na *Folha de S. Paulo* ao longo da Ditadura Militar », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*

[En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.526>

como ao considerar a Ditadura brasileira como mais branda, em comparação com outros regimes autoritários, apelidando-a de ‘Ditabrandá’, conforme apontam Barbosa (2007), Pires (2007), Kushnir (2012) e Laranjeira (2014).

Assim, questiona-se quais são os enquadramentos do usuário de drogas em matérias jornalísticas da *Folha de S. Paulo*, observando as evidências que reduziam esses sujeitos como estragados ou inferiores, empregando para isso características físicas, histórias de vida e relatos (Goffman, 1988). Isso ao hipotetizar que, os enquadramentos não se limitam ao jovem radicalizado, apoiador da esquerda e profanador dos valores familiares, ou ao indivíduo pobre e marginalizado, características do processo inicial da exploração bibliográfica, de acordo com Rezende (2013) e Brito (2021).

De tal forma, neste artigo, inicialmente realiza-se uma contextualização do combate às drogas na Ditadura Militar, seguido da visibilidade conferida ao tema e as transformações editoriais do jornal. Já na sequência, a análise toma como objeto empírico 9 matérias veiculadas pela *Folha* no período militar, extraídas de um corpus mais amplo de 326 matérias, todas disponíveis no acervo virtual do jornal. Esse conjunto de 9 matérias servirá de exemplo para as discussões promovidas. A partir de uma leitura exaustiva desses materiais, com base em Entman (1993), concentrou-se nos detalhes, indícios, que emergem desses textos midiáticos no exercício de seu poder, pois diante dos enquadramentos jornalísticos em um período histórico, comprehende-se os princípios compartilhados que estruturaram o mundo social (Reese, 2001).

O MODELO BÉLICO DE COMBATE ÀS DROGAS NO CONTEXTO SOCIAL DA DITADURA MILITAR

O anticomunismo no Brasil é uma tradição presente desde o início do século XX, devido a tentativa fracassada de insurreição promovida por setores da esquerda e por manifestantes sem militância, no episódio conhecido como Intentona Comunista. Esse episódio despertou uma reação “violenta do Estado e dos setores sociais dominantes, que capricharam na repressão e na propaganda” (Motta, 2021, p.22).

A partir disso, Motta (2021) defende que o imaginário dos comunistas se associa ao inimigo, a personagens imorais e nefastos. No caso do período que antecede o golpe de 1964, a reação dos setores conservadores e da oposição política frente ao ‘perigo comunista’ levaram Marchas da Família com Deus em várias cidades do país.

Como considera Rezende (2013) a manutenção do poder ditatorial por vias ideológicas consistia na disseminação do medo ao comunismo, devido as pressões exercidas pelos EUA na América Latina frente ao contexto da Guerra Fria. Inclusive, conforme lembra Motta (2021), os treinamentos dos militares e policiais para combater as esquerdas foram promovidos pelos governos norte-americanos.

Entretanto, essa participação estrangeira em assuntos ligados a drogas e medicamentos não era novidade no país. Stücker e Cytrynowicz (2007) afirmam que no período que antecede a Ditadura Militar, os governos mostravam-se descontentes com a desnacionalização da indústria farmacêutica, por isso, medidas para uniformizar os preços dos medicamentos no Brasil foram impostas. Mas essa decisão acentuou as rivalidades com as multinacionais farmacêuticas, principalmente com os Estados Unidos. Esse país mostrou-se o principal interessado pelo proibicionismo no mundo, dado sua posição como controlador de oferta e demanda de drogas a partir das décadas de 1960 e de 1970 (Alarcon, Belmonte, Jorge, 2012).

Logo após o golpe militar de 1964 essas medidas foram revogadas, enquanto a presença de iniciativas médicas estadunidenses ampliava-se, principalmente no ensino superior, ao consagrar a formação médica de forma “individualista, biologicista, hospitalocêntrica e com ênfase nas especializações” (Lampert, 2009, p.65).

Frente ao crescimento da vida urbana, há uma intensificação nas condições precárias de vida, atingindo principalmente a população de baixa renda. Em relação à saúde desses indivíduos, por concentrarem-se em regiões precárias não tinham acesso a uma estrutura sanitária, e dado o baixo poder aquisitivo enfrentavam a desnutrição. Em 1974 é criado o Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social (FAS) para financiar organizações médicas em prol da construção, ampliação e aquisição de equipamentos em hospitais particulares, caracterizando o início do que Ponte (2010) classifica como drenagem dos recursos governamentais em prol da medicina curativa privada, em um processo de sucateamento dos serviços públicos (Ponte, 2010).

Como consequência, a medicina incorpora aspectos tecnológicos e empresariais, além de influenciar diretamente nas políticas sobre drogas, que na época estavam associadas à política de medicamentos. A medicina inicia a sua contribuição nas leis brasileiras, principalmente ao legitimar o controle sobre o uso de drogas e o usuário é considerado doente e/ou criminoso (Fiore, 2005).

Ao regulamentar os medicamentos e classificar quais substâncias psicoativas eram legais ou ilegais



Torcato (2016) defende que se impulsiona um modelo centralizado nas políticas sobre drogas, com fortes inspirações nos EUA. Prova disso é a formação do Conselho Federal de Entorpecentes, em 1980, como órgão interministerial responsável por coordenar as ações antidrogas e a repressão no país.

Na época, como recorda Torcato (2016), a medicina passa pela Revolução Farmacológica da Psiquiatria, ao considerar que o uso de psicofármacos melhoraria as condições de saúde dos pacientes psiquiátricos, sem uma longa internação hospitalar.

Em relação ao tratamento para usuários de drogas, Alarcon, Belmonte e Jorges (2012) compreendem que as bases policiais, inertes na legislação criminal sobre drogas, instituíram dispositivos de saúde baseados exclusivamente na abstinência total.

No caso das iniciativas assistenciais de tratamento ao uso de drogas, destacam-se o surgimento das comunidades terapêuticas, que, para Lima (2017), são instituições com estruturas semelhantes ao isolamento, com a valorização da vida comunitária e envolvimento em rituais religiosos. Historicamente, esse modelo remonta ao final da década de 1960, tendo influência do estreitamento entre Brasil e EUA durante a Ditadura, numa relação de complementaridade e disputa entre religião e saúde.

Somando a essa importação de um modelo estadunidense para o tratamento do usuário de drogas, Farias e Passos (2018) lembram que a crise no sistema de saúde durante o final da década de 1960, devido ao sucateamento dos institutos e hospitais públicos, gera práticas voluntárias e assistencialistas no campo da saúde mental.

À medida em que as leis e a medicina estipulam o vício como um critério para definir uma conduta desviante, pretende-se “racionalizar uma repreação moral da conduta individual, dando origem a um processo de estigmatização de determinados sujeitos considerados desviantes, por meio de categorias pretensamente nosológicas como ‘viciado’, ‘dependente’ ou ‘toxicômano’” (Brandão, 2021, p.7).

Ainda, a atmosfera gerada pela Guerra Fria e pelos movimentos de contracultura agregam para Brito (2021) valores nas práticas de combate ao comunismo e de concepção da juventude como uma categoria singular da sociedade. O autor destaca que o final da década de 1960 é emblemático ao associar o consumo de drogas à juventude.

Em 1968, o Ato Institucional N° 5 torna-se o principal instrumento de opressão da ditadura, escancarando-a. A partir dele, o Congresso Nacional foi fechado

por tempo indeterminado e seus parlamentares tiveram os mandatos cassados, expandindo-se para senadores, prefeitos e governadores. Opositores políticos do regime tiveram seus direitos políticos cassados, a censura passava a rondar a mídia e as divulgações ideológicas, proibindo inclusive a realização de reuniões e discussões coletivas. Considera-se esse período iniciado pelo AI-5 em 1968 e que vai até os primeiros anos de 1970 como os anos de chumbo, pela intensificação da repressão. Para Motta (2021), nesse período a Ditadura assume sua face mais violenta e repressiva, mesmo que mantivesse alguns princípios liberais em prol dos laços com a elite civil (como as eleições para prefeitos em 1972).

Os meios de comunicação e as práticas artísticas passaram a ser considerados instrumentos de formação das práticas subversivas, apresentando temas considerados desagregadores das famílias e dos valores sociais. Logo, remeteria à subversão, rotulagem também conferida aos movimentos estudantis e operários, que clamavam por redução nas desigualdades, pois “chamar de comunistas os movimentos sociais reivindicativos era simultaneamente uma maneira de expressar o medo em relação a mudanças sociais e uma estratégia de manipulação do perigo vermelho” (Motta, 2021, p. 27).

Por exemplo, em 1973, no período de maior repressão, Brito (2021) retoma um levante policial realizado em uma residência universitária da Universidade de Brasília que resultou na prisão de 33 jovens moradores, sob acusação de viverem em um local de acentuada promiscuidade. Tal episódio escancara a visão que a polícia tinha da juventude, no que diz respeito à censura dos corpos, considerados sujos, barbudos e cabeludos.

A ATUAÇÃO DA IMPRENSA E A VISIBILIDADE DO COMBATE ÀS DROGAS DURANTE A DITADURA MILITAR

No caso da relação entre o jornalismo e o consumo de drogas pode parecer, a um primeiro momento, que envolve apenas a difusão de notícias sobre a criminalidade urbana em tons policiais. Mas, ao debruçar-se em antigos periódicos, como faz Cunha (2010) com páginas noticiosas do Rio de Janeiro da década de 1920, percebe que à medida em que aumentam os casos de vício e criminalidade, o tom das notícias passa a enfocar os malefícios das substâncias ao invés de anúncios que valorizam o uso da cocaína para cura de enfermidades. Se na década de 1910 enuncia-se a periculosidade das substâncias psicoativas, pela facilidade em obtê-las, e casos de overdoses, é na década de 1920 que o crescimento no consumo de cocaína e morfina torna-se um problema social.

A criminalidade relatada pela imprensa nas décadas de 1950 e 1960, de caráter passional, muda na década de 1970 para crimes “aparentemente sem motivo e sem sentido que, cada vez mais constantemente, eram desafiadas nos jornais” (Zaluar, 1994, p. 96). Somando-se a isso, Barbosa (2007) defende que ao longo das décadas de 1960 e 1970, os jornais impressos brasileiros empregam estratégias para despertar sensações no leitor: as narrações do cotidiano são repletas de exagero e os fatos descritos em densidade.

Destaca-se que nesse mesmo período mudanças administrativas impulsionaram o Grupo Folha a um patamar de maior visibilidade e audiência no país. Isso inicia-se ao unificar na *Folha de S. Paulo* os três jornais que faziam parte do grupo (*Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*), além da troca da direção da empresa: Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho substituem Nabantino Ramos como sócios no jornal. As estratégias empresariais incluíam a aquisição de uma frota própria de veículos para distribuir os jornais entre as cidades do interior de São Paulo, evoluções tecnológicas no parque gráfico e a consolidação de um projeto político-cultural, cuja base centrava-se no apoio aos governos militares. Resgata-se que as famílias dos diretores, Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, eram escoltadas por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Muitos veículos com logotipo da empresa participaram das campanhas dos órgãos de segurança, conduzindo pesos políticos, e por isso sofreram ameaças e atentados dos grupos guerrilheiros (Laranjeira, 2014). Dessa forma, há um percurso de concentração empresarial, a partir da organização dos jornais pertencentes ao Grupo Folha, o que ampliou seus potenciais de publicação e veiculação (Barbosa, 2007).

Não se pode deixar de lado o impacto causado pela censura política que rondava a imprensa brasileira com a promulgação do AI-5 em 1968. Barbosa (2007) ressalta que nesse período as relações de poder entre o Grupo Folha e os governos militares interpelam-se ainda mais. Prova disso é que uma espécie de central de notícias foi criada em paralelo a redação do periódico para executar a autocensura. De tal modo, informações advindas dos censores do governo federal eram disseminadas aos editores do jornal. “Essa central de informações redistribuía para todos os jornais do grupo as notícias, como também as vendia para outros periódicos” (Kushnir, 2012, p. 535).

Exemplifica-se o servilismo da *Folha* com a ditadura diante da divulgação completa e sem contestações do relatório do exército sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog, no Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) de São Paulo. Com isso, o grupo aprimorou “o jornalismo do mato¹ (...) e promoveria a delação

cívica, avanço em relação ao estágio mesolítico dos atemorizamentos, alforrias, premiações e recompensas” (Laranjeira, 2014, p. 199).

Esses fatores conduzem uma reflexão crítica sobre as noções do jornalismo como um fiel expositor da realidade, pois, além da dimensão da Ditadura Militar, do cenário de censura e das normas internas das redações do Grupo Folha, há aspectos da subjetividade exercida pelo jornalismo no relato do cotidiano, como defende Tavares (2012).

Assim, estuda-se um contexto ditatorial, no qual a censura contrapõe-se a pluralidade de expressões, mesmo que jornais e panfletos alternativos fossem veiculados. De tal forma, como assume Bourdieu (1997), o campo jornalístico opera sob uma série de crenças partilhadas e pressupostos imersos nas sanções mercadológicas e políticas. Portanto, a realidade jornalística, enquanto produtos de instituições midiáticas e profissionais da imprensa, opõe-se ao entendimento do jornal como um espelho da realidade capaz de refletir a estrutura da sociedade.

Baseando-se na teoria de Goffman (2002) sobre as experiências individuais como frutos do enquadramento da realidade dos sujeitos, Robert Entman (1989) e Gaye Tuchman (1993) passaram a compreender as maneiras pelas quais as notícias são construções simbólicas para enquadrar a realidade a partir de uma série de recursos. Mas, a partir das críticas de Reese (2007), a pesquisa de Tuchman (1993) mostra-se estética ao defender que a experiência de produção de notícias é pré-determinada, já que a autora expõe uma série de estruturas e rotinas incorporadas ao trabalho jornalístico.

Nessa perspectiva, pode-se considerar o jornalista como uma entidade abstrata, cuja seleção e construção dos “fatos detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação” (Bourdieu, 1997, p. 66).

Entretanto, os julgamentos dos jornalistas no desenvolvimento de suas matérias envolvem aspectos de seus sistemas de crença. Entman (1993) adverte que mesmo com critérios de objetividade exigidos na atuação profissional, o enquadramento dominante pode ser transmitido, impedindo uma provável reflexão crítica dos leitores.

Em suma, considerando o campo jornalístico um espaço dotado de estrutura, as relações de dominação e submissão estão presentes, em lutas que englobam aspectos econômicos, pelos ganhos financeiros com a receita dos produtos ofertados, e aspectos simbólicos, pela posição e atuação da empresa de imprensa nos demais campos. Percebe-se que o peso comercial dita

as adoções de critérios de noticiabilidade, em outras palavras, a partir de Bourdieu (1997), são as respostas das vendas e a avaliação dos produtores os responsáveis pelo direcionamento das produções jornalísticas.

No caso da *Folha de S. Paulo*, o combate a subversão, seja pela promulgação de diretrizes morais e cívicas que enaltecessem o apoio aos governos militares ou pela divulgação de indivíduos procurados pelas autoridades, dava destaque ainda ao tema drogas, pois “a divulgação dessas notícias no tom agressivo escolhido aumentava as vendas do jornal e tinha o apoio dos donos – Frias e Caldeira” (Kushnir, 2012, p. 541).

Portanto, como aponta Tavares (2012), o jornalismo vai além da composição de sentidos nas informações, deslocando-se enquanto produtor de conhecimento na vida social, por envolver-se com saberes, públicos, práticas profissionais. Logo, exerce “uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura” (Bourdieu, 1997, p. 79).

Em cada sociedade um conjunto de ideias compõem a noção de desvio, sejam questionamentos e respostas sobre as causas dos comportamentos desviantes e as maneiras de identificar um sujeito desviante a partir de suas características. Mas, como adverte Cohen (1972), as noções de desvio nas sociedades têm na mídia uma fonte de divulgação de informações, mesmo que elas sejam estruturadas em uma lógica empresarial dotada de critérios de construção dos temas a serem noticiados.

Os saberes difundidos pela mídia impulsionam as preocupações sobre a violência e a criminalidade, atingindo de formas heterogêneas os grupos sociais, pois “o jornal que lemos, o programa a que assistimos, bem como a imagem que estes nos dão de nossa classe social e do local onde moramos, constituem e compõem o modo como vivenciamos e pensamos essa violência” (Zaluar, 1994, p.13).

De tal modo, considerando esses aspectos ligados ao jornalismo da *Folha de S. Paulo* durante o período ditatorial de 1964 a 1985, descrevem-se os procedimentos executados para identificar os enquadramentos relativos ao usuário de drogas.

APONTAMENTOS SOBRE A PERSPECTIVA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A base para a pesquisa empírica fundamenta-se no raciocínio de Entman (1993) sobre a capacidade dos *frames* em definir problemas, diagnosticar as causas desses problemas além de sugerir soluções para eles, em meio a julgamentos morais. Esses aspectos do en-

quadramento conduzem aos critérios para localizá-los, seja pelo uso dos símbolos culturalmente familiares, pela repetição de informações, “pela presença ou ausência de certas palavras-chave, frases-chave, imagens estereotipadas, fontes de informação e frases que fornecem agrupamentos temáticos de fatos ou julgamentos” (Entman, 1993, p. 52, tradução do autor²).

Nesse sentido, efetuou-se uma série de leituras e contatos com documentos, como jornais e arquivos, para identificar o vocabulário que se referia ao indivíduo usuário de substâncias psicoativas. Muitas vezes, não há descrições das características desses sujeitos, mas a rotulagem por determinados termos mostrava-se presente em relatórios militares e jornais, como Brito (2021) e Brandão (2019) apontam.

Todavia, questionou-se em como acessar as matérias sobre o usuário de drogas nos acervos jornalísticos, principalmente sobre quais caminhos seguir, algo que se construiu com a leitura de bibliografias supracitadas e com a livre exploração de portais de notícias, devido a pesquisas já realizadas por Laranjeira (2014). Ainda nessa fase exploratória, observou-se a interface do acervo virtual da *Folha de S. Paulo*, atentando-se para suas funcionalidades. Dentre elas, destacam-se as pesquisas detalhadas por palavras-chave, frases, exclusão de termos ou frases específicas, além de afunilar a busca pelos temas do jornal, como política, cultura e economia, por exemplo. Como recuperação de informação destaca-se a ferramenta de *zooming*, para ampliar a página selecionada e observar alguns detalhes com maior profundidade. Essa interface não permite a busca por texto nas páginas. Dentre as funções mais importantes desses portais para a pesquisa, destaca-se a busca por termos no campo de busca avançada ‘exatamente esta frase’.

De tal modo, percebeu-se que a predominância dos seguintes termos: ‘drogado’ ‘toxicômano’, ‘usuário de drogas’, ‘usuário de entorpecentes’, ‘viciado em drogas’ e ‘dependente químico’. O vocabulário ‘viciado’, para referir-se ao consumidor de substâncias psicoativas, origina-se do termo latino *vitum* que significa falha ou defeito. Para Le Breton (2012), a etimologia do termo vício remete a sujeição de impossibilidade em pagar alguma dívida. O devedor é posto à disposição de seu credor, sem autonomia. O vício não é um estado, mas um momento, que deve repetir-se para aliviar as tensões, mesmo que a paixão pelas drogas resulte em um sacrifício de si. Assim, identificaram-se no acervo eletrônico da *Folha de S. Paulo* 1551 edições a partir dos termos mencionados, compilando-se os títulos, os formatos e datas de veiculação em um banco de dados.

Percebeu-se que nas décadas de 1960, 1970 e 1980 a maioria dos termos é expressivamente localizado, sendo que nas décadas seguintes ‘viciado em drogas’, ‘usuário

de drogas’ e ‘drogado’ continuam com alto volume de matérias localizadas, ao passo que ‘toxicômano’, ‘viciado em tóxicos’, ‘viciado em entorpecentes’ e ‘usuário de entorpecentes’ são pouco localizados. O termo ‘dependente químico’ insere-se no vocabulário jornalístico a partir da década de 1980, popularizando-se nos veículos na década seguinte. Antes disso, inexistem matérias com o uso do vocábulo. Em resumo, tais rotulagens ganham fôlego no período da Ditadura, com destaque para os índices de uso de alguns desses termos na atualidade, o que reitera a pretensão de investigar o momento em que tais vocábulos invadem as práticas jornalísticas e o senso comum.

Nesse processo de exploração, notou-se a existência de páginas repetidas, as quais foram excluídas. Em seguida, definiram-se as matérias de abrangência nacional como os critérios de inclusão e como critérios de exclusão as matérias de abrangência internacional (ou traduzidas de veículos do exterior) e guias de farmácias e de televisão e programações culturais – a maioria sendo conteúdos de filmes estadunidenses – pois nesses textos não havia conexão com esta pesquisa, com foco no cotidiano de outros países em relação às drogas, com poucas comparações com o Brasil. Na tabela a seguir, é demonstrada a quantidade de matérias localizadas com base nesses critérios de inclusão e de exclusão.

Tabela 1

Número de matérias localizadas com base nos critérios de inclusão e de exclusão

Classificação inicial das matérias localizadas	Quantidade de matérias
Páginas ou edições repetidas	309
Matérias nacionais	326
Matérias internacionais	365
Anúncios de produtos culturais e de medicamentos	553
N = 1551	

Perceberam-se aspectos ligados ao tratamento do usuário de drogas, discussões sobre a dimensão do uso de drogas como doença e aspectos ligados à prevenção às drogas.

Há aspectos criminais, sejam com as informações sobre crimes urbanos, como roubo, tráfico e uso de drogas, além das investigações e atuações policiais com a finalidade de prender e, de acordo com o período em questão, promover torturas em criminosos rotulados como usuários e traficantes de drogas. Por último, ainda no aspecto criminal, discutem-se assuntos jurídicos e legais que promovem tensionamentos entre o que é considerado crime e o que é considerado uma patologia possível de ser tratada.

Com base em Motta (2021), recorda-se que a Ditadura pode ser subdividida em três fases. De 1964 a 1968 ocorre o processo de instalação do regime, fase que se encerra com a promulgação do AI-5. Já de 1969 a 1979 há o período de maior repressão, os anos de chumbo e, por fim, de 1980 a 1985, o país avança para a democracia, embora as eleições diretas para presidente da república só aconteçam em 1989. A partir dessas fases, localizaram-se: de 1964 a 1968, 2 reportagens e 6 notícias; de 1969 a 1979, 62 reportagens e 158 notícias, além de 7 anúncios; já de 1980 a 1985, 46 reportagens e 44 notícias.

Atenta-se para o fato de que embora o *corpus* seja constituído por 326 matérias, o número da população para esta pesquisa é de 558 matérias, pois mais de um enquadramento pode estar presente em uma mesma matéria, situação que aumenta o número final da quantidade de matérias para 558 ao invés de 326.

Tabela 2

Número de matérias e frequências dos enquadramentos identificados

Enquadramentos	Quantidade de matérias	Frequência (%)
Crimes urbanos	127	22%
Prisões e condenações	121	21%
Teorias e pesquisas	89	15%
Processo de tratamento	89	15%
Suicídios e homicídios	67	11%
Discussões jurídico-legais	55	9%
Práticas de prevenção	40	7%
N = 558		100%

Nota-se, com base nos dados levantados a partir da frequência dos enquadramentos que, o usuário de drogas é associado ao crime, ao passo que os enquadramentos de práticas de prevenção e de discussões sobre o aprimoramento da legislação sobre drogas, nas discussões sobre a distinção do indivíduo com problemas decorrentes do uso de drogas entre criminoso e/ou doente, possuem menor frequência.

Entretanto, apenas expor os temas associados aos enquadramentos e as frequências de aparição na *Folha de S. Paulo* é reduzir a perspectiva de análise dos *frames*. Analisar o conteúdo textual enquanto único procedimento para o estudo da mídia foca exclusivamente

em mensurar categorias e frequências sem considerar os aspectos históricos e sociais que constituem os enquadramentos Freire Filho (2005).

Logo, não se refuta o potencial do enquadramento em se posicionar ao lado de outras perspectivas disciplinares, por isso, inicialmente buscou-se conduzir uma análise histórica do papel do usuário de drogas na sociedade ditatorial brasileira, à luz de pesquisadores da história, da sociologia e da psicologia.

Todavia, não se pretende ignorar o conteúdo das matérias jornalísticas e seus discursos, mas interpretá-los a partir de uma ótica que ultrapasse as mensagens e possa discutir os significados aplicados aos contextos sociais, considerando a saliência dos conteúdos, ao passo que determinados aspectos da realidade possuem maior visibilidade, outros são omitidos, como defende Entman (1993). Considera-se ainda que o público leitor não é um elemento passivo do processo comunicacional, ou seja, alguém que irá interpretar de forma desejada as mensagens enunciadas sem qualquer atitude crítica ou contrária. Ao invés disso, e como centra-se na produção e nos efeitos da mídia, o estudo dos enquadramentos permite inferir quais os significados dominantes, isto é, as interpretações mais comuns de serem processadas e aceitas pelas pessoas.

Em resumo, pretende-se discutir os enquadramentos, identificados a partir de uma análise temática, com vistas a elucidar o que sustenta os padrões levantados pelos *frames* e como eles relacionam-se com a sociedade, deixando de lado a mera descrição dos conteúdos e preocupando-se mais com os elementos culturais que os constituem.

DISCUSSÕES SOBRE OS ENQUADRAMENTOS DO USUÁRIO DE DROGAS IDENTIFICADOS NA FOLHA DE S. PAULO

O sucateamento dos institutos públicos fez com que surgissem iniciativas privadas ou assistenciais de cuidado e atenção ao usuário de drogas. Embora, ainda, muitos desses usuários fossem enquadrados como criminosos ou degenerados, mas não doentes mentais comuns, suas liberdades eram parcialmente suspensas, seja ainda no aspecto do assistencialismo e de iniciativas religiosas ligadas à saúde, como apresentou-se anteriormente a partir de Lima (2017).

Uma das principais comunidades terapêuticas formadas no regime militar foi a Comunidade Terapêutica Senhor Jesus, fundada em 1978, em Campinas, pelo Padre Haroldo Rham. O missionário estadunidense considerava o uso de drogas como forma de “afastamento da graça de Deus e não um objeto da saúde pú-

blica. Nesse sentido, a competência para o tratamento daqueles que usavam drogas seria requisitada à religião e, secundariamente, se fosse necessário, à saúde pública” (Lima, 2017, p. 10).

Em um processo de cura pela redenção e salvação, que repousa em um discurso religioso, as práticas de tratamento são conduzidas, em sua maioria, por usuários recuperados. Nesse aspecto, o usuário de drogas, enquanto sujeito de comportamento errado e moral duvidosa, é um indivíduo a ser recuperado por meio de atividades laborais e contato com a natureza, em locais similares a fazendas. Essas práticas filantrópicas ou benéficas são mantidas pela comunidade ou financiadas pelo próprio governo. Pode-se refletir sobre a exclusão desses indivíduos da sociedade: enviá-los para uma fazenda poderia resolver o desconforto em ter um membro da família como viciado, por exemplo.

As comunidades terapêuticas aproximam-se das instituições totais (Goffman, 1961) desses espaços pelo controle dos visitantes e das comunicações entre internos e o mundo exterior, além de regras rígidas, distribuição do tempo, e controle do livre-arbítrio, além da reclusão ao mundo exterior. Para um dos pacientes dessas comunidades, “quem não concorda com as regras, é submetido a castigo (...). Para você conseguir a alta, tem de se portar como um carneiro. É simplesmente terrível” (Folha de S. Paulo, 1979, p. 10).

Já as iniciativas de prevenção, como campanhas e ações educacionais, associam-se ao processo de triagem dos sujeitos considerados ameaçadores em uma lógica de vigilância. Apresentam-se as características físicas, psicológicas e comportamentais do usuário de drogas como forma de amedrontar e alertar os jovens e seus familiares, seja para tomarem cuidado com as drogas ou para identificarem usuários. Muitos desses textos eram dirigidos aos pais, sanando possíveis dúvidas sobre as características do usuário:

Verifique se seu filho está gastando dinheiro em demasia; repare se ele não demonstra ter coceira, principalmente nas pernas; veja se não anda sonolento, com a cabeça pendente; se seu filho é fumante, repare se ele não intercala períodos de uso excessivo e de abstinência do fumo; verifique, no caso dele perder muitos objetos de valor (joias, relógio etc) se não está penhorando esses valores; procure ver se seus olhos estão avermelhados (o viciado, quando sequioso do entorpecente, fica com a pupila dilatada, quando saciado, essa se contrai), pupilas dilatadas ou excessivamente contraídas, pernas ou braços com picadas, pintas de sangue nas roupas; repare se seu filho boceja muito, tem o nariz sempre

como que resfriado, anda nervoso ou inquieto; procure ver se há marcas que queimaduras de cigarro nos dedos (isso é comum em viciados em maconha); atente para a posse de seringas hipodérmicas, colheres ou tampas de garrafa com o fundo queimado, conta-gotas e pó branco semelhante à açúcar (Folha de S. Paulo, 1970, p. 11).

Com a lógica de suspeição e combate à subversão promovidas pela Ditadura, tornava-se necessário mapear os aspectos sociais, espaciais e culturais da população. Nesse sentido, com o apoio da medicina e da psiquiatria poderiam identificar-se os sinais, características, comportamentos e ideias consideradas subversivas, defendendo a segurança nacional. Recuperando as bases teóricas que apontam para a presença constante de elementos estadunidenses nas políticas de drogas do Brasil, as práticas de prevenção, os processos de tratamento e a fiscalização aos entorpecentes, principalmente medicamentosos, são evocadas pelos entrevistados nos jornais, como médicos, psiquiatras, delegados e generais. Em suas opiniões, valoriza-se difusão das informações sobre os transtornos de uso de substâncias psicoativas enquanto doença, já a figura do traficante de drogas (que também pode ser viciado nas substâncias que vende) é tida como criminoso responsável por ‘espalar o vício’.

Para não deixar o estudante com tempo ocioso para usar drogas, defendia-se a importância de promover atividades artísticas, culturais e esportivas, e até mesmo, participações em ações sociais, para sentir-se um membro valioso da sociedade e não praticar desvios como o uso de entorpecentes. As autoridades defendiam capacitar os professores com “conhecimentos capazes de serem transmitidos, com base científica, às primeiras faixas etárias de estudantes, estruturando, destarte, a sua personalidade de modo a propiciar-lhes condições de autodefesa” (Folha de S. Paulo, 1971, p. 15).

Valores como a proteção à família, à escola, à propriedade privada e a harmonia tornam-se úteis para legitimar a ditadura e camuflam seu viés autoritário. E na concepção militar, retomando Rezende (2013), as instituições sociais deveriam propagar tais valores.

Nos enquadramentos sobre os aspectos policiais e penais, apresenta-se o usuário como vítima do sistema jurídico e prisional da Ditadura, como em casos de violação de direitos, por exemplo, os castigos físicos que os usuários de drogas sofrem, pela deterioração do corpo devido às substâncias ou pela tortura que sofrem ao serem submetidos ao tratamento ou ao cárcere, parece serem justificados, já que a concepção dos enquadramentos é a de que o indivíduo busca a droga por ser fraco moralmente, logo, incapaz de ser produtivo à so-

ciedade. Abordava-se o arrependimento e o desejo de recuperação de alguns detentos, como por exemplo: “O menor, por sua vez, ao ser fotografado escondeu o rosto e algumas lágrimas. Disse que não era viciado e que de agora em diante iria procurar trabalho” (Folha de S. Paulo, 1980, p. 13).

No seguinte caso, não é possível saber se de fato o indivíduo praticou suicídio ao ser preso, já que forjar as mortes de detentos era uma prática comum para ocultar possíveis vítimas fatais das torturas. Entretanto, a banalidade com a qual o episódio é narrado desperta atenção: “Era viciado em drogas e já havia tentado o suicídio em outras oportunidades” (Folha de S. Paulo, 1976, p. 29).

Alguns indícios de que o usuário de drogas não deveria ser tratado de forma repressiva eram divulgados pela mídia, como na seguinte matéria, na qual o psiquiatra afirma que o usuário “não deve receber a repressão policial. Deve ser atendido por psiquiatras, psicólogos numa clínica. Neste caso, evidentemente, não estão os traficantes de drogas” (Folha de S. Paulo, 1982, p. 19). A fala do profissional contém dois enquadramentos instigantes: de um lado o usuário enquanto indivíduo que necessita de tratamento baseado em terapias psiquiátricas, e do outro, o traficante, ao qual o sistema judiciário deveria abrigar e punir. Todavia, manifestar essa distinção era desafiador, pois a própria legislação³ vigente sobre drogas considerava usuário e traficante como terroristas internos, sem qualquer distinção. Ainda, nota-se o uso dos dados estatísticos de forma desconexa, isto é, há várias fontes de informações sobre as quantidades de usuários de drogas e de sujeitos em tratamento.

Percebe-se que há uma interpretação de que o usuário de drogas é um potencial traficante, pois assim que adentra o ‘mundo das drogas’ precisa manter seu vício e, é agenciado por outros traficantes a vender entorpecentes ou a praticar pequenos delitos e sustentar seu consumo de drogas. Ainda por meio de descrições básicas, o usuário de drogas também é enquadrado como executor de crimes urbanos, inclusive nos casos de homicídios. Nesses últimos, há casos de ampla repercussão midiática e comoção social, como os abusos sexuais e assassinatos de crianças e adolescentes por usuários de drogas, além de alguns casos de overdose ou suicídios. No exemplo que segue, o usuário e traficante estão enquadrados como um único indivíduo, ressentido e incapaz de conviver pacificamente, sendo as crianças atingidas por sua delinquência.

Jose Carlos morava na casa dos pais da menina, a mulher e sua prima, mas, bebia muito e era viciado em drogas e, por isso, foi expulso da casa. Voltou, sequestrou e matou a filha do casal, por vingança (Folha de S. Paulo, 1971, p. 28).

Os pobres são, em sua maioria, consumidores de maconha e álcool. Não se sabe ao certo se usam drogas para matar a fome ou para sentir prazer. Usava-se maconha na faixa etária de 17 a 21 anos, mas “alguns casos apontam que crianças de 9 e 10 anos também a consumiam” (*Folha de S. Paulo*, 1978, p. 10). Nas classes média e alta, principalmente entre os profissionais liberais, o uso de drogas consideradas ‘pesadas’, como a cocaína, “devido a seu preço elevado, a utilização desta droga é limitada, mas, de outro lado, a dificuldade para conseguir-la leva o dependente a provocar crimes para obtê-la” (*Folha de S. Paulo*, 1978, p. 10).

Caso fossem detidos, esses sujeitos poderiam ser liberados, mediante pagamento de suborno, “de acordo com a importância que as famílias dos presos podem pagar. E estas famílias, depois, para evitar escândalo e comprometimentos, não denunciam nada” (*Folha de S. Paulo*, 1978, p. 18).

Retomando Entman (1993), enquadrar está associado a essa lógica de visibilidade, nas quais as notícias selecionam determinados aspectos da realidade e os enfatizam com o intuito de promover seus efeitos. Logo, “a forma como certos atributos passam a ser associados a questões particulares que devem preocupar a análise de enquadramento” (Reese, 2007, p. 152, tradução do autor⁴).

Há uma construção midiática voltada ao pânico moral, como postula Cohen (1972), pois mostram-se predominantes os enquadramentos do usuário de drogas como doente e criminoso, como alguém que comete crimes hediondos de forma irracional, motivado pelo desejo da droga, considerado delinquente. Nesses casos, a personalidade do indivíduo é analisada de forma minuciosa, por meio de teorias, pesquisas e comprovações médicas que atestem a sua condição de anormal. Mesmo que haja um enquadramento do usuário recuperado em fazendas e comunidades terapêuticas, predominam-se os enquadramentos que os colocam como indivíduos deteriorados, fisicamente e psicologicamente, sendo assim, praticamente incapazes de serem recuperados.

Em 1974 o então ditador Ernesto Geisel iniciou um processo de abertura política segura, lenta e gradual, em um regime que mantinha o controle das oposições e movimentos sociais. Nesse contexto, para Santos (2013), os movimentos sociais passam a discutir temas como a saúde mental, destacando-se na década de 1980, o movimento pela Reforma Psiquiátrica Brasileira, que teve como seu estopim as críticas internacionais sobre a violência e os maus-tratos em manicômios. Tais práticas são consideradas por Kehl (2015) como umas das heranças malditas do regime militar. Em 1979 a Lei da Anistia foi promulgada, como forma de perdão aos exilados políticos, presos, clandestinos e militares en-

volvidos em crimes durante o regime. Trata-se de uma espécie de tentativa de apagamento da memória coletiva e individual, sem qualquer reparação.

Inclusive, isso ocorreu nas empresas jornalísticas e nos meios de comunicação, prova disso é que ao mesmo ponto que se mostrava uma mídia defensora do regime militar, o Grupo Folha envolveu-se no movimento de reabertura política, além de ter contratado jornalistas considerados ‘subversivos’ pelo regime ditatorial (Pires, 2007).

A partir das fases da Ditadura consideradas por Motta (2021), observou-se a ênfase de cada enquadramento identificado.

Tabela 3

Número de matérias em cada enquadramento identificado nos períodos da Ditadura

Enquadramentos	1964 a 1968	1969 a 1979	1980 a 1985
Crimes urbanos	6	77	34
Prisões e condenações	2	80	32
Teorias e pesquisas	1	43	20
Processo de tratamento	1	48	25
Homicídios	0	47	18
Discussões jurídico-legais	2	39	6
Práticas de prevenção	0	18	9

Grande parte dos exemplos apresentados ocorrem no período de 1969 a 1979, fase de acentuada repressão e violência praticadas contra os sujeitos considerados subversivos. Atesta-se que nesse período os enquadramentos relacionados ao usuário de drogas emergem a partir de uma triagem de crime ou saúde, posicionando o sujeito ora como criminoso, ora como delinquente. Como exposto anteriormente, essas considerações sobre a periculosidade dos usuários de drogas alinham-se com: as transformações sanitárias, farmacológicas e médicas do país; a acentuação de uma série de desigualdades sociais e ideologias anticomunistas disseminadas pela Guerra Fria.

Cabe observar o papel exercido pela *Folha* que valoriza, inclusive nas matérias sobre criminalidade e aspectos penais, opiniões sobre a condição de incapacidade mental dos usuários de drogas, remetendo o assunto a uma discussão sanitária, valorizando as práticas de tratamento e as pesquisas envolvidas no as-

sunto, geralmente, de organizações sociais e filantrópicas, sem necessariamente defender políticas públicas sobre o assunto.

Como foram coletadas as datas de veiculação das matérias, percebeu-se maior concentração nos dias de quinta-feira e domingo, ao passo que na segunda-feira existiam menos matérias. Aventava-se que a divulgação dessas informações sobre o usuário de drogas no domingo serve a uma estratégia de noticiabilidade atrelada ao impacto comercial do jornal, já que havia uma tradição envolvida nos noticiários de domingo, que geralmente, alcançavam maiores vendas.

Entende-se que o potencial de venda das matérias sobre crimes ligados às drogas, postura adotada conscientemente pelo jornal, conforme pontuou Kushnir (2012), é perceptível pela vasta quantidade de matérias que enquadram o usuário como criminoso (principalmente no período de maior repressão). Ainda, com a defesa do sanitarismo no combate às drogas, estigmatizando as classes menos favorecidas e divulgando as abordagens tratamento, o periódico passou a valorizar profissionais médicos, principalmente os psiquiatras, alinhando-se aos interesses de grupos empresariais de saúde, como a própria indústria farmacêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto pretendeu-se identificar os enquadramentos do usuário de drogas na *Folha de S. Paulo* ao longo da Ditadura Militar brasileira. Para isso, estudou-se o cenário nacional relacionado às práticas de combate às drogas e à subversão, tais quais, aspectos legislativos e penais, além das modificações das práticas de saúde, com o avanço da indústria farmacêutica e da psiquiatria, além do surgimento das comunidades terapêuticas como formas de tratamento do usuário de drogas. Com isso, pode-se considerar aspectos interpretativos e críticos para examinar os enquadramentos.

Se para Bourdieu (1997) a dominação de um jornal é medida pela sua possibilidade de deformar o espaço em que se encontra, ao provocar essa visibilidade ao usuário, tanto a *Folha* quanto outros jornais instauraram uma série de consequências para as discussões sobre políticas de saúde, justiça, cidadania e educação com vistas às drogas. O impacto causado pela censura política que rondava a imprensa brasileira trouxe ainda mais interpelações entre as relações de poder entre o Grupo Folha e os militares. Ainda, a empresa toma fôlego a partir da defesa dos valores morais e conservadores nos quais a Ditadura brasileira estava inserida. Para tanto, a evocação de figuras a serem temidas na sociedade, como exemplos a não serem seguidos, enquanto construção de um ‘pânico

moral’ sobre drogas configura a intenção disciplinar do jornal.

Já na atualidade há uma tentativa de esquecimento dessa memória ditatorial e turbulenta do periódico, por meio de estratégias de construção de uma imagem de mídia democrática e independente. Nesse sentido, trata-se de um periódico particular, que executou uma autocensura conveniente e conivente com o período histórico, auxiliando na legitimação do Golpe de 1964 e, em nas décadas seguintes, atuou a favor do movimento de eleições diretas, conhecido como ‘Diretas Já’.

Todavia, neste texto essa dimensão memorialística do jornalismo foi recuperada, já que o trabalho empírico a partir dos arquivos virtuais da *Folha*, os quais resistem e sobrevivem ao tempo, constituem evidências das relações de dominação nas quais o usuário de drogas enquanto ator social estava inerte.

Por isso, recordando os estudos de Entman (1993) e Reese (2001, 2007), compreender a frequência com que os *frames* aparecem e o que eles enfatizavam auxilia na compreensão dos efeitos do agendamento da mídia, ou seja, a hierarquia do jornal ao tratar de assuntos sobre drogas e o impacto que isso pode gerar nos públicos.

Logo, é preciso apoiar-se nos conteúdos midiáticos como elementos empíricos capazes de esclarecer os conteúdos simbólicos e as ideias difundidas na sociedade. Portanto, buscou-se pelos conteúdos dos enquadramentos, entender a lógica que amplifica os medos e reforça os estereótipos relacionados às drogas e a seus consumidores.

Nesse sentido, os enquadramentos ligados ao criminoso atenuam a periculosidade do usuário de drogas, enquanto os quadros relacionados ao doente aprofundam aspectos psicológicos e sociais desses indivíduos, em tentativas de identificar as motivações para o consumo de drogas e os danos psicológicos, físicos e sociais causados pelas drogas.

Ressalta-se que a tortura, elemento presente nas abordagens policiais ao usuário de drogas, remonta a a história da violência policial no Brasil, pois para Kehl (2015) ela mostra-se presente nas práticas cotidianas do país. Ela apresenta-se: seja na violência policial, na violência contra as minorias sociais, nos discursos sobre a tortura como um ‘mal necessário’ e até nas práticas de saúde para doentes mentais e usuários de drogas.

Destaca-se como ponto para reflexões futuras, as críticas aos modelos de tratamento asilares, manicomiais e que violam os direitos humanos, tendo em vista a legitimação da tortura enquanto prática de Estado,

bem como a importância do Movimento de Reforma Psiquiátrica Brasileira, durante o processo de redemocratização política, nos anos de 1980. Ainda nessa década, há o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) e sua incidência no Brasil, fator que atenua as representações degradantes do usuário de drogas, principalmente com a estigmatização da homossexualidade e sua associação perversa com a degradação moral, assim como o consumo de drogas.

*Submetido em 15/07/2022
Aceito em 03/05/2023*

REFERÊNCIAS

NOTES

- ¹ Para Laranjeira (2014), o jornalismo do mato é um gênero que se caracteriza pelo alinhamento à estrutura repressiva do Estado, que o afiança. Com atividades delitivas, inquisitoriais e policiais, cumpre uma função semelhante à dos capitães do mato, individuos que capturavam escravos fugidos no período do Brasil colonial.
- ² “The presence or absence of certain keywords, stock phrases, sources of information, and sentences that provide thematically reinforcing clusters of facts or judgement” (Entman, 1993, p. 52).

³ Trata-se da Lei nº 6.368 de 1976 que previa a repressão ao uso e ao tráfico, com penas de reclusão, além da internação compulsória ao dependente químico.

⁴ “The way that certain attributes come to be associated with particular issues that should concern framing analysis” (Reese, 2007, p. 152).

- Alarcon, S.; Belmonte, P. & Jorge, M.A.S. (2012). *Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo*. Editora Fiocruz.
- Barbosa, M. (2007). *História da comunicação no Brasil*. Vozes.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Zahar.
- Brandão, L. H. S. (2019). *Tóxico-Subversão: Anticomunismo e Proibicionismo na Construção do “Inimigo Interno” durante a Ditadura Militar no Brasil*. [Dissertação de mestrado em História, Universidade de Brasília]. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37332/1/2019_LuizHenriqueSantos-Brandao.pdf.
- Brito, A. M. F. (2021). A droga da subversão: anticomunismo e juventude no tempo da ditadura. *Revista Brasileira de História*, 41, 39-65. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n86-02>
- Cohen, S. (1972). *Folk Devils and Moral Panics: the creation of the mods and rockers*. Routledge.
- Cunha, G. N. (2010). A Cidade do Vício e da Graça: O consumo de tóxicos e entorpecentes no Rio de Janeiro, 1890-1930. *OPSIS*, 3(1), 41-59. <https://doi.org/10.5216/o.v3i1.9253>
- Farias, J. S.; Passos, R. G. (2018). Saúde mental e drogas: o avanço do conservadorismo em tempos de golpe - o caso das comunidades terapêuticas. Em: *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, (pp.1-13). <https://www.periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22152/14666>.
- Entman R. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Fiore, M. (2005). A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. Em: Carneiro, H. (Eds.). *Álcool e drogas na história do Brasil* (pp. 257-290). Alameda.
- Folha de S. Paulo. (1971, 16 de setembro, p.11). *Queremos ajuda, nada de denúncias*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4148&keyword=%22toxicomano%22&anchor=4365592&origem=busca&originURL=&pd=e1aa5eee a4d740473f46c7d32eb22b34>.
- Folha de S. Paulo. (1971, 20 de junho, p.15). *Teatro, arma contra os tóxicos*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4060&keyword=%22toxicomano%22&anchor=4365938&origem=busca&originURL=&pd=849ce3f6dc9a94e5e 940f71f99426f0a>.
- Folha de S. Paulo. (1971, 9 de dezembro, p.28). *Na cadeia o assassino da menina*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4232&keyword=viciado%2Cdrogas&anchor=4382376&origem=busca&originURL=&pd=8c3aa14f0476dc03 84eb12a0461941a>.
- Folha de S. Paulo. (1976, 29 de agosto, p.29). *Encontrado morto no DP*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5957&keyword=%22encontrado+morto+no+dp%22&anchor=4325257&origem=busca&originURL=&pd=46bf57 8eefb07cc12bdb6dd6c64ab850>.
- Folha de S. Paulo. (1978, 14 de agosto, p.10). *Consumo de drogas chega às crianças*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6672&keyword=%22consumo+de+drogas+chega%22&anchor=4259277&origem=busca&originURL=&pd=0f29b49f117910344a11a538a79bee98>.
- Folha de S. Paulo. (1978, 26 de setembro, p.18). *Divisão de entorpecentes enfrenta sua maior crise*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6715&keyword=%22divisao+de+entorpecentes+enfrenta%22&anchor=4328015&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=fbb840e60866a190 52ccf98f41eda197>.

- Folha de S. Paulo. (1979, 21 de janeiro, p.10). *Um método para combater o vício*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6832&keyword=%22viciado+em+drogas%22&anchor=4225958&origem=busca&originURL=&pd=b4987bab4d404118b432a1b8c8b60195>.
- Folha de S. Paulo. (1980, 20 de maio, p.13). *Um viciado quer mudar de vida*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4029&keyword=%22um+viciado+quer+mudar+de+vida%22&anchor=4344685&origem=busca&originURL=&pd=f6759857918c052c625e8136a81dcb35>.
- Folha de S. Paulo. (1982, 26 de agosto, p.19). *Seminário pede tratamento para viciado*. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4858&keyword=%22drogas%22&anchor=4404703&origem=busca&originURL=&pd=54278a1c6c8997c4ad9f5075c608c1fb>.
- Freire Filho, J. (2005). Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista Famecos*, 12(28), 18-29. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2005.28.3333>
- Goffman, E. (1967). *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Pantheon Books.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. LTC.
- Kehl, M. R. (2015). Tortura e sintoma social. Em: Teles, E. & Safatle, V. (Eds.), *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*, (pp.123-132). Boitempo.
- Kushnir, B. (2004). *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AIS à Constituição de 1988*. Boitempo.
- Lampert, J.B. (2002). *Tendências e mudanças na formação médica no Brasil*. [Tese de doutorado em Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz]. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4369/2/ve_Jadete_Barbosa_ENSP_2002.pdf.
- Laranjeira, A.N. (2014). *A mídia e o regime militar*. Sulina.
- Lima, R. C. C. (2017). As comunidades terapêuticas religiosas e a política social de drogas. Em: *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, (pp.1-12). <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/16597>.
- Motta, R.P.S. (2021). *Passados presentes*. Zahar.
- Pires, E.M (2007). Imprensa, Ditadura e Democracia: A construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978/2004). *Projeto História*, (35)2, 305-313. <https://repositorio.pucsp.br/revph/article/download/2224/1325>.
- Ponte, C. F. & Nascimento, D.R. (2010). Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura. Em: Reis, J. R. F. & Velasques, M. C. C. (Eds.), *Cantos, contos e imagens: puxando mais uns fios nessa história*. (pp. 179-218). Fiocruz.
- Reese S. (2001). Framing public life: a bridging model for media research revisited. Em S. Reese, O. Gandy, A. Grant (Eds.), *Framing public life* (pp. 7-31). Erlbaum.
- Reese S. (2007). The framing project: a bridging model for media research revisited. *Journal of Communication*, 57(1), 148-154. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00334.x>
- Rezende, M.J. (2001). *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade, 1964-1984*. Editora UEL.
- Stücker, A.; Cytrynowicz, M.M. (2007). *Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil*. São Paulo: Narrativa Um.
- Tavares, F. M. B. (2012). Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. *E-Compós*, 15(1), 1-16. <https://doi.org/10.30962/ec.740>
- Torcato, C.E.M. (2016). *A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República*. [Tese de doutorado em História, Universidade de São Paulo]. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05102016-165617-publico/2016_CarlosEduardoMartinsTorcato_VCorr.pdf#page312.
- Tuchman, G. (1993). Contando “estórias”. Em: Traquina, N. (Eds.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (pp. 258-262). Vega.
- Zaluar, A. (1994). *Condomínio do diabo*. Editora UFRJ.

RESUMO | RÉSUMÉ | ABSTRACT

Os enquadramentos do usuário de drogas na Folha de S. Paulo ao longo da Ditadura Militar

Cadrages du consommateur de stupéfiant dans le journal *Folha de S. Paulo* pendant la dictature militaire au Brésil

Framing of drug users in the *Folha de S. Paulo* during Brazil's military dictatorship.

Pt. O período da Ditadura Militar no Brasil (1964 - 1985) envolve uma série de práticas dentre as quais destaca-se a influência dos Estados Unidos na condenação internacional do uso de substâncias psicoativas, principalmente com o acirramento da Guerra Fria e as repercussões cotidianas do combate ao comunismo. Além disso, uma série de medidas legais e penais oficializaram o usuário de drogas enquanto criminoso, gerando enquadramentos penais ou em tratamentos de saúde, para os sujeitos considerados doentes. Nesse contexto, diversos meios de comunicação e diferentes práticas artísticas passaram a ser considerados pela Escola Superior de Guerra como instrumentos de subversão, ao passo que a imprensa apoiadora do regime divulgava informações sobre os perigos das drogas, alimentando as representações sobre o usuário de drogas. É em tal período que ocorre a ascensão do jornal *Folha de S. Paulo*, como empresa de mídia aliada do governo ditatorial que logo tornou-se um dos jornais de maior circulação do país. Com isso, identificam-se os enquadramentos do usuário de drogas a partir de matérias nacionais veiculadas na *Folha de S. Paulo* durante a Ditadura. No acervo virtual do periódico, identificaram-se 325 textos jornalísticos, e após um processo de afunilamento e categorização, elegeram-se algumas para a análise. A partir delas constatou-se os elementos constituintes dos enquadramentos do usuário de drogas como criminoso (geralmente pertencente às camadas mais pobres da população e que além de usuários tornavam-se traficantes, sendo que em casos mais graves envolviam-se em homicídios) ou como doente (indivíduos cujo grau de dependência da substância comprometia sua vida em sociedade, necessitando de tratamentos em clínicas, grupos de apoio ou comunidades terapêuticas), bem como o destaque dado pelo veículo de comunicação sobre o tema ao longo do período ditatorial.

Palavras-chave: enquadramento; drogas; ditadura militar; Guerra Fria

Fr. La période de la dictature militaire au Brésil (1964 - 1985) a été marquée par diverses pratiques, notamment l'influence des États-Unis dans la répression internationale de la consommation de substances psychoactives, qui s'est accentuée avec l'intensification de la guerre froide et les répercussions quotidiennes de la lutte contre le communisme. Un ensemble de mesures légales et pénales a par ailleurs criminalisé cette consommation, établissant des cadres en matière pénale ou de soins de santé pour les individus considérés comme malades. Divers médias et pratiques artistiques ont alors été perçus par l'École supérieure de guerre comme des instruments de subversion, tandis que les organes de presse favorables au régime diffusaient des informations sur les dangers des drogues, alimentant ainsi les représentations du consommateur de stupéfiant. C'est à cette époque que le quotidien *Folha de S. Paulo* a pris de l'ampleur en tant qu'entreprise de presse alliée à la dictature, se plaçant rapidement parmi les journaux à plus fort tirage du pays. Nous nous sommes intéressés aux cadrages du consommateur de stupéfiant à partir d'articles sur des sujets nationaux publiés dans *Folha de S. Paulo* pendant la dictature. Après avoir extrait 325 textes journalistiques des archives électroniques de ce journal, nous avons procédé à un travail de tri et de classification afin d'en sélectionner certains pour l'analyse. Sur la base de ce corpus, nous avons pu identifier les éléments constitutifs du cadrage du consommateur de stupéfiant en tant que criminel (généralement issu des couches les plus pauvres de la population et qui, en plus d'être consommateur, se retrouvait trafiquant et dans les cas les plus graves, impliqué dans des homicides) ou en tant que malade (un individu dont le degré d'addiction compromettait la vie en société, ayant besoin d'un traitement dans une clinique, ou via un groupe de soutien ou

une communauté thérapeutique), ainsi que la place accordée à ce sujet par cet organe de presse durant toute la dictature.

Mots-clés : cadrage ; stupéfiants ; dictature militaire ; guerre froide

En. The period of military dictatorship in Brazil (1964 - 1985) was shaped by a variety of factors, including the influence of the United States in the international repression of the use of psychoactive substances, which became more pronounced with the intensification of the Cold War and the day-to-day side-effects of the fight against communism. A series of legal and penal measures criminalized this consumption, establishing penal or health care provisions for individuals considered to be ill. Various media and artistic practices were perceived at the time as instruments of subversion by the Military Academy, while pro-regime press outlets disseminated information on the dangers of drugs, constantly fueling representations of drug users. During the same period, the daily *Folha de S. Paulo* gained traction as a media company backing the dictatorship. It rapidly became one of the country's most widely circulated newspapers. We examine the framing of drug users in articles on national topics published in *Folha de S. Paulo* during the dictatorship. After extracting 325 journalistic texts from the newspaper's electronic archives, we sorted and classified them to select some for analysis. This corpus enabled us to identify the key elements employed to frame drug users either as criminals (generally from the poorest strata of the population, who, in addition to being consumers, were also traffickers and, in the most serious cases, involved in homicides) or sick persons (individuals whose degree of addiction threatened ability to live in society, in need of medical treatment in a clinic, via a support group or a therapeutic community). It allows to understand the importance given to this topic by this press outlet throughout the dictatorship.

Keywords: framing; narcotics; military dictatorship; Cold War

Violência contra a mulher em jornais amazônicos

Análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021*

DANIELE SILVA LIMA

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Federal do Maranhão

danielesilvalima15@gmail.com
ORCID: /0000-0003-3943-4116



região da Amazônia Legal é composta por nove estados brasileiros¹ situados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, dentre os quais apresentam índices elevados de violência contra a mulher. Apesar de o relatório “Violência Contra a Mulher - 2021”, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública², indicar um recuo sensível nos registros de feminicídio em 2021, alguns estados, sobretudo das regiões Norte e Centro-Oeste, registraram taxas de feminicídio maiores à média nacional, como Tocantins, Acre, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Além disso, os casos de estupro e estupro de vulnerável aumentaram, de modo geral³. Outro ponto a se destacar é que a maioria das mulheres assassinadas são negras e grande parte dos homicídios registrados pela Polícia Civil são definidos como feminicídio, segundo dados do Atlas da Violência e da Pesquisa DataSenado (2021)⁴.

Mas, será que esses casos ganham repercussão midiática? E, quando ganham, de que maneira a violência contra a mulher é noticiada? Estudos recentes mostram que o Jornalismo é a subárea que mais se dedica a pesquisar a relação entre Comunicação e Gênero (Tavares *et al.*, 2021), mas observa-se que esses trabalhos ainda estão muito centrados no contexto das regiões Sul e Sudeste (Massuchin, Tavares & Silva, 2020). Deste modo, a presente pesquisa ganha força por oferecer dados sobre a cobertura jornalística realizada em

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Daniele Silva Lima, Gabriela Almeida Silva, Camilla Quesada Tavares, Wyldiany Oliveira dos Santos,
« Violência contra a mulher em jornais amazônicos : Análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021 », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.528>

outras regiões brasileiras tidas como marginais, sobre um tema latente no mundo social e que deveria ganhar visibilidade a partir da produção jornalística.

Outra frente que corrobora com a importância deste estudo é que se constatou, por meio de um mapeamento⁵ realizado pelas autoras, a escassez de pesquisas que investigassem a cobertura sobre violência contra mulher realizada p jornais no recorte proposto por este estudo. Desta forma, em uma breve revisão de literatura, destaca-se os três estudos localizados na área da Amazônia Legal a monografia de Silva (2017), a dissertação de Gomes (2018) e o artigo de Miranda e Carvalho (2022). As pesquisas convergem nos resultados, ao constatar uma repetição da violência contra a mulher a partir da construção de uma narrativa também violenta. Principalmente no que se refere a escolha de fontes adotadas, em sua maioria as informações coletadas são de fontes oficiais, provenientes de falas da polícia. O que engessa ainda mais a cobertura, mantendo a narrativa no espaço da violência e pouco contribuindo ao combate (Silva, 2017, Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022).

Outra questão é a dificuldade na utilização da terminologia correta, o feminicídio, adotando sinônimo que prejudicam na definição deste tipo de violência. Igualmente, observa-se a adoção de termos e palavras perpetuam ainda mais preconceitos e estereótipos de gêneros. O que demonstra um certo preconceito linguístico por parte dos veículos, mas também reproduzem dispositivos de opressão e intolerância (Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022).

As pesquisas também retomam a responsabilidade social do jornalismo como a justificava para a realização de uma cobertura mais centrada e que não recobre esse tipo de prática. Uma alternativa para alguns autores é a reconstrução do vocabulário adotado, de maneira que permita a construção e conscientização de uma igualdade de gênero (Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022).

Para responder os questionamentos levantados, o artigo tem por objetivo identificar os enquadramentos empregados nesse tipo de notícia, no intuito de indicar, inicialmente, como o tema é abordado pelos veículos de comunicação. Nesse sentido, serão analisadas 96 matérias publicadas em 2021 sobre violência contra a mulher nos portais *A Crítica* (Manaus-AM), *Diário de Cuiabá* (Cuiabá-MT) e *Diário Online* (Belém-PA), das três capitais que se encontram nos três maiores estados da Amazônia Legal. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e utiliza da Análise de Conteúdo e de Enquadramento como principais ferramentas metodológicas para a compreensão dos dados.

O texto segue dividido da seguinte forma, além desta introdução: o próximo tópico aborda o contexto de pro-

dução jornalística desenvolvido por veículos regionais, como é o caso dos objetos estudados aqui. Em seguida, se pontua uma discussão sobre enquadramento e gênero, além de sua relação mútua. Após isso, as escolhas metodológicas são elencadas, os resultados são apresentados e o trabalho é concluído com as considerações finais.

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA REGIONAL

Peruzzo (2005) entende a mídia local como aquela que produz informações de proximidade, cumprindo uma importante função social. “O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc.” (Peruzzo, 2005, p. 77). De acordo com ela, é graças à mídia regional que as pessoas conseguem acompanhar as notícias de forma mais direta e confrontar os fatos. Cabral (2006) afirma que a regionalização se tornou uma necessidade na mídia brasileira, já que é por meio disso que as pessoas podem se conectar às suas raízes.

O jornalismo regional pode ser entendido como uma prática que se desenvolve tanto em cidades de grande porte como de médio (Reis, 2018). Além disso, ele é capaz de extrapolar limites territoriais e alcançar até municípios que não possuem meios de comunicação. Por sua heterogeneidade, Pinto (2013) aponta que os sistemas de mídia regionais são subsistemas autônomos que integram o sistema midiático brasileiro. Silva (2021) destaca o jornalismo regional pela sua importância cultural e identitária.

Ademais, Ghizzoni (2013) destaca que a mídia regional possui um grande poder no que se refere à mobilização social, uma vez que pode abordar reivindicações e necessidades sociais das pessoas. A autora indica também que é por meio das notícias regionalizadas que os indivíduos conseguem se sentir parte da comunidade, desenvolver reflexões críticas sobre o mundo ao seu redor e exercer um papel fundamental na construção da realidade.

Sendo assim, os veículos regionais se constituem como espaços primordiais no ecossistema midiático brasileiro e no consumo de informações pela população. Essas notícias são capazes de exercer uma aproximação mais apurada com seu público, provocar mobilizações, chegar a locais com déficit de informação e construir referências identitárias. Ou seja, se é na notícia local que os indivíduos conseguem se ver e ver sua realidade, é importante se perguntar o que eles estão vendo, afinal.

Entretanto, apesar dessa importância no cenário local, alguns problemas fazem parte do dia a dia das re-



dações locais, chegando a se tornar características do jornalismo regional. Peruzzo (2005) destaca alguns, sendo eles: a presença de laços políticos, a grande publicação de *press releases*, falta de ampla cobertura e apuração e reprodução da grande imprensa. Assim, esses constrangimentos observados no cenário regional também podem influenciar no modo como as notícias são produzidas pelos veículos, ou seja, também fazem parte da construção dos enquadramentos, incluindo o da mulher e da violência de gênero.

GÊNERO E NOÇÕES DO ENQUADRAMENTO NO JORNALISMO

Segundo Scott (2019, p. 67), o gênero implica quatro aspectos que são relacionados entre si. O primeiro seria os “símbolos culturalmente disponíveis” na sociedade, ou seja, os símbolos das representações de mulher que existem em cada cultura. O segundo aspecto diz respeito aos “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações de sentido”, é dizer, as sociedades promovem interpretações sobre a mulher, e isso acaba por fazer com que outras possibilidades de sentido sejam rejeitadas.

O terceiro aspecto propõe ampliar a noção de gênero para além do sistema de parentesco (ligado ao mundo doméstico e a família). Pois, além disso, o gênero “é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco” (p. 68). Por fim, o quarto e último aspecto é a identidade subjetiva, uma vez que a autora defende que não existe uma resposta única e universal para o gênero, já que essa identidade é construída a partir de “organizações sociais e representações culturais historicamente situadas” (p. 69).

Dentro da conceituação elaborada pela autora, os primeiros dois aspectos são de suma importância para este trabalho. O gênero então é construído e entendido a partir de símbolos disponíveis na sociedade e conceitos normativos que o interpretam e limitam. Ou seja, o aporte cultural de referências e interpretações tanto formam o que se entende pela identidade de gênero como também as limitam.

Sabendo disso, pretende-se aqui pontuar que o jornalismo é também uma fonte de referência para se entender não só o gênero, como a violência de gênero e suas discussões. As construções narrativas que a profissão faz tanto das mulheres, quanto do movimento feminista e das questões de gênero são meios pelos quais a sociedade acessa conhecimento sobre. Nesse sentido, se faz necessário analisar de que forma isso está acontecendo e se há diferença quando se olha para

contextos poucos explorados pela literatura existente. Como é o caso dos veículos da Amazônia Legal, conforme proposto por este trabalho.

À vista disso, existem diversas pesquisas, com as mais variadas ferramentas metodológicas, que se preocupam em lançar luz sobre as questões de gênero na comunicação. Isso porque, como estabelece Sarmento (2019), os meios de comunicação são peças centrais para se entender as desigualdades de gênero que se estabelecem nas sociedades. Uma das formas de se estudar as representações de gênero nesta instância é por meio do enquadramento.

A conceituação de enquadramento, segundo Soares (2006), surgiu primeiramente na Sociologia e foi trazido para a Comunicação. Nestes estudos, ela é utilizado para “referir-se às propriedades construtivas das representações jornalísticas” (Soares, 2006, p. 3). Ou seja, o conceito permite entender de que forma o jornalismo constrói representações sobre o mundo social.

Ao falar sobre enquadramento, Entman (1993) destaca o poder que existe na comunicação textual. Ao definir o enquadramento, o autor destaca que o conceito, essencialmente, envolve a seleção e a saliência de certos aspectos do assunto. “Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de modo a promover determinada definição de problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito” (Entman, 1993, p. 52 – tradução nossa)⁶.

É importante que se entenda que as notícias envolvem uma complexidade textual: existem seleções, saliências, interpretações, cultura, valores e avaliações morais embriadas em cada matéria, além de claro, exclusões e omissões. Todos esses elementos juntos são responsáveis pelos enquadramentos dos eventos percebidos pelos jornalistas, que como já foi discutido no tópico anterior, não são atores neutros ao observarem uma realidade.

As saliências percebidas nas notícias provêm de um destaque dado à algum item que é o objeto da comunicação, e ela acontece para que o assunto seja mais significativo, seja mais “noticiável” ou mais memorável (Entman, 1993). Ou seja, isso faz parte da própria lógica de produção diária dos profissionais do jornalismo. Andando junto com a saliência, a omissão possui papel fundamental no enquadramento. A omissão de definições, explicações e recomendações pode ser tão crítica quanto a inclusão ao se pensar na orientação de interpretação da audiência (Entman, 1993).

Dependendo do enquadramento adotado pelos jornais, as pessoas que sofrem violência passam de vítima para culpada. Essa culpabilidade pelo crime é notória principalmente em casos de estupros, onde a aborda-

gem apresentada pelos diversos meios de comunicação contribui e reforça na elaboração deste tipo de discurso (Gatto & Soares, 2018). Por esse motivo, esse trabalho pretende verificar de que forma a violência de gênero está enquadrada nas notícias dos portais amazônicos.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

O intuito deste artigo é verificar que enquadramentos são evidenciados na cobertura noticiosa que diz respeito às matérias sobre violência contra a mulher nos jornais *A Crítica*, *Diário de Cuiabá* e *Diário Online* no ano de 2021. A escolha dos objetos se fundamenta no interesse em investigar veículos localizados nos três maiores estados pertencentes à Amazônia Legal, dado que os estudos em comunicação e gênero ainda se concentram no eixo Sul-Sudeste, sendo ainda o Norte e o Centro-Oeste pouco presentes nas pesquisas (Silva et al., 2018). Além disso, os veículos escolhidos para compor o corpus são tradicionais de cada estado e de grande visibilidade, com uma longa trajetória de redação jornalística e que disponibilizam também matérias em portais online.

O recorte temporal escolhido, o ano de 2021, se justifica no intuito de verificar o estado mais recente das notícias e no fato de a cobertura centrada na pandemia causada pelo coronavírus ter diminuído.

A Crítica é um portal sediado em Manaus – AM. O jornal foi fundado em 1949 por Umberto Calderaro Filho e Ritta de Araújo Calderaro, sendo o mais antigo do estado e um dos que possuem a maior circulação na capital (Tomás, 2019). Em Mato Grosso, o portal *Diário de Cuiabá* tem uma história que se inicia na década de 60, sendo ele também o jornal mais antigo do estado. A primeira publicação do título ocorreu em 24 de dezembro de 1968, o nascimento do jornal se deu a partir do início da modernização da imprensa (Costa, 2018). Em Belém do Pará, se tem o portal *Diário Online*, também conhecido como DOL. Este título faz parte de um conglomerado de mídia fundado em 1988 (Lucas, 2018). Já o portal foi criado apenas em 2010, com o principal objetivo de publicar notícias em tempo real do Pará e do Brasil (Soares & Sarges, 2016).

A coleta foi realizada de forma automatizada por meio do *Google Sheets* com notícias retiradas do *Google News*. Para a coleta, utilizou-se como palavra-chave o termo “mulher” com um filtro de data para todas as notícias publicadas no último ano, sendo assim, foram selecionadas notícias de 2021. Após a primeira coleta e de posse de um banco de dados com notícias que envolvem a temática, um recorte foi feito apenas com notícias que envolviam violência de gênero. Assim, encontrou-se 59 notícias sobre violência contra a mulher no jornal *A Crítica*; 21 notícias no *Diário de Cuiabá*;

e 16 no *Diário Online*. Assim, um total de 96 matérias jornalísticas foram analisadas neste artigo.

Para cumprir o objetivo da pesquisa, foi realizada uma Análise de Enquadramento, que segundo Soares (2006) é uma metodologia adequada quando se estuda um material jornalístico e se busca investigar vieses na cobertura. Ainda segundo o autor, “trata-se de uma abordagem que salienta o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, entranhada em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial” (Soares, 2006, p. 02). A partir dos métodos orientados por essa análise, é possível que um autor consiga realizar interpretações sobre os textos analisados, destacando inclinações e representações midiáticas, por exemplo (Soares, 2006).

De acordo com Porto (2004), se torna necessário para a análise a adoção de categorias sistemáticas e protocolos para a codificação do material. Além disso, o autor pontua que a Análise de Conteúdo (AC) é uma ferramenta adequada de combinação para obter melhores resultados. Por isso, a AC também foi desenvolvida durante esta pesquisa, sendo uma metodologia muito utilizada e conveniente para estudos em comunicação com foco na mensagem, permitindo também uma flexibilidade para a melhor adaptação ao objetivo da pesquisa (Bardin, 2011).

Para além da contribuição de Bardin, esta pesquisa levou em conta os procedimentos indicados no manual de aplicação da Análise de Conteúdo categorial produzido por Sampaio e Lycarião (2021).

Desta forma, um livro de códigos foi construído com variáveis para identificar a presença de fontes⁷, desdobramentos e enquadramentos evidentes. No que se refere às fontes, foram identificadas a quantidade de fontes e tipos usados nas notícias; em desdobramentos, indica-se se a matéria se trata de um fato já anteriormente noticiado pelo veículo. Para o desenvolvimento dos enquadramentos, foram criadas categorias que partiram do que foi proposto por Natansohn e Brito (2019), ao olharam para a cobertura de feminicídio na Folha de S. Paulo, o uso dessa referência para a construção do livro deste trabalho se deu por se tratar de um estudo com tema e objetivos semelhantes. Entretanto, para este estudo, os tipos de enquadramentos foram adaptados a partir de leituras e encontro com o *corpus* usado aqui para melhor compreender os objetos e dados específicos trabalhados aqui.

Sendo assim, os enquadramentos categorizados foram: criminal, legal, estatístico, dramático, conscientização e generificado. Ressalta-se que mais de um enquadramento poderia ser encontrado nas notícias, uma vez que se comprehende que os enquadramentos não são estáticos (Soares, 2006) e que mais de um fra-

me pode ser simultaneamente construído durante a redação das matérias (Rothberg, 2010).

Todos esses enquadramentos são importantes para essa pesquisa, uma vez que se pretende verificar se os veículos se preocupam apenas em publicar matérias que noticiam de forma factual o crime de violência (criminal) ou usam disso para narrativas mais sensacionalistas (dramático) ou também procuram falar sobre os direitos da mulher (legal), promover conscientização sobre isso (conscientização) e desenvolver notícias mais aprofundadas, que estejam interessadas em não se abster apenas ao crime, mas em trazer, de alguma forma, uma problematização maior acerca disso (generificado).

A produção do livro de códigos, a coleta teste e a categorização foram realizadas por apenas uma das autoras. O livro de códigos foi testado uma vez, com uma mostra aleatória de 15 das 96 notícias (5 de cada jornal), para verificar a assertividade das variáveis. Depois disso, o livro de códigos passou por alterações⁸ e a categorização final foi desenvolvida.

Os resultados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos apontados aqui podem ser vistos no tópico seguinte.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como mencionado anteriormente, a quantidade de dados analisados aqui foi de 96 matérias jornalísticas no total. A Tabela 1 a seguir demonstra os números de cada jornal.

Tabela 1

Publicações sobre violência contra a mulher

Matérias encontradas		
Jornal	N	%
A Crítica	59	61,46
Diário de Cuiabá	21	21,88
Diário Online	16	16,67
Total	96	100

Conforme a tabela, pode-se verificar que o jornal *A Crítica*, de Manaus, foi o que mais publicou sobre esse tema, ficando muito à frente dos outros dois analisados. Enquanto o jornal amazonense publicou 59 notícias, o *Diário de Cuiabá* publicou 21 e o *Diário Online*, de Belém, publicou 16. Parte da explicação para essa diferença será explorada mais profundamente no decorrer do artigo, pois se trata da distinção de perfil editorial dos três jornais analisados.

Outro dado levantado demonstra como prevaleceu uma cobertura sem desdobramentos dos casos, conforme podemos verificar na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2

O tipo de cobertura observada nos jornais

Jornal	Com desdobramento	%	Sem desdobramento	%
A Crítica	10	10,42	49	51,04
Diário de Cuiabá	5	5,21	16	16,67
Diário Online	2	2,08	14	14,58
Total	17	17,71	79	82,29

A partir desses dados percebemos que 79 notícias (82,29% do total) não se tratavam de um desdobramento; apenas 17 (17,71%) delas diziam respeito a atualizações de um fato antes noticiado pelo jornal. Esse resultado sugere que, talvez, não seja uma prática comum das redações retomar notícias, o que pode se dever aos constrangimentos vividos pelos profissionais nas redações regionais, como apontado por Peruzzo (2005).

O próximo dado diz respeito à quantidade de fontes consultadas nas matérias, ainda visando elencar dados que possam ajudar a compreender a qualidade da cobertura sobre violência. A Tabela 3 mostra que no jornal *A Crítica*, foram utilizadas um total de 64 fontes de informação em 59 matérias, ou seja, pelo menos uma fonte foi consultada em cada notícia, em média.

Tabela 3

Quantidade de fontes consultadas nos jornais

Jornal	Número total	Fontes mulheres	% (1)	% (2)
A Crítica	64	44	68,75	61,97
Diário de Cuiabá	5	4	80	5,63
Diário Online	2	2	100	2,82
Total	71	50	70,42	100

O número de mulheres entrevistadas também merece destaque no jornal *A Crítica*, em que 44 mulheres estavam presentes na construção das narrativas, o que representa 68,75% de todas as fontes consultadas. Sendo assim, quando se trata de violência contra a mulher, a voz feminina foi a mais presente neste jornal, o que pode ser explicado pelo fato de instituições e organização para mulheres serem lideradas por elas. Já os outros dois jornais tiveram um uso ínfimo de

fontes. O *Diário de Cuiabá* consultou apenas 5 pessoas em 21 publicações e o *Diário Online* ouviu apenas 2 em 16 publicações, apesar da maioria de mulheres seguir nos dois veículos.

Esses números começam a traçar o perfil de cada um desses jornais quando se trata da cobertura de violência contra mulher e ajudam a apontar, inicialmente, a empenho na qualidade da construção destas notícias. Enquanto se observa que *A Crítica* teve um desempenho melhor, publicando mais notícias e consultando mais fontes, os outros dois jornais mantiveram a publicação de matérias pouco aprofundadas e em maioria sem incluir falas no corpo do texto.

4.1 *A Crítica*

Como visto no tópico acima, o jornal de Manaus *A Crítica* foi o que mais recorreu a falas de fontes de informação na composição das matérias publicadas. Na tabela abaixo, pode-se observar de forma mais detalhada como foi essa distribuição a partir dos tipos de fontes.

Tabela 4

*Tipos de fontes presentes nas matérias em *A Crítica**

Presença de fontes em matérias		
Tipo	Matérias com presença	%
Oficial	33	63,46
Especialista	7	13,46
Vítima	2	3,85
Acusado	0	0
Familiar	6	11,54
Personagem	4	7,69
Total	52	100

É importante ressaltar que o número disposto na tabela se refere não à quantidade de fontes em cada matéria, mas indica em quantas matérias publicadas pelo jornal tiveram a presença de, pelo menos, um tipo dessas fontes. Sendo assim, pode-se observar que o destaque vai para o uso das fontes oficiais (N=33) e especialistas (N=7), sendo que a presença de fontes oficiais se sobressaiu, estando presentes em 33 notícias. A preferência por fontes oficiais pelos jornalistas já é algo visto na literatura (Schmitz, 2011). Uma das razões para tal se deve a este tipo de fonte possuir mais respaldo diante dos fatos, por representar instituições. No caso desse jornal, uma fonte oficial que apareceu em várias notícias se trata da delegada Débora Mafra, que responde pela Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher. Ou seja, suas falas foram as mais legitimadas pela narrativa jornalística.

Em 4 matérias publicadas, a delegada foi figura central: “PC-AM esclarece sobre crime de violência psicológica e alerta como vítimas devem proceder”⁹, do dia 31 de julho de 2021; “Delegada da Mulher vê crime em fantasia de goleiro Bruno; homem foi identificado”¹⁰, do dia 2 de novembro de 2021; “É preciso que a mulher nunca perca a autoestima”, diz delegada sobre casos de violência contra a mulher”¹¹, do dia 20 de setembro de 2021; “Delegada alerta sobre casos de importunação sexual”¹², do dia 25 de setembro de 2021. Como destacado nos títulos, a delegada é consultada para alertar sobre crimes de violência e para dar sua opinião quanto autoridade no assunto. Em uma dessas ocasiões, a delegada falou sobre a autoestima em casos de violência, mas deixa transparente uma visão romantizada e ainda imbricada em estereótipos da mulher ao dizer que acha bonito ver “uma mulher se reerguer e tornar-se uma excelente mãe e uma excelente filha”. Ou seja, ainda colocando a mulher apenas como figura pertencente ao espaço privado. Este é um dos casos que deixa clara a importância de se verificar que tipos de discursos, mesmo que de fontes oficiais e na maioria mulheres, podem ser legitimados pela prática jornalística.

No que se refere às fontes especialistas, houve pouca presença no total das matérias, aparecendo apenas em sete. Ressalta-se que, destas, duas se tratavam de reproduções da Agência Brasil, agência de notícias brasileira, e uma era da Agência Reuters, agência de notícias britânica. Isso demonstra que há pouca presença de matérias que não só se aprofundem nos temas, mas que também, procurem trazer um recorte regional para as notícias. Por fim, também há seis matérias com a presença de falas de familiares de vítimas, em que eles apenas lamentam os crimes ou dão algum detalhe sobre o caso.

A próxima tabela reúne os resultados obtidos ao se analisar os enquadramentos encontrados na cobertura.

Tabela 5

*Enquadramentos encontrados na cobertura do *A Crítica**

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	29	40,85
Legal	21	29,58
Estatístico	4	5,63
Dramático	3	4,23
Conscientização	7	9,86
Generificado	7	9,86
Total	71	100

Antes de iniciar a análise dos dados, se ressalta que mais de um enquadramento pode ser visto em uma única matéria. No *A Crítica* foram encontrados todos os tipos de enquadramentos previstos no livro de códigos, sendo que o criminal (N=29) e o legal (N=21) foram mais presentes na cobertura.

O enquadramento criminal foi entendido aqui como aquele em que se publicava apenas a ocorrência do crime de violência contra a mulher. Esse tipo de enquadramento possui matérias curtas, com apenas 1 ou 2 fontes sendo ouvidas, prevalecendo uma narrativa sem muita profundidade e de cunho apenas informativo. Além disso, as matérias estavam nas editorias “Cotidiano” ou “Manaus Hoje”, que deixa transparecer que esse tipo de crime já se tornou parte do dia-a-dia da cidade e da redação. O que também chama atenção nesse tipo de enquadramento é a teor dos títulos das notícias, alguns destes podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 1
Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal A Crítica

Títulos
Homem mata sua família por um passaporte de saúde falso na Alemanha
Mulher é executada enquanto fazia sobrancelhas
Em SP, pedreiro é preso após ter estuprado, assassinado e concretado corpo de mulher em uma parede
Mulher decapitada: corpo e cabeça são encontrados em ruas diferentes na zona Norte de Manaus
Corpo nu de mulher é encontrado em porta-malas de carro; suspeito é o marido da vítima
Mulher é assassinada com 18 facadas no bairro Santa Evelvina
Mulher é estuprada e assassinada a pauladas, na manhã desta segunda-feira (2)

Estes são alguns dos exemplos que demonstram que, em muitos casos, a composição dos títulos dos crimes de violência contra a mulher destaca a crueldade pela qual a vítima passou ou algum detalhe que foge do “comum”. Não se pode deixar de pensar que essas escolhas podem servir para atrair cliques de leitores, já que a violência também gera curiosidade, isso fica mais claro quando o jornal publica uma notícia da Alemanha. Em três notícias categorizadas no enquadramento criminal aparece uma foto do corpo da vítima. Uma específica mostra o corpo da mulher em meio ao lixo, ou seja, o recurso visual também ajuda a aumentar o teor violento da narrativa jornalística.

Por fim, outro fator problemático foi identificado em 5 das 29 matérias. Nessas, há a existência de uma narrativa que pode dar a entender que a vítima teve alguma culpa na ocorrência do crime. As matérias abordavam sobre o uso de drogas da vítima, que ela cometia furtos, que era uma prostituta ou que nunca denunciou agressões, por exemplo. Uma dessas matérias trazia o caso de uma idosa evangélica de 58 anos, assassinada por traficantes¹³. No título, o jornal informa que ela era conhecida por “confrontar traficantes”; no corpo da matéria é detalhado que o intuito da idosa era converter essas pessoas em ações da sua igreja. Entretanto, o uso do termo “confronto” denota haver violência dos dois lados e isso pode dar a entender que ela também tinha parcela de culpa - e a notícia não detalha em que consistiria essa atitude de confronto da idosa.

O enquadramento legal é composto por matérias que informam sobre a legislação que trata sobre violência contra a mulher. Neste tipo de enquadramento, seis publicações eram reproduções de agências de notícias, sendo cinco da Agência Brasil e uma da Agência Senado. Em uma dessas matérias, o jornal destacou a importância de uma líder política do Amazonas ser reeleita para a gestão da Secretaria Nacional de Mulheres do PT¹⁴.

O número de matérias encontrado denota um esforço do jornal de divulgar os direitos das mulheres, apesar de ainda haver matérias que não trazem um recorte regional, sendo apenas reproduções de notícias ao nível nacional.

Após o enquadramento legal, os próximos enquadramentos mais encontrados foram o de conscientização e o generificado, cada um com sete presenças na cobertura, sendo que duas matérias possuíam os dois. O enquadramento de conscientização diz respeito às matérias que se propunham a explicar sobre violências para alertar as mulheres e demonstravam a importância de movimentos sociais delas. Houve uma matéria que elucidava sobre o que era violência psicológica, importunação sexual e a pobreza menstrual, por exemplo.

Já as matérias entendidas como enquadramento generificado eram aquelas que apresentam uma sensibilidade maior às questões de gênero, inclusive destacando fontes feministas e movimento das mulheres. Apesar disso, há de se destacar que das sete, três matérias eram reproduções, duas da Agência Brasil e uma da Reuters. O destaque vai para uma matéria do jornal publicada no dia 17 de julho de 2021 com o título “Perigo silencioso em 2021: oito mil casos de violência doméstica contra mulheres em Manaus”. A matéria traz como fontes quatro mulheres, sendo oficiais e especialistas. A notícia, além de destacar os números de violência, explica o que é o feminicídio e suas motivações e destaca fatores sociais ligados a isso. Mesmo

que ainda tenha se identificado poucas matérias que possuem maior profundidade e que se proponham a discutir questões de gênero, o *A Crítica* foi o único dentre os três jornais analisados neste trabalho em que identificamos a presença desse enquadramento. Isso demonstra uma falta latente de matérias que tratam das questões sobre violência contra as mulheres a partir de uma perspectiva de gênero.

Por fim, os enquadramentos menos encontrados foram o estatístico (N=4) e o dramático (N=3). O enquadramento estatístico é composto por matérias que abordam as estatísticas da violência contra a mulher. Duas matérias destacam a violência no cenário da pandemia, em que houve um aumento de casos e a preocupação com a subnotificação. Nesse tipo de enquadramento, percebe-se uma preocupação com a alta dos casos. No que concerne ao enquadramento dramático, este foi visto quando a matéria destacava o lado emocional nos casos de violência. Em uma dessas matérias, de um caso chocante, é usada a fala da vítima como *lead*, recurso que trouxe uma carga emocional maior ao episódio de violência. Além disso, o título também era chamativo pela crueldade do crime: “‘Fui dopada, estuprada e ninguém fez nada’, afirma vítima de violência obstétrica em Itacoatiara”¹⁵.

Fui dopada e estuprada dentro do hospital de Itacoatiara e ninguém fez nada para me ajudar porque não existe monitoramento. Não fizeram exame de corpo de delito antes alegando que eu estava sob efeito de remédios, sendo que o exame deve ser feito de imediato. Fui acusada de mentir, enquanto ele (agressor) está solto. Me foi negado o direito garantido por lei de ter um acompanhante, o que poderia ter evitado um crime. (A CRÍTICA, 25/11/2021).

O que se observa com a cobertura do *A Crítica* é que há uma prevalência maior de matérias apenas informativas sobre violência contra a mulher, sendo que algumas matérias podem levar a um entendimento de culpabilização das vítimas e legitimação de fala de fonte oficial com um teor estereotipado. Entretanto, existe também um esforço incipiente, pelo menos no recorte proposto, para realizar uma cobertura que divulgue os direitos das mulheres, mesmo que ainda amparada em boa medida pela reprodução de agências de notícias. Para seguir com a análise, o próximo tópico traz os resultados do jornal *Diário de Cuiabá*.

4.2 Diário de Cuiabá

No total, foram encontradas 21 matérias sobre violência contra a mulher no jornal *Diário de Cuiabá*. Na tabela abaixo podemos observar as matérias com presença de fontes de informação.

Tabela 6
Tipos de fontes presentes nas matérias do Diário de Cuiabá

Presença de fontes		
Tipo	Matérias com presença de fontes	%
Oficial	3	60
Especialista	1	20
Vítima	1	20
Acusado	0	0
Familiar	0	0
Personagem	0	0
Total	5	100

Como apontado em números gerais, o *Diário de Cuiabá* usou poucas fontes para compor a cobertura sobre violência: das 21 matérias, apenas cinco delas contavam com alguma fala de fonte de informação. Observa-se que este jornal também teve a presença maior de fontes oficiais, mas diferente do que acontece com o *A Crítica*, aqui a fonte oficial tem uma presença menor na construção das matérias. Assim, de forma geral, as publicações do jornal são curtas, de cunho estritamente informativo e com pouca presença de aprofundamento das pautas, prezando apenas pela divulgação de crimes factualmente. A partir dos dados encontrados sobre os enquadramentos observados, dispostos na tabela abaixo, pode-se ter uma ideia do perfil desse jornal quando restringimos à temática da violência contra a mulher.

Tabela 7
Enquadramentos encontrados na cobertura do Diário de Cuiabá

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	16	69,57
Legal	0	0
Estatístico	1	4,35
Dramático	4	17,39
Conscientização	2	8,70
Generificado	0	0
Total	23	100

Neste jornal, quatro tipos de enquadramentos foram identificados. O destaque mais uma vez se dá para

o enquadramento criminal (N=16), presente em 76% das matérias veiculadas no site. Como apontado acima, a cobertura foi majoritariamente conduzida com matérias pouco aprofundadas e cunho factual. No enquadramento criminal, assim como visto no *A Crítica*, há a composição de títulos que chamam a atenção, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 2
Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal Diário de Cuiabá

Títulos
Marido mata esposa e se suicida na frente do filho de 8 anos
Mulher de 60 anos é estuprada por três haitianos em Cuiabá
Mulher é amarrada e decapitada após suposta abordagem da PM
Idosa de 76 anos é agredida e estuprada dentro de uma igreja

Apesar de não ser o objetivo deste artigo, também chama a atenção o fato do segundo título destacar que a violência foi feita por “haitianos”, mesmo que, na matéria, a vítima afirma não saber que língua os suspeitos estavam falando. A escolha de apontar a nacionalidade, mesmo sem confirmação, contribui, de certa forma, para aumentar o estigma contra imigrantes/refugiados.

Outro ponto curioso nesse tipo de enquadramento no jornal se dá pelo fato de as notícias serem construídas com uma narrativa que detalha como aconteceu o crime, inclusive com uso de adjetivos. Abaixo, tem-se um exemplo de uma publicação que informava sobre a morte de uma mulher transexual¹⁶.

Preocupados com o silêncio de Alexandra, que não fazia contato desde a última sexta-feira (5), seus familiares foram até a casa dela. Os parentes de Alexandra tiveram que arrombar a porta, mas, quando entraram, tiveram uma surpresa macabra. Segundo confirmaram policiais da Delegacia de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP), a vítima estava com as mãos amarradas com cordas e pode ter sido morta por estrangulamento. (*Diário de Cuiabá*, 08/03/2021).

Esse recurso foi percebido em cinco matérias analisadas, que tratavam sobre crimes violentos. Isso pode ter acontecido como uma forma do jornal destacar a crueldade e demonstrar que ele se coloca contrário a esse tipo de violência.

Esta narrativa pode ter sido pensada para sensibilizar os leitores ou com o intuito de mantê-los interessados na leitura da notícia. Apesar disso, esse tipo de notícia pouco contribui para propor uma discussão sobre o problema. Mesmo que em momentos pontuais o jornal demonstre a preocupação com a violência contra a mulher, pode-se ver na tabela de enquadramentos (Tabela 7) que nenhuma matéria entrou no enquadramento generificado, que demonstra uma sensibilidade às questões de gênero. Também não identificamos publicações no enquadramento legal, ou seja, não houve matérias que tratassem sobre os direitos das mulheres, mesmo que de forma mais superficial. Além disso, apenas uma matéria trazia números estatísticos sobre a violência e em apenas dois casos houveram notícias com algum grau de conscientização.

O trecho deixa transparecer uma visão ainda superficial da violência contra a mulher, apontando que isso acontece porque os homens querem “convencer” ou “reconquistar” pessoas amadas. Tal construção deixa claro que falta um conhecimento maior por parte do/da jornalista e do jornal sobre um fenômeno presente em boa parte da cobertura. Pode haver um interesse no *Diário de Cuiabá* em demonstrar ser contra e se preocupar com o cenário de violência, mas ainda existe, aparentemente, um despreparo dos profissionais ao conduzir a abordagem. Isso pode ser visto também no uso do enquadramento dramático, presente em quatro notícias, onde o jornal apela para a emoção e uso de adjetivos para caracterizar a crueldade dos crimes. Sendo assim, a cobertura do jornal destaca mais a emoção, não se preocupa em divulgar direitos das mulheres, movimentos sociais e de publicar matérias sensíveis ao gênero. O aspecto dramático da cobertura sobre violência contra a mulher também teve destaque no trabalho de Natansohn e Brito (2019) ao estudarem a Folha de S. Paulo, ou seja, o aspecto trágico dos fatos segue tendo destaque nas coberturas de violência.

No próximo tópico, serão analisados os resultados obtidos do jornal *Diário Online*.

4.3 Diário Online

O jornal de Belém-PA foi onde menos se encontraram notícias sobre a violência contra a mulher, em 16 publicações ao longo de todo o ano de 2021. Esse jornal possui mais semelhanças com o perfil do *Diário de Cuiabá*. Abaixo encontra-se a tabela sobre o uso de fontes de informação.

Tabela 8
Tipos de fontes presentes nas matérias do Diário Online

Presença de fontes		
Tipo	Matérias com presença	%
Oficial	1	50
Especialista	1	50
Vítima	0	0
Acusado	0	0
Familiar	0	0
Personagem	0	0
Total	2	100

Mais uma vez se observa uma cobertura com raras fontes de informação nos textos jornalísticos. Das 16 matérias analisadas, apenas duas possuíam algum tipo de fonte, sendo uma com fonte oficial e uma com fonte especialista. Ou seja, o jornal paraense também segue o padrão observado nos outros jornais, com notícias mais curtas e factuais, e com pouco aprofundamento, já que nem fontes aparecem com frequência na cobertura dessa temática. Na tabela a seguir, pode-se ver os enquadramentos encontrados na análise.

Tabela 9
Enquadramentos encontrados na cobertura do Diário Online

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	13	81,25
Legal	0	0
Estatístico	0	0
Dramático	2	12,50
Conscientização	1	6,25
Generificado	0	0
Total	16	100

Neste jornal, apenas três tipos de enquadramentos foram identificados. Aqui também o enquadramento criminal se sobressaiu em 13 matérias, equivalente a 81% do total de publicações. Como visto nos outros dois jornais analisados anteriormente, o uso de títulos chamativos também está presente aqui, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 3

Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal Diário Online

Títulos
Mulher tem parte do queijo arrancado em tentativa de estupro
Detento em indulto de fim de ano crava faca ex-mulher
Idoso toma Viagra e mata esposa após ela recusar sexo
Com bebê no colo, homem agride ex-mulher com chutes e socos
Mulher é morta a facadas pelo ex no Curió-Utinga. Veja!

Outro fato interessante observado na composição das notícias são alguns trechos com viés mais opinativo. Estes procuram sensibilizar sobre o cenário de violência, como demonstrado no exemplo a seguir de uma notícia publicada no dia 9 de novembro¹⁷:

Terminar um relacionamento nunca é fácil, seja casamento, namoro, noivado e outras relações. As dificuldades do rompimento envolvem a aceitação do outro, sentimento de rejeição, entre outras coisas que dependem de cada pessoa.

Um dos grandes problemas é quando um dos lados não aceita, gerando a obsessão, sentimento de transtorno, derivado da ansiedade e compulsão. (*Diário Online*, 09/11/2021).

O trecho demonstra que o jornal lamenta o número de casos de violência no país, mas deixa transparecer um conhecimento ainda raso sobre o assunto, reduzindo isso ao término de relacionamentos. Assim como visto no *Diário de Cuiabá*, essa escolha por sensibilizar os leitores acaba apenas em trechos de notícias com foco em crimes pontuais, já que não houveram notícias que explorassem o enquadramento legal, estatístico e generificado. Ademais, duas matérias tinham enquadramento dramático, destacando o lado emocional, e apenas uma se tratava de conscientização.

Nesta notícia, o jornal faz uma crítica ao movimento feminista por utilizar muitos conceitos com palavras em inglês e, assim, empenha-se em tornar mais inteligível o que seria o *gaslighting*. Ou seja, importante para compreender a violência psicológica contra a mulher. Entretanto, essa é uma notícia pontual, assim, o interesse em debater sobre a violência contra a mulher e conscientizar as pessoas está presente de forma irrisória na cobertura do *Diário Online* e ainda acontece raramente.

A análise descritiva apresentada neste trabalho sugere alguns *insights* sobre como o tema da violência contra a mulher é pautado em jornais amazônicos,

oferecendo elementos para (re)pensarmos a cobertura jornalística. Os principais achados serão discutidos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise descritiva desenvolvida no trabalho, foi possível constatar que o *A Crítica* é o jornal com maior diversidade de enquadramentos, além de publicar especificamente sobre a ocorrência das violências. Ele também se propõe a veicular notícias que diziam respeito à estatística e à legislação, além de apresentar matérias com proposta de conscientização e, em alguns casos, com uma narrativa jornalística que transparece uma perspectiva de gênero melhor trabalhada. No entanto, ainda se identificam narrativas que podem levar à culpabilização das vítimas. O *Diário de Cuiabá* é um jornal que apresentou muito menos aprofundamento nas notícias e utilizou recursos emocionais na construção da narrativa. Esse perfil é bastante semelhante ao encontrado no *Diário Online*, que mostrou um interesse em sensibilizar leitores e atraí-los para a notícia de forma mais clara, entretanto, se observa que o conhecimento sobre a violência contra a mulher/violência de gênero ainda é raso. A partir dos achados elencados no trabalho, foi possível perceber que o mesmo enquadramento se comporta de formas contrastantes nos três jornais. A utilização desse tipo de análise se torna acertada por demonstrar qualitativamente como esses jornais se comportam quando se fala sobre acontecimentos que envolvem a violência contra a mulher, não apontando apenas semelhanças, mas as diferenças presentes em cada um deles.

Quanto às semelhanças percebidas aqui, foi visto que todos os jornais usaram os títulos das notícias para chamar atenção quanto ao crime, destacando a brutalidade ou o aspecto fora do “comum”. O que se nota é que a crueldade do crime desperta curiosidade e o choque; narrativas mais profundas e desdobramentos dos casos podem ser entendidas como dispensáveis. Como possibilidade para futuras pesquisas, indicamos investigações sobre como são os títulos em matérias de violência contra mulher.

Outra percepção provocada a partir dos enquadramentos é do conhecimento ainda raso dos/das profissionais sobre como se configura a violência contra a mulher. Ainda foram vistas notícias que reduzem a problemática a fim de relacionamentos e uma figura de mulher ainda relegada aos espaços privados. Estes resultados podem mostrar que as redações jornalísticas, apesar de cobrirem a violência contra a mulher cotidianamente, ainda possuem um despreparo para lidar com isso e carecem de conhecimentos mais aprofundados sobre a problemática. Isso se traduz em uma cobertura que não complexifica o fenômeno e que, por

vezes, levam a uma visão reducionista. São redações que escrevem sobre mulheres sem entender como se formam as relações de gênero e como estas interagem na sociedade, como bem aborda a literatura da temática, em grande maioria as matérias ainda são produzidas por um olhar masculino, seja porque a maior parte das editorias e figuras de comando nas redações são homens, ou quando há falas de especialistas se recorre à voz masculina. (Bastos & Souza, 2019; Gonçalves, Silva & Batista, 2019).

Ao observar os estudos da temática e os resultados aqui suscitados, e para que pesquisa não esteja apenas no âmbito de reportar contrariedades na abordagem jornalística sobre o tema, indica-se alguns caminhos para uma produção mais sensível à problemática: cuidado na elaboração de título sobre os casos, para que não soem apelativos, mas informativos; apresentar variedade no uso de fontes, principalmente especialistas que estejam dispostos a instruir as mulheres sobre o que fazer em casos de violência e checagem de falas de fontes, para que o discurso produzido nas matérias não reforcem uma narrativa de culpabilização da vítima ou reproduzam estereótipos.

Todavia, ainda que este estudo do conteúdo jornalístico possa revelar um breve indicativo de como se comporta a cobertura, uma pesquisa mais aprofundada, que considere o trabalho dos/das profissionais e a organização das redações, é importante para se fazer afirmações mais contundentes e oferecer uma visão mais completa sobre o problema.

Por fim, é importante ressaltar também que os resultados elencados aqui deixam claro que a cobertura jornalística sobre a mulher continua problemática e isso tem impacto social e político. A partir do momento que o jornalismo traz notícias rasas e sem a inclusão de uma discussão adequada sobre o gênero, ele não consegue prover aos leitores conhecimentos e argumentos suficientes sobre essa questão. Dessa forma, assuntos de interesse das mulheres são invisibilizados no debate público e a mídia contribui para uma disseminação de *frames* reducionistas, destacando a mulher apenas como uma personagem sem voz, e às vezes sem identidade, num lugar de violência.

Submetido em 15/07/2022
Aceito em 08/05/2023

* Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA - BM-06525/22) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - Finance Code: 001)

NOTES

¹. A Amazônia Legal é uma área que corresponde ao território da bacia Amazônica. Ela foi delimitada pelo Art. 20 da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007 e inclui 772 municípios dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins (Norte); Mato Grosso (Centro-Oeste); e Maranhão (Nordeste) (IBGE, [20-]).

². Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

³. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁴. Relatório completo pode ser acessado aqui: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia-2021completo.pdf>.

⁵. Última busca por artigos foi realizada em maio de 2023.

⁶. “To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described” (ENTMAN, 1993, p. 52).

⁷. A inspiração da definição e conceituação de fontes para o livro de códigos parte da perspectiva de Schmitz (2011). Todavia, para o melhor entendimento dos modos de representação e construção de narrativa para este trabalho, adotou-se outras definições como: “vítima”, “acusado”, “familiar” e “personagem” que indicam a função destas fontes nas notícias sobre violência. Ressalta-se que não se pretende debater sobre conceituação de fontes, apenas elencar de forma mais ilustrativa os personagens de cada notícia analisada a partir do encontro com o *corpus* da pesquisa.

⁸. Anteriormente, o livro de códigos também previa a contagem de parágrafos das matérias publicadas, com o intuito de perceber se havia um interesse no aprofundamento das matérias, entretanto, verificou-se que não existia um padrão de divisão de parágrafos e que esse dado se tornaria ambíguo.

⁹. Ver: PC-AM esclarece sobre crime de violência psicológica e alerta como vítimas devem proceder (acritica.com)

¹⁰. Ver: Delegada da Mulher vê crime em fantasia de goleiro Bruno; homem foi identificado (acritica.com)

¹¹. Ver: ‘É preciso que a mulher nunca perca a autoestima’, diz delegada sobre casos de violência contra a mulher (acritica.com)

¹². Ver: Delegada alerta sobre casos de importunação sexual (acritica.com)

¹³. Ver: Conhecida por confrontar traficantes, mulher é assassinada na Zona Sul de Manaus (acritica.com)

¹⁴. Ver: Amazonense vai comandar secretaria nacional de mulheres do Partido dos Trabalhadores (acritica.com)

¹⁵. Ver: ‘Fui dopada, estuprada e ninguém fez nada’, afirma vítima de violência obstétrica em Itacoatiara (acritica.com)

¹⁶. Ver: Mulher transexual é encontrada morta com as mãos amarradas | Diário de Cuiabá (diariodecuiaba.com.br)

¹⁷. Ver: Mulher morre após ter o corpo incendiado por ex-marido (dol.com.br)

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bastos, M. D. & Souza, R. M. de. (2019). Os fundamentos sociais do patriarcado de mídia. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(2), 53–69. doi: 10.5212/RevistaPautaGeral.v6.i2.0004
- Belin, L. L. (2019). Das ruas para a mídia: o assassinato de uma mulher em situação de rua no Rio de Janeiro e seu enquadramento midiático. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(1), 133–144. doi:10.5007/1984-6924.2019v16n1p133.
- Costa, L. D. S. da. (2018). História por meio da imprensa: profissionalização do jornalismo em Cuiabá-MT. *Revista Escritas*, 10(1), 172–189. doi:10.20873/vol10n1pp172-189
- Entman, R. M. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal Of Communication*, 43(4), 51–58. doi:10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x.
- Gatto, Y. R. & Soares, M. C. (2018). A mulher como alvo de seu próprio crime: enquadramento das notícias de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. *Revista Observatório*, 4(1), 517–543. doi:10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p517.
- Gomes, L. S. (2018). *A cobertura jornalística da violência contra a mulher no Jornal do Tocantins*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins.
- Ghizzoni, M. (2013). Jornalismo regional como mediador social: uma análise de conteúdo. *Revista Vernáculo*, 32, 136–166. doi:10.5380/rv.v0i0.34438.
- Leal, P. M. V. (2007, maio). Jornalismo político brasileiro e a análise do enquadramento noticioso. In Anais do 2º Encontro da COMPOLÍTICA, Belo Horizonte, MG.
- Leal, P. M. V. (2008, maio). Análise de Enquadramento Noticioso no Telejornalismo Brasileiro: divulgação jornalística dos dados da PNAD 2006. In Anais do Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação.
- Lucas, D. dos S. M. (2018). *Égua paid>équa, com infinitas lésquias de trégua: um estudo dos portais orm news e diário online*. [Tese de Doutorado]. Curso de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Massuchin, M. G., Tavares, C. Q. & Silva, G. A. (2020). O que a produção científica tem a nos dizer? Avanços, lacunas e novas perspectivas para as pesquisas sobre Jornalismo e Gênero. *Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, 7(1), 1–20. doi: 10.5212/RevistaPautaGeral.v7.14904.212.
- Miguel, K. G., Jara, T. M. & Souza, L. De. (2018). A COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO MAYARA AMARAL: reflexões sobre um feminicídio anunciado. *Comunicação & Inovação*, 19(40), 71–88. doi:10.13037/ci.vol19n40.5156.
- Miranda, C. M., Carvalho, C. A. de. (2022). Narrativas do feminicídio na Amazônia. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), 1–10. doi:10.1590/1806-9584-2022v30n276976.
- Natansohn, L. G. & Brito, J. L. (2019). Feminicídio: a cobertura da Folha de S. Paulo a partir da Teoria do Enquadramento. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(2), 70–89. doi:10.5212/RevistaPautaGeral.v6.i2.0005
- Peruzzo, C. N. K. (2005). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, 26(43), 67–84. doi:10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84.
- Pinto, P. (2013). Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. *C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, 29, 95–107. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36945>.
- Porto, M. P. (2004). Enquadramentos da Mídia e Política. In A. A. C. Rubim (Ed.), *Comunicação e política: conceitos e abordagens* (1ª. ed., pp. 73–104). Salvador: Edufba.
- Pozobon, R. De O. & Rodrigues, C. M. (2017). Jornalismo político e Zero Hora: o enquadramento das fontes sobre o governo Sartori. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(2), 150–161. doi:10.5007/1984-6924.2017v14n2p150.
- Reis, T. A. (2017). *A cultura nos diários maranhenses: uma análise editorial dos jornais O Estado Do Maranhão, O Imparcial, Pequeno e O Progresso*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Rothberg, D. (2010). O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In R. Christofolletti (Org.), *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo* (1ª. ed., pp. 53–68). Covilhã: Labcom Books.
- Sampaio, R. C. & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília: Enap.
- Sarmento, R. (2019). Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, 28(3), 97–117. doi:10.4322/tp.v28i3.760.
- Schmitz, A. A. (2011). *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook.
- Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (1ª. ed., pp. 50–83). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Scremin, L. & Javorski, E. (2013). O enquadramento das notícias sobre os estrangeiros do Programa Mais Médicos. *Cadernos da Escola de Comunicação*, Edição Especial: Anais do IX Ciclo de Debates Sobre Jornalismo da UniBrasil, 1–15. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2021>.
- Silva, G. A., Sousa, M. De P. M. De, Sousa, N. N. De & Massuchin, M. G. (2018, dezembro). Gênero como tema de pesquisa: uma análise dos artigos publicados em revistas da comunicação. In Anais do XII Simpósio De Comunicação Da Região Tocantina, Imperatriz, MA.
- Silva, R. F. X. (2017). Violência contra a mulher: análise de matérias no jornal do Tocantins. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/985>.
- Soares, M. C. (2006). Análise de Enquadramento. In J. Duarte & A. Barros (Eds.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2ª. ed., pp. 2–17). São Paulo: Atlas.
- Soares, R. & Sarges, L. (2017). Jornalismo na Web: O caso Toca Restô Bar pelo Diário Online (DOL). *Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*, 2(2), 1–25. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/puca/article/view/3343>.
- Tavares, C. Q., Massuchin, M. G., Sousa, N. N. de., Silva, G. A. (2021). Comunicação e Gênero como área de pesquisa: características e desenvolvimento dos estudos a partir da análise bibliométrica. *Intercom*, 44(3), 83–102. doi:10.1590/1809-58442021305.
- Tomás, L. M. N. (2019). *Manaus e o manauara na prática discursiva do jornal A Crítica*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

APÊNDICE 1

LIVRO DE CÓDIGOS

Enquadramento da violência doméstica em jornais amazônicos

Id do site

Identificar o site analisado

Data

Data da publicação

Título

Título da matéria

Matéria se trata de um desdobramento?

CÓD.	TIPO
1	Sim
2	Não

Quantidade de fontes consultadas

Enumerar a quantidade de fontes usadas nas reportagens

Quantidade de mulheres consultadas

Enumerar a quantidade de fontes femininas usadas nas reportagens

Fontes presentes

Indicar presença (1) ou ausência (0) desse tipo de fontes

TIPO	DESCRIÇÃO
Oficial	Representante oficial do assunto da matéria
Especialista	Especialista no tema da matéria
Vítima	A fonte sofreu algum tipo de violência ou acidente
Acusado	Fonte consultada é a acusada de violência
Familiar	Fonte é consultada por ter parentescos familiares
Personagem	A fonte é apenas apresentada para personalizar a matéria e trazer proximidade com os leitores

Quantidade de parágrafos

Enumerar a quantidade parágrafos das reportagens

Enquadramento

Identificar presença (1) ou ausência (0)

TIPO	DESCRIÇÃO
Criminal	Matérias policiais que se atém apenas ao crime em si e seus desdobramentos
Legal	Matérias sobre políticas públicas
Estatístico	Matéria sobre estatística relacionadas à violência, desigualdade
Avanço	Matérias que destaque avanços
Positivo	Matérias que destaque mulheres sob um viés positivo
Fama	Matérias que destacam celebridades
Absurdo	Matérias que relatam coisas foram do “comum” envolvendo mulheres que não sejam crimes de feminicídio
Dramático	Matérias com enfoque mais sensacionalista e com teor dramático
Conscientização	Matérias com o intuito de promover conscientização sobre a violência contra mulher
Generificado	Matérias que incluem discussão de gênero, movimento das mulheres, direitos, etc.



ABSTRACT | RÉSUMÉ | RESUMO

Violência contra a mulher em jornais amazônicos: análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021

Violences faites aux femmes dans les journaux amazoniens : une analyse de cadrage médiatiques en 2021

Amazonian newspapers' coverage of violence against women: a framing analysis of the news in 2021

Pt. A presente pesquisa se propõe a investigar o conteúdo e enquadramento das notícias que envolvem a temática da violência contra a mulher publicadas em sites de jornais da Amazônia Legal, no intuito de indicar quais são as características da produção sobre o tema em uma região onde os índices de violência são maiores do que a média nacional. Será que esses casos ganham repercussão midiática? E, quando ganham, de que maneira a violência contra a mulher é noticiada? Ressalta-se que, de acordo com Rayza Sarmento (2019), os meios de comunicação são peças centrais para se entender as desigualdades de gênero que se estabelecem nas sociedades. Uma das formas de se estudar as representações de gênero nesta instância é por meio do enquadramento. Assim, esse estudo se debruça sobre os conceitos de jornalismo regional (Peruzzo, 2005), gênero (Scott, 2019) e enquadramento (Entman, 1993) para responder sua problemática. Tendo isso em conta, esta pesquisa desenvolve uma Análise de Conteúdo e de Enquadramento da produção de três portais regionais: A Crítica (Manaus – AM), Diário de Cuiabá (Cuiabá – MT) e Diário Online (Belém – PA). O corpus da pesquisa conta com 96 notícias no total publicadas nos sites dos jornais no ano de 2021. Os resultados obtidos demonstram que a cobertura feita pelos veículos é, majoritariamente, composta por matérias breves e sem aprofundamento, carregando ainda marcas problemáticas como a culpabilização da vítima, seguindo a tendência de cobertura nacional. Há ainda uma forte presença de recursos emocionais nas narrativas. Também foram vistas notícias que reduzem a problemática a fim de relacionamentos e uma figura de mulher ainda relegada aos espaços privados. Além disso, notícias com um enquadramento que demonstre uma sensibilidade de gênero são incipientes, mesmo em um contexto em que a violência contra a mulher se faz mais presente do que em outras regiões brasileiras.

Palavras-Chave: gênero; jornalismo ; enquadramento ; violência; mulheres

Fr. Cette étude vise à examiner le contenu et le cadrage des actualités touchant au thème des violences faites aux femmes publiées sur les sites web de journaux de la région d'Amazonie légale du Brésil, afin de mettre en évidence les caractéristiques de la production journalistique sur ce sujet dans une région où les taux de violence sont plus élevés que la moyenne nationale. Ces cas ont-ils des répercussions médiatiques ? Si oui, comment les violences à l'égard des femmes sont-elles traitées ? Comme le souligne Rayza Sarmento (2019), les médias constituent des pièces maîtresses pour comprendre les inégalités de genre qui prévalent au sein des sociétés. L'une des façons d'étudier les représentations de genre est à travers le cadrage. Pour aborder ces questions, notre étude s'appuie sur les concepts de journalisme régional (Peruzzo, 2005), de genre (Scott, 2019) et de cadrage (Entman, 1993). Sur ces bases, nous avons développé une analyse de contenu et de cadrage de la production de trois portails d'information régionaux : A Crítica, de Manaus (Amazonas), Diário de Cuiabá, Cuiabá (Mato Grosso) et Diário Online, Belém (Pará). Notre corpus de recherche rassemble 96 articles d'actualité publiés en 2021 sur les sites web de ces journaux. Les résultats obtenus montrent que la couverture réalisée par ces médias correspond principalement à de courts articles, qui restent superficiels et présentent encore des aspects problématiques, comme le fait de culpabiliser les victimes, suivant en cela la tendance de la couverture nationale. Le recours à un registre émotionnel est également très fréquent dans ces récits. Certains articles réduisent ainsi la problématique des violences faites aux femmes au contexte particulier des ruptures amoureuses et continuent de reléguer les femmes dans l'espace privé. Les actualités présentant un cadrage sensible à la dimension du genre sont encore embryon-

naires, malgré un contexte où les violences à l'égard des femmes sont plus présentes que dans d'autres régions brésiliennes.

Mots-clés : genre ; journalisme ; cadrage ; violences ; femmes

En. This research aims to examine the content and framing of news reports on the theme of violence against women published in online newspapers in the wider Amazon region (Amazonia Legal). The goal is to identify the characteristics of journalistic production on the topic in a region where the rates of violence are higher than the national average. Do these cases get media coverage? If so, how is violence against women represented? As Rayza Sarmento (2019) points out, the media are pivotal to understanding the gender inequalities that prevail within societies. One approach to studying gender representations is through framing. To address these issues, our study draws on the concepts of regional journalism (Peruzzo, 2005), gender (Scott, 2019) and framing (Entman, 1993). On these grounds, we developed a content and framing analysis of the production of three regional news portals: A Crítica, from Manaus (Amazonas), Diário de Cuiabá, Cuiabá (Mato Grosso) and Diário Online, Belém (Pará). Our research corpus includes 96 news articles published in 2021 on the websites of these newspapers. The results reveal that the coverage provided by these media consists mainly of short articles, generally superficial and harboring problematic features, such as victim-blaming, in line with an existing trend in national coverage. The use of an emotional register is also very common in these stories. Some articles minimize the issue of violence against women to the specific context of romantic break-ups, and continue to relegate women to the private sphere. Gender-sensitive news framing is still in its infancy, despite a context where violence against women is more pervasive than in other Brazilian regions.

Keywords: gender; journalism; framing; violence; women



Sur le **journalisme**
About **journalism**
Sobre **jornalismo**

INTERNATIONAL NEWS FLOWS

FLUX D'INFORMATIONS
INTERNATIONALES
FLUJOS NOTICIOSOS
INTERNACIONALES
FLUXOS DE NOTÍCIAS
INTERNACIONAIS

International news flows through the lens of platformization

Introduction

ALAN OUAKRAT

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle

alan.ouakrat@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-6558-6239

CHRIS PATERSON

University of Leeds

C.Paterson@leeds.ac.uk

FRANCK REBILLARD

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
franck.rebillard@sorbonne-nouvelle.fr

JASMIN SURM

University of Leeds

J.Surm@leeds.ac.uk

CAMILA MOREIRA-CESAR

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
camila.moreira-cesar@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-4899-8282



In this special issue, we hope to deepen and broaden reflections on international news flows and how *corporate digital platforms* - with their escalating influence over all aspects of social life - contribute to or mitigate against *global news diversity*: topics which, despite so clearly intersecting, are rarely considered together. Our world is mediated through an increasingly complex news ecosystem where platform-based algorithms are central for large public visibility to (international) news (Bucher, 2018). This issue has some continuity with one published almost a decade ago in this journal. Without being exclusively focused on online news flows, the issue *Sources and Flows of news* (2012) had already pointed out the growing role played by digital intermediaries. It is striking to notice that at the time, both organizations (firms) and individuals were considered as intermediaries. Of course, aggregators such as Google News - launched in the early 2000s - were already well established, and some researchers were interested in the role of bloggers not only as information relays but as producers. Similarly, social networking sites were seen as tools at the service of their users to spread information, as well as disseminators of news produced by media companies.

Since then, one may have the feeling that media companies are the ones who have progressively put themselves at the service of digital social networks,

relegating Internet users to passive consumers. Such a trend within social networks parallels the path of search engines, and supports the hypothesis of an infrastructural media capture (Nechushtai, 2018). Over time, the relationship between news producers and digital intermediaries has been increasingly integrated in the form of *platformization* (Smyrnaios, Rebillard, 2019), where the news industry became the synergistic content providers of platforms. The digital platforms are owned by transnational firms whose size and concentration has greatly expanded (with Alphabet including Google and YouTube, Meta including Facebook, Instagram and WhatsApp). The geopolitical stakes for the circulation of news on a global scale keep evolving, as competitors widen their zone of influence (including via TikTok and the Chinese company ByteDance).

Decades of communication research on the inequalities and imbalances within international news flows demonstrated asymmetry between the Global North and the Global South - with a strong focus on international news agencies and global media networks (Mattelart, 2014; Schiller, 1976). This scholarship requires updating for the digital age, since journalism and media have been transformed by platforms. Long a focus of news flow research, news agencies serve as 'news intermediary organizations' (Rantanen and Kelly, 2020: 1897) and play a decisive role in the communication of world affairs (Rantanen, 2021; Surm, 2020). As gatekeepers, they influence and set the global news agenda (Thussu, 2000: 130; Jukes, 2022: 5), and provide information from distant events that media organizations cannot cover themselves, given the cost of international reporting (Jukes, 2022: 2; López del Castillo Wilderbeek, 2023: 919). The position that agencies once occupied as agents of imperialism has not entirely faded, with Xinhua often seen leading China's efforts to influence media globally (Madrid-Morales, 2021). Notwithstanding their significance as global players in the international news ecosystem (Sánchez Marín, 2017: 158), news agencies, most notably their practices (Paterson, 2012: 1), continue to be under-researched compared to other types of media (Rantanen, 2021: 264). Similarly, since the last large study of the global news flow two decades ago (Wu, 2000), research into the flow of news from origin to distribution across channels and geographies is rare (exceptions include Watanabe, 2017).

Like news agencies, digital platforms have also partly become information transnationals. Unlike the former which are upstream in the news chain, they are downstream. They thus benefit from direct contact with Internet users - often, instead of the news media. Hence, issues of freedom of expression and pluralism, so important to democratic societies, concern digital platforms. Regulations in this area should be

applied to them, as it is to news media. This is a process in which states are lagging. To use the metaphor of a former member of the French media regulatory authority (CSA), who is also a researcher in network economics (Curien, 2021), for several years, television channels continued to be regulated like fish in a bowl, even though the bowl was immersed in an ocean of information in which Internet users were swimming.

Gradually, the legislative and regulatory framework is evolving and adapting to information transitioning through platforms as much as through the legacy media. However, there is another challenge, this time concerning the international scope of the tech giants. The national framework is no longer sufficient, and it is necessary to move to a supranational stage. The European Union is a pioneer in this area. Its European Media Freedom Act project is a novelty insofar as media freedom issues are not usually dealt with at the European level. However, putting it into practice is proving difficult since it has to deal with countries that (to put it in a caricatured way) are interventionist in the South of Europe, and prefer free exchange in the North of Europe, which thus leads to the elaboration of a "meta-regulation" whose implementation remains to be seen (Cantro Gamito, 2023). One might suspect the neo-liberal perspective will continue to dominate, since it has largely inspired international digital regulation until now, based in particular on the libertarian vision of self-regulation that nourished the original ideals of the Internet (Bietti, 2023).

The relationship between news and users is evolving dynamically, partially configured by the technological affordances designed by platforms. For almost two decades, mobile phones have now been associated with social media usage to distribute content, including news. However, if a few platforms dominate news flows, what are the consequences for global journalism, and global news diversity especially? Despite abundant digital news, the lack of original and consistent journalism remains problematic for pluralism in the digital environment (Paterson, 2007; Rebillard and Loicq, 2013). Lowering economic entrance barriers to the status of news producers does not necessarily mean a larger plurality of equally visible sources. It could also contribute to a homogenization of news due to intertwined economic and political logics of control. If news production is more decentralized and open to more voices, the gatekeeping process is still the key to visibility, mainly controlled by platforms in the digital realm. How does this control affect global news flow in the digital environment and contribute (or not) to homogenizing the meaning of social life and events?

While news consumption via traditional channels (print, radio and television) has decreased on an inter-



Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Alan Ouakrat, Chris Paterson, Franck Rebillard,
Jasmin Surm, Camila Moreira-Cesar, « International
news flows through the lens of platformization », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 -
15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.530>

national scale over the past decade, online consumption only grew marginally (Newman et al., 2022). This suggests a growing disconnection from the news (5% in 2022), coinciding with a general decline of interest in journalism. Overall, Facebook is the most popular network for reading online news, though its usage has decreased by 12% since 2016. Social news consumption varies by region, with Latin America and Africa having higher usage than the Western world, and the platforms used also differ. Although Facebook is used by 59% in Africa, WhatsApp (55%) and Telegram (18%) are similarly popular. In Latin America, all major social networks are equally important, compared to Asia, where platform use is highly country-dependent. Beyond the prominent position of the GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft), understanding contemporary international news flows require consideration of the emergence of competing actors from other geographic areas. Thus, the development of BATX (Baidu, Alibaba, Tencent, Xiaomi), as well as the rapid global growth of Chinese social network TikTok suggest a change in power relations. While TikTok is still most popular for young people under 25 (reaching 40% and being used by 15% for news consumption), usage across all age groups has steadily increased.

In the countries of the South, the role of Google and Facebook as web services or applications is complemented by the importance of messaging apps such as WhatsApp (also owned by Facebook) or Telegram. Although it does not favor the production of original journalism, WhatsApp is a key piece of the Brazilian media ecosystem as it interacts with the flows of other platforms and traditional media (Piaia & Alves, 2020). WhatsApp and Telegram took a strategic role in the orchestration of disinformation campaigns during the Brazilian elections of 2018 and 2022, which accentuated political polarization (Chagas, 2022; Moreira Cesar & Santos, 2020; Baptista et al, 2019), and their role in spreading disinformation across Africa is considerable (Wasserman & Madrid-Morales, 2022). Recently, the Covid-19 pandemic found fertile ground to disseminate conspiracy theories and “reinforcement” initiatives in the digital environment. Faced with these problems, Brazilian legislation has been especially concerned with a “social regulation” of the internet, making economic regulation secondary (Ruediger, 2022).

The cooperation between news organizations and (very large digital) platforms is multi-sided. It includes funding initiatives regarding innovation (Ouakrat, 2020; Papaevangelou & Smyrnaios, 2022; Papaevangelou, 2023), as well as collaboration with governments and leading news players to tackle disinformation. For instance, the Meta journalism project of fact-checking led by the French Press Agency, AFP, involved more

than fifty media organisations during the French 2022 elections. In this way, news agencies are positioned to co-regulate the news environment with platforms and other media, as well as exert their power over selection and verification. Although not explicitly linked to news, but to broader user-generated content, platforms' content moderation is mainly taking place in the Global South (as documented, for example, by Roberts, 2019). The objective is to squeeze costs with no guarantee that the interests of the South are represented. This type of content continues to benefit from moderation in the dominant languages (English, French and Portuguese, for instance) with less regard for other languages. This would require (human and monetary) resources that platforms are still unwilling to dedicate to this crucial activity, although the quality of their service for users depends on it. Here also, there is a two-tiered level of governance with automated moderation for most of the content and languages and a differentiated human moderation for specific countries and users in the North.

The power of platforms has led to calls for regulation in order to increase compliance and establish laws on intellectual property, privacy (such as GDPR), antitrust, tax avoidance and dissemination of disinformation. A capacity to disrupt news flow on a continental scale became apparent in 2021 when Facebook and Google were targeted by an Australian legislation designed to ensure payment for the news they distribute. Massive lay-offs and cut-off plans, as well as closer regulation by administrative and supranational authorities such as European rulings like the DSA/DMA, are pushing platforms toward a cautious dynamic of innovation regarding privacy, targeted advertising and news distribution. Despite this new situation, very large digital platforms remain influential. Therefore, it is still a pressing issue to unveil their logic of expansion, domination and control over news distribution, including how traditional news providers adapt to them. The platforms' regulation and governance must be monitored by civil society and the scientific community, if we are to move toward a more politically and culturally pluralistic news environment.

This issue gathers three articles, including an interview of Tristan Mattelart by Chris Paterson and papers by Raphaël Lupovici and Darsana Vijay, presented during a ICA pre-conference held in Paris on May 26, 2022: a collaboration between Sorbonne Nouvelle and Leeds University. Mattelart's interview usefully builds on this introduction with a historical perspective and reference to the scholarship of (critical) political economists of communication about news flows, updated by review of research on platforms. It suggests connections and continuities, rather than forgetting those research legacies. Darsana Vijay then explores how local news players in India have to adapt the way they

present news to audiences according to the advertising logic of Facebook, and Raphael Lupovici's contribution concerning the Yellow Vests and Freedom Convoys invites us to think about the (redefinition of) borders between journalism and social activism when mediated by platforms.

Far from closing the topic, we would like to envision this work as a step on the road of documenting and analyzing what is at stake when international platforms take over the newscape, affecting global news circulation and diversity in ways that remain poorly understood. Many questions are still unanswered and could become paths for future research: How accountable are tech giants regarding their impact on media economies and cultural industries? How can we imagine a ‘free and balanced circulation’ of online news

that would not be market-oriented or politically controlled by governments but would empower citizens? In what ways does algorithmic control over news flow influence public debate? Does YouTube actively contribute to news diversity, and if so, how? Are TikTok and Snapchat more prone to news diversity than incumbent platforms like Facebook or Google? What are the opportunities to resist or reduce the power of platforms over international news flow? And how do we, in our collective interest for the future of the many, regulate the private power of Tech Giants when they threaten democracy and society?

REFERENCES

- Baptista, A., Rossini, P., Veiga de Oliveira, V., & Stromer-Galley, J. (2019). A circulação da (des) informação política no WhatsApp e no Facebook. *Lumina*, 13(3), 29-46.
- Bietti, E. (2023). A genealogy of Digital Platform Regulation. *Georgetown Law Tech Review*, 7, 1-6.
- Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Oxford: Oxford University Press.
- Cantero Gamito, M. (2023). The European Media Freedom Act (EMFA) as meta-regulation. *Computer Law & Security Review*, 48.
- Chagas, V. (2022). WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. *International Journal of Communication*, 16, 2431-2455. Available from: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17296/3770>>.
- Curien, N. (2021). The Audiovisual Industry Facing the Digital Revolution: Plunging the Predigital Fishbowl into the Digital Ocean. In: Matei S.A., Rebillard F., Rochelandet F. (eds.), *Digital and Social Media Regulation. A Comparative perspective of the US and Europe*, Palgrave Macmillan, p. 17-43.
- Eurostat. (2022). *Consumption of Online News Rises in Popularity*. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220824-1>.
- Jukes, S. (2022). *News Agencies. Anachronism or Lifeblood of the Media System?* London and New York: Routledge.
- López del Castillo Wilderbeek, F. L. (2023). Digital Native Media and Dependence on News Agencies in Spain. *Vivat Academia*, 156, 89-106.
- Madrid-Morales, D. (2021). Who Set the Narrative? Assessing the Influence of Chinese Global Media on News Coverage of COVID-19 in 30 African Countries. *Global Media and China*, 6(2), 129-151.
- Mattelart, T. (2014), « Les enjeux de la circulation internationale de l'information », *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 5. DOI: 10.4000/rfsic.1145
- Moreira Cesar, C., & Santos N. F. (2020). Quelle place pour les communicants politiques à l'ère des campagnes WhatsApp au Brésil ?, *Quaderni*, 101, 77-96.
- Nechushtai, E. (2018). Could digital platforms capture the media through infrastructure? *Journalism*, 19(8), 1043-1058.
- Newman, N.; Fletcher, R.; Robertson, C.T., Eddy, K., & Kleis Nielsen, R. (2022). *Reuters Institute Digital News Report 2022. Oxford*: Reuters Institute for the Study of Journalism. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>.
- Nielsen, R. K., & S. A. Ganter. (2018). “Dealing with Digital Intermediaries: A Case Study of the Relations between Publishers and Platforms.” *New Media & Society* 20(4), 1600–17.
- Ouakrat, A. (2020). Négocier la dépendance ? Google, la presse et le droit voisin. *Sur le journalisme*, 9(1), 44-57
- Papaevangelou, C. (2023). Funding intermediaries: Google and Facebook's strategy to capture journalism, *Digital Journalism*. DOI: [10.1080/21670811.2022.2155206](https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2155206)
- Papaevangelou C., & Smyrnaios N. (2022, not published). Regulating dependency: the political stakes of online plat-
- forms' deals with French publishers. HAL <https://hal-univ-tlse2.archives-ouvertes.fr/halshs-03747847v2>
- Paterson, C. (2007). International news on the internet: Why more is less. *The International Journal of Communication Ethics*, 4 (1/2), 2007, 57-66.
- Paterson, C. (2012). News Agencies. In: Donsbach, W. ed. *The International Encyclopedia of Communication*. Hoboken: John Wiley & Sons, pp.1-7. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecn015.pub2>.
- Pew Research Center. (2018). Publics Globally Want Unbiased News Coverage, but Are Divided on Whether Their News Media Deliver. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://www.pewresearch.org/global/2018/01/11/publics-around-the-world-follow-national-and-local-news-more-closely-than-international/>.
- Piaia, V. & Alves, M. (2020). Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 43(3), 135-154.
- Rantanen, T. & Kelly, A. (2020). Abnegation, Accommodation and Affirmation: Three Discursive Modes for the Institutional Construction of Independence among National News Agency Executives in Europe. *Journalism*. 21(12), 1896-1912.
- Rantanen, T. (2021). Toward Hybridity? Nationality, Ownership, and Governance of News Agencies in Europe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. 98(1), pp.263-282.
- Rebillard, F. & Loicq, M. (eds.). (2013), *Pluralisme de l'information et media diversity. Un état des lieux international*, De Boeck.
- Roberts, S. (2019), *Behind the Screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*, Yale University Press
- Ruediger, M. A. (Coord.) (2022). Regulação de plataformas digitais: uma contribuição para a análise do debate nacional frente a um desafio global. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP.
- Sánchez Marín, G.; Micó Sanz, J. L., & Justel Vázquez, S. (2017). Journalistic Multi-Skilling in the News Agencies AFP, EFE, ANSA, and ACN. *Trípodos*. 41, 157-172.
- Schiller, H. I. (1976), *Communications and Cultural Domination*, New York, M.E. Sharpe.
- Smyrnaios, N. (2018), *Internet Oligopoly. The Corporate Takeover of Our Digital World*, Emerald Publishing, 191p.
- Smyrnaios, N., Rebillard, F. (2019). How infomediation platforms took over the news. A longitudinal perspective. *The Political Economy of Communication*, 7(1), pp. 30-50.
- Surm, J. (2020). AFP, EFE and dpa as International News Agencies. *Journalism*, 21(12), 1859-1876.
- Thussu, D.K. (2000). *International Communication. Continuity and Change*. London: Hodder Education.
- Watanabe, K., (2017). The Spread of the Kremlin's Narratives by a Western News Agency During the Ukraine Crisis. *The Journal of International Communication*. 23(1), 138-158.
- Wu, H. D., (2000). Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*. 50(2), 110-130.



Plateformisation de la circulation de l'information internationale

Introduction

ALAN OUAKRAT

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
alan.ouakrat@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-6558-6239

CHRIS PATERSON

University of Leeds

C.Paterson@leeds.ac.uk

Franck Rebillard

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
franck.rebillard@sorbonne-nouvelle.fr

JASMIN SURM

University of Leeds

J.Surm@leeds.ac.uk

CAMILA MOREIRA-CESAR

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
camila.moreira-cesar@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-4899-8282



ans ce dossier, nous espérons approfondir et élargir les réflexions sur les flux d'information internationale et la façon dont les plateformes numériques privées – avec leur influence grandissante sur tous les aspects de la vie sociale – facilitent ou réduisent la diversité de l'actualité internationale. Ces sujets, malgré leurs liens évidents, sont rarement considérés ensemble. Pourtant notre monde est médié à travers un environnement informationnel de plus en plus complexe où les algorithmes des plateformes sont centraux dans la visibilité de l'actualité (internationale) pour le grand public (Bucher, 2018). Le présent dossier s'inscrit dans une certaine continuité avec celui publié, il y a près d'une décennie, au sein de cette même revue. Le dossier Sources et flux des nouvelles (2012), sans être exclusivement focalisé sur la circulation de l'information en ligne, pointait néanmoins déjà le rôle croissant joué par les différents intermédiaires numériques. Il est frappant de constater aujourd'hui que ces intermédiaires étaient envisagés autant comme des individus que comme des organisations (firmes). Certes les agrégateurs de nouvelles étaient déjà bien en place, à l'image de Google News lancé dès le début des années 2000, mais plusieurs travaux et réflexions s'intéressaient aussi au rôle des blogueurs non seulement en tant que relais des nouvelles mais aussi en tant que producteurs d'informations. Dans le même esprit, les réseaux sociaux numériques étaient pensés comme des outils au service de leurs utilisateurs pour y disséminer des informations, autant

que comme des vecteurs de diffusion des nouvelles produites par les entreprises de médias.

On peut avoir le sentiment que, depuis, ce sont les entreprises de médias qui se sont progressivement mises au service des réseaux sociaux numériques, reléguant les internautes au rang de simples consommateurs d'informations. Un tel mouvement pour les réseaux sociaux numériques prolonge ainsi celui initié avec les moteurs de recherche auparavant et soutient l'hypothèse d'une media capture beaucoup plus infrastructurelle (Nechushtai, 2018). Avec le temps, la relation entre producteurs d'information et intermédiaires numériques est de plus en plus intégrée sous la forme d'une plateformisation (Smyrnaios, Rebillard, 2019), où les premiers deviennent les fournisseurs de contenu (complementors) des seconds (platforms). Ces plateformes numériques sont détenues par des firmes transnationales dont la taille et la concentration se sont renforcées (Alphabet regroupant Google et YouTube, Meta comprenant Facebook, Instagram et WhatsApp). Et leurs enjeux géopolitiques pour la circulation de l'information à l'échelle mondiale se renouvellent à mesure que des concurrents étendent leur zone d'influence (en premier lieu via TikTok et la société chinoise ByteDance).

Des décennies de recherches en communication sur les inégalités et les déséquilibres liés aux flux d'actualité internationale ont démontré une asymétrie entre les pays du Nord et ceux du Sud – avec un fort accent sur les agences d'informations internationales et les réseaux de médias mondiaux (Mattelart, 2014 ; Schiller, 1976). Cependant, ces études nécessitent d'être actualisées pour prendre en compte le contexte numérique, dans la mesure où le journalisme et les médias ont été transformés avec l'avènement de plateformes oligopolistiques. Longtemps au centre des recherches sur les flux d'actualité, les agences de presse servent de « news intermediary organizations » (Rantanen et Kelly, 2020 : 1897) et jouent un rôle décisif dans la communication et les affaires du monde (Rantanen, 2021 ; Surm, 2020). En tant que gatekeepers, elles influencent et déterminent l'agenda médiatique international (Thussu, 2000 : 130 ; Jukes, 2022 : 5) et fournissent des informations sur les événements distants que les entreprises de médias ne peuvent pas traiter elles-mêmes, compte tenu des coûts élevés de la couverture de l'actualité internationale (Jukes, 2022 : 2 ; Lopez del Castillo Wilderbeek, 2023 : 919). La position que les agences occupaient jadis à la manière d'agents de l'impérialisme n'a pas entièrement disparu, avec Xinhua souvent vue comme conduisant les efforts de la Chine pour influencer les médias à un niveau international (Madrid-Morales, 2021). Malgré leur importance en tant qu'acteurs internationaux dans l'environnement informationnel mondial (Sanchez Marin, 2017 : 158), les agences de presse, et plus particulièrem

ment leurs pratiques (Paterson, 2012 : 1), continuent à faire peu l'objet de recherches, en comparaison d'autres types de médias (Rantanen, 2021 : 264). De façon similaire, depuis la dernière grande étude sur les flux d'actualité internationale il y a deux décennies (Wu, 2000), les recherches sur la circulation de l'information internationale (depuis ses origines jusqu'à ses canaux de distribution et sa géographie) sont rares (à l'exception notable de Watanabe, 2017).

Tout comme les agences d'information, les plateformes numériques sont devenues aussi pour partie des transnationales de l'information. A la différence des premières qui sont en amont de la filière, elles se trouvent en aval. Elles bénéficient ainsi d'un contact direct avec les internautes, bien souvent en lieu et place des médias d'information. Les enjeux de liberté d'expression et de pluralisme d'information, si importants pour les sociétés démocratiques, concernent donc les plateformes numériques. Et la réglementation en la matière devrait donc leur être appliquée, au même titre que les médias. Les États ont mis du temps à prendre la mesure d'une telle situation. Pour reprendre la métaphore d'un ancien membre de l'autorité de régulation française des médias (CSA - Arcom), et par ailleurs chercheur en économie des télécommunications (Curien, 2021), pendant plusieurs années on a continué à réguler les chaînes de télévision comme des poissons dans un bocal, alors que celui-ci était plongé dans un océan d'informations où baignaient les internautes. Progressivement le cadre législatif et réglementaire évolue. Il s'adapte au contexte d'une information transitant par des plateformes autant que par des médias. Toutefois un autre défi existe, qui concerne cette fois l'envergure internationale des géants de la technologie. Le cadre national n'est plus suffisant, et il faut dès lors passer à un stade supranational. En la matière l'Union européenne se révèle assez pionnière. Et son projet d'European Media Freedom Act (EMFA) constitue une nouveauté dans la mesure où les questions de liberté des médias ne sont habituellement pas traitées à l'échelle européenne. Pour autant, la mise en pratique s'avère difficile dans la mesure où il faut composer avec des pays qui (pour le dire assez caricaturalement) sont plutôt interventionnistes au Sud de l'Europe, et préfèrent plutôt la libre-régulation au Nord de l'Europe : ceci conduit ainsi à l'élaboration d'une meta-regulation dont il faudra voir la mise en œuvre (Cantero Gamito, 2023). A cet égard, on peut d'ailleurs penser que la perspective néo-libérale pourrait continuer à dominer, tant elle a pu jusqu'à présent largement inspirer la régulation internationale du numérique, en s'appuyant notamment sur la vision libertarienne d'une auto-régulation ayant nourri les idéaux premiers de l'internet (Bietti, 2023).

La relation entre l'actualité et les utilisateurs évolue de façon dynamique, partiellement configurée par



les prises numériques (affordances) conçues par les plateformes. Depuis près de deux décennies, les téléphones mobiles connectés ont été associés à l'usage des médias sociaux pour distribuer les contenus, et notamment ceux liés à l'actualité. Cependant, si un nombre restreint de plateformes dominent les flux d'actualité, quelles sont les conséquences pour le journalisme international et plus particulièrement pour la diversité de l'information internationale ? Malgré l'abondance d'informations en ligne, leur originalité tout comme leur qualité n'est pas toujours à la hauteur, ce qui reste problématique pour le pluralisme dans l'environnement numérique (Paterson, 2007 ; Rebillard et Loicq, 2013). Abaisser les barrières à l'entrée du marché pour les producteurs d'informations ne signifie pas nécessairement une visibilité égale pour une plus grande pluralité de sources. Ceci peut aussi contribuer à une homogénéisation de l'actualité en raison de l'entremêlement de logiques de contrôle politique et économique. Si la production d'actualité est plus décentralisée et ouverte à davantage de voix, le processus de sélection reste la clé de la visibilité (et de l'accès au grand public), principalement contrôlé par les plateformes dans l'environnement numérique. Comment ce contrôle affecte-t-il le flux d'information internationale dans l'environnement numérique ? et contribue-t-il (ou non) à homogénéiser le sens des événements et de la vie sociale ?

Tandis que la consultation d'actualités à travers les canaux d'information traditionnels (la presse, la radio et la télévision) décroissait à l'échelle internationale durant la décennie passée, la consultation en ligne se développait, mais dans des proportions moindres (Newman et al., 2022). Ceci se traduit par une déconnexion des publics vis-à-vis de l'actualité (5% en 2022), coïncidant avec un déclin général de l'intérêt pour le journalisme. Facebook est le réseau le plus populaire pour s'informer en ligne, même si son usage a baissé de 12% depuis 2016. La consultation d'actualité sur les médias et réseaux sociaux numériques varie toutefois selon les régions du monde. Alors que l'Afrique et l'Amérique latine ont un usage plus élevé que les pays occidentaux, les plateformes utilisées diffèrent. Bien que Facebook soit utilisé par 59% des internautes en Afrique, WhatsApp (55%) et Telegram (18%) sont aussi populaires. En Amérique latine, en revanche, les principaux réseaux socionumériques ont une importance voisine, comparés à l'Asie, où l'usage des plateformes est très dépendant du pays. Au-delà de la position proéminente des GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft), comprendre la circulation de l'information internationale nécessite de considérer l'émergence d'acteurs concurrents et d'autres aires géographiques. Ainsi, le développement des BATX (Baidu, Alibaba, Tencent, Xiaomi) et la croissance rapide et mondiale du réseau social chinois TikTok suggèrent une réorganisation des relations de pouvoir.

Alors que TikTok est toujours le plus populaire parmi les jeunes de moins de 25 ans (atteignant jusqu'à 40% et étant utilisé par 15% pour la consultation de l'actualité), son usage à travers tous les groupes d'âges a cru de façon régulière.

Dans les pays du Sud, le rôle de Google et de Facebook en tant que services web ou applications est complété par l'importance d'applications de messageries comme WhatsApp (aussi possédé par Facebook) ou Telegram. Bien qu'il ne favorise pas la production d'un journalisme original, WhatsApp est une pièce-clé de l'environnement informationnel brésilien des médias puisqu'il interagit avec les flux d'autres plateformes et des médias traditionnels (Piaia & Alves, 2020). WhatsApp et Telegram ont joué un rôle stratégique dans l'orchestration de campagnes de désinformation pendant les élections brésiliennes de 2018 et 2022, accentuant la polarisation politique dans ce pays (Chagas, 2022 ; Moreira Cesar & Santos, 2020 ; Baptista et al., 2019) et la dissémination de désinformation à travers l'Afrique (Wasserman & Madrid-Morales, 2022). Récemment, la pandémie de COVID-19 a trouvé un terrain fertile pour diffuser des théories conspirationnistes et des initiatives de « réinformation » dans l'environnement numérique. Confronté à ces problèmes, la législation brésilienne, par exemple, s'est particulièrement attelée à une « régulation sociale » d'internet, la privilégiant à une régulation économique considérée comme secondaire (Ruediguer, 2022).

La coopération entre les entreprises de presse et les (très grandes) plateformes numériques comporte plusieurs facettes. Elle inclut les dispositifs de financement de l'innovation (Ouakrat, 2020 ; Papaevangelou & Smyrnaios, 2022 ; Papaevangelou, 2023), aussi bien que la collaboration avec les gouvernements et les acteurs majeurs des médias pour combattre la désinformation. Par exemple, le Meta Journalism Project dédié au fact-checking, a été piloté par l'Agence France Presse (AFP) et a impliqué plus de cinquante entreprises de médias durant les élections françaises de 2022. Ainsi, les agences de presse sont positionnées de façon privilégiée pour co-réguler l'environnement informationnel avec les plateformes et les principaux médias, aussi bien que pour exercer leur emprise sur la sélection et la vérification de l'information méritant d'être vue par les publics. Bien que non directement liée à l'actualité, mais plus généralement à des contenus générés par les utilisateurs (UGC), la modération des contenus des plateformes a lieu principalement dans les pays du Sud (comme l'a documenté par exemple Roberts, 2019). L'objectif est de réduire le coût de cette activité, sans garantie pour autant que les intérêts du Sud soient représentés. Ce type de contenus continue de bénéficier d'une modération dans les langues dominantes à travers le monde (anglais, français et espagnol/portugais par exemple) avec moins de consi-

dération pour les autres langues. Cela nécessiterait des ressources (humaines et monétaires) que les plateformes sont toujours réticentes à investir pour cette activité cruciale, bien que la qualité du service rendu aux utilisateurs en dépende. Ici également, il y a une gouvernance à deux niveaux avec une modération automatisée pour la plupart des contenus et des langues, et une modération humaine différenciée pour des pays spécifiques et les utilisateurs des pays du Nord.

Le pouvoir des plateformes a conduit à des appels à la régulation de façon à accroître leur mise en conformité, ainsi qu'à établir des lois sur la propriété intellectuelle et la vie privée (comme le RGPD dans l'Union Européenne), la concurrence et la lutte contre les monopoles, l'évasion fiscale et la désinformation. Une capacité à défaire les flux d'actualité à l'échelle continentale est devenue apparente en 2021 quand Facebook et Google ont été ciblés par la législation australienne conçue pour assurer une rétribution aux médias en lien avec les informations distribuées par les plateformes. Les plans de licenciements et les coupes budgétaires aussi bien qu'une régulation plus étroite par les autorités administratives et supranationales, comme les règlements européens tels que le DSA/DMA, poussent les plateformes vers une dynamique d'innovation plus prudente en ce qui concerne la vie privée, la publicité ciblée et la distribution d'actualités. Malgré cette nouvelle situation, les plateformes numériques majeures restent influentes. C'est la raison pour laquelle il est nécessaire de veiller à poursuivre l'analyse de leurs logiques d'expansion, de domination et de contrôle sur la distribution de l'information, en prenant également en compte la manière dont les acteurs traditionnels de l'information s'adaptent à elles. La gouvernance et la régulation des plateformes doivent être scrutées par la société civile et la communauté scientifique si l'on désire aller vers un environnement informationnel au pluralisme culturel et politique amélioré.

Le dossier réunit trois articles, dont un entretien avec Tristan Mattelart par Chris Paterson et deux textes de Raphaël Lipovici et de Darsana Vijay, à la suite de la pré-conférence ICA qui s'est tenue à Paris le 26 mai 2022 (manifestation co-organisée par les universités de la Sorbonne Nouvelle et de Leeds). L'entretien avec Tristan Mattelart prolonge de façon pertinente cette introduction avec une perspective historique et des références aux études des spécialistes de l'écono-

mie politique (critique) de la communication à propos de la circulation de l'actualité, combinée à une revue des travaux de recherche sur les plateformes. Il suggère des connexions et des continuités, plutôt que d'oublier l'héritage de ces recherches. Darsana Vijay explore ensuite comment les acteurs locaux de l'actualité, en Inde, doivent adapter la façon dont ils présentent les informations à des publics selon la logique publicitaire de Facebook. Quant à la contribution de Raphaël Lipovici, elle s'intéresse aux Gilets jaunes (mouvement social français) et aux Convois de la Liberté (au Québec) pour nous inviter à penser la redéfinition des frontières entre journalisme et activisme en lien avec les plateformes, Facebook en particulier.

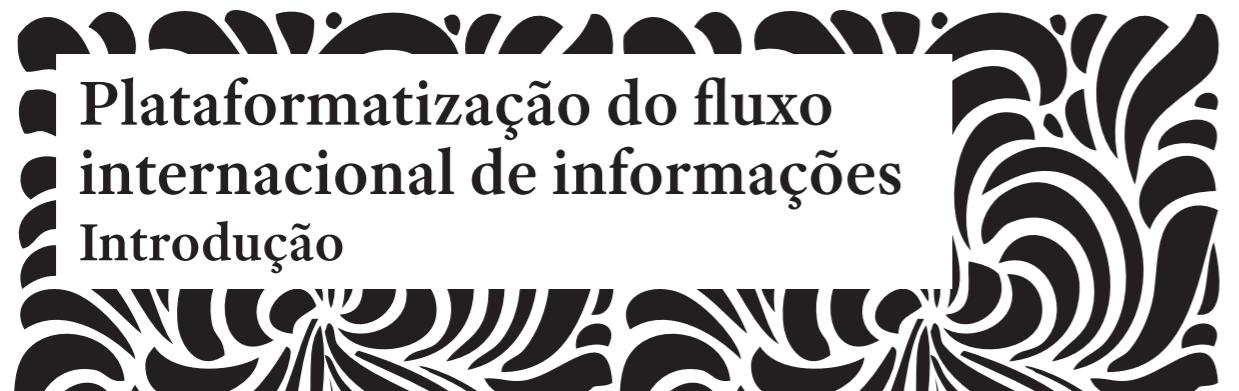
Loin de clore le sujet, nous souhaiterions envisager ce travail comme une étape pour documenter et analyser ce qui est en jeu lorsque les plateformes internationales prennent part à l'environnement médiatique, affectant la circulation des nouvelles internationales et leur diversité. D'autres questions pourraient devenir des pistes pour de futures recherches : Dans quelle mesure les géants de la technologie sont-ils tenus responsables de leur impact sur les économies médiatiques et les industries culturelles ? Comment pourrions-nous imaginer une circulation libre et non faussée de l'actualité numérique qui ne serait ni orientée par le marché ni contrôlée politiquement par les gouvernements mais permettrait potentiellement d'offrir de nouvelles ressources aux citoyens ? De quelles manières le contrôle algorithmique sur la circulation de l'information influence le débat public ? Dans quelle mesure et de quelle(s) manière(s) le service YouTube contribue-t-il activement à la diversité informationnelle ? TikTok et Snapchat sont-ils davantage enclins à la diversité de l'actualité que les plateformes d'acteurs installés comme Facebook et Google ? Quelles sont les opportunités de résister ou de réduire le pouvoir des plateformes sur la circulation de l'actualité internationale ? Et comment réguler, en faveur de l'intérêt général, le pouvoir privé des géants de la technologie lorsqu'ils menacent la démocratie et la société ?

Traduit par Emilie Traub

RÉFÉRENCES

- Baptista, A., Rossini, P., Veiga de Oliveira, V., & Stromer-Galley, J. (2019). A circulação da (des) informação política no WhatsApp e no Facebook. *Lumina*, 13(3), 29-46.
- Bietti, E. (2023). A genealogy of Digital Platform Regulation. *Georgetown Law Tech Review*, 7, 1-6.
- Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Oxford: Oxford University Press.
- Cantero Gamito, M. (2023). The European Media Freedom Act (EMFA) as meta-regulation. *Computer Law & Security Review*, 48.
- Chagas, V. (2022). WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. *International Journal of Communication*, 16, 2431-2455. Available from: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17296/3770>>.
- Curien, N. (2021). The Audiovisual Industry Facing the Digital Revolution: Plunging the Predigital Fishbowl into the Digital Ocean. In: Matei S.A., Rebillard F., Rochelandet F. (eds.), *Digital and Social Media Regulation. A Comparative perspective of the US and Europe*. Palgrave Macmillan, p. 17-43.
- Eurostat. (2022). *Consumption of Online News Rises in Popularity*. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220824-1>.
- Jukes, S. (2022). *News Agencies. Anachronism or Lifeblood of the Media System?* London and New York: Routledge.
- López del Castillo Wilderbeek, F. L. (2023). Digital Native Media and Dependence on News Agencies in Spain. *Vivat Academia*, 156, 89-106.
- Madrid-Morales, D. (2021). Who Set the Narrative? Assessing the Influence of Chinese Global Media on News Coverage of COVID-19 in 30 African Countries. *Global Media and China*, 6(2), 129-151.
- Mattelart, T. (2014), « Les enjeux de la circulation internationale de l'information », *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 5. DOI: 10.4000/rfsic.1145
- Moreira Cesar, C., & Santos N. F. (2020). Quelle place pour les communicants politiques à l'ère des campagnes WhatsApp au Brésil ?, *Quaderni*, 101, 77-96.
- Nechushtai, E. (2018). Could digital platforms capture the media through infrastructure? *Journalism*, 19(8), 1043-1058.
- Newman, N.; Fletcher, R.; Robertson, C.T., Eddy, K., & Kleis Nielsen, R. (2022). *Reuters Institute Digital News Report 2022*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>.
- Nielsen, R. K., & S. A. Ganter. (2018). “Dealing with Digital Intermediaries: A Case Study of the Relations between Publishers and Platforms.” *New Media & Society* 20(4), 1600–17.
- Ouakrat, A. (2020). Négocier la dépendance ? Google, la presse et le droit voisin. *Sur le journalisme*, 9(1), 44-57
- Papaevangelou, C. (2023). Funding intermediaries: Google and Facebook's strategy to capture journalism, *Digital Journalism*. DOI: [10.1080/21670811.2022.2155206](https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2155206)
- Papaevangelou C., & Smyrnaios N. (2022, not published). Regulating dependency: the political stakes of online plat-
- forms' deals with French publishers. HAL <https://hal-univ-tlse2.archives-ouvertes.fr/halshs-03747847v2>
- Paterson, C. (2007). International news on the internet: Why more is less. *The International Journal of Communication Ethics*, 4 (1/2), 2007, 57-66.
- Paterson, C. (2012). News Agencies. In: Donsbach, W. ed. *The International Encyclopedia of Communication*. Hoboken: John Wiley & Sons, pp.1-7. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecn015.pub2>.
- Pew Research Center. (2018). Publics Globally Want Unbiased News Coverage, but Are Divided on Whether Their News Media Deliver. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://www.pewresearch.org/global/2018/01/11/publics-around-the-world-follow-national-and-local-news-more-closely-than-international/>.
- Piaia, V. & Alves, M. (2020). Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 43(3), 135-154.
- Rantanen, T. & Kelly, A. (2020). Abnegation, Accommodation and Affirmation: Three Discursive Modes for the Institutional Construction of Independence among National News Agency Executives in Europe. *Journalism*. 21(12), 1896-1912.
- Rantanen, T. (2021). Toward Hybridity? Nationality, Ownership, and Governance of News Agencies in Europe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. 98(1), pp.263-282.
- Rebillard, F. & Loicq, M. (eds.). (2013), *Pluralisme de l'information et media diversity. Un état des lieux international*, De Boeck.
- Roberts, S. (2019), *Behind the Screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*, Yale University Press
- Ruediger, M. A. (Coord.) (2022). Regulação de plataformas digitais: uma contribuição para a análise do debate nacional frente a um desafio global. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP.
- Sánchez Marín, G.; Micó Sanz, J. L., & Justel Vázquez, S. (2017). Journalistic Multi-Skilling in the News Agencies AFP, EFE, ANSA, and ACN. *Trípodos*. 41, 157-172.
- Schiller, H. I. (1976), *Communications and Cultural Domination*, New York, M.E. Sharpe.
- Smyrnaios, N. (2018), *Internet Oligopoly. The Corporate Takeover of Our Digital World*, Emerald Publishing, 191p.
- Smyrnaios, N., Rebillard, F. (2019). How infomediation platforms took over the news. A longitudinal perspective. *The Political Economy of Communication*, 7(1), pp. 30-50.
- Surm, J. (2020). AFP, EFE and dpa as International News Agencies. *Journalism*, 21(12), 1859-1876.
- Thussu, D.K. (2000). *International Communication. Continuity and Change*. London: Hodder Education.
- Watanabe, K., (2017). The Spread of the Kremlin's Narratives by a Western News Agency During the Ukraine Crisis. *The Journal of International Communication*. 23(1), 138-158.
- Wu, H. D., (2000). Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*. 50(2), 110-130.





Plataformatização do fluxo internacional de informações

Introdução

ALAN OUAKRAT

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
alan.ouakrat@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-6558-6239



esta edição especial, esperamos aprofundar e alargar as reflexões acerca dos fluxos de notícias internacionais e como as *plataformas digitais privadas* – com sua crescente influência sobre todos os âmbitos da vida social – aumentam ou reduzem a *diversidade das notícias internacionais*. Apesar de estarem claramente interligados, esses temas são raramente considerados em conjunto. Contudo, nosso mundo é mediado por meio de um ecossistema de notícias cada vez mais complexo no qual os algoritmos das plataformas são centrais para aumentar a visibilidade das notícias (internacionais) junto ao público (Bucher, 2018).

CHRIS PATERSON

University of Leeds

C.Paterson@leeds.ac.uk

FRANCK REBILLARD

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
franck.rebillard@sorbonne-nouvelle.fr

JASMIN SURM

University of Leeds

J.Surm@leeds.ac.uk

CAMILA MOREIRA-CESAR

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
camila.moreira-cesar@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-4899-8282

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Alan Ouakrat, Chris Paterson, Franck Rebillard, Jasmin Surm, Camila Moreira-Cesar, « Plataformatização do fluxo internacional de informações », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.532>

informações, bem como divulgadores de notícias produzidas por empresas de mídia.

Desde então, pode-se ter a sensação de que as empresas midiáticas se colocaram progressivamente a serviço das redes sociais digitais, relegando os internautas a uma posição de meros consumidores de conteúdos. Tal movimento para as redes sociais digitais prolonga assim aquele iniciado no passado com os motores de busca e levanta a hipótese de uma *media capture infraestrutural* (Nechushtai, 2018). Ao longo do tempo, a relação entre produtores de notícias e intermediários digitais se tornou cada vez mais integrada sob a forma de uma plataforma (Smyrnaios, Rebillard, 2019), onde os primeiros se converteram em fornecedores de conteúdo (*complementors*) dos segundos (*platforms*). As plataformas digitais são propriedades de empresas transnacionais cujo tamanho e concentração têm se expandido expressivamente (com Alphabet reagrupando Google e YouTube, Meta englobando Facebook, Instagram e WhatsApp). Assim, os desafios geopolíticos para a circulação de notícias em escala mundial se renovam à medida que os concorrentes ampliam sua zona de influência (inclusive via TikTok e a empresa chinesa ByteDance).

Décadas de pesquisa em comunicação sobre as desigualdades e desequilíbrios nos fluxos de notícias internacionais demonstraram uma assimetria entre os países do Norte Global e do Sul Global – com forte foco em agências de notícias internacionais e redes de mídia mundiais (Mattelart, 2014; Schiller, 1976). No entanto, esses conhecimentos precisam ser atualizados para dar conta das particularidades do contexto digital, dado que o jornalismo e a mídia foram transformados pela emergência de plataformas oligopolistas. Por muito tempo no centro das pesquisas em torno do fluxo de informações, as agências de notícias servem como “news intermediary organizations”, (Rantanen e Kelly, 2020, p. 1897) e desempenham um papel decisivo na comunicação e nos assuntos mundiais (Rantanen, 2021; Surm, 2020). Atuando como *gatekeepers*, elas influenciam e definem a agenda midiática internacional (Thussu, 2000, p. 130; Jukes, 2022, p. 5) e fornecem informações sobre acontecimentos distantes que as organizações de mídia não podem cobrir sozinhas em razão dos custos elevados da cobertura internacional (Jukes, 2022, p. 2; López del Castillo Wilderbeek, 2023, p. 919). A posição de agentes do imperialismo que as agências outrora ocupavam não desapareceu totalmente, a exemplo da Xinhua, que é frequentemente vista como liderando os esforços da China para influenciar a mídia a nível internacional (Madrid-Morales, 2021). Apesar de sua importância como atores globais no ambiente informacional mundial (Sánchez Marín, 2017, p. 158), as agências de notícias, e principalmen-

te suas práticas (Paterson, 2012: 1), continuam sendo pouco pesquisadas em comparação com outros tipos de mídia (Rantanen, 2021, p. 264). Da mesma forma, desde o último grande estudo em torno dos fluxos do noticiário internacional há duas décadas (Wu, 2000), as pesquisas acerca da circulação internacional das informações (de sua origem até seus canais de distribuição e geografia), é rara (à exceção de Watanabe, 2017).

A exemplo das agências de notícias, as plataformas digitais também se tornaram, em certa medida, transnacionais da informação. Ao contrário das primeiras, que estão a montante na cadeia de notícias, as plataformas estão a jusante. Eles se beneficiam, assim, do contato direto com os internautas – muitas vezes, em detrimento dos meios de comunicação. Assim, as questões de liberdade de expressão e pluralismo, tão importantes para as sociedades democráticas, também dizem respeito às plataformas digitais. Portanto, os regulamentos nesta área devem se aplicar igualmente às plataformas, do mesmo modo que os meios de comunicação.

Os Estados levaram bastante tempo para tomar consciência dessa situação. Para usar a metáfora de um ex-membro da autoridade reguladora da mídia francesa (CSA - Arcom), que também é pesquisador em economia das telecomunicações (Curien, 2021), por vários anos, os canais de televisão foram regulados como peixes em uma tigela, embora esta tigela estivesse imersa em um oceano de informações no qual os internautas nadavam.

Gradualmente, o quadro legislativo e regulamentar vai evoluindo e adaptando-se à informação que transita tanto pelas plataformas como pelos meios tradicionais. No entanto, há outro desafio, desta vez no âmbito internacional das gigantes tecnológicas. Com efeito, olhar para o quadro nacional já não é suficiente, é preciso passar para um estágio supranacional. A União Europeia é pioneira neste âmbito. O projeto European Media Freedom Act constitui uma novidade na medida em que as questões de liberdade da mídia geralmente não são tratadas a nível europeu. No entanto, colocar isso em prática revela-se difícil, visto que é preciso lidar com países que (para dizer de forma caricatural) são intervencionistas no Sul da Europa e preferem o livre intercâmbio no Norte da Europa, o que leva assim à elaboração de uma *meta-regulation* cuja implementação ainda está por vir (Cantero Gamito, 2023). Sobre isso, pode-se suspeitar que a perspectiva neoliberal continuará dominando, dado que ela inspirou amplamente a regulação digital internacional até agora, baseada em particular na visão libertária de autorregulação que alimentou os ideais originais da Internet (Bietti, 2023).



A relação entre notícias e usuários evolui de forma dinâmica, parcialmente configurada pelas potencialidades digitais (*affordances*) desenhadas pelas plataformas. Por quase duas décadas, os telefones celulares foram associados ao uso de mídias sociais para distribuir conteúdo, incluindo notícias. No entanto, se poucas plataformas dominam os fluxos informacionais, quais são as consequências para o jornalismo internacional e, especialmente, para a diversidade das informações em escala mundial? Apesar da abundância de conteúdos online, sua originalidade, assim como sua qualidade, nem sempre estão à altura, o que é problemático para o pluralismo no ambiente digital (Paterson, 2007; Rebillard e Loicq, 2013). Reduzir as barreiras para a entrada dos produtores de informações no mercado não significa necessariamente mais pluralidade de fontes com igual visibilidade. Na verdade, isso pode contribuir para uma homogeneização do noticiário devido ao entrelaçamento das lógicas de controle econômico e político. Se a produção de notícias é mais descentralizada e permeável a mais vozes, o processo de seleção ainda é a chave da visibilidade (e de acesso ao público) e permanece controlado principalmente pelas plataformas no âmbito digital. Como esse controle afeta o fluxo internacional de notícias no ambiente digital? Ele contribui (ou não) para homogeneizar o sentido da vida social e dos acontecimentos?

Enquanto o consumo de notícias através dos canais tradicionais (imprensa, rádio e televisão) diminuiu em escala internacional na última década, as consultas online aumentaram, mas apenas marginalmente (Newman et al., 2022). Isso sugere uma crescente desconexão dos públicos *vis-à-vis* das notícias (5% em 2022), o que coincide com um declínio geral do interesse pelo jornalismo. No geral, o Facebook é a rede mais popular para ler notícias online, embora seu uso tenha diminuído 12% desde 2016. No entanto, o consumo de informações nas mídias e redes sociais digitais varia nas diferentes regiões do mundo. Se a África e a América Latina apresentam um uso superior aos países ocidentais, as plataformas usadas diferem. Embora o Facebook seja usado por 59% na África, o WhatsApp (55%) e o Telegram (18%) são igualmente populares. Na América Latina, por sua vez, as principais redes sociais digitais apresentam uma importância bastante similar em comparação com a Ásia, onde o uso das plataformas é altamente dependente do país. Além da posição de destaque do GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft), entender a circulação internacional das informações exige considerar o surgimento de atores concorrentes e outras áreas geográficas. Deste modo, o desenvolvimento da BATX (Baidu, Alibaba, Tencent, Xiaomi), bem como a rápida expansão mundial da rede social chinesa TikTok sugerem uma mudança nas relações de poder. Embora o TikTok ainda seja mais popular entre os jovens com menos de 25 anos (chegando a 40% dos quais 15% para o consumo

de notícias), seu uso em todas as faixas etárias aumentou constantemente.

Nos países do Sul, o papel do Google e do Facebook como serviços ou aplicativos de web é complementado pela importância de dispositivos de mensagens instantâneas como o WhatsApp (também propriedade do Facebook) ou o Telegram. Ainda que não privilegie a produção de jornalismo original, o WhatsApp é uma peça-chave do ecossistema informacional brasileiro ao interagir com os fluxos de outras plataformas e mídias tradicionais (Piaia & Alves, 2020). WhatsApp e Telegram assumiram um papel estratégico na orquestração de campanhas de desinformação durante as eleições brasileiras de 2018 e 2022, acentuando a polarização política neste país (Chagas, 2022; Moreira Cesar & Santos, 2020; Baptista et al., 2019), e seu papel na difusão de desinformação na África é considerável (Wasserman & Madrid-Morales, 2022). Recentemente, a pandemia de COVID-19 encontrou um terreno fértil para disseminar teorias da conspiração e iniciativas de “reinformação” no ambiente digital. Diante desses problemas, a legislação brasileira, por exemplo, tem se preocupado especialmente com uma “regulação social” da internet, tornando secundária a sua regulação econômica (Ruediguer, 2022).

A cooperação entre organizações de mídia e plataformas digitais (de grande porte) é multifacetada. Ela inclui iniciativas de financiamento relacionadas à inovação (Ouakrat, 2020; Papaevangelou & Smyrnaios, 2022; Papaevangelou, 2023), bem como a colaboração com governos e principais atores do setor midiático para combater a desinformação. Por exemplo, o projeto Meta Journalism Project, dedicado ao *fact-checking*, foi liderado pela Agence France Presse (AFP) e envolveu mais de cinqüenta empresas midiáticas durante as eleições francesas de 2022. Dessa forma, as agências de notícias ocupam uma posição privilegiada para co-regular o ambiente informacional com plataformas e os principais *media*, bem como para interferir na seleção e verificação das informações que serão divulgadas junto ao público. Embora não seja explicitamente vinculado a notícias, mas a um conteúdo mais amplo gerado pelo usuário (UGC), a moderação das plataformas ocorre principalmente no Sul Global (conforme documentado, por exemplo, por Roberts, 2019). O objetivo é reduzir o custo dessa atividade, mas sem garantia de que os interesses do Sul sejam devidamente representados. Este tipo de conteúdo segue sendo beneficiado pela moderação nas línguas dominantes (inglês, francês e português, por exemplo) e apresenta menor consideração por outros idiomas. Isso exigiria recursos (humanos e monetários) que as plataformas ainda não estão dispostas a dedicar a essa atividade crucial, embora disso dependa a qualidade do serviço que prestam aos usuários. Aqui também há uma governança de dois níveis, com moderação automatizada

para a maior parte dos conteúdos e idiomas e uma moderação humana diferenciada para países específicos e usuários dos países do Norte.

O poder das plataformas levou a pedidos de regulamentação para melhorar sua conformidade e estabelecer leis sobre propriedade intelectual, privacidade (como RGPD na União Europeia), concorrência e antitruste, evasão fiscal e disseminação de desinformação. A capacidade de interromper o fluxo de notícias em escala continental tornou-se aparente em 2021, quando o Facebook e o Google foram alvo de uma legislação australiana destinada a garantir uma retribuição às organizações de mídia pelas notícias distribuídas pelas plataformas. As demissões em massa e os cortes orçamentários, bem como uma regulamentação mais rigorosa por parte de autoridades administrativas e supranacionais, a exemplo das decisões europeias como a DSA/DMA, estão levando as plataformas a uma dinâmica de inovação mais prudente em relação à privacidade, publicidade direcionada e distribuição de conteúdos informativos. Apesar dessa nova situação, as plataformas digitais mais robustas permanecem influentes. Justamente por isso, é necessário seguir analisando suas lógicas de expansão, de dominação e de controle sobre a distribuição das informações, bem como as maneiras pelas quais atores tradicionais provedores de notícias se adaptam a elas. A governança e a regulação das plataformas devem ser monitoradas pela sociedade civil e pela comunidade científica se quisermos caminhar para um ambiente informacional mais politicamente e culturalmente pluralista.

Este número reúne três artigos, incluindo uma entrevista de Tristan Mattelart por Chris Paterson e dois textos de Raphaël Lupovici e Darsana Vijay, apresentados durante a pré-conferência da ICA realizada em Paris em 26 de maio de 2022 (evento realizado em colaboração entre a Université Sorbonne Nouvelle e a Leeds University). A entrevista de Mattelart aprofunda a presente introdução por meio de uma perspectiva histórica e referências a estudos de especialistas da economia política (crítica) da comunicação sobre a circulação da informação, atualizados pela revisão de pesquisas sobre plataformas. O pesquisador sugere

conexões e continuidades entre esses diferentes trabalhos, em vez de esquecer os legados das pesquisas precedentes. Em seguida, Darsana Vijay explora como, na Índia, os atores de mídia locais têm de adaptar a forma como apresentam as notícias às audiências de acordo com a lógica publicitária do Facebook. Por fim, a contribuição de Raphael Lupovici sobre os Coletes Amarelos (movimento social francês) e os Comboios da Liberdade (no Québec) nos convida a pensar sobre a (redefinição das) fronteiras entre jornalismo e ativismo mediado pelas plataformas, em particular o Facebook.

Longe de esgotar o assunto, gostaríamos de considerar este trabalho como uma etapa no trabalho de documentar e analisar o que está em jogo quando as plataformas internacionais assumem o controle do ambiente midiático, afetando as dinâmicas de circulação assim como a diversidade das notícias internacionais. Muitas perguntas ainda não foram respondidas e podem abrir caminhos para pesquisas futuras: quão responsáveis são os gigantes da tecnologia em relação ao seu impacto nas economias do setor das mídias e das indústrias culturais? Como poderíamos imaginar uma “circulação livre e equilibrada” de notícias online que não seria orientada para o mercado ou controlada politicamente pelos governos, mas capazes de oferecer novos recursos aos cidadãos? De que maneira o controle algorítmico sobre o fluxo informacional influencia o debate público? O YouTube contribuiativamente para a diversidade informacional? Se sim, como? O TikTok e o Snapchat são mais propensos à diversidade de notíciosa do que plataformas já bem posicionadas como Facebook ou Google? Quais são as oportunidades para resistir ou reduzir o poder das plataformas sobre a circulação das notícias em escala internacional? E como regular, em benefício do interesse coletivo, o poder privado dos gigantes da tecnologia quando eles ameaçam a democracia e a sociedade?

Traduzido por Laure Schalchli

REFERÊNCIAS

- Baptista, A., Rossini, P., Veiga de Oliveira, V., & Stromer-Galley, J. (2019). A circulação da (des) informação política no WhatsApp e no Facebook. *Lumina*, 13(3), 29-46.
- Bietti, E. (2023). A genealogy of Digital Platform Regulation. *Georgetown Law Tech Review*, 7, 1-6.
- Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Oxford: Oxford University Press.
- Cantero Gamito, M. (2023). The European Media Freedom Act (EMFA) as meta-regulation. *Computer Law & Security Review*, 48.
- Chagas, V. (2022). WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. *International Journal of Communication*, 16, 2431-2455. Available from: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17296/3770>>.
- Curien, N. (2021). The Audiovisual Industry Facing the Digital Revolution: Plunging the Predigital Fishbowl into the Digital Ocean. In: Matei S.A., Rebillard F., Rochelandet F. (eds.), *Digital and Social Media Regulation. A Comparative perspective of the US and Europe*. Palgrave Macmillan, p. 17-43.
- Eurostat. (2022). *Consumption of Online News Rises in Popularity*. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220824-1>.
- Jukes, S. (2022). *News Agencies. Anachronism or Lifeblood of the Media System?* London and New York: Routledge.
- López del Castillo Wilderbeek, F. L. (2023). Digital Native Media and Dependence on News Agencies in Spain. *Vivat Academia*, 156, 89-106.
- Madrid-Morales, D. (2021). Who Set the Narrative? Assessing the Influence of Chinese Global Media on News Coverage of COVID-19 in 30 African Countries. *Global Media and China*, 6(2), 129-151.
- Mattelart, T. (2014), « Les enjeux de la circulation internationale de l'information », *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 5. DOI: 10.4000/rfsic.1145
- Moreira Cesar, C., & Santos N. F. (2020). Quelle place pour les communicants politiques à l'ère des campagnes WhatsApp au Brésil ?, *Quaderni*, 101, 77-96.
- Nechushtai, E. (2018). Could digital platforms capture the media through infrastructure? *Journalism*, 19(8), 1043-1058.
- Newman, N.; Fletcher, R.; Robertson, C.T., Eddy, K., & Kleis Nielsen, R. (2022). *Reuters Institute Digital News Report 2022*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>.
- Nielsen, R. K., & S. A. Ganter. (2018). “Dealing with Digital Intermediaries: A Case Study of the Relations between Publishers and Platforms.” *New Media & Society* 20(4), 1600–17.
- Ouakrat, A. (2020). Négocier la dépendance ? Google, la presse et le droit voisin. *Sur le journalisme*, 9(1), 44-57
- Papaevangelou, C. (2023). Funding intermediaries: Google and Facebook's strategy to capture journalism, *Digital Journalism*. DOI: [10.1080/21670811.2022.2155206](https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2155206)
- Papaevangelou C., & Smyrnaios N. (2022, not published). Regulating dependency: the political stakes of online plat-
- forms' deals with French publishers. HAL <https://hal-univ-tlse2.archives-ouvertes.fr/halshs-03747847v2>
- Paterson, C. (2007). International news on the internet: Why more is less. *The International Journal of Communication Ethics*, 4 (1/2), 2007, 57-66.
- Paterson, C. (2012). News Agencies. In: Donsbach, W. ed. *The International Encyclopedia of Communication*. Hoboken: John Wiley & Sons, pp.1-7. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecn015.pub2>.
- Pew Research Center. (2018). Publics Globally Want Unbiased News Coverage, but Are Divided on Whether Their News Media Deliver. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://www.pewresearch.org/global/2018/01/11/publics-around-the-world-follow-national-and-local-news-more-closely-than-international/>.
- Piaia, V. & Alves, M. (2020). Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 43(3), 135-154.
- Rantanen, T. & Kelly, A. (2020). Abnegation, Accommodation and Affirmation: Three Discursive Modes for the Institutional Construction of Independence among National News Agency Executives in Europe. *Journalism*. 21(12), 1896-1912.
- Rantanen, T. (2021). Toward Hybridity? Nationality, Ownership, and Governance of News Agencies in Europe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. 98(1), pp.263-282.
- Rebillard, F. & Loicq, M. (eds.). (2013), *Pluralisme de l'information et media diversity. Un état des lieux international*, De Boeck.
- Roberts, S. (2019), *Behind the Screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*, Yale University Press
- Ruediger, M. A. (Coord.) (2022). Regulação de plataformas digitais: uma contribuição para a análise do debate nacional frente a um desafio global. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP.
- Sánchez Marín, G.; Micó Sanz, J. L., & Justel Vázquez, S. (2017). Journalistic Multi-Skilling in the News Agencies AFP, EFE, ANSA, and ACN. *Trípodos*. 41, 157-172.
- Schiller, H. I. (1976), *Communications and Cultural Domination*, New York, M.E. Sharpe.
- Smyrnaios, N. (2018), *Internet Oligopoly. The Corporate Takeover of Our Digital World*, Emerald Publishing, 191p.
- Smyrnaios, N., Rebillard, F. (2019). How infomediation platforms took over the news. A longitudinal perspective. *The Political Economy of Communication*, 7(1), pp. 30-50.
- Surm, J. (2020). AFP, EFE and dpa as International News Agencies. *Journalism*, 21(12), 1859-1876.
- Thussu, D.K. (2000). *International Communication. Continuity and Change*. London: Hodder Education.
- Watanabe, K., (2017). The Spread of the Kremlin's Narratives by a Western News Agency During the Ukraine Crisis. *The Journal of International Communication*. 23(1), 138-158.
- Wu, H. D., (2000). Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*. 50(2), 110-130.



Platformización del flujo de información internacional

Introducción

ALAN OUAKRAT

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
alan.ouakrat@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-6558-6239

CHRIS PATERSON

University of Leeds
C.Paterson@leeds.ac.uk

FRANCK REBILLARD

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
franck.rebillard@sorbonne-nouvelle.fr

JASMIN SURM

University of Leeds
J.Surm@leeds.ac.uk

CAMILA MOREIRA-CESAR

Irméccen

Université Sorbonne Nouvelle
camila.moreira-cesar@sorbonne-nouvelle.fr
0000-0002-4899-8282



N esta edición especial, esperamos profundizar y ampliar las reflexiones sobre los flujos de noticias internacionales y cómo las plataformas digitales privadas —con su creciente influencia en todas las esferas de la vida social— aumentan o reducen la diversidad de las noticias internacionales. Aunque están claramente interconectados, estos temas rara vez son considerados en conjunto. Sin embargo, nuestro mundo está mediado por un ecosistema de noticias cada vez más complejo en el que los algoritmos de las plataformas son fundamentales para aumentar la visibilidad de las noticias (internacionales) para el público (Bucher, 2018).

En este sentido, este dossier extiende las reflexiones desarrolladas en otro número publicado hace casi una década en esta misma revista. Sin centrarse exclusivamente en la circulación de noticias en línea, la edición *Fontes e Fluxos de Notícias* [Fuentes y flujos de noticias] (2012) ya señalaba el creciente papel que desempeñan los intermediarios digitales. Resulta sorprendente observar hoy que en aquel momento se consideraba intermediarios tanto a los individuos como a las organizaciones (empresas). Obviamente, los agregadores de noticias como Google News, lanzados a principios de la década de 2000, ya estaban bien establecidos pero, aun así, algunos investigadores se interesaban por el papel de los blogueros, no solo como difusores, sino también como productores de informa-

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Alan Ouakrat, Chris Paterson, Franck Rebillard, Jasmin Surm, Camila Moreira-Cesar, « A circulação dos fluxos de informação internacionais pelo prisma da plataformação do jornalismo », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.533>

ción. Del mismo modo, los sitios de redes sociales se consideraban herramientas al servicio de sus usuarios para la difusión de información, así como difusores de noticias producidas por empresas de comunicación.

Desde entonces, se tiene la sensación de que las empresas mediáticas se han puesto progresivamente al servicio de las redes sociales digitales, relegando a los internautas a una posición de meros consumidores de contenidos. Tal movimiento hacia las redes sociales digitales prolonga así el iniciado anteriormente con los motores de búsqueda, y plantea la hipótesis de una captura infraestructural de los medios de comunicación (Nechushtai, 2018). Con el tiempo, la relación entre los productores de noticias y los intermediarios digitales se ha ido integrando cada vez más en forma de plataforma (Smyrnaios y Rebillard, 2019), donde los primeros se han convertido en proveedores de contenidos (complementadores) de los segundos (plataformas). Las plataformas digitales son propiedad de empresas transnacionales cuyo tamaño y concentración se han ampliado considerablemente (Alphabet reúne a Google y YouTube, Meta engloba a Facebook, Instagram y WhatsApp). De este modo, los desafíos geopolíticos a la circulación de noticias a escala mundial se renuevan a medida que los competidores amplían su zona de influencia (incluso a través de TikTok y la empresa china ByteDance).

Décadas de investigación en comunicación sobre las desigualdades y los desequilibrios en los flujos internacionales de noticias han demostrado una asimetría entre los países del Norte Global y aquellos del Sur Global —con un fuerte enfoque en las agencias internacionales de noticias y las redes globales de medios de comunicación (Mattelart, 2014; Schiller, 1976)—. Sin embargo, estos conocimientos deben actualizarse para dar cuenta de las particularidades del contexto digital, dado que el periodismo y los medios de comunicación se han transformado con la aparición de plataformas oligopolísticas. Situadas durante mucho tiempo en el centro de la investigación sobre el flujo de información, las agencias de noticias actúan como “organizaciones intermediarias de noticias” (Rantanen y Kelly, 2020, p. 1897) y desempeñan un papel decisivo en la comunicación y los asuntos mundiales (Rantanen, 2021; Surm, 2020). Al actuar como gatekeepers (editores), influyen y determinan la agenda mediática internacional (Thussu, 2000, p. 130; Jukes, 2022, p. 5), y proporcionan información sobre acontecimientos lejanos que las organizaciones mediáticas no pueden cubrir por sí mismas debido a los elevados costos de la cobertura internacional (Jukes, 2022, p. 2; López del Castillo Wilderbeek, 2023, p. 919). La posición de agentes del imperialismo que antes ocupaban las agencias no ha desaparecido del todo, como Xinhua, por ejemplo, que suele ser considerada como líder de los esfuerzos de China por influir en los medios de comuni-

nación a nivel internacional (Madrid-Morales, 2021). A pesar de su importancia como actores globales en el entorno informativo mundial (Sánchez Marín, 2017, p. 158), las agencias de noticias, y especialmente sus prácticas (Paterson, 2012, p. 1), siguen siendo poco investigadas en comparación con otros tipos de medios de comunicación (Rantanen, 2021, p. 264). Del mismo modo, desde el último gran estudio sobre los flujos internacionales de noticias hace ya dos décadas (Wu, 2000), las investigaciones sobre la circulación internacional de la información (desde su origen hasta sus canales de distribución y geografía) son escasas (con la excepción de Watanabe, 2017).

Al igual que las agencias de noticias, las plataformas digitales también se han convertido en cierta medida en transnacionales de la información. A diferencia de las primeras, que se sitúan aguas arriba en la cadena de la información, las plataformas están aguas abajo, por lo que se benefician del contacto directo con los internautas, a menudo en detrimento de los medios de comunicación. Así pues, las cuestiones de libertad de expresión y pluralismo, tan importantes para las sociedades democráticas, también afectan a las plataformas digitales. Por lo tanto, la normativa en este ámbito debe aplicarse por igual tanto a las plataformas como a los medios de comunicación.

Los Estados han tardado mucho en tomar conciencia de esta situación. Usando la metáfora de un antiguo miembro de la autoridad reguladora de los medios de comunicación franceses (CSA - Arcom), que también es investigador en economía de las telecomunicaciones (Curien, 2021), durante varios años los canales de televisión se regularon como peces en una pecera, si bien dicha pecera se encontraba inmersa en un océano de información en el que nadaban los internautas.

Poco a poco, el marco legislativo y reglamentario va evolucionando y adaptándose a la información que transita tanto por las plataformas como por los medios tradicionales. Sin embargo, existe otro reto, esta vez en el ámbito internacional de los gigantes tecnológicos. En efecto, ya no basta con fijarse en el marco nacional; es necesario pasar a un escenario supranacional. La Unión Europea es pionera en este campo. El proyecto de Ley Europea de Libertad de los Medios de Comunicación constituye una novedad en tanto las cuestiones de libertad de los medios no suelen tratarse a escala europea. Sin embargo, su puesta en práctica resulta difícil, ya que hay que lidiar con países que (por decirlo de forma caricaturesca) son intervencionistas en el Sur de Europa y prefieren el libre intercambio en el Norte de Europa, lo que lleva a la creación de una metarregulación cuya aplicación está aún por llegar (Cantero Gamito, 2023). En este respecto, cabe sospechar que la perspectiva neoliberal seguirá dominando, dado que ha inspirado en gran medida la regulación digital inter-



nacional hasta ahora, basada en particular en la visión libertaria de la autorregulación que alimentó los ideales originales de Internet (Bietti, 2023).

La relación entre las noticias y los usuarios evoluciona de forma dinámica, en parte configurada por las potencialidades digitales (*affordances*) diseñadas por las plataformas. Desde hace casi dos décadas, los teléfonos móviles se asocian al uso de las redes sociales para distribuir contenidos, incluidas las noticias. Sin embargo, si son pocas las plataformas que dominan los flujos de información, ¿cuáles son las consecuencias para el periodismo internacional y, sobre todo, para la diversidad de la información a escala mundial? A pesar de la abundancia de contenidos en línea, su originalidad, así como su calidad, no siempre están a la altura, lo que resulta problemático para el pluralismo en el entorno digital (Paterson, 2007; Rebillard y Loicq, 2013). Reducir las barreras para que los productores de información entren en el mercado no significa necesariamente una mayor pluralidad de fuentes con la misma visibilidad. De hecho, esto puede contribuir a una homogeneización de las noticias debido al entrelazamiento de las lógicas de control económico y político. Si bien la producción de noticias está más descentralizada y es permeable a más voces, el proceso de selección sigue siendo la clave de la visibilidad (y del acceso público) y sigue estando controlado principalmente por las plataformas en el ámbito digital. ¿Cómo afecta este control al flujo internacional de noticias en el entorno digital? ¿Contribuye (o no) a homogeneizar el significado de la vida social y de los acontecimientos?

Mientras que el consumo de noticias a través de los canales tradicionales (prensa, radio y televisión) ha disminuido a escala internacional en la última década, las consultas en línea han aumentado, aunque solo marginalmente (Newman et al., 2022). Esto sugiere una creciente desconexión de las audiencias con respecto a las noticias (5 % en 2022), lo que coincide con un declive general del interés por el periodismo. En general, Facebook es la red más popular para leer noticias en línea, aunque su uso ha disminuido un 12 % desde 2016. Sin embargo, el consumo de información en medios digitales y redes sociales varía en las distintas regiones del mundo. Si bien África y América Latina muestran un uso mayor que los países occidentales, las plataformas utilizadas difieren. Mientras que Facebook es utilizado por 59 % de la población en África, WhatsApp (55 %) y Telegram (18 %) son igualmente populares. En América Latina, por su parte, las principales redes sociales digitales tienen una importancia muy similar en comparación con Asia, donde el uso de las plataformas depende en gran medida del país. Además de la posición destacada de GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft), para entender la circulación internacional de la información es necesario tener en cuenta la aparición de actores competi-

dores y otras zonas geográficas. En este sentido, el desarrollo de BATX (Baidu, Alibaba, Tencent, Xiaomi), así como la rápida expansión mundial de la red social china TikTok sugieren un cambio en las relaciones de poder. Aunque TikTok sigue siendo más popular entre los jóvenes menores de 25 años (un 40 %, de los cuales 15 % consume noticias), su uso en todos los grupos étnicos no ha dejado de aumentar.

En los países del Sur, el papel de Google y Facebook como servicios o aplicaciones web se complementa con la importancia de dispositivos de mensajería instantánea como WhatsApp (también propiedad de Facebook) o Telegram. Aunque no privilegia la producción de periodismo original, WhatsApp es una pieza clave del ecosistema informativo brasileño al interactuar con los flujos de otras plataformas y medios tradicionales (Piaia y Alves, 2020). WhatsApp y Telegram asumieron un papel estratégico en la orquestación de campañas de desinformación durante las elecciones brasileñas de 2018 y 2022, acentuando la polarización política en este país (Chagas, 2022; Moreira Cesar y Santos, 2020; Baptista et al, 2019), y su papel en la propagación de desinformación en África es considerable (Wasserman y Madrid-Morales, 2022). Recientemente, la pandemia del COVID-19 ha encontrado en el entorno digital tierra fértil para la difusión de teorías conspirativas e iniciativas de “reinformación”. Frente a estos problemas, la legislación brasileña, por ejemplo, se ha preocupado especialmente por una “regulación social” de internet, quedando como secundaria su regulación económica (Ruediguer, 2022).

La cooperación entre las organizaciones de medios de comunicación y las plataformas digitales (de gran tamaño) es polifacética. Incluye iniciativas de financiación relacionadas con la innovación (Ouakrat, 2020; Papaevangelou y Smyrnaios, 2022; Papaevangelou, 2023), así como la colaboración con gobiernos y actores clave del sector de los medios de comunicación para combatir la desinformación. Por ejemplo, el proyecto Meta Journalism Project, dedicado a la verificación de datos, fue liderado por la Agence France Presse (AFP) y contó con la participación de más de cincuenta empresas de comunicación durante las elecciones francesas de 2022. De este modo, las agencias de noticias ocupan una posición privilegiada para corregular el entorno informativo junto con las plataformas y los principales medios de comunicación, así como para interferir en la selección y verificación de la información que se difundirá al público. Si bien no está vinculada explícitamente a las noticias, sino a contenidos más amplios generados por los usuarios (UGC por sus siglas en inglés), la moderación de las plataformas se produce principalmente en el Sur Global (como documenta, por ejemplo, Roberts, 2019). El objetivo es reducir el costo de esta actividad, pero sin ninguna garantía de que los intereses del Sur estén debidamen-

te representados. Este tipo de contenidos sigue beneficiándose de la moderación en las lenguas dominantes (inglés, francés y portugués, por ejemplo) y tiene menos consideración por otras lenguas. Eso exigiría unos recursos (humanos y monetarios) que las plataformas aún no están dispuestas a dedicar a esta actividad crucial, aunque de ello dependa la calidad del servicio que prestan a los usuarios. En este aspecto también hay una gobernanza de dos niveles, con moderación automatizada para la mayoría de contenidos e idiomas y moderación humana diferenciada para países específicos y usuarios de los países del Norte.

El poder de las plataformas ha dado lugar a solicitudes de regulación para mejorar su cumplimiento y establecer leyes sobre propiedad intelectual, privacidad (como el RGPD en la Unión Europea), competencia y antimonopolio, evasión fiscal y difusión de desinformación. La capacidad de interrumpir el flujo de noticias a escala continental se puso de manifiesto en 2021, cuando Facebook y Google fueron blanco de una ley australiana destinada a garantizar una retribución para las organizaciones de medios de comunicación por las noticias distribuidas por las plataformas. Los despidos masivos y los recortes presupuestarios, así como una regulación más rigurosa por parte de las autoridades administrativas y supranacionales, en la línea de decisiones europeas como la DSA/DMA, están impulsando a las plataformas hacia una dinámica de innovación más prudente en relación con la privacidad, la publicidad dirigida y la distribución de contenidos informativos. A pesar de esta nueva circunstancia, las plataformas digitales más sólidas siguen siendo influyentes. Precisamente por ello, es necesario seguir analizando sus lógicas de expansión, dominio y control sobre la distribución de la información, así como las formas en que los proveedores tradicionales de noticias se adaptan a ellas. La gobernanza y la regulación de las plataformas deben ser supervisadas por la sociedad civil y la comunidad científica si queremos avanzar hacia un entorno informativo más plural desde el punto de vista político y cultural.

Este número reúne tres artículos, entre ellos una entrevista de Chris Paterson a Tristan Mattelart y dos textos de Raphaël Lupovici y Darsana Vijay, presentados durante la preconferencia de la ACI celebrada en París el 26 de mayo de 2022 (evento organizado en colaboración entre la Universidad Sorbonne Nouvelle y la Universidad de Leeds). La entrevista de Mat-

telart profundiza la presente introducción mediante una perspectiva histórica y referencias a estudios de especialistas en economía política (crítica) de la comunicación sobre la circulación de la información, actualizados mediante la revisión de investigaciones sobre plataformas. El investigador sugiere conexiones y continuidades entre estos diferentes trabajos, en lugar de olvidar los legados de investigaciones anteriores. Luego, Darsana Vijay explora cómo, en la India, los actores de los medios de comunicación locales tienen que adaptar su forma de presentar las noticias a la audiencia según la lógica publicitaria de Facebook. Por último, la contribución de Raphael Lupovici sobre los Chalecos Amarillos (movimiento social francés) y los Trenes de la Libertad (en Quebec) nos invita a reflexionar sobre (la redefinición de) las fronteras entre periodismo y activismo mediados por las plataformas, en particular Facebook.

Lejos de agotar el tema, nos gustaría considerar este trabajo como una etapa en la labor de documentación y análisis de lo que está en juego cuando las plataformas internacionales toman el control del entorno mediático, afectando tanto la dinámica de circulación como la diversidad de las noticias internacionales. Muchas preguntas siguen sin respuesta y pueden abrir caminos para futuras investigaciones: ¿hasta qué punto son responsables los gigantes tecnológicos en cuanto a su impacto en las economías de los medios de comunicación y las industrias culturales? ¿Cómo podríamos imaginar una “circulación libre y equilibrada” de noticias en línea que no esté determinada por el mercado ni controlada políticamente por los gobiernos, sino que sea capaz de ofrecer nuevos recursos a los ciudadanos? ¿Cómo influye en el debate público el control algorítmico sobre el flujo de información? ¿Contribuye YouTube activamente a la diversidad informativa? Y si es así, ¿cómo? ¿Son TikTok y Snapchat más proclives a la diversidad informativa que plataformas ya bien posicionadas como Facebook o Google? ¿Cuáles son las posibilidades de resistir o reducir el poder de las plataformas sobre la circulación de noticias a escala internacional? ¿Y cómo se puede regular, en beneficio del interés colectivo, el poder privado de los gigantes tecnológicos cuando estos amenazan la democracia y la sociedad?

Traducido por Jorge Ferreira

REFERENCIAS

- Baptista, A., Rossini, P., Veiga de Oliveira, V., & Stromer-Galley, J. (2019). A circulação da (des) informação política no WhatsApp e no Facebook. *Lumina*, 13(3), 29-46.
- Bietti, E. (2023). A genealogy of Digital Platform Regulation. *Georgetown Law Tech Review*, 7, 1-6.
- Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Oxford: Oxford University Press.
- Cantero Gamito, M. (2023). The European Media Freedom Act (EMFA) as meta-regulation. *Computer Law & Security Review*, 48.
- Chagas, V. (2022). WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. *International Journal of Communication*, 16, 2431-2455. Available from: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17296/3770>>.
- Curien, N. (2021). The Audiovisual Industry Facing the Digital Revolution: Plunging the Predigital Fishbowl into the Digital Ocean. In: Matei S.A., Rebillard F., Rochelandet F. (eds.), *Digital and Social Media Regulation. A Comparative perspective of the US and Europe*. Palgrave Macmillan, p. 17-43.
- Eurostat. (2022). *Consumption of Online News Rises in Popularity*. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220824-1>.
- Jukes, S. (2022). *News Agencies. Anachronism or Lifeblood of the Media System?* London and New York: Routledge.
- López del Castillo Wilderbeek, F. L. (2023). Digital Native Media and Dependence on News Agencies in Spain. *Vivat Academia*, 156, 89-106.
- Madrid-Morales, D. (2021). Who Set the Narrative? Assessing the Influence of Chinese Global Media on News Coverage of COVID-19 in 30 African Countries. *Global Media and China*, 6(2), 129-151.
- Mattelart, T. (2014), « Les enjeux de la circulation internationale de l'information », *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 5. DOI: 10.4000/rfsic.1145
- Moreira Cesar, C., & Santos N. F. (2020). Quelle place pour les communicants politiques à l'ère des campagnes WhatsApp au Brésil ?, *Quaderni*, 101, 77-96.
- Nechushtai, E. (2018). Could digital platforms capture the media through infrastructure? *Journalism*, 19(8), 1043-1058.
- Newman, N.; Fletcher, R.; Robertson, C.T., Eddy, K., & Kleis Nielsen, R. (2022). *Reuters Institute Digital News Report 2022. Oxford*: Reuters Institute for the Study of Journalism. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>.
- Nielsen, R. K., & S. A. Ganter. (2018). “Dealing with Digital Intermediaries: A Case Study of the Relations between Publishers and Platforms.” *New Media & Society* 20(4), 1600–17.
- Ouakrat, A. (2020). Négocier la dépendance ? Google, la presse et le droit voisin. *Sur le journalisme*, 9(1), 44-57
- Papaevangelou, C. (2023). Funding intermediaries: Google and Facebook's strategy to capture journalism, *Digital Journalism*. DOI: [10.1080/21670811.2022.2155206](https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2155206)
- Papaevangelou C., & Smyrnaios N. (2022, not published). Regulating dependency: the political stakes of online plat-
- forms' deals with French publishers. HAL <https://hal-univ-tlse2.archives-ouvertes.fr/halshs-03747847v2>
- Paterson, C. (2007). International news on the internet: Why more is less. *The International Journal of Communication Ethics*, 4 (1/2), 2007, 57-66.
- Paterson, C. (2012). News Agencies. In: Donsbach, W. ed. *The International Encyclopedia of Communication*. Hoboken: John Wiley & Sons, pp.1-7. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecn015.pub2>.
- Pew Research Center. (2018). Publics Globally Want Unbiased News Coverage, but Are Divided on Whether Their News Media Deliver. [Accessed 04 April 2023]. Available from: <https://www.pewresearch.org/global/2018/01/11/publics-around-the-world-follow-national-and-local-news-more-closely-than-international/>.
- Piaia, V. & Alves, M. (2020). Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 43(3), 135-154.
- Rantanen, T. & Kelly, A. (2020). Abnegation, Accommodation and Affirmation: Three Discursive Modes for the Institutional Construction of Independence among National News Agency Executives in Europe. *Journalism*. 21(12), 1896-1912.
- Rantanen, T. (2021). Toward Hybridity? Nationality, Ownership, and Governance of News Agencies in Europe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. 98(1), pp.263-282.
- Rebillard, F. & Loicq, M. (eds.). (2013), *Pluralisme de l'information et media diversity. Un état des lieux international*, De Boeck.
- Roberts, S. (2019), *Behind the Screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*, Yale University Press
- Ruediger, M. A. (Coord.) (2022). Regulação de plataformas digitais: uma contribuição para a análise do debate nacional frente a um desafio global. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP.
- Sánchez Marín, G.; Micó Sanz, J. L., & Justel Vázquez, S. (2017). Journalistic Multi-Skilling in the News Agencies AFP, EFE, ANSA, and ACN. *Trípodos*. 41, 157-172.
- Schiller, H. I. (1976), *Communications and Cultural Domination*, New York, M.E. Sharpe.
- Smyrnaios, N. (2018), *Internet Oligopoly. The Corporate Takeover of Our Digital World*, Emerald Publishing, 191p.
- Smyrnaios, N., Rebillard, F. (2019). How infomediation platforms took over the news. A longitudinal perspective. *The Political Economy of Communication*, 7(1), pp. 30-50.
- Surm, J. (2020). AFP, EFE and dpa as International News Agencies. *Journalism*, 21(12), 1859-1876.
- Thussu, D.K. (2000). *International Communication. Continuity and Change*. London: Hodder Education.
- Watanabe, K., (2017). The Spread of the Kremlin's Narratives by a Western News Agency During the Ukraine Crisis. *The Journal of International Communication*. 23(1), 138-158.
- Wu, H. D., (2000). Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*. 50(2), 110-130.



ENTRETIEN AVEC

Tristan Mattelart

« La diversité des informations internationales en perspective »

PRÉSENTATION

Tristan Mattelart est professeur en Sciences de l'information et de la communication à l'Institut Français de Presse de l'Université Paris-Panthéon-Assas et chercheur au Centre d'analyse et de recherche interdisciplinaires sur les médias (Carism). Il a commencé à étudier les enjeux que recèle l'internationalisation de l'information à partir d'une réflexion sur la façon dont les médias audiovisuels transnationaux contournent les censures, d'abord dans la cadre des relations Est-Ouest (*Le cheval de Troie audiovisuel*, Pug, 1995), puis des relations Nord-Sud (*La mondialisation des médias contre les censures*, Ina-DeBoeck, 2002). Il a, par la suite, exploré ces enjeux à partir du laboratoire que constituent les diasporas et les liens transnationaux qu'elles tissent avec leurs pays d'origine (*Médias, migrations et cultures transnationales*, Ina-DeBoeck, 2007 ; n° spécial de la revue *tic&société* sur « Tic et diasporas », 2009 ; *Médias et migrations dans l'espace euro-méditerranéen*, Mare et Martin, 2014). Depuis, Tristan Mattelart mène des recherches sur la manière dont l'essor du web et des plateformes numériques a transformé les conditions dans lesquelles est produite et circule l'information à une échelle internationale (comme en témoignent les travaux conduits avec Olivier Koch, notamment l'ouvrage *Géopolitique des télévisions transnationales d'information* (Mare et Martin, 2016) et le numéro spécial de *Questions de communication*, « La diplomatie publique à l'heure des réseaux », à paraître).

Dans plusieurs travaux publiés au début des années 2000, Brian McNair et Axel Bruns prédisent la fin du pouvoir de gatekeeping des grandes entreprises médiatiques : ils y prévoient un paysage communicationnel chaotique ou hautement participatif

Oui, en effet, Axel Bruns et Brian McNair sont connus pour l'enthousiasme avec lequel ils ont, au début des années 2000, accueilli l'essor du web. Axel Bruns affirmait ainsi en 2005 que, grâce au web, « tout le monde est, ou au moins a le potentiel d'être, un éditeur » de contenu, ce qui, selon lui, provoquait un « effacement » du rôle de *gatekeepers* exercé par les grands médias d'information¹. On retrouve cet argument dans l'ouvrage écrit par Brian McNair en 2006 — *Culture Chaos : Journalism, News and Power in a Globalized World*. À ses yeux, la production

et la circulation de l'information n'étaient plus le privilège d'un nombre limité de « canaux *mainstream* et bien établis », mais résidait désormais entre les mains de « milliers de millions de producteurs [d'information] en ligne² » tenant des blogs, animant des sites web personnels ou commentant l'actualité.

Dans le champ de l'information internationale, auquel je m'attacherai plus spécifiquement ici, ce type de thèse s'est traduit par des prises de position non moins optimistes. Ainsi, John Maxwell Hamilton et Eric Jenner considéraient-ils en 2003 que, « avec un clic de souris, n'importe qui à l'étranger peut devenir un correspondant international³ ».

De façon intéressante, les arguments de Brian McNair s'accompagnaient d'un appel à modifier les cadres théoriques à l'aide desquels on pensait les processus de production et de circulation de l'information, y compris ceux des nouvelles sur l'étranger. Il s'en prenait notamment aux perspectives de l'économie politique.

Ces dernières se sont en effet employées, depuis les années 1970, à déchiffrer les mécanismes organisant ces processus de production et de circulation de l'information internationale. Les travaux menés dans ce cadre ont plus particulièrement activement contribué à mettre à nu le rôle central joué en la matière par les grandes agences de presse mondiales occidentales. Dans son ouvrage consacré aux *International News Agencies*, Oliver Boyd-Barrett a ainsi souligné le pouvoir qu'exercent ces entreprises à très grande échelle dans la définition de l'agenda en matière d'actualité sur l'étranger. Il a montré en quoi elles constituent des « *agenda setters* » clés des nouvelles produites sur le monde, les médias aux quatre coins de la planète étant extrêmement dépendants à l'égard de leurs dépêches⁴. Ces travaux ne sont pas sans limites, mais ils ont bien mis en évidence les inégalités existant dans les représentations offertes par ces grandes agences, ou les grands médias occidentaux, de la planète, soulignant que, dans leur offre d'information, le tiers monde apparaissait moins et était couvert surtout dans les moments de crise, de façon négative et sensationnaliste.

Ce sont ces travaux qui, à l'heure de l'effacement présumé des anciens *gatekeepers* de l'information, y compris internationale, étaient voués aux gémonies par Brian McNair. L'économie politique était désormais considérée comme n'étant pas en mesure de rendre compte des « dynamiques complexes du système médiatique du XXIe siècle⁵ ».

Dans quelle mesure la plateformisation a changé ces dynamiques ?

Avant de répondre à cette question, il est nécessaire de dire qu'il est tout simplement faux de considérer que l'essor du web a fait disparaître le rôle de *gatekeepers* que jouaient, avant lui, les grands médias et les agences de presse. Si le développement du web a facilité l'émergence d'une multitude de nouveaux acteurs, les grands médias plus « traditionnels », comme on les caractérise parfois, n'en ont pas perdu leur rôle-clé de *gatekeepers*, ne serait-ce que par l'importance de leur présence en ligne, comme l'a souligné très tôt Matthew Hindman⁶.

Cela est particulièrement vrai dans le domaine de l'information internationale. De manière intéressante, les travaux menés sur les sites web de ces grands médias mettent en évidence d'importantes continuités avec la période précédente. Ces travaux soulignent en particulier la dépendance de ces sites à l'égard des dépêches fournies par les plus grandes agences de presse mondiales⁷ et le même type de déséquilibre dans la représentation du

monde en défaveur des pays des Suds⁸ que celui qui était diagnostiqué dans les travaux que j'ai évoqués plus tôt.

Pour revenir à la question, si l'essor du web n'en a pas fait disparaître le rôle de *gatekeepers* que jouaient les grands médias ou les agences de presse, il a favorisé le développement d'une nouvelle génération, hétérogène, de *gatekeepers* : les grandes plateformes numériques. En dépit du fait qu'elles ne produisent pas de nouvelles et que ces dernières ne constituent qu'un des secteurs parmi les nombreux autres dans lesquels ces plateformes investissent, ces entreprises n'en constituent pas moins des intermédiaires capitaux pour la circulation internationale de l'information.

Dans son ouvrage cité, Brian McNair décrivait un paysage journalistique mondial rendu chaotique avec l'essor du web. De ce chaos, si tant est que cette métaphore ait une quelconque valeur heuristique, émergent cependant une poignée de nouveaux acteurs jouissant d'un pouvoir, exercé à une échelle mondiale, bien supérieur à bien des égards à celui qui était prêté, par l'économie politique, aux agences de presse mondiales.

Dans l'un des premiers livres consacrés au nouveau rôle joué dans la circulation internationale des nouvelles par Google, Elad Segev désigne ainsi le moteur de recherche comme un des principaux « *gatekeepers* du réseau mondial d'information⁹ ». Et, ironiquement, les travaux de l'économie politique, dont l'obsolescence avait été pourtant proclamée quelques années plus tôt, sont de nouveau mobilisés par cet auteur pour cerner les nouvelles réalités de pouvoir qui, avec l'essor de Google entre autres, ont vu le jour dans ce domaine.

De son côté, Zeynep Tufekci, dans un livre où elle étudie les « protestations en réseau » et où elle détaille la manière dont les activistes du monde entier utilisent les réseaux socio-numériques pour faire aboutir leurs causes, n'en souligne pas moins le « pouvoir [...] historiquement sans précédent » dont est investie une entreprise comme Facebook dans la circulation internationale de l'information¹⁰.

Ce dernier aspect est essentiel. Oui, les grandes plateformes numériques offrent une infrastructure de choix pour obtenir et distribuer de l'information à une échelle internationale sans avoir à passer par le filtre des grands médias. C'est d'ailleurs ce que Raphael Lupovici a montré dans le cadre de la pré-conférence (et ce qu'il montre dans le cadre de ce numéro de *Sur le journalisme*) en cernant la façon dont les Gilets jaunes français ont pu contourner les « barrières médiatiques » en utilisant les canaux alternatifs d'information offerts par Facebook pour suivre les avancées de l'auto-proclamé « Freedom Convoy » canadien. Mais, l'accent qui est mis sur cette dimension ne doit pas amener à occulter les questions que pose ce pouvoir sans précédent qu'exercent aujourd'hui une poignée de plateformes californiennes sur la circulation internationale de l'information.

Vous avez suggéré qu'il y a des continuités entre l'environnement informationnel actuel et le précédent. Est-ce que vous pourriez développer ?

On peut en effet, je crois, contrairement à ce que postulait Brian McNair, tracer des continuités entre les travaux plus anciens portant sur la représentation du monde par les agences mondiales de presse ou les médias occidentaux, d'un côté, et des recherches plus récentes, de l'autre. Les travaux de l'économie politique de l'information menés dans les années 1970 et 1980 ont, je l'ai déjà dit, abondamment souligné les inégalités structurant la géographie mondiale des flux d'information et les déséquilibres des représen-

tations du globe auxquelles elles donnent corps. Or, ces inégalités sont loin d'avoir disparu.

Il y a une étude intéressante dans ce domaine, menée par une équipe de géographes, Mark Ballatore, Mark Graham et Shilad Sen. Ils se sont intéressés à la façon dont sont représentées les capitales du monde sur Google. Ils montrent que les informations disponibles sur ce moteur de recherche, relatives aux capitales du Moyen-Orient, de l'Afrique ou de l'Asie du Sud-Est, aboutissent sur des adresses internet de sites qui sont, surtout, domiciliés aux États-Unis ou en France. Et ils notent que cela donne naissance à une forme d'« hégémonie », certains producteurs d'information ayant le pouvoir, sur cette plateforme, de « définir ce qui est lu par les autres¹¹ ».

Dans la lignée de ces recherches, Qun Wang a, pendant la conférence (et dans son article dans ce numéro), mis en lumière le fait que le moteur de recherche de vidéos de Google, Google Video, a, dans les premières semaines de l'épidémie de Covid 19, tout simplement effacé de la carte tout un sous-continent. L'Amérique latine a de fait, alors qu'on y dénombrait un nombre très significatif de cas par rapport aux autres pays, littéralement disparu de la première page des résultats de Google Vidéo consacrés à la pandémie (et accédés depuis les États-Unis).

Cela permet de mesurer l'importance du pouvoir qu'ont ces grandes plateformes de donner une visibilité ou, au contraire, d'invisibiliser telle ou telle question, ou telle ou telle région du globe. Une autre illustration révélatrice de ce pouvoir, c'est l'élimination par YouTube, en 2018, d'un très grand nombre de vidéos documentant la guerre civile en Syrie. Dans le cadre d'initiatives prises pour lutter contre le « terrorisme », cette entreprise a en effet, cette année-là, supprimé pas moins de 33 millions de vidéos sur cette guerre. Et, comme la modération des contenus qui est opérée par la plateforme — par humains ou intelligence artificielle interposés — n'a pas su faire systématiquement la différence entre les vidéos de propagande postées par des groupes terroristes et celles filmées, à l'inverse, pour témoigner des exactions dont cette guerre a été le théâtre, ce sont des milliers de vidéos documentant les « violations des droits humains qui sont peut-être maintenant perdues pour toujours¹² ».

Cet exemple sur la modération qu'exerce YouTube, à une échelle mondiale, des contenus qui circulent sur sa plateforme n'est pas sans nous ramener, lui aussi, à certains égards, à des thèmes qui ont été précédemment explorés dans la littérature sur les flux internationaux d'information. Celle-ci a, dès la fin des années 1970, mis en lumière le fait que les réseaux de correspondants à l'étranger dont disposaient les agences mondiales de presse ou les grands médias étaient structurés par de très fortes inégalités, certaines des agences étatsuniennes ayant, par exemple, autant de correspondants dans tel pays européen que dans l'ensemble du continent africain¹³.

Les plateformes numériques — qui, encore une fois, produisent moins d'informations qu'elles n'en font circuler celles produites par d'autres — ne disposent pas, bien entendu, de réseaux de journalistes correspondants dans le monde. Elles se sont néanmoins dotées de réseaux de modérateurs afin d'essayer de réguler les contenus circulant sur l'infrastructure qu'elles mettent à disposition. Et ces réseaux sont structurés par des inégalités qui ne sont pas sans faire écho à celles qui organisaient les circuits de collecte de l'information des agences de presse qui étaient étudiés il y a plusieurs décennies.

Il faut souligner l'importance du rôle que jouent ces réseaux de modérateurs. Loin des visions enchantées d'Axel Bruns ou de Brian McNair, le développement de ces grandes plateformes a, en effet, fourni à un ensemble hétéroclite d'acteurs

étatiques ou non-étatiques, locaux, nationaux ou internationaux, une variété d'infrastructures à partir desquelles diffuser leurs désinformations, en ciblant qui plus est leurs publics. D'où l'importance de réguler les contenus destinés aux audiences du monde que couvrent ces plateformes. Mais, en la matière, tous les publics de la planète ne sont pas égaux.

C'est en tout cas ce qu'une série d'articles rédigés pendant l'automne 2021, à partir des documents internes de Facebook, communiqués par la lanceuse d'alerte Frances Haugen, permettent de penser. Un article du *New York Times* a ainsi dévoilé que 87 % du budget global de Facebook « consacré au temps passé à répertorier la mésinformation » étaient réservés aux États-Unis, les 13 % restants l'étant pour le reste du monde¹⁴. Une enquête de l'Associated Press révélait quant à elle que « dans quelques-unes des régions du monde les plus explosives, proliféraient les contenus terroristes et les discours de haine car l'entreprise [Facebook] ne dispose pas suffisamment de modérateurs qui parlent les langues locales et comprennent les contextes culturels¹⁵ ». Bref, on a pu, à cette occasion, mesurer combien Facebook, avide d'expansion internationale pour démultiplier le nombre de ses usagers, a, dans le même temps, sous-estimé la nécessité de lutter, dans un certain nombre de pays de l'hémisphère sud, contre la désinformation dont elle avait facilité la prolifération.

Certains chercheurs de la conférence ont examiné la manière dont les plateformes affectent la nature de l'information (par le biais de programmes de financement pour les jeunes entreprises de journalisme, par exemple). S'agit-il de contributions positives au débat public ?

Oui, en effet, comme les travaux sur la « plateformisation¹⁶ » de l'information ou sur « l'infomédiation¹⁷ » l'ont souligné, les grandes plateformes numériques sont loin d'être des intermédiaires neutres entre, d'un côté, les producteurs des contenus et, de l'autre, les usagers. Si elles ne produisent pas d'informations, elles n'en définissent pas moins, au travers d'une variété d'outils, diverses normes auxquelles les producteurs de nouvelles sont invités à se conformer s'ils souhaitent voir leurs contenus prospérer sur l'infrastructure mise à leur disposition.

Si ces processus ont déjà été bien explorés à partir des réalités de l'Amérique du Nord ou de l'Europe occidentale, ils le sont moins à partir des contextes des Suds. D'où l'intérêt de la recherche que Darsana Vijay a présentée lors de la conférence (et publiée dans ce numéro) et qui porte sur sept start-ups du sud de l'Inde produisant de l'information en malayalam. Elle décortique bien les relations ambiguës que celles-ci entretiennent avec Facebook. D'un côté, cette plateforme, parce qu'elle leur permet de diffuser leurs contenus, constitue, en quelque sorte, un allié pour elles qui s'efforcent d'exister en dehors des circuits des médias *mainstream* partisans portés sur le sensationnalisme, auxquels elles s'opposent. D'un autre côté, pour gagner en visibilité sur la plateforme, ces start-ups doivent suivre certaines règles, en conformité avec les attentes de l'algorithme, en mettant, par exemple, l'accent sur des « *breaking news* » et autres « *trending topics* » qui généreront les « interactions significatives » que Facebook appelle de ses vœux puisqu'elles se traduisent, pour cette entreprise, par la production de davantage de données et de recettes publicitaires. Au risque pour les start-ups de se détourner de la ligne éditoriale alternative qu'elles se sont données et de tomber dans le sensationnalisme qu'elles critiquent chez les médias *mainstream*.

Ce n'est pas seulement à travers cette palette d'outils que Facebook ou d'autres plateformes exercent leur pouvoir, mais aussi, notamment, par les

fonds qu'elles ont créés pour financer le journalisme, à une échelle internationale. C'est ce que la présentation de Charis Papaevangelou à la pré-conférence (ainsi que l'article qu'il en a tiré) a bien illustré. Étudiant la Google News Initiative et le Facebook Journalism Project, il a montré comment ces deux fonds constituent un levier par lequel ces deux entreprises s'efforcent d'imposer des solutions technologiques ou des modèles d'affaire ayant vocation à peser sur les pratiques journalistiques de façon à ce que celles-ci servent davantage, en démultipliant les interactions entre usagers, les impératifs de monétisation des deux firmes californiennes. À tel point qu'il va jusqu'à parler de stratégies développées par Google et Facebook pour « capturer le journalisme¹⁸ ».

L'accent qui est mis, à juste titre, sur le décryptage de ces stratégies élaborées par ces plateformes pour mettre le journalisme au service de leurs intérêts ne doit néanmoins pas conduire à négliger, parallèlement, l'étude des résistances auxquelles ces initiatives se heurtent de la part des médias ou des salles de rédaction. Darsana Vijay a, à cet égard, bien décrit dans sa présentation combien les journalistes des start-ups étudiées du sud de l'Inde se montrent critiques du fonctionnement de Facebook et comment ils s'efforcent de ne pas sacrifier leur ligne journalistique alternative sur l'autel des contraintes posées par la plateforme.

Son argument n'est pas sans faire écho à d'autres recherches. Je pense notamment à une étude menée par Rasmus Kleis Nielsen et Federica Cherubini sur une dizaine de *pure players* des Suds. Ils y soulignent le « pragmatisme » dont font preuve les dirigeants de ces médias à l'égard des grandes plateformes numériques, recourant à leurs services, parfois à contrecœur, mais en essayant de se prémunir contre les risques qu'ils encourrent en le faisant¹⁹.

Vous avez souligné la nécessité d'être conscients des limites des recherches sur la plateformisation : quelles sont ces limites ?

Je ne me hasarderai pas à essayer de repérer les limites des travaux sur la plateformisation. Ce qui est assez enthousiasmant, il faut le dire, c'est d'être en train d'assister à la mise en place de cadres théoriques ayant vocation à rendre compte du rôle relativement nouveau que jouent les plateformes numériques, notamment, dans la production et dans la circulation de l'information.

Ce qui me frappe dans les travaux sur la plateformisation de l'information, c'est néanmoins le moindre intérêt qui est porté à la façon dont l'essor de ces plateformes a contribué à transformer plus particulièrement les réalisations de la production et de la circulation *internationale* de l'information ou les réalisations de la production et de la circulation des nouvelles sur *l'étranger*. Pour le dire autrement, il y a un décalage patent entre l'importance de la présence mondiale de ces grandes plateformes et le peu d'études qui se penchent spécifiquement sur cette dimension pourtant centrale. Le contraste est à cet égard grand entre les débats nourris autour des déséquilibres dans la représentation médiatique du monde des années 1970 et 1980 et le peu d'attention pour ces questions aujourd'hui. Et ce, alors que les plateformes numériques, comme j'ai essayé de le suggérer, exercent un pouvoir en matière de circulation internationale de l'information qui n'a rien à envier à celui que continuent d'exercer les grandes agences de presse.

Pour essayer d'être plus précis, on dispose, par exemple, de peu de travaux s'interrogeant sur la représentation du monde qu'offrent les médias nés de l'essor des réseaux socio-numériques, ou sur la façon dont ils couvrent ce monde. De quels moyens des médias comme Vox.com ou Brut — pour ne

citer que ceux-là qui ont été érigés par Facebook comme modèles de bon journalisme adapté aux réseaux socio-numériques²⁰ — disposent-ils pour couvrir les actualités sur l'étranger, quelle place y accordent-ils, quelles représentations en donnent-ils ? Ces questions de recherche auraient été ordinaires dans les années 1970 ou au début des années 1980. Aujourd'hui, elles ont largement disparu de l'agenda. Or, elles n'ont *a priori* rien perdu de leur importance.

Au-delà, les travaux sur la plateformisation de l'information, on l'a déjà dit, souffrent certainement d'être trop centrés sur les réalités de l'Amérique du Nord et de l'Europe occidentale et de ne pas suffisamment prendre en compte le reste du monde. Ils tendent plus précisément à privilégier, comme je l'ai moi-même fait dans le cadre de cet entretien, le rôle que jouent les grandes plateformes de la Silicon Valley en la matière, négligeant sans doute la prise en compte d'autres acteurs, non états-uniens. Ce prisme n'est pas nouveau. Dressant un état des travaux sur les agences de presse dans le monde, Terhi Rantanen leur reprochait ainsi d'avoir négligé l'étude des agences non-occidentales²¹. L'appel qu'elle a lancé à cette occasion à davantage explorer ces dernières peut s'appliquer aussi au champ des plateformes numériques. Il est en effet nécessaire de disposer de davantage de recherches sur les plateformes numériques non-occidentales et de mieux comprendre le rôle qu'elles jouent dans la production et la circulation internationale de l'information, y compris pour mieux mesurer la place qu'exercent en ce domaine celles occidentales. Mais, il est vrai que cet appel semble avoir été déjà, pour partie, entendu, comme en témoigne, par exemple, le développement de recherches sur l'utilisation qui est faite, par différents médias du monde, de TikTok²² ou sur la plateforme de contenus d'actualité Toutiao²³, deux entreprises possédées par la société chinoise ByteDance.

*Propos recueillis et annotés par
Chris Paterson & Jasmin Surm
13/02/2023*

Pour citer cet article, to quote this article, para citar este artigo :

Chris Paterson, Jasmin Surm, « “La diversité des informations internationales en perspective”. Entretien avec Tristan Mattelart », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.540>

NOTES

- ^{1.} Axel Bruns, *Gatewatching. Collaborative Online News Production*, New York, Peter Lang, 2005, p. 1 et 219.
- ^{2.} Brian McNair, *Cultural Chaos. Journalism, News and Power in a Globalised World*, Londres, Routledge, 2006, p. 201.
- ^{3.} John Maxwell Hamilton, Eric Jenner, « The new foreign correspondence », *Foreign Affairs*, vol. 82, n° 5, 2003, p. 134.
- ^{4.} Oliver Boyd-Barrett, *The International News Agencies*, Londres, Constable, 1980, p. 19 et sq. Voir aussi Oliver Boyd-Barrett, Michael Palmer, *Le trafic des nouvelles. Les agences mondiales d'information*, Paris, Alain Moreau, 1981.
- ^{5.} Brian McNair, op. cit., p. VIII.
- ^{6.} Matthew Hindman, *The Myth of Digital Democracy*, Princeton, Princeton University Press, 2008.
- ^{7.} Chris Paterson, « International news on the internet: Why more is less », *The International Journal of Communication Ethics*, vol. 4, n° 1/2, 2007, pp. 57-66.
- ^{8.} Itai Himelboim et al., “International network of foreign news coverage: Old global hierarchies in a new online world”, *Journalism and Mass Communication Quarterly*, vol. 87, n° 2, 2010, pp. 297-314.
- ^{9.} Elad Segev, *Google and the Digital Divide. The Bias of Online Knowledge*, Oxford, Chandos Publishing, 2010, p. 163.
- ^{10.} Zeynep Tufekci, *Twitter and Tear Gas. The Power and Fragility of Networked Protest*, New Haven, Yale University Press, 2017, p. 162.
- ^{11.} Mark Ballatore, Mark Graham, Shilad Sen, « Digital hegemonies: The localness of search engine results », *Annals of the American Association of Geographers*, vol. 107, n° 5, 2017, p. 1211.
- ^{12.} Dima Saber, “Transitional what? Perspectives from Syrian videographers on YouTube takedowns and the “video as evidence” ecology”, in Daniela Agostinho et al., *(W)archive. Archival Imaginaries, War, and Contemporary Art*, Londres, Stenberg Press, 2021, p. 404.
- ^{13.} Jonathan Fenby, *The International News Services. A Twentieth Century Fund Report*, New York, Schocken Books, 1986, p. 9-10.
- ^{14.} Sheera Frenkel, Davey Alba, « In India, Facebook grapples with an amplified version of its problems », *The New York Times*, 9 novembre 2021.
- ^{15.} Isabel Debre, Fares Akram, « Facebook's language gaps weaken screening of hate terrorism », AP News, 25 octobre 2021.
- ^{16.} David B. Nieborg, Thomas Poell, « The platformization of cultural production », *New Media and Society*, vol. 20, n° 11, pp. 4275-4292.
- ^{17.} Franck Rebillard, Nikos Smyrnaios, « Quelle “plateformisation” de l'information ? Collusion socioéconomique et dilution éditoriale entre les entreprises médiatiques et les infomédiaires de l'Internet », *tic&société*, vol. 13, n° 1-2, 2019, pp. 247-293.
- ^{18.} Charis Papaevangelou, « Funding intermediaries : Google and Facebook's strategy to capture journalism », *Digital Journalism*, 2023.
- ^{19.} Rasmus Kleis Nielsen, Federica Cherubini, *Born in the Fire: What We Can Learn from How Digital Publishers in the Global South Approach Platforms*, Oxford, Reuters Institute for the Study of Journalism, University of Oxford, octobre 2022, p. 7.
- ^{20.} Tristan Mattelart, « Comprendre la stratégie de Facebook à l'égard des médias d'information », *Sur le journalisme*, vol. 9, n° 1, 2020, p. 24-43.
- ^{21.} Terhi Rantanen, « News agencies from telegraph bureaus to cyberfactories », in *Communication. Oxford Research Encyclopedia*, Oxford, Oxford University Press, 2019.
- ^{22.} Jorge Vázquez-Herrero et al., “Let's dance the news! How the news media are adapting to the logic of TikTok”, *Journalism*, vol. 23, n° 8, 2022, pp. 1717-1735.
- ^{23.} Joanne Kuai et al., “From Wild East to forbidden city: Mapping algorithmic news distribution in China through a case study of Jinri Toutiao”, *Digital Journalism*, 2022, 21 p.





INTERVIEW WITH

Tristan Mattelart

« Global news diversity in perspective »

Tristan Mattelart is a professor of Information and Communication Sciences at the Institut Français de Presse (IFP) of the University of Paris-Panthéon-Assas and a researcher at the Center for Interdisciplinary Analysis and Research on the Media (CARISM). He began to study the implications of the internationalisation of information by examining how transnational audiovisual media circumvent censorship, first in the context of East-West relations (*Le cheval de Troie audiovisuel*, Pug, 1995), then in the context of North-South relations (*La mondialisation des médias contre les censures*, Ina-DeBoeck, 2002). He later explored these issues from the perspective of diasporas and the transnational links they forge with their countries of origin (*Médias, migrations et cultures transnationales*, Ina-DeBoeck, 2007; special issue of the journal *tic&société* on "Tic et diasporas", 2009; *Médias et migrations dans l'espace euro-méditerranéen*, Mare et Martin, 2014). Since then, Tristan Mattelart has been conducting research on how the emergence of the web and digital platforms has transformed the conditions under which information is produced and circulated on an international scale (as demonstrated by the work conducted with Olivier Koch, in particular, the book *Géopolitique des télévisions transnationales d'information*, Mare et Martin, 2016, and the forthcoming special issue of *Questions de communication*, "La diplomatie publique à l'heure des réseaux").

In publications in the early 2000s, Brian McNair and Axel Bruns predicted an end to the gatekeeping power of big corporate media: they foresaw a chaotic or highly participatory communication landscape, respectively

Indeed, Axel Bruns and Brian McNair are known for their enthusiastic welcome of the rise of the web in the early 2000s. In 2005, Axel Bruns stated that thanks to the web, "everyone is, or at least has the potential to be, an editor" of content, which caused the major news media's gatekeeper role to "fade away"¹. This argument is echoed in Brian McNair's 2006 book *Culture Chaos: Journalism, News and Power in a Globalized World*. He suggested that the production and circulation of information was no longer the privilege of a limited number of "mainstream and established channels" but now resided in the hands of "thousands of millions of online [information] producers"² "running blogs, personal websites or commenting on the news".

In the field of international information, on which I will focus, this type of thesis has been translated into equally optimistic views. For example,

John Maxwell Hamilton and Eric Jenner argued in 2003 that "with one click of a mouse, anyone abroad can become an international correspondent".

Interestingly, McNair's arguments were accompanied by a call to change the theoretical frameworks through which we think about information production and circulation processes, including foreign news. In particular, he challenged the perspectives of political economy.

Since the 1970s, the latter [political economists] have been working to decipher the mechanisms that organise the production and circulation of international information. The work carried out within this framework has very actively contributed to exposing the central role played in this field by the major Western world news agencies. In his book devoted to *International News Agencies*, Oliver Boyd-Barrett thus highlighted these very large-scale companies' powers in defining the news agenda concerning foreign countries. He showed how they are key agenda setters for the news produced worldwide, the media all over the world being extremely dependent on their dispatches⁴. This work is not without limitations, but it has pointed out the inequalities that exist in the representations of the world offered by these large agencies or the large Western media, underlining that in their supply of information, the Third World appears less and is mainly represented in moments of crisis, in a negative and sensationalist way.

These are the publications that, at a time when the old gatekeepers of information, including international information, were presumed to have disappeared, were condemned by Brian McNair. At that point in time, political economy was considered unable to account for the "complex dynamics of the 21st-century media system".

How has platformization changed this?

Before answering this question, it is necessary to point out that it is quite incorrect to consider that the rise of the web has eliminated the role of gatekeepers played by the big media and news agencies. If the web's development has supported the emergence of a multitude of new actors, the more "traditional" big media, as they are sometimes characterised, have not lost their key role as gatekeepers, if only thanks to the extent of their online presence, as Matthew Hindman pointed out very early on⁶.

This is particularly true in the field of international information. Interestingly, research conducted on the websites of these major media highlights essential continuities with the previous period. In particular, this research underlines the dependence of these websites on the dispatches provided by the largest world press agencies⁷ and the same type of imbalanced representation of the world to the disadvantage of the countries of the South⁸ as that which was identified in the work I mentioned earlier.

To come back to the question, if the rise of the web has not eliminated the role of gatekeepers played by the big media or news agencies, it has favoured the development of a new, heterogeneous generation of gatekeepers: the big digital platforms. Despite the fact that they do not produce news and that news is only one of many sectors in which these platforms invest, these companies are nonetheless crucial intermediaries for the international flow of information.

In his book, Brian McNair described a global journalistic landscape made chaotic by the rise of the web. Out of this chaos, if this metaphor has any heuristic value, a handful of new actors are emerging with a power ex-

ercised on a global scale that is in many ways greater than what the political economy has attributed to the world's news agencies.

In one of the first publications devoted to the new role played by Google in the international circulation of news, Elad Segev refers to the search engine as one of the primary "gatekeepers of the global information network". Furthermore, ironically, this researcher mobilises once again political economy research, whose obsolescence had been proclaimed only a few years earlier, to identify the new realities of power that have emerged in this field, the rise of Google being only one among others.

Zeynep Tufekci, for her part, in a book in which she studies "network protests" and in which she details how activists from all over the world use socio-numerical networks to advance their causes, emphasises the "historically unprecedented power" that a company like Facebook has in the international circulation of information¹⁰.

This last aspect is essential. Yes, the large digital platforms offer an infrastructure of choice for obtaining and distributing information internationally without going through the large media's filter. Indeed, this is what Raphael Lupovici showed in the pre-conference (and what he shows in this issue of *About Journalism*) by identifying how the French Gilets jaunes were able to bypass "media barriers" by using the alternative information channels offered by Facebook to follow the progress of the self-proclaimed Canadian Freedom Convoy. However, emphasising this dimension should not distract us from the questions raised by the unprecedented power that a handful of Californian platforms now exert over the international flow of information.

You suggested continuities between the current news environment and the former one. Could you elaborate?

I believe that contrary to what Brian McNair postulated, continuities can be drawn between older research on the representation of the world by the world news agencies or Western media, on the one hand, and more recent research, on the other. As I have already pointed out, the research on the political economy of information carried out in the 1970s and 1980s has abundantly underlined the inequalities structuring the international geography of information flows and the imbalances in the representations of the world to which they give substance. However, these inequalities are far from having disappeared.

A fascinating study in this field conducted by a team of geographers, Mark Ballatore, Mark Graham and Shilad Sen, looked at how the world's capital cities are represented on Google. They showed that the information available on the search engine on the capital cities of the Middle East, Africa, or Southeast Asia refers to websites that are primarily domiciled in the United States or France. Furthermore, they note that this gives rise to a form of "hegemony", with some information producers having the power, on this platform to "define what is read by others"¹¹.

In line with this research, Qun Wang, during the conference (and in his paper in this issue), highlighted that Google's video search engine, Google Video, in the first weeks of the Covid-19 pandemic, wiped an entire subcontinent off the map. Latin America, which had many cases compared to other countries, literally disappeared from the first page of Google Video results dedicated to the pandemic (and accessed from the United States).

This allows us to measure the extent of these large platforms' power to render this or that issue, or this or that region of the world, visible or, on the contrary, invisible. Another illustration of this power is YouTube's removal of many videos documenting the civil war in Syria in 2018. As part of initiatives to combat "terrorism", the company removed no less than 33 million videos about the war that year alone. Moreover, since the content moderation operated by the platform – conducted by either human or artificial intelligence – has not been able to systematically distinguish between propaganda videos posted by terrorist groups and those filmed, in contrast, to testify about the abuses that took place during the war, thousands of videos documenting "human rights violations may now be lost forever"¹².

This example of content moderation conducted by YouTube on its platform on a global scale also brings us back, in certain respects, to themes previously explored in research on international information flows. Since the end of the 1970s, the literature has highlighted that the networks of foreign correspondents available to the world's news agencies or the major media were structured by very strong inequalities, with some US agencies having, for example, as many correspondents in a given European country as in the whole of the African continent¹³.

Digital platforms – which, once again, produce less information than they circulate the information produced by others – do not, of course, have networks of correspondents around the world. They have nevertheless set up networks of moderators trying to regulate the content circulating on the infrastructure they make available. Furthermore, these networks are structured by inequalities that echo the organised information collection circuits of the news agencies that were studied several decades ago.

The importance of the role played by these networks of moderators must be emphasised. Far from the enchanted visions of Axel Bruns or Brian McNair, the development of these large platforms has, in fact, provided a heterogeneous set of state or non-state, local, national or international actors with a variety of infrastructures from which to disseminate misinformation while also allowing them to target their audiences. Hence, it is crucial to regulate the content provided by these platforms. However, not all of the world's audiences are equal.

In any case, this is what a series of articles written during the fall of 2021, based on internal Facebook documents communicated by whistleblower Frances Haugen, allow us to think. A *New York Times* article revealed that 87% of Facebook's overall budget "spent on cataloguing misinformation" was reserved for the United States, with the remaining 13% for the rest of the world¹⁴. An Associated Press investigation revealed that "in some of the world's most volatile regions, terrorist content and hate speech are proliferating because the company [Facebook] does not have enough moderators who speak local languages and understand cultural contexts"¹⁵. In short, we were able, on this occasion, to measure the extent to which Facebook, eager to expand internationally to increase the number of its users, has, at the same time, underestimated the need to fight against the misinformation that it has facilitated, in a certain number of countries in the southern hemisphere.

Some conference presenters examined how platforms are affecting the nature of news through funding schemes for journalism start-ups, for example. Are these positive contributions to the public conversation?

Yes, indeed, as the research on the "platformization"¹⁶ of information or on "infomediacy"¹⁷ has underlined, the large digital platforms are far from

being neutral intermediaries between, on the one hand, the content producers and, on the other hand, the users. Although they do not produce information, they nonetheless define, through a variety of tools, various standards to which news producers are invited to conform if they wish to see their content thrive on the infrastructure made available to them.

While these processes have already been well explored from North American and Western European perspectives, they are less well investigated from the perspective of the global South. Hence the relevance of the research that Darsana Vijay presented at the conference (and published in this issue), which focuses on seven South Indian start-ups producing information in Malayalam. She described the ambiguous relationship these start-ups have with Facebook. As the platform allows them to disseminate their content, on the one hand, it acts as a support as they strive to exist outside the circuits of the partisan, sensationalist mainstream media, which they oppose. On the other hand, in order to gain visibility on the platform, these start-ups must follow specific rules, in accordance with the algorithm's expectations, by focusing, for example, on "breaking news" and other "trending topics" that will generate the "meaningful interactions" that Facebook is hoping for, as the latter translate into more data and advertising revenue. At the risk for the start-ups to turn away from the alternative editorial line they have set and fall of the start-ups turning away from the alternative editorial line, they have set and fallen into the sensationalism they criticise in the mainstream media.

It is not only through this array of tools that Facebook and other platforms exert their power, but also, notably, through the funds they have created to finance journalism internationally. Charis Papaevangelou's presentation at the pre-conference (and the paper he drew from it) illustrated this well. Studying the Google News Initiative and the Facebook Journalism Project, he showed how these funds constitute a lever through which these two companies are trying to impose technological solutions or business models intended to influence journalistic practices in such a way that they better serve their monetisation imperatives by multiplying interactions between users. So much so that he went as far as to speak of strategies developed by Google and Facebook to "capture journalism"¹⁸.

The focus on deciphering the strategies developed by these platforms to put journalism at the service of their interests should not, however, lead to neglecting the study of the resistance these initiatives encounter from the media or newsrooms. In this respect, Darsana Vijay described well in her presentation the degree to which journalists from the South-Indian start-ups are critical of Facebook's operations and how they try not to sacrifice their alternative journalistic line on the altar of the constraints posed by the platform.

Her argument echoes other pieces of research. I am particularly thinking of a study by Rasmus Kleis Nielsen and Federica Cherubini on a dozen traditional media outlets from the South. They underline the "pragmatism" that their managers show towards the big digital platforms, using their services, sometimes reluctantly, but trying to protect themselves from the risks they take by doing so¹⁹.

You have cautioned that we be aware of the limitations of research into platformisation - what are these?

I won't try to identify the limits of the work on platformization. What is quite exciting, I must say, is that we are witnessing the development of theoretical frameworks designed to account for the relatively new role played by digital platforms, in particular, in the production and circulation of infor-

mation. What strikes me in the research on the platformization of information, however, is that there is interest neither in the way in which the rise of these platforms has contributed to transforming specifically the realities of the production and circulation of *international* information nor the realities of the production and circulation of news about *foreign countries*. To put it another way, there is an apparent discrepancy between the importance of the global presence of these large platforms and the lack of studies that specifically address this central dimension. In this respect, there is a great contrast between the intense debates about the inequalities in the media representation of the world in the 1970s and 1980s and the lack of attention paid to these issues nowadays. Furthermore, as I have tried to suggest, digital platforms exercise power in the international circulation of information similar to the one that the big news agencies still have.

To be more precise, there is, for example, little to no research on the representation of the world offered by the media born from the rise of social-digital networks or on the way, they report on the world. What means do media outlets such as Vox.com or Brut – to mention only those that Facebook has set up as models of good journalism adapted to social-digital networks²⁰ – have at their disposal to cover foreign news, what place do they give it, and how do they represent it? These would have been common research questions in the 1970s or early 1980s. Today, they have largely disappeared from the agenda. However, they have lost none of their importance.

Furthermore, as has already been said, the research on the platformization of information certainly suffers from being too focused on North American and Western European realities and from not taking the rest of the world sufficiently into account. More specifically, as I did in this interview, they tend to focus on the role played by the prominent Silicon Valley platforms in this geographical area and no doubt neglect to consider non-US players. This prism is not new. In her literature review of research on news agencies worldwide, Terhi Rantanen criticised the negligence of the study of non-Western news agencies²¹. Her appeal to research them further can also be applied to digital platforms. It is indeed necessary to undertake more research on non-Western digital platforms and better understand their role in the production and international circulation of information, including better assessing the role of Western platforms in this field. However, it is true that this call seems to have already been partly heard by different media around the world, as shown, for example, by the development of research on the use of TikTok²² or the news content platform Toutiao²³, two companies owned by the Chinese corporation ByteDance.

Comments collected and annotated by
Chris Paterson & Jasmin Surma
13/02/2023

Traduit par Emilie Traub

Pour citer cet article, to quote this article, para citar este artigo :
Chris Paterson, Jasmin Surma, « "Global news diversity in perspective". Interview with Tristan Mattelart », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.541>



More of the shareable same How Facebook induces conformity among Indian alternative journalism startups

The problem is because Facebook acts as a news aggregator or a news delivery system, we cannot make a difference by ourselves.
(Participant, Doolnews)

DARSANA VIJAY

Faculty of Information University of Toronto
darsanavijay88@gmail.com
ORCID: /0000-0002-6744-6504



The future of journalism is a topic of concern across the world. In India too, the decline in advertising revenues, the loss of trust in journalism and the prevalence of partisan, sensationalist reporting raise warning signals (Aneez et al., 2019). Owners of media conglomerates appease the government and other powerful actors through partisan reporting that avoids criticism of elites (Rao, 2018; Sonwalkar, 2019). Corporates and the political parties they favor heavily police reportage through outright censorship, threats of violence or indirectly by freezing advertising revenue (Ghoshal, 2019). Politicians pay for favorable coverage and avoid mediation by journalists, substantially undercutting journalists' cardinal democratic function of holding power accountable (Bisen, 2019; Rao & Malik, 2019; Rodrigues, 2019). The rising commodification of news media leads to a prioritization of entertainment and broad-based viewership over diversity and inclusivity (Rao & Mudgal, 2015). The circulation of misinformation via social media networks, coordinated by politicians further weaken public trust in the media (Chakrabarti et al., 2018). Alternative journalism startups offer a source of hope in this bleak situation, proposing to revitalize journalism, grounding it in the conventional, democratic tenets of journalism practice and espous-

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Darsana Vijay, « More of the shareable same: How Facebook induces conformity among Indian alternative journalism startups », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://10.25200/SLJ.v12.n1.2023.539>



ing a commitment to inclusivity, diversity and holding the elite accountable. However, they rely on social media platforms like Facebook—which are implicated in accelerating the trust crisis—to reach an audience, interact with them and earn revenue. How does this reliance impact the realization of startups' reformative proposals?

This paper responds to a conspicuous absence of enquiry on the topic by showing the disproportionate influence Facebook exercises over Indian journalism and how it induces conformity and isomorphism in the journalistic field by nudging journalists to incessantly produce more of the same "shareable" content. It focuses on the efforts of 7 alternative news startups in South India to diversify news coverage: *Azhimukham*, *Doolnews*, *The Cue*, *SouthLive*, *Asiaville*, *Marunadan Malayali* and *The Woke Journal*. In-depth interviews (n=11) and qualitative textual analysis of their mission statements indicate that these startups have a clear reformative agenda, criticizing and hoping to distinguish themselves from the mainstream media's elite-controlled, partisan, sensationalist reporting that ignores issues affecting the marginalized. Key to these startups' claims to be alternative is the dedicated, ground reporting of issues faced by the LGBTQ+ community, Dalits and Adivasis. However, as digital-only publications, they are 'infrastructure-dependent' on Facebook to circulate their content, reach an audience and convince them about the need for their diverse, inclusive and alternative journalism and to earn revenue (Nechushtai, 2018). This paper investigates the repercussions of this reliance on startups' pursuit of diversity using the theoretical framework of platformization (Nieborg & Poell, 2018).

Platformization affords a critical inspection of the exercise of platform power through the elements of its infrastructure and business models, asking why platforms conduct user activity in certain ways. This allows us an entry point to what several interviewees, like the participant from *Doolnews* (quoted in the epigram), remarked: the reliance on Facebook complicates their execution and realization of alternative journalism as the platform holds the key to the audience. I show that Facebook exerts strong network effects because of the audience size, mechanisms for interaction and its widespread usage for incidental news consumption (Aneez et al., 2019). This gives the platform power to nudge content production subtly by making journalists' access to the audience conditional on whether the algorithm recognizes their 'relevance' to the audience. The equation of 'shares' and other audience metrics to 'relevance', becomes a powerful mechanism through which the platform governs news and induces a thirst for popularity (van Dijck et al., 2018). This serves Facebook's interest as user activity and spread of content accentuates their value to advertisers. By conducting

content through the inculcation of the sensibility of shareability, the platform ensures a steady supply of content that is 'tailored according to the needs of the platform, down to the length, breadth and shape', as a participant from *Cue* put it.

After demonstrating how platform power operates through the cultivation of infrastructural reliance and how startups' production is channeled to fuel Facebook's vested interests, I discuss the wider implications. The pressure to produce shareable content nudges startups towards Facebook staples such as trending topics, live videos and breaking news. The imperative to chase after trends and instantaneous news updates to gain shares and better visibility dilutes startups' agenda-setting power and pursuit of diverse, inclusive coverage. In their manifestos, several startups had emphasized the persistent and in-depth coverage of a diversity of topics ignored by the mainstream media and placing them on the public agenda as integral to their mission. However, these commitments get put on the back-burner when breaking news, trending topics and videos are pursued (Poell & van Dijck, 2014). Moreover, as trending topics are determined on the basis of heavy user activity, marginal issues become niche, 'nice-to-have' pieces while sensationalist coverage of politics and entertainment become imperative to day-to-day survival and visibility. Their claims to altertness are dampened as trending topics brings forth more of the same, leaving their content indistinguishable from the mainstream media's profuse, monotonous coverage of breaking news (Caplan & boyd, 2018). Startups are roped in to serve the platform's demand for a steady flow of easily-consumable, ambient (video) content that retains user activity, amping up Facebook's value for advertisers without benefiting much themselves (Hermida, 2010). In this way, the values and interests that drive the design of Facebook's algorithmic infrastructure induces isomorphism in the Indian journalism landscape, and constrains how organizational change in the news industry is catalyzed (Caplan & boyd, 2018).

Even though several startups adopted buffering strategies, continuing to cover marginalized issues at the risk of losing audience attention or revenue, they had to divert resources to incessantly produce fodder for the News Feed algorithm repurposing content from news wires or celebrity social media updates. Taking into account startups' precarious financial situation and their lack of a pre-existing audience base and the consequent reliance on Facebook, it is clear that the platform exerts disproportionate power in this equation. This elaborate explication of platform power underlines Facebook's influence over the direction in which change takes place in the Indian journalism field. The interventions that startups propose, especially their bid to remedy the lack of diversity in main-

stream news coverage, are extremely necessary in the current information landscape where media coverage serves majoritarian and elite interests and hampers the health of the democracy.

In the following sections, I provide a brief context of startups' reliance on platforms such as Facebook and outline the concerns this raises based on a literature review of platform studies research. I outline startups' reformative ambitions and the role they assigned to Facebook in their realization. Next, I discuss in detail how shareability is made to matter by the platform, how it compels startups to cover certain content types and formats and the implications on news diversity. Then, I show that startups struggle to realize their alternative ambition, which has repercussions on Indian journalism's trajectory. I conclude with a call for policy support and greater platform accountability to protect the health of the information landscape.

JOURNALISM STARTUPS AND PLATFORMS: A CO-DEPENDENT RELATIONSHIP

Digital journalism startups erect a powerful challenge to the elite-controlled, sensationalist status quo in Indian journalism, proposing to revitalize journalism by grounding news practice in conventional journalistic values such as verification, objectivity and public commitment (Chadha & Koliska, 2016; Prasad, 2019). They vow to be impartial, hold the elite accountable and to retain public attention on issues affecting marginalized communities. Yet, as new entities with limited resources, they face an uphill battle competing against reputed mainstream media outlets. Startups have to earn the audience's trust from scratch, demonstrating the importance and legitimacy of the quality, alternative journalism that they offer, while legacy media can largely take that for granted.

Facebook and other platforms are crucial in this regard as they hold the key to the audience with 32% of Indians consuming news via search engines and 24% via social media platforms (Aneez et al., 2019). Facebook, which boasts 328 million monthly active users, is a crucial avenue for startups to reach their audience, get to 'know' them through analytics and to forge bonds of trust by interacting with them (Mathur, 2019). Platforms also impact startups' financial sustenance as 70 to 80% of India's digital advertising is routed through Facebook and Google (Nielsen, 2019). By circulating content and monetizing it through platforms, startups can potentially sidestep pressure from advertisers, media owners or editors to placate political and corporate elites. Yet, Facebook is no haven for criticizing influential politicians or businesses as instances of blocking, account suspension and shadow-banning are widely

reported by journalists (Patil, 2019; Soundararajan et al., 2019).

Indian journalism startups believe that social media platforms, if used effectively, can level the playing field allowing them to compete with mainstream news outlets for the audience's patronage (Robinson et al., 2015). By cultivating a large and consistently engaged following online they can attract venture capital, ads, donations or subscriptions (Girija, 2019). In practice, however, startups find that platform spaces are heavily striated. Rather than being neutral conduits for their content, platforms are strategic actors that favor certain kinds of content production and producers over others. Platform studies research attests to this view of platforms, maintaining that platforms structure and constitute our experience online, influencing the content that users get to see (Gillespie, 2015, 2018). Through elements of design and technical architecture like code, metrics, algorithms and interfaces, platforms guide user action and prescribe terms for participation (Cheney-Lippold, 2011; Stanfill, 2015). Journalists have to be responsive to these clues regarding the ideal use of the platform to be successful. For instance, De Vito (2017, p. 10) illustrates that in a platform like Facebook that maintains "friend relationships" as central, the 'sharer' of the news content becomes more important than the news source. This nudges journalists and news outlets to cultivate 'likeable' personas on Facebook (see also Cohen, 2019; Sterrett et al., 2019).

Platforms challenge journalists' autonomy, "unbundling" news production (van Dijck et al., 2018). Journalists' agenda-setting power or their ability to prioritize the importance of news stories (through their placement in the front page, for instance) is bypassed by platform algorithms that accord visibility to pieces of news content based on 'relevance'. Startups' reliance on platforms as a distribution channel often clashes with their proposals to focus on topics ignored by the mainstream media (Nieborg & Poell, 2018). This is because platforms exhibit a strong affinity for – and reward with greater visibility and circulation – viral content like breaking news and entertainment content. The pursuit of shareable, activating content can lead journalists towards certain topics, emotional registers and content formats (Hurcombe et al., 2019).

At a macro level, the values underlying the creation of platforms' algorithmic systems have the capacity to guide change across the news industry (Caplan & Boyd, 2018). The value systems that underlie platforms are geared towards profit-making, aiming to increase user interaction and thereby attracting advertisers. This conflicts with journalistic values, chiefly its public service commitment (van Dijck et al., 2018). Verification, objectivity or ethics recede to the background when journalists write content not just with an imag-

ined audience in mind, but also imagined algorithms that surface engaging content (Bucher, 2018; Carlson, 2018; Napoli, 2015). This cultivates a sensibility that privileges popularity over public interest (Anderson, 2013; Cherubini & Nielsen, 2016). In the case of alternative journalism startups, Facebook's nudging towards (sensational) modes of practice seems to be at odds with the transformation they seek to bring about in the field (Marres, 2018).

While journalists do offer pushback to these platform directives, there is a considerable power asymmetry between giant platform companies who have a large concentration of users (and data) and news outlets (Burgess & Hurcombe, 2019; Nielsen & Ganter, 2018). Very few publications risk not having a presence on platforms as they have become crucial for circulation, audience and revenue. Silicon Valley institutions, which are at a higher power structure relative to journalism, even have a say in which publishers survive, often privileging established, moneyed media because algorithms prioritize scale (Vos & Russell, 2019). Startups are under extreme pressure to play by platforms' rules as recognition and visibility among the audience and revenue are conditional on how they score on platform metrics.

The different levels at which platforms influence startups and their reformative intent can be mapped using the theoretical framework of platformization. It provides a holistic picture of platforms' influence examining "the penetration of economic, governmental and infrastructural extensions of social media platforms into the web and app ecosystems, fundamentally affecting the operation of cultural industries" (Nieborg & Poell, 2018, p. 4276). Platformization interrogates the politics of platforms by laying bare how cultural production such as newsmaking are made contingent on platforms' accumulative interests. The dependence on platforms' infrastructure, such as Instant Articles, metrics, analytics, APIs and so on, for news production, circulation, consumption and monetization renders them susceptible to platform control. Platforms channel and mold these activities to cement their market dominance, acting as a multisided market that mediates the needs of different sets of end users. They rope in news outlets to keep creating and sharing content with the promise of an engaged audience while also nudging this production to keep users on the platform longer and appeal to advertising interest.

While platformization has been valuable in studying alternative journalism practice in India and their efforts to promote diversity, I found it imperative to supplement this perspective with greater attention to context, news cultures, existing hierarchies and power relations that order the journalism field. For instance, I go beyond stating the obvious; that startups struggle

to compete with legacy media that have more financial backing, editorial resources and name recognition on Facebook too. I show the imbrication and interaction of societal status quo, dominant news culture and platform power in keeping alternative news startups stuck in a perpetual loop of precarity. Startups' lack of autonomous distribution channels (compared to legacy TV and print news especially), a political climate inimical to counter-majoritarian discourse and advertisers preferring commercially viable, non-problematic content act together, in collusion and conflict, to bring about this state of affairs.

METHODS

Seven Malayalam-language news startups that had an alternative orientation relative to the mainstream media were selected for this study. These operate in the South Indian state of Kerala. These are: *Azhimukham*, *Doolnews*, *The Cue*, *SouthLive*, *Asiaville*, *Marunadan Malayali* and *The Woke Journal*. *Marunadan Malayali* which dates back to 2007, is the longest surviving startup. *DoolNews*, *Azhimukham*, and *SouthLive* were formed in between 2009 and 2014. The other publications are much newer, having come up within the past two years or so. Startups that provided daily news (and not just entertainment or science, for example) were chosen based on their popularity and significance. Given that we are interested in their use of Facebook, I prioritized startups that had a considerable following in terms of 'page likes' and an active presence on Facebook.

The focus on startups within one Indian state has the benefit of bringing out the institutional power relations within which journalists function. Kerala¹ is a promising site for empirical study, being the Indian state with the highest literacy and per-capita news consumption rates (Jeffrey, 1997, 2009) and having witnessed mushrooming of digital journalism startups that seek to exploit the affordances of widespread mobile phone and internet penetration. However, the political, cultural and linguistic context and the trajectory of journalism in Kerala is distinct from other states (as would have been the case with any other Indian state). Therefore, the results might not be generalizable or representative of 'Indian journalism'. But, the attention to context-specific problems that confront journalism in the state and the existing power differentials that characterize the news landscape (especially the impact and stature of legacy media) offers a template that can be replicated in other regional contexts.

In-depth, semi-structured interviews with 11 founders, editors and multimedia producers were conducted between March and April 2020. Individuals who could speak representatively about the orga-

nization, daily conduct and larger goals were selected as key informants (Usher, 2017). They had extensive knowledge of the journalism field in Kerala, having been involved in various roles over their career and were familiar with the main players and the specialized language and conduct of journalistic practice (Lindlof & Taylor, 2011). The findings presented here are a part of my Master's thesis which involved additional methods such as the discursive analysis of these startups' mission statements which provided insight into these startups' reformative intent and positioning within the larger journalism landscape. Interviews proved to be an appropriate method of understanding how these transformative ambitions and organizational goals translated into practice. Specifically, for the purposes of this paper, interviews provided insight into the semaking practices of these journalists as they translated these objectives into routine practice and in negotiation with platforms like Facebook, which have come to be an integral part of their day-to-day.

Snowball sampling was effective in identifying and reaching interviewees as the journalists were part of a professional network. Since the interview period coincided with the start of the COVID-19 pandemic in India, recruitment was challenging with lockdown restrictions and journalists being hardpressed for time, leading to a smaller sample of interviewees than planned. The sample used in the end had a greater proportion of men to women (3:2). This is reflective of the larger trend as there are fewer women in higher positions (such as founders and chief editors) while overall, women outnumber men (Gender Inequality in Indian Media, 2019). The interviews were conducted in Malayalam and were audio-recorded. They were translated to English during transcription to aid analysis. The informed consent form gave participants the option to choose to keep their name and/or startup's identity anonymous, even though no one chose the latter option. In accordance, job titles and other identifiable information has been removed, keeping only the organization's name. Participants could also request certain portions of the interview conversation to be kept off the record – which were subsequently excluded from analysis and publication. The analysis of the data collected was carried out through open and axial coding techniques (Corbin & Strauss, 2008).

Facebook as an ally of alternativ journalism

Startups' "About Us" pages articulate a reformative intent, proposing to revise Indian journalistic practice by strictly adhering to core tenets of journalism and using digital technologies to connect with their audience in novel ways. They set themselves apart from the mainstream media by pledging to hold the elites accountable and be impartial, describing themselves as 'fearless', 'honest', 'independent' and 'non-com-

promising'. Facebook and the advertising revenue from the platform are key as startups become less dependent on direct canvassing for advertisements and therefore, can be unbiased and speak truth to power. Startups can publish news without censorship as they need not placate advertisers' interests regarding the content that features their ads since Facebook functions as an intermediary that routes ads.

Facebook as a distribution channel and a revenue generation mechanism promises startups more autonomy in naming offenders and being more direct in their criticism. This was viewed as a welcome break from the heavy-handed editorial control and censorship that resulted from the oligopolistic ownership of mainstream media by a handful of corporations with close ties to political parties. The participant from *Marunadan* drew such a contrast:

When I was working in print media, PK Kunhalikutty [a minister at that time] was accused of sexual harassment. The media didn't reveal his name on the first day, referring to him as a 'prominent personality'[...] The comfort I feel in digital media is that there is no pressure from a media management above them. In Kerala, all the traditional media are owned by rich, established managements who have other businesses as well. So they will have vested interests in companies like Muthoot and that will lead to not addressing news that involves them or not naming an offender. Small scale media houses are not held down by such oligopolistic, capitalist corporate management pressure and can bravely name the offenders. (Participant, *Marunadan Malayali*)

According to him, legacy media's shielding of elite interests becomes untenable with Facebook affordances such as the live video that permits any layperson to break news and reveal the identity of "prominent personalities" or "reputed institutions". This emboldens news startups to be more fearless.

Further, Facebook offered an egalitarian space for startups to compete on level footing with mainstream media. As the participant from *Doolnews* noted, "It is a competition between links on social media. Do they have an attractive title, is it a relevant subject – then they get noticed first". By producing quality news content that is appealing to the audience, a startup could potentially outstrip legacy media outlets to become a trusted news source. By consistently delivering good content and adhering to progressive democratic politics and a commitment to the truth, startups can use Facebook to build an "intimate bond" with the audience, according to the participant from *Azhimukham*. Through sustained

interactions with the audience on Facebook, startups can shift the culture of news consumption, introducing more diversity. Startups can focus on the issues of 'the people that the mainstream media discards' such as Dalits, queer folk, rural populations and the poor with more autonomy, as one of the participants from *The Cue* put it. Thereby, they hope to usher in a new culture of consuming news, broadening the audience's perspectives and awareness using new, more conversational and digital-native formats.

In sum, Facebook was seen as an ally to alternative journalism that renders mainstream news practice untenable. Facebook levels the playing field through the provision of a distribution channel, mechanisms for interacting with an audience and building their trust as well as avenues for generating revenue without being directly dependent on (and beholden to) politicians and businesses for advertisements. These would enable startups to shift the news culture to more inclusive, impartial registers.

THE PURSUIT OF SHAREABILITY

Several interviewees equated the number of shares they received for a particular piece of content, especially those that spoke their brand, as an indication of the trust they enjoy. Shares come to stand in for resonance: the audience's approval of their quality journalism and startups' ability to be responsive to the audience's interests. This equation is engineered by Facebook's packaging of audience's interests and content preferences – through metrics and analytics – and inducing changes in their newsmaking through platform-recommended practices (c.f. Turow, 2005). Subjecting shareability to scrutiny is vital as it comes with the risk of replicating several mainstream ills startups purported to correct, thereby hindering trust-building.

Facebook engenders reliance by materializing the audience and making startups' access to them conditional. The participant from *Azhimukham* detailed that their view of the audience is through individual messages sent by the audience, the demographic information provided by Facebook Analytics and the Facebook groups and profiles² where their content gets shared. While these infrastructural elements permit a glimpse of the audience, startups' access to the audience is intermittent at best, as the participant from *Doolnews* described:

Because the Facebook algorithm keeps changing every 6 months, often publishers face sudden increase or decrease in traffic. Now, liking a page is not enough nor following the page, only users who interact with the page will get to see newer posts in their News Feed. So it might

take say 3 months for the posts to appear on the Feed of a consistent reader of ours. Only then will they wonder why they haven't seen content from *Doolnews*, are they still around? *Doolnews* is updating regularly, but if they ignore 3 or 4 or 5 posts then Facebook will decide that that person does not want to follow *Doolnews* and discards it. (Participant, *Doolnews*)

As he identifies in the epigram, Facebook exerts strong network effects because of the audience size, mechanisms for interaction, tools that it offers and its widespread usage for incidental news consumption. Startups become dependent on Facebook which makes their access to the audience conditional on whether the algorithm recognizes their 'relevance' to the audience. Shares are *made to matter* as an indicator of relevance and as an audience activity that increases their reach and credibility. Therefore, startups invest in understanding what their audience is likely to enjoy and share. This is definitely in Facebook's interest as user activity and spread of content accentuates their value to advertisers.

Audience data, made actionable as metrics, becomes a powerful mechanism through which the platform governs news and induces a thirst for popularity (van Dijck et al., 2018). Knowledge about the audience and the journalism they desire is packaged through their analytics suite and other tools that help improve 'engagement' (narrowly understood in terms of platform metrics). Through the industrial construction of the audience's trust, popularity indicators are made desirable (Turow, 2005). Engagement metrics and virality (as audience's approval) confer newsmaking practices legitimacy, which was evident from interviewees mentioning top-grossing content as proof that they enjoy the audience's trust. However, it raises concerns: *what kind of journalism is fostered by the privileging of shareability and how does it impact startups' emphasis on covering marginal issues?*

Marunadan Malayali's journalism, similarly, gets ratified by their success on the platform. They do not try to make their posts go viral on social media, but they do so "naturally" as the participant explained:

I feel there are couple of things to this. Time is very important. Even if it is a very good story, if it has already appeared in other media – that is if we are late in reporting – it is not going to get much traffic. The thumb that we use in each post also matters. It will not be very effective if we say 'Italy, 2,000 dead' but if we say 'Italy is collapsing', it works much better. There should be a word magic in the titles. (Participant, *Marunadan Malayali*)

Marundan caters a journalism to the masses that satiates the appetite for instant, entertaining, share-worthy and voluminous news, which is desired and promoted by Facebook. They also respond to an appetite for polarizing political debates by creating multiple videos on controversial issues, each airing a partisan (and often extreme) viewpoint. That the audience expects and enjoys such content becomes a justification for their sensationalist, polarized content and lack of an editorial standpoint. Moreover, as they depend on revenue from platforms to retain their independence, they maintain that they have to tailor their journalism to the culture that works on these platforms to remain visible and viable. The popularity and financial success of *Marundan* also serves to exemplify the journalism that works best on the platform. Even startups that explicitly distanced their journalism from *Marundan's* adopt pages from their playbook for short-term success. The following sections examine how startups' production is nudged towards popular modes and the resulting impact on their transformative ambition and trust-building.

BREAKING NEWS, CROWDTANGLE AND AGENDA-SETTING

Startups find it essential that they cover breaking news and other trending topics: easy, everyday ways to deliver on their commitment to be responsive to the audience's interests. However, the imperative of shareability seeps into news practice when the potential for further user activity on Facebook influences the selection of topics, the cadence of news and its presentation. This has repercussions on startups' agenda-setting power. *Azhimukham*, for instance, transformed from a magazine publishing a maximum of five pieces of long-form content a day to a daily news outlet that provides continuous updates because "news gets traction on social media". The rationale for selection was similarly based on the prioritization of "issues that can serve as the basis for daily debate and discussion".

Figure 1

Screengrabs from Doolnews Updates, which sums up the Covid-19 briefing by the Chief Minister, The Woke Journal's use of live video to do a newspaper roundup program and SouthLive's celebrity interview



SouthLive recognized that their target audience, young social media users, tend to share current information and engage in discussions on topics of societal debate. Therefore, they use lengthy titles that convey a position and the matter of the story, which makes it "easy for them to share it as their opinion on an issue":

People would take our content and use it to comment and debate and share on platforms. [...] What we tried to do was to bring in share-worthy elements in the title. Things that allow them to engage, to share and comment. Readers should be able to engage – it doesn't have to be with us – to engage with others on platforms. (Participant, *SouthLive*)

As brand awareness is seen as a precursor to trust building, gaining mileage through shares among a target audience takes precedence over ensuring that users read their article.

The imperative to get through to the audience also induces the adoption of the (live) video format among these startups. *The Woke Journal*, an outlet that explicitly criticizes social-media-optimized journalism in their manifesto is nudged to conform as they need reach to realize their journalism. When video becomes imperative to survival, startups with limited resources divert resources initially dedicated to long-form analytical content to news reading and interview formats reminiscent of TV news (See Figure 1³).

The shifts to live video and breaking news are actively fostered by Facebook. Beyond the promise of better viewership, in the words of the participant from *Doolnews*, Facebook "forces" startups to do videos by conducting training programs. Journalists are given inputs on producing videos cheaply, but he remarked that they are not seeing returns from it. Further, engagement data and the list of trending topics made available through CrowdTangle, a content discovery and analytics tool freely available to publishers, spur the publication of breaking news content. CrowdTangle alerts startups about topics that witness high user activity on Facebook and other platforms. Startups respond by quickly churning out stories, translated from news wires or social media updates (Moyo et al., 2019). This erects a challenge to verification as getting to news before legacy outlets takes precedence over fact-checking.

gle alerts startups about topics that witness high user activity on Facebook and other platforms. Startups respond by quickly churning out stories, translated from news wires or social media updates (Moyo et al., 2019). This erects a challenge to verification as getting to news before legacy outlets takes precedence over fact-checking.

The spur to chase after trends and instantaneous news updates to gain shares and thereby better visibility dilutes startups' agenda-setting power. In their manifestos, several startups had emphasized the persistent and in-depth coverage of a diversity of topics ignored by the mainstream media and placing them on the public agenda. However, these commitments could take a backseat when trending topics and videos are pursued (Poell & van Dijck, 2014). Moreover, as trending topics are determined based on heavy user activity, it could detract attention from marginal issues. Their claims to legitimacy, trust and distinction are dampened as trending topics brings forth more of the same, leaving their content indistinguishable from the profuse, monotonous coverage of breaking news (Caplan & boyd, 2018). In this sense, they serve the platform's demand for a steady flow of easily-consumable, ambient (video) content that retains user activity, accentuating Facebook's value for advertisers without benefiting much themselves (Hermida, 2010).

SHARING COMMODIFICATION

By mediating and exerting strong control over startups' access and relationship with the audience, Facebook challenges the realization of quality journalism, their claim to legitimacy and what distinguishes them from the mainstream. The primacy of the imperative to gain reach and engagement to be visible (and engage in trust-building after) induces a prioritization of shareability. This challenges startups' intent to place marginal issues on the public agenda, expand the capabilities of their audience to understand news in depth and be unbiased. These interventions are essential in Indian journalism because of the subservience of mainstream media practice to elite interests and profit motives. What explains this tension?

Startups, and journalism in general, become infrastructurally dependent on Facebook to reach their audience (Nechushtai, 2018). They rely on the News Feed, metrics and tools like CrowdTangle to work towards trust-building in various ways. We already discussed how the provision of infrastructural elements and the prioritization of shareability enforced through them, induces production that cements Facebook's competitive position (Nieborg & Poell, 2018). The consolidation of Facebook's business interests goes beyond the promotion of user activity and the subsequent accrual of ad interest (Marres, 2018). Startups' innovative ambitions and quest to build trust are locked in within the platform and is subservient to its accumulative interest through "sharing commodification" (Dwyer & Martin, 2017, p. 1086).

Facebook's architecture and the ecology of connected products like CrowdTangle foster a commendatory culture that emphasizes practices like sharing, their measurement and analysis (Dwyer & Martin, 2017). Facebook accquires value by producing and supplying data on news sharing that are of interest to journalists (to optimize their production) and advertisers (to know which publication will fetch the most ROI). This data is also fed back into Facebook to determine how news content is surfaced on the platform. By making their (financial) survival and circulation conditional, journalists are governed by motivating them to optimize their newsmaking to beget more shares. Simultaneously, Facebook gains power when their proprietary metrics come to represent public opinion (McGregor, 2019). The inculcation of the sensibility that sharing equals trust or success further cements Facebook's centrality and indispensability for journalism and effects a perpetual cycle of precarity.

When startups purport to earn their audience's trust and legitimacy as a credible news source as directed by Facebook's nudges, their progression towards trust and eventual independence is hindered by the platform. Through the conduct of content (punitive measures, design, the sensibility of shareability, promise of visibility and viability) the platform ensures a steady supply of content that is 'tailored according to the needs of the platform, down to the length, breadth and shape', a participant from *The Cue* put it. Startups who failed to be agile and 'think in social media terms' struggle to retain their dominance. *SouthLive*, for instance, lost out on their market position as the 5th most engaged publication with the pivot to video. As startups try to keep up with the latest platform-recommended practices, their commitment and claim to trust through quality journalism becomes a side-job. They remain in a *perpetual loop of precarity* as short-term survival takes precedence over their long-term ambition to gain trust through a distinct, quality journalism. As they constantly at risk of losing their nascent audience-base, they *have to* play by Facebook's demands. They fail to remain indistinguishable from legacy media and yellow news outlets.

Startups' journalism becomes a contingent commodity that has to shapeshift according to the platform's wishes, which challenges the professional practice (and privilege) of journalism – the thrust of these startups' claim to trust (Nieborg & Poell, 2018). This opens up the risk of journalistic values and gatekeeping being eclipsed by algorithmic values (DeVito, 2017;

van Dijck et al., 2018). Interviewees invoked both algorithmic and editorial criteria when they were asked about news judgement but in describing their routine work processes, shareable breaking news stories were low-hanging fruit that they could not miss. When shares and engagement determine the selection of content by startups and its curation by the News Feed algorithm, the trust and authority journalists accrue by selecting information in public interest is undermined. Moreover, the public service mission of journalism is compromised by the privileging of ‘sharing’ wherein what interests the public takes precedence over journalists’ professional judgement over what the public should know.

While these observations on Facebook’s molding concurs with previous research on platformization of journalism (van Dijck et al., 2018), the impact is dire on Indian startups who are already on unequal footing compared to the legacy media. When startups get roped in to publish more of the same their claim to be legitimate and trust-worthy actors are eroded, so are their aims to consistently showcase quality journalism distinct from the mainstream. The imperative to be visible on the platform replicated legacy media’s sensationalist coverage of daily news without any in-depth analysis, catering to popularity rather than to improve the public’s access and ability to make sense of the news.

Yet, it is not the case that startups complied by the diktats of metrics and platform pressures, the insistence on quality journalism also works as a pushback. Most startups viewed Facebook as a monopoly that was indifferent to journalism because of their direct interference in their work. However, even with the challenges outlined above, they normalized platforms as a necessary evil in the short-term to know the audience, engage in trust-building and earn revenue. By temporarily adhering to Facebook’s rules, they could get their journalism across to the audience, win their trust and move to a subscription model.

STARTUPS PUSH BACK, YET...

So far, the paper has traced a rather pessimistic picture of Facebook suppressing alternative journalism startups’ best efforts. This does not mean that startups took Facebook’s incursions over their autonomy without protest. Nor were they unaware of Facebook’s nudges towards content that has a popular appeal at the expense of elite criticism or more diverse coverage. The participant from *Asiaville* had a succinct take on this:

What journalists need to do is not to work for Facebook or other social media. We do have to do stories that are trending on social media but

we cannot work solely for that. That and giving space to articles that are trending are two different things. What I think is that trending topics are important to show our presence in a platform where there are billions of people. At the same time, just because they say something or if they change the algorithm, we cannot start orienting our work towards that, the only route in front of us is to say no. (Participant, *Asiaville*)

Asiaville and several other startups resorted to buffering strategies wherein they devoted part of their resources to the production of trending topics and other fodder for the News Feed while others work on flagship content that speaks to their brand. Startups can thereby continue to question elites, challenge abuse of power and cover issues that affect the queer community, Dalits or Adivasis. In fact, most startups maintained that diverse, inclusive coverage and elite criticism were core ideals that defined their alternative journalism project and would not be compromised just for success on Facebook. They would continue to do such pieces of content that require a lot of effort and money to produce even if it meant losing out on revenue from Instant Articles. Startups hope that if they stay true to their commitment to quality journalism and progressive ideals and the audience they build on Facebook, they will eventually be able to bypass mediation by platforms and move to a subscription model.

ISOMORPHISM IN THE JOURNALISM FIELD

Looking beyond whether startups continue to hold elites accountable or cover marginal issues, we should ask whether their journalism effects the intervention they propose to Malayalam journalism. While the platform’s ‘molding’ applies to journalism in general, it has a disproportionate impact on Indian startups because of their financial precarity and their lack of an autonomous distribution channel. Most startups struggle financially and subsist on starting capital pooled in by founders, grants from IPSMF and canvassing for direct ads. Search and social media revenue, while not substantial, are still important. They are under pressure from investors and funding agencies to show returns, growth and performance, which are often measured using Facebook’s metrics. Their precarious financial situation engenders dependence on Facebook’s infrastructure in the short-term: to get revenue through Instant Articles, reach an audience, attract native advertising through readership numbers and social media engagement etc. To guarantee their survival, they have to be agile and adjust their production in ways desired by the platform. *Azhimukham*, for instance, forgoes revenue on some content so that they can continue to hold elites accountable. However, if they do only that, in addition to losing out all revenue from

Facebook, their content might not even be surfaced on their loyal audience’s News Feeds. They turn to hybrid strategies and supplement their primary concern with platform-preferred modes to remain viable, covering celebrity social media updates and breaking news while trying their best to verify information, avoid clickbait and be sensitive.

Startups endlessly try to catch up to the mainstream media, not having yet found the ‘equitable’ space Facebook offers. Mainstream media are comparatively insulated from platform pressures as they have alternate modes of circulation, revenue from (TV and print) subscription and capacity to attract advertisements. By reallocating resources and repurposing existing production, legacy media can quickly meet the changing demands of the platform. For instance, the demand for video content could easily be fulfilled by using footage from TV news and redistributing or hiring new personnel, while startups like *SouthLive* and *Azhimukham* suffered a setback in their market position. A participant from *Asiaville* described startups’ precarity compared to the relatively stable mainstream media: “The main challenge is that legacy media looks at steady growth in viewers and TRP, we have to look at it daily”.

When startups’ survival is made conditional by Facebook, it initiates a perpetual loop of precarity: to gain an audience and be financially sustainable, startups need to set themselves apart from the mainstream (flaws) and create a need for their quality journalism. Yet, they can engage in trust-building only if they are visible to the audience and safeguard their financial viability in the short-term. To do both, they resort to Facebook staples such as trending topics, live videos and breaking news, thereby replicating mainstream media practice. In this way, the values that drive the design of Facebook’s algorithmic infrastructure induces isomorphism in the Malayali journalism landscape, and constrains how organizational change in the news industry is catalyzed (Caplan & boyd, 2018). The lack of a distinct identity leaves the introduction of a subscription model unrealistic in the near future in a context where the audience is not used to paying for online news (Panchal & Chaudhary, 2016).

NOTES

¹ Kerala is a state in the south-west of the Indian subcontinent. Even though it is among the smallest Indian states in terms of area and population, it is quite significant especially in terms of the sociopolitical makeup and development indices. Bucking the trend among the rest of the India, Kerala boasts high levels of literacy and more number of women than men (1084:1000 as compared to the national average of 943:1000, according to the 2011 census). Politically, it is among the only states in India to have a Communist party in power – Communist Party of India (Marxist). It was the first state in the world to democratically elect a communist party into power in 1957 (Thomas, 2014). It currently is the only state in India

CONCLUSION

Existing research on Indian journalism startups that evaluate their efficacy to disrupt mainstream journalism practice (Prasad, 2019), should consider the entrenchment of status quo by extra-journalistic actors such as platforms. Startups’ transformative impact is constrained by Facebook’s structuring of possibilities and the interests of other actors, such as elites, that are refracted through it. Facebook’s alignment with the mainstream media should be problematized as startups raise valid concerns regarding their biased coverage and lack of critical commentary. When legacy media content passes through Facebook’s censorship and fake news mechanisms, they indicate subtly what forms of journalism are “standard” and viable on the platform. With the establishment of mainstream media staples as standard, elite criticism, in-depth analysis of political issues and coverage of marginal concerns take a backseat. Startups’ struggles to gain recognition as legitimate actors, complicated by Facebook’s structuring, are exacerbated by the striations and hierarchy within the journalism field.

The paper addresses the conspicuous absence of academic inquiry into the platformization of journalism in non-Western contexts and the path-dependencies that mark the process. Using empirical research, it has uncovered the imbrication of platform power with elite interference and asymmetries that mark the culture of journalism. There is a need for similar analyses in other regional news contexts within India and in other Global South contexts. The in-depth insights into Facebook’s intervention in Indian journalism explodes the platform’s claims to be a neutral intermediary. It is an interested actor that conducts journalism to further its interests in the context. This should bolster calls for more platform accountability as well as policy and financial support for journalism startups that pose much needed interventions to the Indian journalism field.

Submitted on 10/11/2022
Accepted in 02/03/2023

where the Hindu nationalist Bharatiya Janata Party (the majority party at the National level) does not have an elected representative in either the state nor the national legislatures.

² Strange as it may seem for a publication to check their follower’s profile, there is an argument to be made about how Facebook affords it through the new ‘Top Fan’ badge, although we did not cover it in the interview. (“Top Fan Badge,” n.d.)

³ The reporters in these screenshots were not among the interviewees. They were taken from these startups’ public Facebook posts to provide an idea of generic formats.

REFERENCES

- Anderson, C. W. (2013). Towards a sociology of computational and algorithmic journalism. *New Media & Society*, 15(7), 1005–1021. <https://doi.org/10.1177/1461444812465137>
- Aneez, Z., Neyazi, T. A., Kalogeropoulos, A., & Nielsen, R. K. (2019). *India Digital News Report* (p. 28). Reuters Institute for the Study of Journalism. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-03/India_DNR_FINAL.pdf
- Bisen, A. (2019, April 24). Disinformation Is Drowning Democracy. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2019/04/24/disinformation-is-drowning-democracy/>
- Bucher, T. (2018). Programming the News. In *If...then: Algorithmic power and politics* (Vol. 1). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190493028.003.0006>
- Burgess, J., & Hurcombe, E. (2019). Digital Journalism as Symptom, Response, and Agent of Change in the Platformed Media Environment. *Digital Journalism*, 7(3), 359–367. <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1556313>
- Caplan, R., & boyd, danah. (2018). Isomorphism through algorithms: Institutional dependencies in the case of Facebook. *Big Data & Society*, 5(1), 203951718757253. <https://doi.org/10.1177/203951718757253>
- Carlson, M. (2018). The Information Politics of Journalism in a Post-Truth Age. *Journalism Studies*, 19(13), 1879–1888. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1494513>
- Chadha, K., & Koliska, M. (2016). Playing by a different set of rules. *Journalism Practice*, 10(5), 608–625. <https://doi.org/10.1080/17512786.2015.1032324>
- Chakrabarti, S., Stengel, W. L., & Solanki, S. (2018). *Duty, Identity, Credibility: Fake news and the ordinary citizen in India* (p. 110). BBC.
- Cheney-Lippold, J. (2011). A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control. *Theory, Culture & Society*. <https://doi.org/10.1177/0263276411424420>
- Cherubini, F., & Nielsen, R. K. (2016). Editorial Analytics: How News Media are Developing and Using Audience Data and Metrics. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2739328>
- Cohen, N. S. (2019). At Work in the Digital Newsroom. *Digital Journalism*, 7(5), 571–591. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1419821>
- Corbin, J. M., & Strauss, A. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (3rd ed.). Sage Publications.
- de Zúñiga, H. G., Jung, N., & Valenzuela, S. (2012). Social Media Use for News and Individuals' Social Capital, Civic Engagement and Political Participation. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 17(3), 319–336. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2012.01574.x>
- DeVito, M. A. (2017). From Editors to Algorithms. *Digital Journalism*, 5(6), 753–773. <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1178592>
- Dwyer, T., & Martin, F. (2017). Sharing News Online. *Digital Journalism*, 5(8), 1080–1100. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1338527>
- Gender Inequality in Indian Media: A preliminary report*. (2019). UN Women.
- Ghoshal, D. (2019, June 28). Modi government freezes ads placed in three Indian newspaper groups. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/us-india-media-idUSKCN1T-T1RG>
- Gillespie, T. (2015). Platforms Intervene. *Social Media + Society*, 1(1), 2056305115580479. <https://doi.org/10.1177/2056305115580479>
- Gillespie, T. (2018). *Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions that Shape Social Media*. Yale University Press.
- Girija, S. (2019). Political Economy of Media Entrepreneurship: Commercialization and Commodification in a Digital News Media Enterprise. *Journal of Media Management and Entrepreneurship (JMME)*, 1(1), 27–39. <https://doi.org/10.4018/JMME.2019010102>
- Hermida, A. (2010). *Twittering the News: The Emergence of Ambient Journalism* (SSRN Scholarly Paper ID 1732598). Social Science Research Network. <https://papers.ssrn.com/abstract=1732598>
- Jeffrey, R. (1997). Malayalam: "The Day-to-Day Social Life of the People..." *Economic and Political Weekly*, 32(1/2), 18–21.
- Jeffrey, R. (2009). Testing Concepts about Print, Newspapers, and Politics: Kerala, India, 1800-2009. *The Journal of Asian Studies*, 68(2), 465–489.
- Hurcombe, E., Burgess, J., & Harrington, S. (2019). What's newsworthy about 'social news'? Characteristics and potential of an emerging genre. *Journalism*, 1464884918793933. <https://doi.org/10.1177/1464884918793933>
- Lindlof, T. R., & Taylor, B. C. (2011). *Qualitative Communication Research Methods*. SAGE.
- Marres, N. (2018). Why We Can't Have Our Facts Back. *Engaging Science, Technology, and Society*, 4(0), 423–443. <https://doi.org/10.17351/estss2018.188>
- Mathur, N. (2019, September 26). WhatsApp Payments awaits nod, says Facebook's Ajit Mohan. *Livemint*. <https://www.livemint.com/companies/people/whatsapp-payments-now-pilot-for-1-mn-users-awaiting-approval-facebook-india-md-1569501693778.html>
- McGregor, S. C. (2019). Social media as public opinion: How journalists use social media to represent public opinion. *Journalism*, 20(8), 1070–1086. <https://doi.org/10.1177/1464884919845458>
- Moyo, D., Mare, A., & Matsilele, T. (2019). Analytics-Driven Journalism? Editorial Metrics and the Reconfiguration of Online News Production Practices in African Newsrooms". *Digital Journalism*, 7(4), 490–506. <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1533788>
- Napoli, P. M. (2015). Social media and the public interest: Governance of news platforms in the realm of individual and algorithmic gatekeepers. *Telecommunications Policy*, 39(9), 751–760. <https://doi.org/10.1016/j.telpol.2014.12.003>
- Nechushtai, E. (2018). Could digital platforms capture the media through infrastructure? *Journalism*, 19(8), 1043–1058. <https://doi.org/10.1177/1464884917725163>
- Nieborg, D. B., & Poell, T. (2018). The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultu-
- ral commodity. *New Media & Society*, 20(11), 4275–4292. <https://doi.org/10.1177/1461444818769694>
- Nielsen, R. K. (2019, September 18). The future of India's newspapers has to be digital – and it has to be now. *Scroll.In*. <https://scroll.in/article/937657/the-future-of-indias-newspapers-has-to-be-digital-and-it-has-to-be-now>
- Nielsen, R. K., & Ganter, S. A. (2018). Dealing with digital intermediaries: A case study of the relations between publishers and platforms. *New Media & Society*, 20(4), 1600–1617. <https://doi.org/10.1177/1461444817701318>
- Panchal, S., & Chaudhary, D. (2016, August). The New Digital Newsroom. *Forbes India*. <http://www.forbesindia.com/article/big-bet/the-new-digital-newsroom/44139/1>
- Patil, S. (2019, April 29). Opinion | India Has a Public Health Crisis. It's Called Fake News. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2019/04/29/opinion/india-elections-disinformation.html>
- Poell, T., & van Dijck, J. (2014). Social Media and Journalistic Independence. In J. Bennett & N. Strange (Eds.), *Media Independence: Working with Freedom or Working for Free?* (pp. 182–201). Routledge.
- Prasad, R. (2019). Digital disruption? Journalism startups in India: Journalism. <https://doi.org/10.1177/1464884919852446>
- Rao, S. (2018). Awakening the dragon's and elephant's media: Comparative analysis of India's and China's journalism ethics. *Journalism*, 19(9–10), 1275–1290. <https://doi.org/10.1177/1464884916670669>
- Rao, S., & Malik, K. K. (2019). Conversing Ethics in India's News Media. *Journalism Practice*, 13(4), 509–523. <https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1491321>
- Rao, S., & Mudgal, V. (2015). Introduction. *Journalism Studies*, 16(5), 615–623. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1054135>
- Robinson, J., Grennan, K., & Schiffrian, A. (2015). *Publishing for peanuts: Innovation and the Journalism Startup*. 200.
- Rodrigues, U. M. (2019). Can Indian journalism survive the onslaught of social media? *Global Media and Communication*, 15(2), 151–157. <https://doi.org/10.1177/1742766519848266>
- Sen, A., & Nielsen, R. K. (2016). *Digital Journalism Start-Ups in India*. 52.
- Sonwalkar, P. (2019). From by-line to bottom-line: Trust deficit in world's largest democracy. *Journalism*, 20(1), 60–63. <https://doi.org/10.1177/1464884918809270>
- Soundararajan, T., Kumar, A., Nair, P., & Greely, J. (2019). *Facebook India: Towards The Tipping Point of Violence Caste and Religious Hate Speech*. Equality Labs.
- Stanfill, M. (2015). The interface as discourse: The production of norms through web design. *New Media & Society*, 17(7), 1059–1074. <https://doi.org/10.1177/1461444814520873>
- Sterrett, D., Malato, D., Benz, J., Kantor, L., Tompson, T., Rosenstiel, T., Sonderman, J., & Loker, K. (2019). Who Shared It?: Deciding What News to Trust on Social Media. *Digital Journalism*, 7(6), 783–801. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1623702>
- Thomas, P. N. (2014). Public sector software and the revolution: Digital literacy in communist Kerala. *Media, Culture & Society*, 36(2), 258–268. <https://doi.org/10.1177/0163443714526553>
- Turow, J. (2005). Audience Construction and Culture Production: Marketing Surveillance in the Digital Age: *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 597(1), 103–121. <https://doi.org/10.1177/0002716204270469>
- Usher, N. (2017). Venture-backed News Startups and the Field of Journalism. *Digital Journalism*, 5(9), 1116–1133. <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1272064>
- Usher, N., Holcomb, J., & Littman, J. (2018). Twitter Makes It Worse: Political Journalists, Gendered Echo Chambers, and the Amplification of Gender Bias. *The International Journal of Press/Politics*, 23(3), 324–344. <https://doi.org/10.1177/1940161218781254>
- van Dijck, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). News. In *The Platform Society: Public Values in a Connective World* (pp. 49–72). Oxford University Press.
- Vos, T. P., & Russell, F. M. (2019). Theorizing Journalism's Institutional Relationships: An Elaboration of Gatekeeping Theory. *Journalism Studies*, 20(16), 2331–2348. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2019.1593882>
- What is a top fan badge on Facebook? (n.d.). *Facebook Help Center*. Retrieved May 26, 2020, from <https://www.facebook.com/help/215734232362020>

RÉSUMÉ | RESUMO | ABSTRACT

More of the shareable same: How Facebook induces conformity among Indian alternative journalism startups

Mais do mesmo ‘compartilhável’: como o Facebook induz à conformidade entre as empresas indianas de jornalismo alternativo

Plus de contenus partageables identiques : comment Facebook favorise le conformisme des startups indiennes de journalisme alternatif

En. This paper shows the disproportionate influence Facebook exercises over Indian journalism and how it induces conformity and isomorphism in the journalistic field by nudging journalists to incessantly produce more of the same “shareable” content. It focuses on the efforts of 7 alternative news startups in South India to diversify news coverage, as gleaned through 11 in-depth interviews. These startups have a clear reformative agenda, criticizing and hoping to distinguish themselves from the mainstream media’s elite-controlled, partisan, sensationalist reporting that ignores issues affecting the marginalized. Key to these startups’ claims to be alternative is the dedicated, ground reporting of issues faced by the LGBTQ+ community, Dalits and Adivasis. As digital-only publications, they depend on Facebook to circulate their content, interact with the audience and earn revenue. Using the theoretical framework of platformization (Nieborg & Poell, 2018), this paper demonstrates how this dependence keeps startups locked in a perpetual loop of precarity, trying to placate the algorithm with shareable content to stay visible, hoping to eventually get enough subscribers to make it on their own. The constant churning of shareable content detracts organizational resources and leaves their content undistinguishable from the mainstream, postponing the realization of independence to a later date.

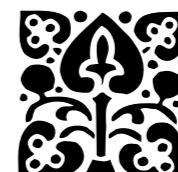
Keywords: Facebook; Indian journalism; platformization; shareable content; journalism startups.

Pt. Este artigo mostra como o Facebook exerce uma influência desproporcional sobre o jornalismo indiano, além de levar à conformidade e ao isomorfismo no campo jornalístico, incentivando os jornalistas a produzirem incessantemente o mesmo conteúdo “compartilhável”. Com dados coletados por meio de 11 entrevistas em profundidade, o estudo foca nos esforços de sete startups de notícias alternativas no sul da Índia para diversificar sua cobertura jornalística. Essas startups têm uma agenda noticiosa claramente reformista, criticando e tentando se diferenciar das coberturas sensacionalistas e partidárias da mídia mainstream controlada pela elite, que ignora as questões enfrentadas por pessoas marginalizadas. Notícias dedicadas aos desafios das comunidades LGBTQ+ e dos Dalits e Adivasis são elementos-chave para que essas startups reivindiquem para si o papel de mídia alternativa. Por serem publicações exclusivamente digitais, elas dependem do Facebook para divulgar seu conteúdo, interagir com a audiência e obter receita financeira. Com base no quadro teórico da “plataformização” (Nieborg & Poell, 2018), demonstra-se que tal dependência mantém as startups em um ciclo perpétuo de precariedade, pautado pela busca de conteúdo compartilhável para usarem o algoritmo a seu favor e permanecerem visíveis, na esperança de atingir um número de assinantes o suficiente para se tornarem independentes. A utilização constante de notícias “compartilháveis” desvia os recursos organizacionais e faz com que seu conteúdo seja indistinguível daquele da mídia mainstream, adiando a conquista de sua independência.

Palavras-chave: Facebook; jornalismo indiano; plataformação; conteúdo compartilhável; jornalismo alternativo.

Fr. Cet article montre l'influence disproportionnée que Facebook exerce sur le journalisme indien et comment il conduit au conformisme et à l'isomorphisme dans le domaine journalistique en incitant les journalistes à produire sans cesse davantage de contenu "partageable". L'étude se concentre sur les efforts déployés par sept jeunes entreprises d'information alternatives du sud de l'Inde pour diversifier la couverture de l'actualité, recueillis au cours de 11 entretiens approfondis. Ces startups ont un agenda réformateur clair, critiquant et espérant se distinguer des médias traditionnels, contrôlés par l'élite, dont la couverture de l'actualité sensationnaliste et partisane ignore les problèmes affectant les personnes marginalisées. La clé de la nature alternative revendiquée par ces startups se caractérise par les reportages sur le terrain dédiés aux problèmes rencontrés par la communauté LGBTQ+, les Dalits et les Adivasis. En tant que publications exclusivement numériques, elles dépendent de Facebook pour diffuser leurs contenus, interagir avec le public et gagner de l'argent. En s'appuyant sur le cadre théorique de la plateformisation (Nieborg & Poell, 2018), cet article montre comment cette dépendance maintient les startups dans une boucle perpétuelle de précarité, en essayant d'apaiser l'algorithme avec du contenu partageable pour rester visible, dans l'espoir d'obtenir finalement suffisamment d'abonnés pour réussir à s'en sortir seuls. Le brassage constant de contenus partageables détourne les ressources de l'organisation et fait en sorte que leurs contenus ne se distinguent pas de ceux des médias mainstream, ce qui reporte la réalisation de leur indépendance à une date ultérieure.

Mots-clés : Facebook ; journalisme indien ; plateformisation ; contenu partageable ; startups journalistiques.



L'information transnationale des « Convois de la liberté » canadiens dans l'espace numérique des Gilets jaunes

RAPHAËL LUPOVICI

IRMÉCCEN

Université Sorbonne Nouvelle
raphael.lupovici@sorbonne-nouvelle.fr
ORCID : 0000-0002-3503-2374



Le mouvement des Gilets jaunes a débuté en France fin 2018 et s'est distingué par son rejet des médias dominants (Baisnée et al., 2021). Cette attitude s'inscrit à la fois dans une tendance globale de fragilité de la crédibilité du journalisme (Strömbäck et al., 2020), et dans la tradition du médiactivisme qui accompagne les mouvements sociaux (Cardon & Granjon, 2013). Dès les années 1990, les militants altermondialistes firent un usage intensif du web afin d'organiser leur mouvement à l'échelle mondiale. Les activistes ont depuis largement adopté les réseaux socionumériques (RSN) à l'instar de Facebook (Sedda, 2021), mais leurs préoccupations ont semblé s'éloigner des questions internationales : lors de la crise financière mondiale de 2008, la nouvelle vague de protestation prenait d'ores-et-déjà un tournant plus local avec l'occupation de places, et les manifestants semblaient moins soucieux de construire un réseau transnational de résistance (Halvorsen, 2012).

Les Gilets jaunes s'inscrivent pleinement dans cette trajectoire de relocalisation de la politique et rejoignent les formes contemporaines de l'activisme qui se sont emparées des RSN à l'instar des Printemps arabes et des Zones à défendre (ZAD) (Jeanpierre, 2019). Le mouvement perdure depuis, et une partie des participants s'est entretemps mobilisée sur d'autres terrains, notamment l'opposition aux mesures sanitaires prises par le gouvernement dans le contexte de la pandémie de COVID-19 (Fillieule et al., 2022, p. 388). C'est dans

ce contexte qu'a été bousculé le constat d'un désintérêt pour les questions internationales : la convergence de circonstance qui s'est opérée à partir de fin janvier 2022 entre les Gilets jaunes français et les « Convois de la liberté » canadiens.

Cette protestation a débuté après la décision du Premier ministre Justin Trudeau de soumettre les camionneurs traversant la frontière états-unienne à l'obligation vaccinale contre le COVID-19, dont ils étaient jusqu'alors dispensés (Guérin, 2022). Le 22 janvier, soit une semaine après l'entrée en vigueur de la mesure, le premier convoi en partance pour Ottawa est filmé dans la ville de Prince George (Meissner, 2022). Le 29 janvier, les différents convois se rassemblent devant le Parlement canadien. De nombreuses actions similaires se produisent à travers le monde, dont en France où un grand convoi passe par Paris le 12 février en direction de Bruxelles. Très vite, se forme une jonction avec les Gilets jaunes qui évoque la thèse du *spillover* entre mouvements sociaux (Meyer & Whittier, 1994) selon laquelle, loin d'être étanches les unes aux autres, les mobilisations s'influencent, se nourrissent mutuellement et peuvent déboucher sur de nouvelles coalitions.

Cette rencontre avec les « Convois de la liberté » pose selon nous la question suivante : comment les RSN ont-ils assisté cette jonction entre deux protestations situées à des milliers de kilomètres l'une de l'autre ? Nous poursuivons l'hypothèse générale que c'est par une circulation d'informations produites au plus près des événements, circulation qui s'est appuyée sur les affordances de Facebook, ensemble des dispositifs matériels qui vont autoriser et limiter des usages spécifiques (Bucher & Helmond, 2018, p. 235). D'une part, les ressources techniques de la plateforme ont procuré une visibilité à des contenus produits individuellement avec lesquels les participants peuvent interagir directement. D'autre part, cette activité a produit un cadrage qui s'est accordé avec la culture politique propre aux Gilets jaunes.

La recherche à suivre s'appuie sur un terrain d'enquête en ligne et rétrospectif mené sur un groupe Facebook et la page d'un média alternatif, tous deux associés au mouvement des Gilets jaunes. L'enquête révèle ainsi que deux formes de journalisme citoyen ont tiré part de ces affordances pour se substituer à la médiation du journalisme des médias *mainstream*, qui se caractérisent par une proximité avec le pouvoir politique et produisent un journalisme relativement homogène bénéficiant d'une large audience (Kenix, 2011; McCurdy, 2012). À l'inverse, le journalisme citoyen se définit comme tous formats d'information (images, textes, sons, etc.) produits en marge des médias dominants (Wall, 2015). Les deux formes particulières qui retiendront notre attention sont d'un

côté le *témoignage individuel* et spontané de citoyens ordinaires tout juste équipés de leur smartphone (Chouliarakis & Mortensen, 2022) et, de l'autre, les journalistes « natifs » qui travaillent pour le compte de *médias alternatifs*, utilisant leur « rôle d'activiste pour représenter depuis l'intérieur les motifs, les expériences, les sentiments, les besoins et les aspirations des mouvements sociaux » (Atton, 2002, p. 495).

Après avoir présenté le terrain d'enquête et la méthodologie qui s'appuie sur les notions d'affordances et de cadrage, l'article exposera la circulation intense des publications en rapport avec les « Convois de la liberté » avant de traiter du cadrage produit au sein des espaces numériques fréquentés par les Gilets jaunes.

LES RSN COMME TERRAIN DE LUTTE INFORMATIONNELLE POUR LES MILITANTS, ET D'ENQUÊTE POUR LA RECHERCHE

La construction par les mouvements sociaux d'une culture commune de lutte à l'aide des RSN est logiquement dépendante des dynamiques plus générales à l'œuvre dans le phénomène de plateformisation (Kavada, 2015). Premièrement, une *rationalisation* de l'activité visant à maximiser l'audience des publications afin de générer des données, deuxièmement une *standardisation* des pratiques afin de se conformer à cet impératif, et enfin une *subjectivation* des acteurs qui ne peuvent agir que dans les limites et les possibilités offertes par la plateforme (Bigot et al., 2021, pp. 17-19). Comprendre la jonction numérique entre les Gilets jaunes et les « Convois de la liberté » demande donc d'observer le rôle de ces dynamiques dans la circulation des publications des convois canadiens dans les espaces francophones. Deux espaces ont été retenus dans l'enquête qui a consisté en une collecte de captures d'écran (Béliard & Le Caroff, 2018) : le groupe « Carte des rassemblements » (CDR) et la page du média *Vécu* qui font partie des lieux les plus importants de la contestation selon la liste dressée par l'équipe du Medialab de Sciences Po (Ramaciotti Morales et al., 2021, p. 50). Seul CDR donna un nombre significatif de résultats, les autres groupes ayant soit disparu, soit ayant été désertés par leurs membres. Quant à *Vécu*, il s'agit d'un média emblématique du mouvement et toujours très actif, qui a intensément couvert les « Convois de la liberté ». N'ayant pas accès à des méthodes automatiques d'aspiration des données nous avons choisi de retenir toutes celles apparaissant après une recherche qui fut menée en utilisant les mots-clés « Canada », « Ottawa », « Convois » et en ne retenant que les publications datant de 2022, en rapport avec les « Convois de la liberté ».



Pour citer cet article
Référence électronique
Raphaël Lupovici, « L'information transnationale des « Convois de la liberté » canadiens dans l'espace numérique des Gilets jaunes », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.519>

Afin de saisir ces dynamiques dans leur matérialité, deux notions ont guidé l'enquête. La première étape de l'analyse fut menée sous l'angle des affordances des RSN, qui fournissent plusieurs ressorts à la diffusion d'informations – ce qui s'apparente à une forme d'engagement politique. Les typologies variant selon les auteurs (Ronzhyn et al., 2022, p. 16), notre enquête a retenu deux types d'affordances pour expliquer la présence numérique d'évènements canadiens dans un espace français. Premièrement, la *visibilité* que l'on définit comme la facilité avec laquelle une information peut apparaître à un utilisateur (Treem & Leonardi, 2013, p. 150). Plusieurs mécanismes présents sur Facebook peuvent ainsi procurer de la visibilité à un contenu, tels que le moteur de recherche intégré à la plateforme, la notification de nouvelles publications dans un groupe ou l'algorithme de recommandation qui favorise certains contenus plus à même d'engager les utilisateurs, telles que les vidéos depuis les modifications algorithmiques de 2014 (Tandoc Jr. & Maitra, 2018). Un contenu a ainsi à la fois plus de chance de maximiser son audience, tout comme sa visibilité est le signe d'une large exposition. Établir cette visibilité a tout d'abord demandé à s'intéresser à l'évolution temporelle du nombre de publications, puis à regarder ce qui a été rendu visible. Il s'agit ici de savoir si les publications en rapport avec les « Convois de la liberté » étaient bien originaires du Canada, ainsi que connaître le type de média source de ces publications.

Analysant des captures d'écran, il a ensuite fallu les réinscrire dans le dispositif technique, ce qui nous amène à la deuxième affordance qui a guidé l'analyse : l'*éditabilité*. Nous regroupons sous ce terme toutes les actions que peuvent exercer les utilisateurs sur un contenu, en vertu de sa persistance et sa reproductibilité qui autorisent à le réutiliser de différentes manières pour lui faire gagner en audience (boyd, 2011, pp. 46-47). Sur Facebook, une publication peut ainsi être « partagée » tout en y ajoutant une description personnelle, être commentée ou likée (ainsi que les autres réactions disponibles : « j'adore », « triste », « haha », etc.) Il a fallu ensuite préciser le type de contenu partagé selon qu'il s'agisse d'une photo, d'une vidéo, d'un texte ou d'une combinaison. Les types de contenus ainsi que les différentes interactions possibles renvoient à la standardisation des pratiques nécessaires afin de maximiser son audience.

Par ailleurs, ces affordances, en permettant d'agir sur les contenus et de faire voir ces actions, vont produire de la signification à l'échelle d'une communauté d'internautes (Julliard, 2016). Cette opération de « cadrage » est d'une grande importance pour les mouvements sociaux (Benford & Snow, 2000), leur pérennité demandant un « alignement des cadres d'interprétation des individus autour d'un cadre commun [...] L'alignement des cadres d'interpréta-

tion suppose une activité de cadrage (framing) de la part des entrepreneurs de mobilisation » (Contamin, 2020, p. 45). Ainsi, les contenus alternatifs parviennent à tirer parti des affordances citées précédemment, car ce type de cadrage suscite davantage d'engagement chez les utilisateurs sur Facebook que les médias *mainstream* (Hiaeshutter-Rice & Weeks, 2021). Concernant CDR (48 publications retenues), l'analyse des publications a été complétée par celles de commentaires publiés en réaction afin d'observer les modes d'interaction générées par l'activité en ligne. Concernant *Vécu*, son statut de média alternatif nous a incité à nous focaliser sur les modes de reportages employés dans les vidéos, qui vont donc s'inscrire dans la tradition des reporters natifs à propos desquels Benjamin Ferron notait qu'« ils défendent l'existence de moyens d'expression critique dans l'espace public et des formes de production non professionnelles de l'information par les citoyens, au service de la justice économique et sociale » (Ferron, 2010, p. 112). En raison d'un corpus important (73 vidéos) durant parfois plusieurs heures, un visionnage complet du corpus a été impossible. Néanmoins, le caractère récurrent des cadrages journalistiques à l'œuvre permet d'établir des régularités dans les discours tenus et les manière de couvrir les évènements. Nous avons complété ce visionnage par une identification des reporters sur place, afin de décrire l'écosystème militant impliqué dans la production des *lives*.

Les ressorts techniques de la circulation des vidéos canadiennes

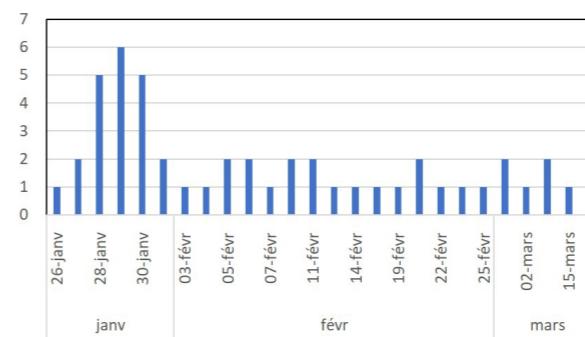
Le premier aspect de la circulation des publications en rapport avec les « Convois de la liberté » est qu'elle tire parti des diverses fonctionnalités proposées par la plateforme. Les deux affordances retenues, la visibilité et l'*éditabilité*, se renforcent mutuellement, une publication plus visible ayant plus de chances d'engager l'action d'un utilisateur. Les « Convois de la liberté » ont ainsi pu se faire connaître auprès des Gilets jaunes et s'installer dans leur univers sans passer par les médias *mainstream* qui ont été largement écartés des sources retrouvées sur Facebook.

Une forte visibilité synchrone avec les manifestations

L'observation des publications circulant sur le groupe CDR a tout d'abord permis de révéler une synchronisation du suivi français avec les évènements outre-Atlantique, le pic de publications survenant le 29 janvier soit le jour d'arrivée des convois à Ottawa. Bien que les publications s'étendent du 26 janvier au 27 mars 2022, l'activité reste regroupée fin janvier avec un pic à 6 publications le 29 janvier ce qui correspond à l'arrivée des premiers convois devant le parlement canadien à Ottawa (fig. 1). Le suivi ralentit ensuite avec une à deux par jour – à titre de comparaison, au

26 avril 2022, la section « À propos » signalait 71 publications dans la journée – mais reste tout de même présent de manière plus ponctuelle.

Figure 1



Nombre de publication par date (CDR)

En déterminant le pays d'origine des publications, nous pouvons voir que l'intensité de la circulation des informations sur les évènements au Canada ne rime pas forcément avec un grand nombre de publications. Le décompte des pays d'origine montre en effet que la plupart des contenus viennent directement d'Amérique du Nord, avec une nette majorité pour le Canada (fig. 2). Il se pourrait donc que la circulation internationale d'informations se fasse ici sans intermédiaires établis tels que des agences de presse ou des médias ayant dépêché des journalistes sur place. Ici, la visibilité du mouvement n'a donc pas reposé sur une saturation de l'espace numérique de la contestation mais sur un nombre restreint de publications directement issues du pays d'origine. Situés à des milliers de kilomètres, les Gilets jaunes français dépendaient donc des Canadiens pour alimenter les publications documentant la protestation.

Figure 2

Pays source	France
Canada	26
États-Unis	5
France	8
France/Canada	1
Serbie	2

Pour savoir quels types de sources sont à l'origine des publications nous les avons classées dans les catégories suivantes : média *mainstream*, témoignage individuel et médias alternatifs. Nous trouvons que 57 % des contenus partagés relèvent de témoignages individuels publiés sur les RSN (fig. 3), ce qui atteste de la viralité des messages circulant sur les médias sociaux. Il semble donc que les contenus sont bien produits par les individus eux-mêmes, sans faire appel aux

compétences spécifiques à l'exercice d'une forme ne serait-ce qu'un peu professionnalisée de journalisme. Les médias *mainstream* sont de plus largement minoritaires dans les contenus publiés par les Gilets jaunes sur CDR, ce qui indique une autonomie des mouvements sociaux dans la production de l'information.

Figure 3

Type de source	Occurrences
Alternatif	9
Mainstream	8
Indéterminé	1
Témoignage individuel	24
Total général	42

En allant plus loin nous découvrons que sur ces 24 publications virales, 21 ont été capturées par téléphone, soit la moitié du total général (fig. 4). Leur provenance est dans la plupart des cas inconnue, c'est-à-dire que nous n'avons pas été en mesure de déterminer qui était l'auteur de ces images, et par quel canal elles sont initialement apparues.

Figure 4

Source	Occurrences
Inconnu	2
Inconnu (téléphone)	19
TikTok	2
Twitter	1
Total général	24

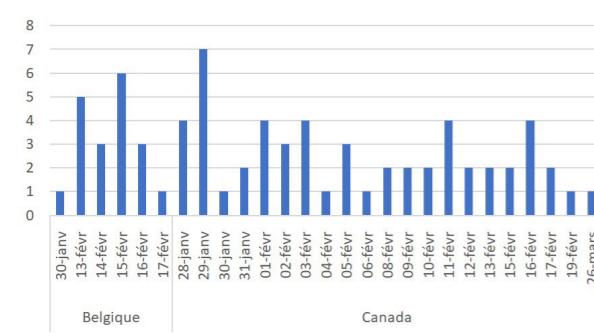
Non seulement les internautes exploitent les fonctionnalités de Facebook mais la diffusion de messages se fait avant tout *many-to-many*, il s'agit donc d'une rupture dans la circulation internationale de nouvelles par rapport au modèle traditionnel passant par des agences de presse. Cette déprofessionnalisation de la production d'informations se réalise par le biais de citoyens ordinaires tout juste équipés de leur téléphone portable qui leur permet de capturer et de partager facilement et rapidement leur témoignage. Sans que le témoignage soit un aspect inédit de la production d'information¹, la portabilité et l'accessibilité accrue des moyens de capture, combinées à une connectivité facilitée aux RSN, offrent d'importantes opportunités de désintermédiation.

Néanmoins les formes plus structurées de production de l'information militante ne sont pas non plus complètement étanche à ce phénomène. Le nombre relativement

faible de messages issus de médias alternatifs publiés sur CDR (9), soit un seul de plus que les médias *mainstream*) n'indique pas pour autant que ces médias soient délaissés par les Gilets jaunes. L'exemple de *Vécu* témoigne d'une inscription durable dans l'écosystème militant qui s'est développé dans le sillon de la séquence de 2018-2019, et qui a adapté sa ligne éditoriale à la participation de Gilets jaunes aux protestations contre la politique sanitaire du gouvernement français. Ce média indépendant a été créé en décembre 2018 par Gabin Formont, dans le but de couvrir les violences policières ayant eu lieu lors des manifestations des Gilets jaunes (Quentel, 2019). Ce média a ensuite poursuivi sa démarche en maintenant une couverture des mouvements sociaux en général, à la fois en France et à l'étranger (notamment les protestations à Hong Kong en 2019). Cette démarche contemporaine de médiactivisme tire parti de la viralité offerte par les RSN pour contrer le discours médiatique dominant en utilisant l'image afin de documenter des faits et coller au mieux aux spécificités de l'utilisation des RSN.

Notre recherche s'est faite en nous rendant sur l'onglet « Vidéos » dans la section « Plus » de l'en-tête de la page Facebook de *Vécu*, et en faisant défiler nous avons été en mesure de repérer toutes les vidéos diffusées lors des « Convois de la liberté » depuis fin janvier 2022. Nous avons ensuite sélectionné celles se déroulant ailleurs qu'en France, puis nous avons noté dans un tableau Excel leur date de publication, le nombre de réactions, de commentaires, de vues, les journalistes sources ainsi que le pays où se situe la vidéo. En utilisant un tableau croisé dynamique nous avons été en mesure de produire des statistiques sur la façon dont l'information internationale sur les « Convois de la liberté » a pu circuler via les *lives*² de cette chaîne.

Figure 5
Nombre de diffusions par date et par pays (*Vécu*)

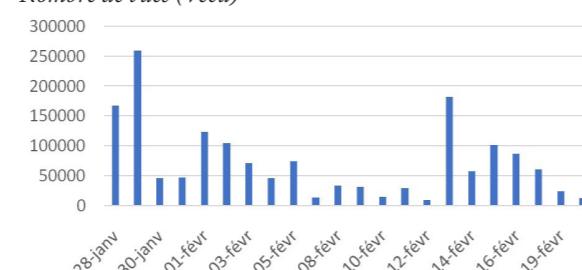


Au total nous avons dénombré 73 vidéos diffusées en direct correspondant à nos critères, et archivées sur la page Facebook du média. Deux pays ont été la source de diffusion de l'information : le Canada (54) et la Belgique (19). Comme nous le voyons, l'activité est la plus intense en Belgique le début de semaine à partir du dimanche 13 février lorsque les convois venus de France parviennent à Bruxelles, leur destination finale (fig. 5), avant de se

poursuivre encore quelques jours. Au Canada, l'activité est plus soutenue et plus longue. Elle s'étend de manière quasi ininterrompue principalement du 28 janvier au 19 février avec un pic le 19 janvier lorsque les convoyeurs arrivent à Ottawa qui était leur point de ralliement. De plus, la visibilité des *lives* de la chaîne est bien supérieure à celle des publications de CDR (fig. 6).

Figure 6

Nombre de vues (*Vécu*)



La grande visibilité procurée par Facebook aux vidéos des convois canadiens peut être expliquée par l'avantage accordée par l'algorithme du réseau aux contenus originaux, notamment vidéographiques, qui incite les producteurs de contenus à privilégier ce format pour gagner en visibilité.

Des échanges interactifs

La rationalisation des activités menées sur la plate-forme se prolonge dans une standardisation des pratiques des internautes, qui sont incités par l'interface de Facebook à interagir en réagissant aux publications. Sur CDR, 33 membres du groupe se partagent les 48 publications, l'utilisateur le plus actif sur le sujet ayant publié 10 fois, soit 20 % du total, le second étant à 4, le troisième à 3, le quatrième à 2, le reste n'ayant publié qu'une seule fois, 4 membres totalisant 39 % des publications sur le sujet. Conformément aux incitations algorithmiques les contributeurs plébiscitent le format vidéo (58,3 %), l'image (28 %) ainsi que le texte qui est présent sur quasiment toutes les publications (46 sur 48) :

Figure 7

Type de contenu (CDR)	Total
Article	1
Article + Texte	3
Capture Tweet + Texte	1
Image + Texte	10
Texte	5
Vidéo	1
Vidéo + Texte	27
Total général	48

Les utilisateurs du groupe exploitent donc les fonctionnalités proposées par Facebook en privilégiant l'intégration de contenus multimédias associée à la possibilité pour l'auteur de s'exprimer à propos du contenu qu'il ou elle poste. Les autres membres du groupe jouent également le jeu de la réaction en likant ou en réagissant par émojis, en commentant les publications ainsi qu'en partageant. L'importance des métriques rappelle d'ailleurs que l'intensité de circulation d'un contenu ne dépend pas uniquement du nombre de publications, mais également de l'engagement des membres d'un groupe avec ce même contenu. En observant ces métriques, on voit que le nombre de réactions (likes, émojis LOL ou Grrr, etc.), de commentaires et de partages ne suit pas le nombre de publications à une date précise (fig. 8). À titre d'exemple, les deux moments où des publications suscitent de fortes réactions vis-à-vis des internautes se situent à des périodes où le nombre de publications est relativement faible par rapport au début.

La publication la plus partagée, qui date du 4 février, est tirée d'un autre compte et comporte une image, qui sera d'ailleurs publiée par trois autres membres du groupe (mais pas en partageant le même compte) (fig. 9). La publication originale date du 28 janvier et apparaît sous la photo et se repère au cadre à l'intérieur duquel est inscrit le nom de l'auteur original du post (masqué dans notre capture d'écran) et affiche le texte de description original. L'auteur sur CDR a donc exploité la fonctionnalité « Partager » qui permet de republier telle quelle une publication issue d'un autre utilisateur. La photo montre une file de camions au Canada avec sur les bords de la route des automobilistes les acclamant (on aperçoit aussi des banderoles). Le texte de la publication originale manifeste son rejet des médias dominants, accusés de ne pas relayer l'information, et s'enthousiasme pour la contestation. Cet utilisateur exploite lui aussi les fonctionnalités de Facebook qui permettent une plus

grande viralité de son message avec l'emploi de mots-clés (« #freedom #humanité #Macron »).

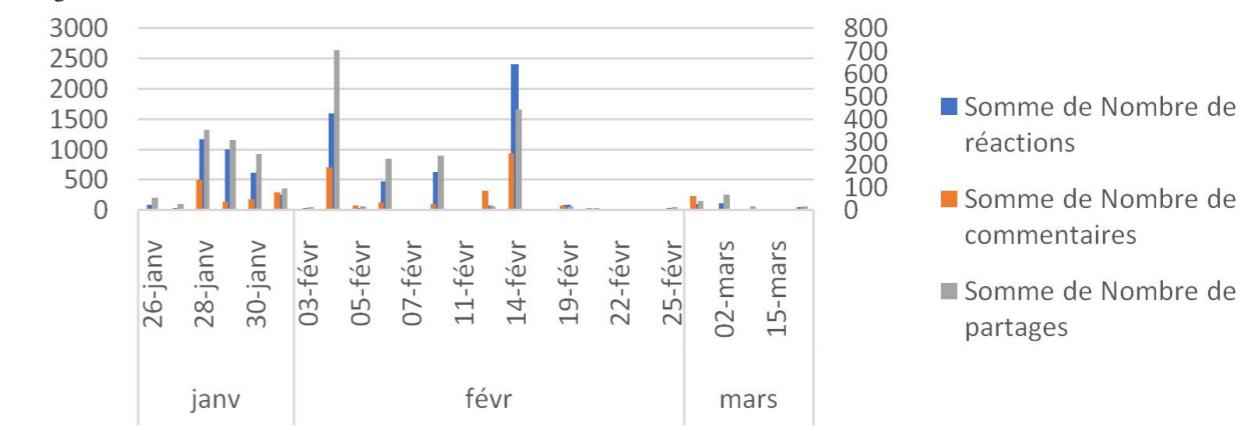
Sur *Vécu*, les publications sont par définition uniquement du fait de la chaîne, les internautes ne peuvent interagir avec la publication qu'en la regardant (ce qui engrange des vues qui sont affichées), en réagissant ou en commentant. En moyenne ces diffusions comptabilisent 21 815 vues, 1414 réactions et 1180 commentaires, l'ampleur de ces actions suivant elle aussi les mobilisations hors-ligne (fig. 10).

Comme on le verra plus en détails ensuite, *Vécu* a utilisé des reporters présents dans les pays où se déroulaient les manifestations. La visibilité et la popularité qui se matérialise dans les réactions, les commentaires et les vues permettent aux gérants de la chaîne de savoir si la collaboration s'avère payante. Il sera donc en effet crucial pour la chaîne de générer un maximum de contenu afin de pouvoir convertir son audience en financement. Bien que ces médias puissent débuter avec des aspirations surtout politiques, l'activité qui nécessite des ressources matérielles pour se maintenir dans le temps génère une convergence entre impératifs économiques et objectifs politiques : faire exister en ligne une protestation et lui permettre de gagner en importance demande une audience dont dépend le financement du média. Ainsi, le suivi des métriques peut s'apparenter à un mode de gestion du journalisme indépendant, rapprochant sur ce point leur activité de celle des médias *mainstream* : l'indépendance médiatique n'est pas une donnée du journalisme alternatif en ligne.

La production d'un cadrage oppositionnel

La standardisation des pratiques amène enfin une unité dans la lecture des événements. Le partage de contenus, afin qu'il soit le plus large possible, ne peut reposer uniquement sur des fonctionnalités techniques

Figure 8



P.S.: les commentaires et les partages sont associés à l'axe à droite

d'alimentation d'algorithmes. Il doit en effet impliquer émotionnellement les participants qui trouveront dans les publications des motifs de protestation, d'enthousiasme, de colère ou de surprise à manifester numériquement. Les « Convois de la liberté » ont donc apparemment « résonné » avec la culture militante des Gilets jaunes en invoquant un imaginaire et des thématiques proches des revendications du mouvement.

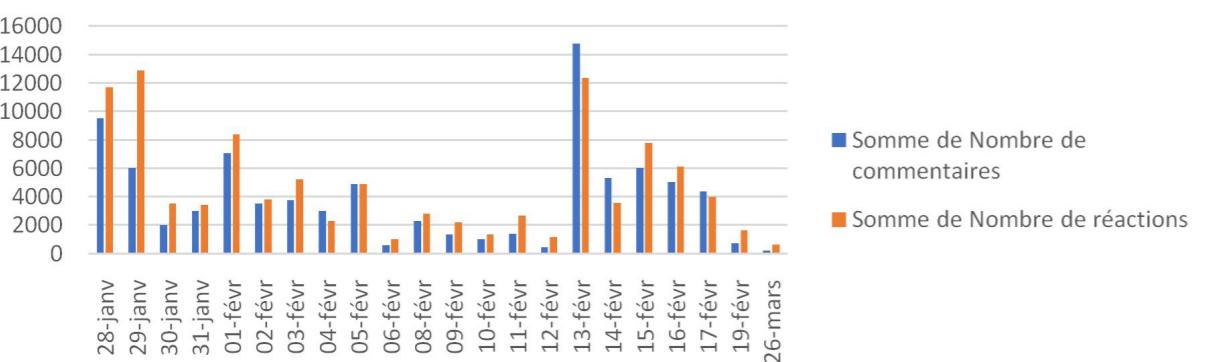
Une montée en généralité qui rejoint les préoccupations des Gilets jaunes

Comme cela a été évoqué plus haut, la teneur des messages témoigne d'un engouement pour les événements

Figure 9



Figure 10



ments se déroulant au Canada. La publication ayant suscité le plus de réactions et de commentaires date du 14 février, date à laquelle l'Ontario annonce la suspension du passe vaccinal (fig. 11) :

On voit ici un message rédigé dans un style télégraphique agrémenté de deux émojis, un drapeau du Canada et un pouce approbateur. Les réactions sont surtout positives (likes, « j'adore », « solidaire ») et la section commentaire révèle que les messages les plus populaires sont ceux allant au dissensus, les autres membres signalant que l'information serait inexacte (fig. 12) : « Non, ils laissent le choix aux entreprises de le demander ou pas aux employés et acheteurs. Continue à diviser », « Il n'y a pas de suppression (sic) totale... Ils disent qu'ils peuvent avancer l'allègement des restrictions au 1er mars... Et seulement dans l'Ontario... » (Commentaires publiés le 14 février 2022), « c'est fou comme il ou (sic) ils tordent les choses sur ce groupe ! » (commentaire publié le 15 février 2022). Un autre commentaire s'appuie sur la situation canadienne pour spéculer sur les intentions du gouvernement français, manière de « relocalisier » les enjeux canadiens et de traduire leur importance pour ceux auxquels les Gilets jaunes sont confrontés chez eux :

« Chez nous, ça sera juste avant les élections pour récupérer les voix des indécis ou des naïfs (sic) qui croiront encore aux belles promesses ... mais ensuite, suivant les résultats, qui nous dit que nous ne reverrons pas ces restrictions à la faveur d'un autre variant, d'une autre flambee de virus ? c'est bien pour Ottawa, ça leur redonne espoir mais restons prudents en France ; on attendra de voir la suite » (Commentaire publié le 14 février 2022)

Dans la suite de la conversation emboîtée sous le commentaire précédent, un autre internaute monte en

généralité sur les conditions de réussite d'un mouvement social tout en évoquant le précédent de la première période du mouvement des Gilets jaunes en exemple. Ici, les mobilisations canadiennes réactivent des souvenirs mobilisateurs partagés par les Gilets jaunes :

« La victoire n'est pas que dans le rapport de force avec l'autorité je trouve. Nous avons gagné car nous étions si GRAND dans notre Union !!! Et nous étions joyeux et fort ! Nous avons retrouvé l'espoir et le courage ! C'était nécessaire pour continuer et rien lâcher....Et nous avons montré notre détermination ! Car faire des convois comme on en a fait et dans les conditions si difficiles parfois ça été une victoire. Entouré de tant de solidarité et d'»Amour..... fallait que je le vive pour le croire !! 😊 » (Commentaire publié le 14 février 2022)

On voit donc que l'interactivité mentionnée précédemment se traduit par l'imposition par les membres du groupe d'un cadrage qui rend les publications pertinentes au regard des préoccupations locales des Gilets jaunes. Il est donc possible, même quand des événements se déroulent à des milliers de kilomètres, qu'un mouvement puisse en faire un usage propre, ce qui peut expliquer davantage la mise à l'écart des médias traditionnels, dont les cadrages descriptifs ne rejoignent pas la dimension militante présente dans les conversations d'un mouvement social.

Une publication du contributeur le plus prolifique présente une vidéo (fig. 13) dont la scène, ainsi que le texte qui l'accompagne, évoquent la thématique du peuple opposé à une élite qui est structurante dans le mouvement des Gilets jaunes (Legris, 2022). Pendant 20 secondes, on voit des manifestants canadiens

Figure 11



s'agenouiller silencieusement (même si quelques exclamations se font entendre au loin). La description (écrite en français et en anglais) indique qu'il s'agit d'une prière faite à Ottawa contre les forces de l'ordre et le pouvoir politique, tous deux qualifiés d'autoritaire. Le lien hypertexte inscrit en dessous renvoie à un groupe Facebook consacré aux informations concernant les mobilisations sociales, intégrant grâce à une fonctionnalité de la plateforme la possibilité pour les internautes de s'investir dans davantage de manifestations.

Aucune indication n'est fournie concernant la personne qui a filmé la scène, le profil qui a partagé sur le groupe ayant très bien pu poster directement depuis son téléphone une vidéo reçue sur un groupe de discussion. Il s'agit là de témoins ordinaires, dont l'anonymat peut paradoxalement favoriser la confiance des autres internautes, car il garantit l'absence de recherche de notoriété.

Enfin, à noter que le rejet *explicite* des médias *mainstream* n'est pas omniprésent dans les publications de CDR. En plus de celle du 4 février (fig. 9), on trouve par exemple un partage le 27 janvier d'une autre

Figure 12

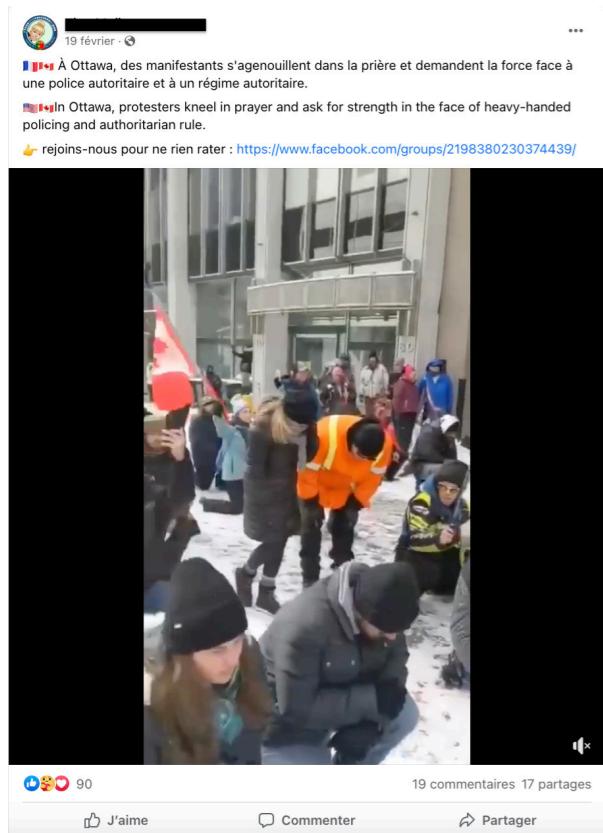


du 26 qui fait part de l'animosité envers la presse, mais uniquement comme un point d'information parmi d'autres descriptions des événements. On peut ainsi lire (fig. 14) :

« Les MEDIAS tentent la désinformation et le discrédit mais ils peinent à cacher l'ampleur du phénomène tant la population manifeste son soutien aux routiers sur les routes. Les Canadiens ont lancé un avertissement aux principales rédactions des médias de masse pour qu'ils restent dans l'éthique et la déontologie sous peine de poursuites ». On retrouve le reproche de vouloir minimiser un événement qui est vécu comme étant massif (« Le MOUVEMENT est en train de devenir le plus grand mouvement de solidarité de l'histoire du Canada. Il s'étend même bien au-delà des frontières du pays ») et un rappel à la déontologie journalistique. Le peu d'occurrences textuelles mentionnant les médias dans les publications est peut-être dû au fait que la critique des médias dominants est à ce stade si installée dans cet espace qu'elle relève d'une évidence n'ayant pas besoin d'être fréquemment explicitée, l'éviction des médias *mainstream* se faisant avant tout implicitement par la valorisation du journalisme citoyen.

Un journalisme activiste qui s'exprime lui aussi depuis les luttes

Figure 13



La désintermédiation peut également se réaliser de manière plus organisée comme c'est le cas avec *Vécu*. La description des vidéos se veut informative et mentionne le nom du reporter sur place ainsi qu'un lien pour contribuer au financement participatif du média (fig. 15). Les reportages réalisés par Joshua se déroulent dans plusieurs villes belges (Bruxelles et Waterloo principalement) et documentent la vie dans les convois, les confrontations avec la police en offrant la parole aux personnes sur place. Les reporters font valoir un point de vue de producteurs d'information engagés, comme lors d'une séquence tirée de la vidéo ci-dessous :

« Je vous dis que ce n'est pas fini, ici il y a des gens qui viennent du Sud, des déterminés, mais malheureusement même les belges qui veulent venir en aide... nous je rappelle qu'en tant que *Vécu* on ne centralise rien du tout, on a été contactés mais malheureusement nous en sommes qu'un média d'information, nous ne faisons pas partie de l'organisation, des fois j'ai tellement envie de dire : "Bah ok ! on organise, etc." mais non c'est pas notre rôle malheureusement. Nous on informe de l'actualité sociale et on n'organise pas. Vous pouvez, vous devez en fait vous organiser vous-mêmes ! » (Vidéo publiée le 16 février 2022)

Figure 14

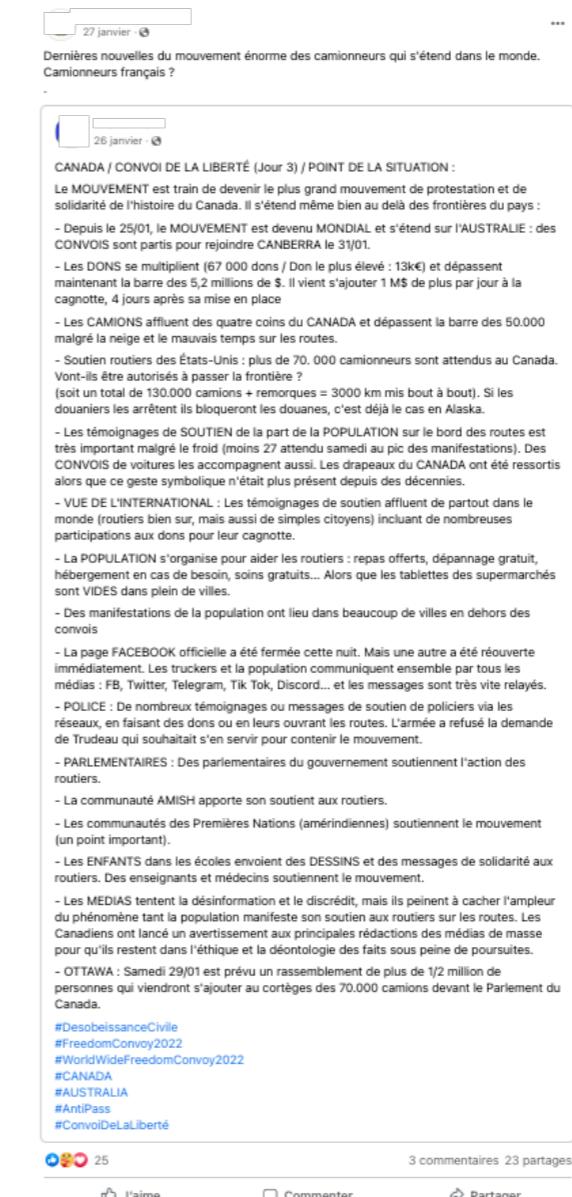


Figure 16

Reporter(s) (Pays d'origine)	Total vidéos
Véro et Thierry (Canada)	54
Stéphane Pain (Belgique)	8
Joshua (Belgique)	6
Gabin (France)	5
Jonathan (France)	4
Brigitte (Belgique)	1
Inconnu	1

La mise en scène des vidéos se rapproche fortement de celles de la Belgique. Les deux reporters assument ouvertement que leur travail se destine au public français comme dans cet extrait où ils disent être le matin au Canada tout en souhaitant un bon dîner aux spectateurs, le tout sur un ton enjoué et familier (figs. 17a et b) :

- « Thierry : Bon matin ! [...] »

- Véro : comment vous allez ?

- T : c'est un beau début de journée hein !

- V : si vous avez reçu la notif vous avez déjà peut-être cliqué, vous êtes déjà là. Sinon depuis hier il y a eu un petit délai... [à Thierry] t'es cute !

- T : eh oui j'ai mis ma belle petite truc, mon œil qui pendouille... mais on est mercredi, on est le 16 février...

- V : au Canada, à Ottawa où le convoi de la liberté, le tout premier, est né. Alors bon souper, bonne préparation de souper c'est Tic et tac alias l'écuréuil, ou Véro et Thierry vous choisissez ce que vous préférez ça nous dérange pas ! » (Vidéo publiée le 16 février 2022)

Cette façon à la fois engagée et décalée par rapport à la posture journalistique de distanciation permet l'accord de cette couverture avec la grammaire de la contestation des Gilets jaunes. D'une part, l'aspect participatif, l'adressage direct aux spectateurs, la subjectivité assumée des reporters et la thématique contestataire entre en résonance avec l'activité du mouvement en France et prolonge sur un mode explicite la posture des Gilets jaunes. D'autre part, cette couverture journalistique la prolonge sur un mode implicite, celui du décalage avec l'activité des médias dominants, souvent rejetés par les Gilets jaunes, inscrivant davantage l'activité de *Vécu* comme média dans la tradition du

Figure 15



Un fait remarquable signant une forme *sui generis* de professionnalisation est le nombre de reporters sur le terrain et leur ancrage local. Le cas le plus frappant est celui des vidéos canadiennes filmées par un couple de deux reporters québécois, Véro et Thierry. Leur activité est très prolifique comme en témoigne le décompte des reporters (fig. 16), et il semble qu'ils n'aient réalisé aucun reportage pour le compte de la page avant les « Convois de la liberté ». On peut supposer que leur apparition se soit faite de manière opportune pour *Vécu* qui, en tant que média indépendant, n'a peut-être pas les moyens de dépecher directement du personnel sur place. Là où l'emploi de reporters « maison » par les grands médias leur permet d'avoir une assise dans un pays lointain tout en conservant un certain contrôle sur l'information, cette dernière caractéristique se trouve largement

sacrifiée par l'utilisation de reporters formellement indépendants du média. En plus des métriques mentionnées précédemment, c'est aussi l'accompagnement idéologique qui va servir d'outil de contrôle sur le contenu, celle-ci garantissant une couverture conforme à la ligne éditoriale de la chaîne. Le rejet des grands médias ne conduit donc pas uniquement à l'évitement des formats journalistiques, pour peu que ceux-ci s'adaptent aux impératifs militants. La baisse du coût d'entrée dans le champ du journalisme, notamment grâce à la démocratisation des moyens techniques de production et de diffusion de l'information permet ainsi de contourner les barrières médiatiques traditionnelles, et de se détacher davantage de la dépendance aux médias dominants.

médiactivisme. Les médias traditionnels sont donc pris en défaut à la fois dans leur présence en ligne qui s'avère faible dans ces espaces, et dans la mise à l'écart des registres traditionnels du journalisme qui valorisent l'objectivité et la distance de la part du reporter. Enfin, notons dans les deux cas la longueur importante des *lives* qui avoisine fréquemment l'heure d'antenne, voire plus, et qui permet aux reporters d'offrir un large temps de parole aux militants sur place.

DISCUSSION

L'étude des messages internationaux circulant sur les groupes Facebook, et la couverture délocalisée des « Convois de la liberté » au Canada et en Belgique a tout d'abord montré que l'intérêt pour ce mouvement est synchronisé avec son activité dans la mesure où celui-ci résonne avec les préoccupations locales des Gilets jaunes. Cet attrait semble guidé par un besoin de modèles stratégiques à suivre, le mouvement adoptant un caractère opportuniste dans ses modes de contestation, à l'instar de l'occupation des ronds-points, qui lui sont caractéristiques. La large visibilité dont ont bénéficié les manifestants canadiens a certainement joué un rôle dans la conversion de cette présence en engagement de la part de certains Gilets jaunes qui les ont imités en prenant eux aussi la route pour Bruxelles. Cette large visibilité fut permise par le travail de l'algorithme Facebook qui favorise les contenus engageants tels que les vidéos. Le fait de publier sur Facebook une vidéo prise en amateur directement depuis le lieu de protestation se trouve facilitée par l'interface de la plateforme qui encourage ce genre de pratiques, corroborant le constat que les Gilets jaunes sont « rompus aux préférences algorithmiques et aux codes des réseaux sociaux » (Souillard et al., 2020).

Nous voyons également que la couverture d'événements étrangers dans le contexte se manifeste par des formes subjectives et engagées de journalisme citoyen, toutes deux relevant de l'automédia, « militants de la cause défendue, équipés d'un appareil photo ou d'une caméra dans l'optique de documenter les pérégrinations des collectifs en lutte » (Thiong-Kay, 2020, p. 107). En premier lieu nous trouvons la figure du témoin d'un évènement, qui génère directement des contenus publiés en ligne, aujourd'hui souvent grâce au smartphone qui permet de capturer un cliché ou une vidéo au plus près de l'action. L'intégration multimédia permet ainsi de rendre palpable la cause des camionneurs canadiens, qui privilient le format de l'auto-communication de masse, à l'aide de smartphones, dont la facilité d'utilisation permet d'établir très rapidement une connexion avec un public lointain, d'autant plus que ce dernier est habitué à ces formes particulières de communication.

Figure 17a

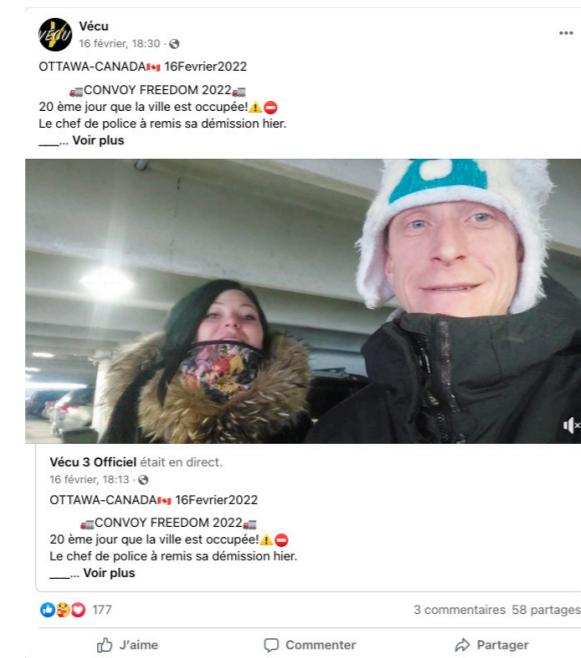


Figure 17b



pour contribuer au financement de la chaîne dans la description des vidéos.

La séquence des « Convois de la liberté » fut finalement de courte durée. L'arrestation d'un certain nombre de figures canadiennes, la levée des blocages puis, sur le long terme, la levée progressive des restrictions sanitaires au fur-et-à-mesure de la baisse du nombre de contaminations et d'hospitalisations ont vraisemblablement freiné l'enthousiasme initial. Du côté français, la fin de la protestation canadienne associée au bouleversement de l'agenda médiatique lors de l'invasion de l'Ukraine par la Russie le 24 février

2022 peuvent expliquer le caractère éphémère de cette alliance de circonstance. Néanmoins, elle permet d'illustrer le potentiel des RSN dans la constitution de mouvements de protestation transnationaux, formation qui dépend nécessairement d'une capacité à produire l'information et la faire circuler de manière autonome.

*Soumis le 29/11/2022
Accepté le 01/03/2023*

NOTES

¹ On se rappellera l'affaire Rodney King en 1991 aux États-Unis.

² Diffusions en direct et au format vidéo produites à l'aide d'une caméra (généralement celle d'un smartphone si besoin de mobilité) par des utilisateurs de Facebook.

RÉFÉRENCES

- Atton, C. (2002). News Cultures and New Social Movements: Radical Journalism and the Mainstream Media. *Journalism Studies*, 3(4), 491-505. <https://doi.org/10.1080/146167002200019209>
- Bainsée, O., Cavé, A., Gousset, C., & Nollet, J. (2021). La « violence » des Gilets jaunes : quand la fait-diversification fait diversion. Les routines journalistiques à l'épreuve des manifestations à Toulouse (novembre 2018-juin 2019). *Sur le journalisme*, 10(1), 28-43. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n1.2021.452>
- Béliard, A.-S., & Le Caroff, C. (2018). L'archivage et l'observation de la participation en ligne à l'épreuve d'une approche ethnographique. In S. Lécossais & N. Quemener (Éds.), *En quête d'archives. Bricolages méthodologiques et terrains médiatiques* (p. 123-130). INA Éditions.
- Benford, R. D., & Snow, D. A. (2000). Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, 26(1), 611-639. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.611>
- Bigot, J.-É., Bouté, É., Collomb, C., & Mabi, C. (2021). Les plateformes à l'épreuve des dynamiques de plateformisation. *Questions de communication*, 2(40), 9-22. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.26584>
- boyd, danah. (2011). Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In Z. Pacharissi (Éd.), *A Networked Self. Identity, Community, and Culture on Social Network Sites* (p. 39-58). Routledge.
- Bucher, T., & Helmond, A. (2018). The Affordances of Social Media Platforms. In J. Burgess, A. Marwick, & T. Poell (Éds.), *The SAGE Handbook of Social Media* (p. 233-253). SAGE Publications.
- Cardon, D., & Granjon, F. (2013). *Médiactivistes* (2^e éd.). Presses de Sciences Po.
- Chouliarakis, L., & Mortensen, M. (2022). Flesh witnessing: Smartphones, UGC and embodied testimony. *Journalism*, 23(3), 591-598. <https://doi.org/10.1177/14648849211060646>
- Contamin, J.-G. (2020). Analyse des cadres. In O. Fillieule, L. Mathieu, & C. Péchu (Éds.), *Dictionnaire des mouvements sociaux* (2^e éd., p. 44-51). Presses de Sciences Po.
- Ferron, B. (2010). Le journalisme alternatif entre engagement et distanciation. Les stratégies médiatiques des mouvements sociaux dans la « bataille de Cancún » contre l'OMC (2003). In S. Lévéque & D. Ruellan (Éds.), *Journalistes engagés* (p. 109-126). Presses universitaires de Rennes.
- Fillieule, O., Dafflon, A., Bendali, Z., Beramendi, M., & Morselli, D. (2022). From uprising to secession: A plea for a localized and processual approach to the avatars of the yellow vest movement. *French Politics*, 20(3-4), 366-394. <https://doi.org/10.1057/s41253-022-00198-6>
- Guérin, S., « Vaccination obligatoire pour les camionneurs qui traverseront la frontière américaine », *Radio-Canada*, 8 janvier 2022 : <https://ici.radio-canada.ca/nouvelle/1852796/camionvaccin--penurie-main-doeuvre-etats-unis-travailleur-emploi>.
- Halvorsen, S. (2012). Beyond the Network? Occupy London and the Global Movement. *Social Movement Studies*, 11(3-4), 427-433. <https://doi.org/10.1080/14742837.2012.708835>
- Hiaeshutter-Rice, D., & Weeks, B. (2021). Understanding Audience Engagement with Mainstream and Alternative News Posts on Facebook. *Digital Journalism*, 9(5), 519-548. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1924068>
- Jeanpierre, L. (2019). *In Girum. Les leçons politiques des ronds-points*. La Découverte.
- Julliard, V. (2016). #Theoriedugenre : comment débat-on du genre sur Twitter ? *Questions de communication*, 30, 135-157. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.10744>
- Kavada, A. (2015). Creating the collective: Social media, the Occupy Movement and its constitution as a collective actor. *Information, Communication & Society*, 18(8), 872-886. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1043318>
- Kenix, L. J. (2011). *Alternative and Mainstream Media. The Converging Spectrum*. Bloomsbury.
- Legris, S. (2022). La conscience sociale des Gilets jaunes : étude sociologique de représentations en lutte. *Mots*, 129, 125-145. <https://doi.org/10.4000/mots.30100>
- McCurdy, P. (2012). Social Movements, Protest and Mainstream Media. *Sociology Compass*, 6(3), 244-255. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2011.00448.x>
- Meissner, D., « VIDEO: Crowd of supporters greets anti-vaccine-mandate truck convoy as it leaves Vancouver for Ottawa », *The Interior News*, 23 janvier 2022: <https://www.interior-news.com/news/video-crowd-of-supporters-greets-anti-vaccine-mandate-truck-convoy-as-it-leaves-vancouver-for-ottawa-2/>.
- Meyer, D. S., & Whittier, N. (1994). Social Movement Spillover. *Social Problems*, 41(2), 277-298. <https://doi.org/10.2307/3096934>
- Quentel, A., « Portrait de Gabin Formont, le créateur de "Vécu, le média du gilet jaune" », *Les Inrockuptibles*, 16 février 2019 : <https://www.lesinrocks.com/actu/portrait-de-gabin-formont-le-createur-de-vecu-le-media-du-gilet-jaune-141474-16-02-2019/>.
- Ramaciotti Morales, P., Cointet, J.-P., Benbouzid, B., Cardon, D., Froio, C., Metin, O. F., Ooghe-Tabanou, B., & Plique, G. (2021). Atlas multi-plateforme d'un mouvement social. Le cas des Gilets jaunes. *Statistique et société*, 9(1-2), 39-77. <http://statistique-et-societe.fr/article/view/822>
- Ronzlyn, A., Cardenal, A. S., & Batlle Rubio, A. (2022). Defining affordances in social media research: A literature review. *New Media & Society*, 00(0), 1-24. <https://doi.org/10.1177/1461448221135187>
- Sedda, P. (2021). La mobilisation numérique : entre émanicipation et rationalisation. *Approches Théoriques en Information-Communication*, 2(3), 53-74. <https://doi.org/10.3917/atic.003.0053>
- Souillard, N., Sebbah, B., Loubère, L., Thiong-Kay, L., & Smyrnaios, N. (2020). Les Gilets jaunes, étude d'un mouvement social au prisme de ses arènes médiatiques. *Terminal*, 127, [En ligne]. <https://doi.org/10.4000/terminal.5671>
- Strömbäck, J., Tsafati, Y., Boomgaarden, H., Damstra, A., Lindgren, E., Vliegenthart, R., & Lindholm, T. (2020). News media trust and its impact on media use: Toward a framework for future research. *Annals of the International Communication Association*, 44(2), 139-156. <https://doi.org/10.1080/23808985.2020.1755338>
- Tandoc Jr., E. C., & Maitra, J. (2018). News organizations' use of Native Videos on Facebook. Tweaking the journalistic field one algorithm change at a time. *New Media & Society*, 20(5), 1679-1696. <https://doi.org/10.1177/146144817702398>
- Thiong-Kay, L. (2020). L'automédia, objet de luttes symboliques et figure controversée. Le cas de la médiatisation de la lutte contre le barrage de Sivens (2012-2015). *Le Temps des médias*, 2(35), 105-120. <https://www.cairn.info/revue-le-temps-des-medias-2020-2-page-105.htm>
- Treem, J. W., & Leonardi, P. M. (2013). Social Media Use in Organizations: Exploring the Affordances of Visibility, Edibility, Persistence, and Association. *Annals of the International Communication Association*, 36(1), 143-189. <https://doi.org/10.1080/23808985.2013.11679130>
- Wall, M. (2015). Citizen Journalism. A retrospective on what we know, an agenda for what we don't. *Digital Journalism*, 3(6), 797-813. <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.1002513>

RÉSUMÉ | RESUMO | ABSTRACT

L'information sur les « Convois de la liberté » canadiens dans l'espace numérique des Gilets jaunes».

A informação dos “Comboios da Liberdade” canadenses no espaço digital dos “Coletes Amarelos”

The information of Canadian “Freedom Convoys” in the digital space of the Gilets jaunes

F• Cet article s'intéresse au rôle qu'a pu avoir Facebook dans la jonction qui s'est faite entre les Gilets jaunes français et les « Convois de la liberté » canadiens au début de l'année 2022. Alors que le mouvement des Gilets jaunes se caractérise par une activité orientée vers l'échelle locale, cette rencontre interroge la capacité des réseaux socionumériques à favoriser une internationalisation des luttes sociales. À partir de l'observation de publications d'un groupe Facebook, et de reportages diffusés en direct par un média indépendant lié au mouvement des Gilets jaunes, la recherche présentée montre que les affordances de la plateforme ont à la fois permis de faire circuler des messages générés depuis les manifestations outre-Atlantique, et produit un cadrage opposé au discours des médias dominants. Premièrement, la visibilité accrue des messages postés par des citoyens ordinaires équipés de smartphones tire parti de l'algorithme qui privilégie les contenus générant un fort engagement de la part des internautes. Cet engagement est également favorisé par les fonctionnalités de la plateforme qui permet une interaction entre participants. D'autre part, ces messages ont su trouver leur public grâce à une éditorialisation qui a rejoint la culture politique des Gilets jaunes. À cet égard, les formes alternatives de journalisme, produisant de l'information depuis les luttes sociales, se distinguent par un format éloigné des formats journalistiques traditionnels, en privilégiant un regard subjectif et engagé. Toutefois, cette activité se trouve elle aussi soumise à des impératifs d'audience, illustrant l'autonomie finalement relative accordée par les plateformes au journalisme indépendant.

Mots-clés : Facebook ; Gilets jaunes ; Convois de la liberté ; internationalisation ; cadrage

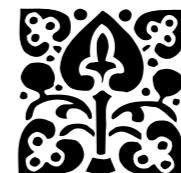
Pt. Este artigo discute como o Facebook pode ter contribuído para a junção realizada entre os “Coletes Amarelos” franceses e os “Comboios da Liberdade” canadenses, no início de 2022. Já que o movimento dos Coletes Amarelos é caracterizado por atividades voltadas para a escala local, esse encontro questiona a capacidade das redes sociodigitais de promover a internacionalização das lutas sociais. A pesquisa apresentada baseia-se na observação de postagens em um grupo do Facebook e reportagens veiculadas ao vivo por uma mídia independente ligada ao movimento dos Coletes Amarelos. Demonstra-se que as affordances da plataforma propiciaram a circulação, de um lado ao outro do Atlântico, de mensagens produzidas dentro dos protestos, além de gerar um enquadramento contrário ao discurso da mídia dominante. Em primeiro lugar, as mensagens postadas por cidadãos comuns munidos de smartphones ganham maior visibilidade ao serem beneficiadas pelo algoritmo, que favorece os conteúdos que geram um alto engajamento dos usuários. Esse engajamento também é promovido pelas funcionalidades da plataforma, que possibilita a interação entre os participantes. Por outro lado, essas mensagens encontraram seu público graças a uma editorialização alinhada com a cultura política dos Coletes Amarelos. Nesse sentido, as formas alternativas de jornalismo, que produzem informações a partir das lutas sociais, apresentam um formato que se distancia dos moldes jornalísticos tradicionais, priorizando um olhar subjetivo e engajado. No entanto, tal atividade também está pautada pela audiência, ilustrando que a autonomia concedida pelas plataformas ao jornalismo independente não deixa de ser relativa.

Palavras-chave: Facebook; Coletes Amarelos; Comboios da Liberdade; internalização; enquadramento

En. This article examines the role Facebook played in connecting the French Gilets jaunes with the Canadian “Freedom Convoys” in early 2022. While the Gilets jaunes movement was characterized by its locally oriented activity, the interaction which occurred questions the ability of digital social networks to foster an internationalization of social struggles. Based on the observation of publications from a Facebook group, and reports streamed live by an independent media outlet linked to the Gilets jaunes movement, the research we present highlights how the platform's affordances have both enabled the circulation of messages generated from the demonstrations across the Atlantic, and produced a framing in opposition to mainstream media discourse. Firstly, the increased visibility of messages posted by ordinary citizens equipped with smartphones benefited from the algorithm, which promotes content that generates a high level of engagement on the part of internet users. This engagement is also facilitated by the platform's features, which enable interaction between participants.

On the other hand, these messages have been able to find their audience thanks to an editorialization that matches the political culture of the Gilets jaunes. In this respect, alternative forms of journalism, which produce information from within the social struggles, stand out thanks to formats distinct from traditional journalistic formats, favoring a subjective and engaged viewpoint. However, this activity is also bound by audience imperatives, illustrating the ultimately relative autonomy granted by platforms to independent journalism.

Keywords : Facebook; Gilets jaunes; Freedom Convoys; internationalization; framing



Les strates identitaires

Analyser l'identité professionnelle des journalistes pour mieux comprendre leur carrière

MANON LIBERT
LaPIJ, ReSIC, Sociétér
Université de Mons
manon.libert@umons.be
ORCID: 0009-0004-1666-4976



Epuis le début des années 2000, en Belgique, comme dans d'autres contextes nationaux, plusieurs signes attestent de la fragilisation des conditions d'emploi et de travail des journalistes. Concernant l'emploi, les plus visibles d'entre eux sont les plans sociaux et les restructurations qui se sont succédé au cours des dernières années (Cohen et al., 2019 ; Reinardy, 2016 ; Nel, 2010). Au sein de nombreuses entreprises médiatiques, le temps est à l'austérité et les mesures d'économie se multiplient. En parallèle, la diversification des statuts d'emploi se renforce (Örnebring, 2018 ; Frisque, 2013). Elle concerne principalement l'entrée du métier où les plus jeunes journalistes se retrouvent fortement affectés par la montée d'une politique pérennisée de flexibilité. Sur un marché qui se caractérise par un déséquilibre important entre l'offre et la demande, leur situation professionnelle est bien souvent incertaine et précaire (Pereira, 2020 ; Standaert, 2016). Ainsi, même les journalistes sous contrat à durée indéterminée sont aujourd'hui régulièrement exposés au sentiment d'insécurité de l'emploi (Cohen et al., 2019 ; Libert, 2019 ; Zion et al., 2016). Ces craintes se sont récemment renforcées depuis la crise sanitaire de la pandémie de COVID-19 en raison de son impact sur les entreprises de presse (Posetti et al., 2020 ; Reinardy et al., 2021 ; Libert, Le Cam & Domingo, 2022).

Ces difficultés prennent place dans un contexte d'érosion de la diffusion de la presse imprimée, de remise en cause du modèle économique fondé sur le double marché

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :
Manon Libert, « Les strates identitaires : Analyser l'identité professionnelle des journalistes pour mieux comprendre leur carrière », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.529>



des consommateurs et des annonceurs (Barland, 2020), d'intensification de la concurrence (Rebillard & Smyrnaios, 2019), ainsi que de profonds bouleversements techniques et organisationnels induits par les innovations technologiques. Au-delà de l'emploi, le travail s'en trouve également affecté : l'évolution des conditions de travail des journalistes se caractérise tout particulièrement par l'intensification des tâches et de la charge de travail (Compton & Benedetti, 2010), le renforcement des préoccupations économiques (Augey, 2003 ; Champagne, 2000 ; McManus, 1994) et des demandes constantes d'adaptation à de nouveaux formats et outils numériques (Laugée, 2014 ; Lasorsa et al., 2012 ; Degand, 2012 ; Örnebring, 2009).

Plusieurs recherches ont questionné la manière dont ces évolutions de l'emploi et du travail tendent à reconfigurer les carrières des journalistes. Zion et al. (2016), en Australie, et Cohen et al. (2019), au Canada, ont montré que, pour de nombreux journalistes, la perte de leur emploi avait marqué le passage d'une situation professionnelle stable et à temps plein à des formes d'emploi plus insécurisées et précaires dans ou en dehors du journalisme. Plus globalement, diverses études, menées notamment en Belgique (Van Leuven et al., 2019), en France (Charon & Pigeolat, 2021 ; Bastin & Machut, 2016 ; Leteinturier, 2014), au Brésil (Bergamo et al., 2013) et aux États-Unis (Reinardy et al., 2021 ; Reinardy, 2011) attestent d'une tendance générale de sorties prématuées du groupe professionnel.

Basé sur notre recherche doctorale qui entendait approfondir ces questions et analyser la manière dont les évolutions récentes de l'emploi et du travail transforment les carrières des journalistes en Belgique¹, cet article a pour objectif de préciser et de discuter spécifiquement d'un outil d'analyse des carrières proposé à la fin de cette étude. Cet outil repose sur une analyse approfondie des trois grandes strates qui composent l'identité professionnelle des journalistes - l'identification au groupe professionnel, l'identification à l'organisation et au média et enfin, la trajectoire personnelle - et de la manière dont elles s'articulent entre elles. Il est issu de l'analyse de 18 entretiens biographiques réalisés entre 2015 et 2016² avec des journalistes qui travaillent ou qui ont travaillé, au cours de la période étudiée (1999-2013)³, pour l'entreprise belge Rossel & Cie et plus particulièrement pour son quotidien *Le Soir*.

Créé en 1887, *Le Soir* est un journal de référence dont le succès est resté considérable durant plusieurs décennies. Il a longtemps été réputé pour être un média qui offre des conditions d'emploi et de travail parmi les meilleures du secteur médiatique belge francophone. Cependant, depuis le début des années 2000, plusieurs événements, tels que la mise en œuvre de plans de licenciements collectifs, attestent de transformations profondes au sein du journal. Le quotidien

Le Soir représentait donc un terrain particulièrement pertinent pour étudier l'évolution des carrières dans un contexte de mutations des conditions d'emploi et de travail. Conduite selon une démarche de recherche inductive, notre analyse des carrières des journalistes du *Soir* nous a amenée à identifier, dans les récits biographiques, les principaux mécanismes sous-tendus dans le paradigme gravitationnel des mondes sociaux issu de la sociologie interactionniste (Bastin, 2016 ; Strauss, 1992).

La thèse que nous souhaitons défendre dans cet article est que l'analyse des trois strates de l'identité professionnelle et de la manière dont elles s'articulent entre elles contribue à affiner la compréhension des mécanismes structurant le paradigme gravitationnel (Bastin, 2016 ; Strauss, 1992) et à approfondir l'étude des carrières des journalistes dans un contexte de profondes transformations organisationnelles. En effet, étudier les trois strates identitaires, leur ajustement ou, au contraire, leurs dissonances, représente, selon nous, un outil pertinent permettant de mieux comprendre l'attraction exercée par certaines positions au sein des mondes du journalisme, les mouvements de distanciation induits par les transformations récentes de l'emploi et du travail et, enfin, les départs du journalisme.

Cet article s'organise en trois temps. Nous reviendrons tout d'abord sur le concept de carrière et sur le paradigme gravitationnel tels que développés par la sociologie interactionniste de l'École de Chicago. Dans un second temps, nous mettrons en évidence l'apport d'une analyse approfondie de l'identité professionnelle dans l'étude des carrières et nous préciserons notre outil d'analyse. Enfin, dans la troisième partie, nous montrerons que nos résultats attestent des mécanismes structurant le paradigme gravitationnel des interactionnistes et nous explorerons l'hypothèse de la contribution que peut apporter l'analyse des strates identitaires à l'étude de ces mécanismes, et plus largement à l'étude des carrières.

CARRIÈRE ET PARADIGME GRAVITATIONNEL

On doit à Everett Hughes d'avoir reconnu explicitement la carrière comme concept fondamental des sciences sociales (Barley, 1989). Se consacrant à l'étude des « drames sociaux du travail » (Hughes, 1996), Hughes appréhende la carrière comme la configuration des multiples ajustements de l'individu aux mondes sociaux⁴ auxquels il appartient : « *Career is, in fact, a sort of running adjustment between a man and the various facts of life and of his professional world.* » (Hughes, 1964, p. 129). Bien que dans notre société la carrière soit généralement envisagée en lien avec le travail, plusieurs sociologues de l'École de Chicago soulignent qu'elle dépasse le cadre de l'organisation

et de la profession : la reconnaissance, l'influence, les responsabilités pouvant s'acquérir via d'autres accès à l'ordre social⁵ (Hughes, 1964 ; Goffman, 1961). Hughes ajoute, par ailleurs, que la carrière comporte toujours deux versants inséparables : un versant « objectif » qui consiste en la succession de positions et de statuts clairement déterminés dans l'ordre social et un versant « subjectif », défini comme la perspective à partir de laquelle l'individu voit sa trajectoire et attribue du sens à ses actions, aux événements vécus, ainsi qu'aux ruptures et bifurcations susceptibles de jaloner son parcours (Hughes, 1964, p. 63).

La définition qu'il donne du concept de carrière permet tout à la fois de penser la manière dont les mondes sociaux contribuent à façonner la vie des individus et comment la vie des individus participe à l'existence, au maintien et aux transformations des mondes sociaux (Strauss, 1992 ; Barley, 1989 ; Hughes, 1937). Pour reprendre les mots de Gilles Bastin, la carrière représente pour Hughes : « l'ensemble des points d'intersection entre un ordre social et une vie » (Bastin, 2016, p. 5). En effet, si les carrières restent quelque chose que seuls les individus peuvent expérimenter, elles ne sont pas uniquement le fait des individus. Dans tout métier, les individus peuvent choisir délibérément entre différents plans d'action au fur et à mesure qu'ils progressent dans leur carrière. Mais les options qu'ils envisagent et les choix qu'ils font sont liés aux possibilités, aux perspectives et aux ressources offertes par les collectifs auxquels ils se réfèrent (Barley, 1989), et par les mondes sociaux auxquels ils prennent part (Cefaï, 2015 ; Becker & Strauss, 1956 ; Pereira et al., 2018). Simultanément, les carrières des individus assurent l'existence même de ces mondes sociaux (Bastin, 2003 ; Barley, 1989 ; Hughes, 1937). Elles y tracent des chemins socialement reconnus et donc empruntables par d'autres (Bastin, 2016) ; elles fournissent des repères et des perspectives de progression au sein de ces mondes, contribuant ainsi à leur donner forme, à les structurer, à les faire évoluer (Barley, 1989 ; Hughes, 1937).

Le paradigme gravitationnel des carrières, proposé par les interactionnistes, se fonde sur la conception des mondes sociaux selon un modèle centre-périmétrie. La structure des mondes sociaux étant organisée « autour d'un "centre" (le lieu où la convention organisatrice du monde est la plus pure et la plus prégnante) et de "périmétries" plus ou moins proches du centre et donc plus ou moins "intégrées" » (Bastin, 2016, p. 7). Au centre, se retrouvent les participants qui, en raison de leurs activités et de leurs actions, sont perçus comme étant plus « authentiques », plus « représentatifs » du monde social (Strauss, 1992, p. 275). Le paradigme des carrières est dit gravitationnel car le centre est considéré comme exerçant une force attractive sur les trajectoires des individus : plus ceux-ci s'en rapprochent, plus ils sont « accrochés » (Bastin & Machut, 2016 ; Bastin, 2016 ; Strauss, 1992). Puisque

rien n'est « strictement déterminé » dans les mondes sociaux (Strauss, 1992, p.49), cette force d'attraction relève d'une logique de choix successifs, qui restreint progressivement « le spectre des choix suivants possibles », et non de phénomènes de domination (Bastin, 2016, p. 5). Un lien peut ici être fait avec le concept d'engagement analysé par Becker : les actions futures d'un individu sont contraintes par ses « paris subsidiaires » qui relèvent de ses décisions antérieures, tout comme de l'ensemble des valeurs propres à son monde social (Becker, 2006 ; Machut, 2019).

Dans une étude publiée en 2016 et consacrée au journalisme en France, Bastin et Machut se sont employés à tester, de manière deductive, l'hypothèse du paradigme gravitationnel dans les mondes de l'information. Ils ont pour cela analysé les trajectoires de 875 individus passés par des titres de presse quotidienne nationale qui représentent, selon leurs termes, « une forme de centralité médiatique symbolique et ont longtemps offert des positions parmi les plus stables du marché à leurs journalistes » (Bastin & Machut, 2016, p. 2). Leur analyse les a conduits à valider l'hypothèse du modèle centre-périmétrie : la presse quotidienne nationale se plaçant au centre de ces mondes et possédant un fort pouvoir d'attraction parmi les journalistes. Par ailleurs, ils ont montré que la presse quotidienne nationale constitue la dernière étape la plus fréquente d'une carrière journalistique. La sortie des mondes de l'information pour une reconversion professionnelle étant nettement plus courante depuis cette position que depuis n'importe quel autre type d'emploi journalistique (Bastin & Machut, 2016).

Dans la troisième partie de cet article, nous montrerons notamment que notre étude sur les carrières des journalistes du *Soir* nous a également conduite à retrouver les principaux mécanismes qui structurent le paradigme gravitationnel des mondes sociaux. Toutefois, il est important de souligner que cette observation n'a pas été présupposée en amont de notre recherche. Elle est le résultat de notre démarche inductive. À la suite d'Antoine Machut, nous estimons qu'il est nécessaire de veiller à partir des individus dans l'analyse des récits biographiques, afin de se garder de passer les récits individuels « au tamis de modèles de carrière sous-jacents » (Machut, 2019, p. 280). Cette volonté nous a conduite à analyser en profondeur l'identité professionnelle des journalistes rencontrés en entretien.

ANALYSER L'IDENTITÉ PROFESSIONNELLE POUR MIEUX COMPRENDRE LA CARRIÈRE

Comme le mentionnent Becker et Strauss, « A frame of reference for studying careers is, at the same time, a frame for studying personal identities » (Beck-

er & Strauss, 1956, p. 262). L'analyse de la carrière ne peut en effet se détacher de l'analyse de l'identité professionnelle. Passer d'une position à une autre (Le Breton, 2004 ; Becker & Strauss, 1956) ou encore voir son monde professionnel se transformer en profondeur (Becker et Strauss, 1956 ; Bucher et Strauss, 1961) s'accompagnent toujours d'un remaniement de l'identité professionnelle. À cet égard, Hughes estime que la vie professionnelle constitue un parcours jalonné de « crises », c'est-à-dire marqué par des incertitudes, des « tournants de l'existence » (*turning point*) qui entraînent des redéfinitions de soi (Hughes, 1964, pp. 11-13). Les évolutions structurelles de l'emploi et du travail peuvent notamment entraîner de profonds bouleversements de l'identité professionnelle (Dubar, 2015 ; Paugam, 2000).

Dans le recueil des récits biographiques et lors de leur analyse, nous nous sommes efforcés à prêter une forte attention à l'identité professionnelle. Cela nous permet de mettre en lumière que, lors des entretiens, les informateurs recourent de manière incessante à leur identité, à ce qu'ils sont ou ne sont pas, à ce qu'ils étaient ou souhaitent être, lorsqu'ils racontent leur parcours et les choix de carrière qu'ils ont faits. Reconstruites de manière inductive par les chercheurs, les identités professionnelles « constituent non seulement des manières de vivre (et de dire) le travail et de lui donner un sens, mais aussi des façons de raconter et d'anticiper le cycle de vie professionnelle [...] » (Dubar, 1998a, p. 73). Notre analyse des récits biographiques nous a amenée à appréhender l'identité professionnelle des journalistes rencontrés comme le résultat d'un système complexe d'identités (Courpasson, 1994), qui se construit à partir de l'interaction entre trois grandes strates : l'identification au groupe professionnel journalistique, l'identification organisationnelle fondée sur le rattachement au média et à l'entreprise et, enfin, la trajectoire personnelle. Cette conception de l'identité professionnelle des journalistes permet de restituer le trait principal qui fonde la définition sociologique de l'identité, sa dualité : elle prend en effet en compte ses dimensions à la fois collective et individuelle, à la fois biographique et relationnelle (Dubar, 1996).

La strate liée au groupe professionnel et au métier

La première strate est l'identification au groupe professionnel et au métier, à ses pratiques, ses valeurs et son éthique. Entrer dans une profession, s'immerger dans sa culture professionnelle, entraîne une véritable reconversion identitaire durant laquelle l'individu renonce aux stéréotypes qu'il entretenait en tant que profane par rapport à son activité. Cette immersion implique pour lui une nouvelle vision de soi et du monde (Hughes, 1964). Ainsi, l'identité professionnelle d'un journaliste se construit à partir de

son identification au groupe professionnel, et ce malgré la diversité des statuts, des pratiques et des conditions dans lesquelles le métier se vit (Le Cam, Pereira & Ruellan, 2019). Comme le soulignent Bucher et Strauss, les membres d'un même groupe professionnel ne constituent pas une communauté homogène : les identités, les valeurs, les définitions des rôles et intérêts peuvent être multiples (Bucher & Strauss, 1961). Cette perspective s'avère particulièrement intéressante pour les mondes du journalisme en ce qu'elle permet de considérer « les différentes façons de devenir et de demeurer journaliste » (Pereira et al., 2018, p. 102). Au-delà du caractère hétérogène du groupe professionnel, les journalistes se rejoignent cependant sur une identité commune : « Ils posent ainsi divers gestes particuliers, dont ceux de collecter, de traiter et de diffuser des informations, mais de façon plus fondamentale, ils constituent un groupe qui produit constamment des discours sur lui-même et sur le journalisme » (Le Cam, 2005, pp. 35-36). Cette identité est le résultat de l'histoire du groupe professionnel (Le Cam, Pereira & Ruellan, 2019). Elle porte en elle un ensemble d'idéaux et de valeurs relativement partagés (Deuze, 2005). Enfin, il s'agit aussi d'une identité « rêvée », construite sur base de discours à vocation mythologique (Le Cam, 2009 ; Le Bohec, 2000).

La strate liée à l'organisation

Outre l'identification au groupe professionnel, l'identité des journalistes se forme également à partir des lieux de travail, dans le milieu organisationnel. En analysant les dynamiques relationnelles qui s'y jouent, Renaud Sainsaulieu a montré que les entreprises sont en effet productrices de systèmes de représentations et de culture communs à ses travailleurs, à partir du moment où ceux-ci y nouent des relations durables (Sainsaulieu, 2014 et 1987 ; Osty, 2008). En cela, il souligne la fonction « identitaire » de l'entreprise (Sainsaulieu & Segrestin, 1986 ; Desmarez & Stroobants, 1989). L'attachement et l'identification à l'entreprise sont directement liés à sa capacité à créer une culture commune importante, mais ils tiennent aussi, comme le rappelle Serge Paugam, à la stabilité de l'emploi au sein de celle-ci et à la satisfaction au travail éprouvée par le salarié. Lorsque ces facteurs sont réunis, « l'esprit particulier qui peut caractériser une entreprise est alors intériorisé par les salariés. Il devient l'un des signes de leur intégration à celle-ci. Les salariés parlent de leur entreprise comme si cette appartenance représentait, au moins en partie, ce qu'ils sont. Ils adhèrent parfois au système de valeurs de leur entreprise à tel point que celui-ci se confond avec leurs propres valeurs » (Paugam, 2000, p. 126). Comme nous le montrerons, l'analyse des entretiens biographiques des journalistes du *Soir* montre clairement l'importance de l'identification au journal et à sa rédaction pour les

journalistes qui y travaillent ou y ont travaillé de nombreuses années.

La strate liée à la trajectoire personnelle

La troisième strate est celle de la trajectoire personnelle de l'individu. Comme le soutient Claude Dubar, la notion de trajectoire permet de rendre compte que l'identité professionnelle résulte également d'un processus d'ajustement entre *l'identité héritée*, c'est-à-dire d'où l'on vient, et *l'identité visée*, ce que l'on veut devenir (Dubar, 1992 ; Osty, 2008). Cette strate « concerne les diverses manières dont les individus tentent de rendre compte de leurs parcours » (Dubar, 1998b, p. 74). En effet, l'identité professionnelle des journalistes résulte également du sens que les individus attribuent à leur parcours et à la manière dont ils envisagent et anticipent leur carrière (Hughes, 1964). Par exemple, la confrontation à l'entrée du marché du travail et la période d'insertion professionnelle particulièrement marquée par les logiques de flexibilité pèsent fortement sur la construction identitaire des jeunes journalistes (Pereira, 2020 ; Standaert, 2016). En Belgique, Standaert a montré qu'ils sont nombreux à envisager de quitter le métier avant même d'y être stabilisés (Standaert, 2016). L'identité héritée, les identifications antérieures, le parcours professionnel, la réputation et l'anticipation de la trajectoire participent à construire le caractère singulier de l'identité professionnelle.

Ces trois strates de l'identité professionnelle sont fortement liées et imbriquées les unes dans les autres, mais les dissocier présente un intérêt méthodologique : la proposition que nous souhaitons développer dans cet article est que l'analyse de ces trois strates et de la manière dont elles s'articulent entre elles constitue un outil pertinent pour étudier les carrières des journalistes dans un contexte de transformation du milieu organisationnel.

LES CARRIÈRES DES JOURNALISTES DU SOIR DANS UN CONTEXTE DE PROFONDES TRANSFORMATIONS DE L'EMPLOI ET DU TRAVAIL

Cette troisième partie revient sur les résultats de notre recherche consacrée à l'évolution des carrières des journalistes du *Soir*, dans un contexte de profondes transformations des conditions d'emploi et de travail. Fondée sur une démarche de recherche inductive, notre analyse des récits biographiques nous a amenée à retrouver les principaux mécanismes associés au paradigme gravitationnel pour les journalistes étudiés. Nous allons le démontrer. Comme mentionné, cette observation est le résultat d'une analyse des car-

rières qui a veillé à apporter une attention importante à l'identité professionnelle des informateurs. Dans cette partie, nous entendons explorer la contribution que peut apporter une analyse des différentes strates de l'identité professionnelle et de la manière dont elles s'articulent entre elles, à la compréhension des carrières des journalistes et à l'approfondissement des mécanismes structurant le paradigme gravitationnel.

Cette partie n'a pas l'ambition de revenir en détail sur les transformations de l'emploi et du travail au sein du quotidien. Toutefois, il est important de poser ici quelques éléments de contexte : le journal *Le Soir* a longtemps offert des conditions d'emploi et de travail parmi les meilleures du secteur médiatique belge francophone (Libert, 2019). Depuis le début des années 2000, les journalistes ont assisté à une réduction structurelle du nombre d'emplois stables au sein de la rédaction et plus largement, de l'entreprise (notamment via deux plans de restructuration successifs en 2009 et 2012-2013). Conjointement, ils ont vu les statuts d'emploi se précariser, avec une intensification du recours à des formes atypiques d'emploi (Deuze & Witschge, 2018 ; Standaert, 2016 ; Frisque, 2013). Ils ont, par ailleurs, connu une transformation importante de la politique managériale des dirigeants dont la volonté était notamment d'augmenter la productivité des journalistes. Leur charge de travail s'est aussi intensifiée et complexifiée avec le développement des stratégies plurimédias. Enfin, plusieurs informateurs ont témoigné d'une perte de leur autonomie professionnelle qui est, d'après eux, liée à un renversement dans le processus de production du journal : à partir des années 2000, l'élaboration du quotidien a été davantage centralisée entre les mains de la rédaction en chef. Les journalistes, malgré leur spécialisation, se sont dès lors vus de plus en plus imposer des sujets d'articles. Les transformations intervenues au *Soir* sont à bien des égards emblématiques de l'évolution générale du journalisme contemporain.

Dans cette partie, nous décrirons tout d'abord les parcours professionnels des journalistes rencontrés à la *périmétrie* des mondes du journalisme. Nous verrons ensuite pourquoi le journal *Le Soir* a longtemps occupé cette position de *centre* pour les journalistes interviewés, très fortement attachés au quotidien. Enfin, nous aborderons les bouleversements identitaires induits par les mutations de l'emploi et du travail dans ce quotidien qui, pour certains, ont conduit à la sortie des mondes du journalisme.

Aux périphéries du journalisme

Les espaces périphériques peuvent être assimilés, dans notre recherche, à des lieux dont les activités sont considérées par les informateurs comme étant à la frontière du journalisme, notamment des activités relevant de l'information-communication ou de la mise en valeur de l'information. Ces positions ne par-

viennent pas à attirer ces journalistes – à les « accrocher » comme dit Strauss (1992, p. 276) – car elles ne répondent pas à leurs principales attentes professionnelles et aux rôles auxquels ils se réfèrent. En d'autres mots, elles ne coïncident pas à leur *identité visée* (Dubar, 1992). Dans ces espaces, les récits des interviewés montrent que la mise en mouvement est importante.

La trajectoire professionnelle de la jeune journaliste J8 illustre ces mouvements. Les premières années de sa carrière ont été marquées par de multiples changements d'emploi. La journaliste explique cette mobilité volontaire par le fait de vouloir « *se rapprocher* » du journalisme. Ses premières expériences professionnelles consistent en du secrétariat de rédaction, des piges pour une entreprise non médiatique et de l'en-codage d'événements pour un supplément adossé à un quotidien. Elle quitte ce dernier emploi au bout d'un an car elle a trouvé une place de journaliste au sein de la rédaction multimédia d'une agence de presse :

Moi, j'étais motivée parce que je me dis : « Ah, je change de boulot. Par rapport au fait d'encoder pour [Nom de son ancienne rédaction], au moins, là, je redeviens journaliste ». Parce que les détours que j'ai faits, à chaque fois, je me disais : « Ah, je m'éloigne du journalisme. J'ai vraiment envie d'être journaliste. Et là, je ne suis pas vraiment journaliste ». Donc, chez [Nom de l'agence de presse], je me suis dit : « Ah, c'est bien, je suis journaliste. Maintenant, je peux dire que je suis journaliste ! » (J8, au *Soir* depuis moins de 10 ans)

Son travail au sein de l'agence consiste à relire et éventuellement à corriger les dépêches écrites par ses collègues, à modifier le titre et à ajouter une photo avant qu'elles ne soient publiées sur le site web. Un emploi qu'elle qualifie rapidement de travail à la chaîne, encore trop éloigné de la définition orthodoxe qu'elle se fait du journalisme. Elle quitte cet emploi après deux ans, pour rejoindre, sous statut d'indépendante, le quotidien *Le Soir*. Au cours des quatre premières années de son parcours professionnel, elle est partie volontairement de trois médias afin de se « *rapprocher du journalisme* » (J8). Être journaliste, implique, selon la définition de cette informatrice, de s'approprier un sujet, d'aller chercher l'information, de l'approfondir et enfin d'écrire. La mobilité observée au début de sa carrière vise donc à se rapprocher des activités qui représentent, pour beaucoup « les plus authentiques » du journalisme. Si on se réfère à Strauss, il s'agit des activités les plus représentatives du monde social (Strauss, 1992). Les attentes de cette jeune journaliste renvoient principalement à la strate de l'identité qui est liée au groupe professionnel et à son système de valeurs.

Tout comme J8, d'autres informateurs ont également gravité quelques années dans des activités « aux

périphéries » du journalisme. Ils ont en commun une mobilité importante en début de carrière et celle-ci est surtout orientée : à la périphérie, ils gravitent d'une position à une autre (d'un média à un autre, ou d'une activité à une autre), et chaque mouvement tendrait idéalement à les rapprocher du *centre du monde*, qu'ils définissent comme une position qui rencontre leurs principales attentes professionnelles. L'analyse discursive des entretiens révèle qu'il s'agit principalement d'attentes identitaires liées à la profession, à ses pratiques et à son système de valeurs. Une remarque importante se doit ici d'être mentionnée : le profil de nos informateurs peut s'apparenter à celui de « professionnels intégrés », c'est-à-dire de personnes qui « admettent sans réserve les conventions de leur monde » (Becker, 2010, p. 243). Ils partagent à ce titre une conception traditionnelle de ce qu'est le journalisme, or ce n'est pas la seule conception que l'on peut retrouver au sein des mondes du journalisme.

Le Soir, au centre des mondes

Pour presque l'ensemble des interviewés, le quotidien *Le Soir* représente ou a représenté à un moment de leur parcours, leur « bâton de maréchal », c'est-à-dire la plus haute place qu'ils espéraient pouvoir obtenir dans leur carrière journalistique. Les entretiens ont permis de mieux comprendre les raisons qui fondent le pouvoir d'attraction du quotidien. Ils ont mis en évidence les principales attentes professionnelles et organisationnelles auxquelles le journal répond ou répondait.

Tout d'abord, les activités menées qui, comme nous l'avons mentionné, doivent se rapprocher de ce qu'ils considèrent être représentatif du journalisme. Ensuite, l'adhésion à la ligne éditoriale du média : cette attente apparaît comme un élément important de la configuration des carrières, comme le montre le parcours du journaliste J4 qui est entré au *Soir* en 1992, durant ses études, comme pigiste pour les pages Sports. Son diplôme en poche, il a continué à travailler pour le quotidien sous statut d'indépendant. Il espérait obtenir un contrat de salarié : « Je voulais faire bonne figure pour espérer un jour être engagé par le plus grand journal du monde et de toute la galaxie qui était *Le Soir* à mes yeux. [...] sauf que, à un moment donné, on n'a plus envie de vivre chez papa et maman. On a envie de pouvoir payer ses factures. » (J4. Il a travaillé durant près de 20 ans au *Soir*)

En 1994, le quotidien *La Dernière Heure/Les Sports* lui propose une collaboration régulière. Malgré son attachement au journal *Le Soir*, il accepte cette proposition car il pense que ce journal peut lui offrir plus de travail et de meilleures perspectives en termes de progression de carrière, notamment l'obtention d'un contrat salarié. Une décision sur laquelle il reviendra

rapidement car la ligne éditoriale de ce journal ne lui correspond pas :

En fait, elle ne me correspondait pas dès le départ. Mais je suis allé là parce que je me sentais barré. Mais très vite, je me suis rendu compte que je ne pourrais pas être heureux dans cet environnement-là, même si j'avais été salarié. Tout dans ce métier que l'on fait par conviction : on ne va pas travailler dans un journal comme on va travailler dans une banque. Donc je suis retourné au Soir. (J4)

La décision de l'interviewé J4 révèle l'importance de la ligne éditoriale dans la construction de l'identité professionnelle et dans l'attraction exercée par le quotidien. Ce journaliste soutient ainsi qu'il ne pouvait pas concevoir de travailler pour un journal dont la ligne éditoriale ne coïncide pas avec ce qu'il est. Cela montre qu'il envisage aussi son identité à partir de l'identité éditoriale spécifique du média et donc à partir de l'organisation pour laquelle il travaille. Nous retrouvons ici l'importance de la strate identitaire liée à l'identification au média et à l'organisation.

La valorisation sociale et professionnelle est également une composante identitaire importante et susceptible d'influencer la trajectoire. Or, pour un journaliste, travailler au *Soir* a longtemps été une position particulièrement valorisée. Elle l'est encore aujourd'hui, mais dans une moindre mesure, estiment plusieurs interviewés. L'identité professionnelle se construisant selon un processus dialectique entre la définition de son image et la reconnaissance de celle-ci par les autres (Dubar, 1996), la manière dont le quotidien et l'organisation sont perçus par la société peut influer sur les carrières des journalistes. Ainsi, lorsqu'une entreprise possède une image positive à l'extérieur, l'identité de ceux qui y travaillent se voit confortée (Paugam, 2000). Les entretiens montrent que cette valorisation participe au pouvoir d'attraction du quotidien. *Le Soir* est un quotidien de référence qui est longtemps resté le premier titre de presse en Belgique francophone. Malgré la chute importante de son tirage, entamée à partir à la fin des années 1960, la réputation historique du *Soir* subsiste encore nettement et pour beaucoup de journalistes, y travailler reste source de fierté :

Il y a encore, quand même, ce côté "Tu travailles pour l'un des grands quotidiens en Belgique" qui me plaît, je pense, malgré le fait que souvent je me plains et que je dis que ça part à vau-l'eau. Il y a ce côté : "Moi, je travaille pour *Le Soir*". (J8)

Le pouvoir d'attraction du *Soir* tient également à la place que l'entreprise a accordée durant une par-

tie de la période étudiée, qu'elle accorde encore pour certains, à l'autonomie journalistique. Ceux qui ont travaillé au *Soir* dans les années 1990 et au début des années 2000 s'accordent pour dire que leur hiérarchie faisait largement écho à leur recherche d'autonomie, qui est considérée comme l'une des valeurs fondatrices de l'idéologie du groupe professionnel (Hunter, 2015 ; Deuze, 2005). Il s'agit d'une valeur particulièrement véhiculée et portée par la rédaction du *Soir*. Ils avaient ainsi la possibilité de déployer au sein de l'organisation la strate de leur identité qui est liée au groupe professionnel : « Les meilleurs moments de ma carrière, c'est quand j'ai pu faire tout ce que je voulais [par rapport aux choix des sujets et des angles], surtout dans les années 1990. Il y avait une vraie reconnaissance, un respect de la part de la hiérarchie qui reconnaissait notre savoir-faire. » (J5). Si l'autonomie journalistique est une attente essentielle pour nos informateurs, c'est avant tout parce qu'elle joue un rôle dans la manière dont ils perçoivent leur capacité à « bien faire » leur travail, et cette conception est profondément liée au système de valeurs du groupe professionnel.

Enfin, nous pouvons faire l'hypothèse que la place occupée par le quotidien, mais aussi plus largement par le groupe Rossel, sur le marché médiatique belge francophone contribue à augmenter sa force d'attraction. La motivation de travailler pour une entreprise prospère est généralement plus grande car le travailleur y voit plus de chances d'obtenir un emploi dont la stabilité est assurée et un salaire convenable (Paugam, 2000). Cette attente relève à la fois de la strate identitaire liée à l'organisation et de celle liée à la trajectoire personnelle, car elle impacte les possibilités de se projeter et d'anticiper sa carrière au sein de l'entreprise.

L'analyse des récits biographiques permet ainsi de mieux comprendre que la force d'attraction exercée par le quotidien tient à sa capacité à répondre aux principales attentes personnelles, professionnelles et organisationnelles des journalistes. Pour faire le parallèle avec le paradigme gravitationnel, nous pouvons dire que le quotidien représente, pour les informateurs, ce qui est considéré comme le plus authentique du monde journalistique (Strauss, 1992 ; Bastin, 2016). Notre monographie du quotidien⁶ et les entretiens montrent, par ailleurs, que cette organisation a durant longtemps assuré la stabilité des emplois journalistiques et octroyé des conditions de travail satisfaisantes, entre autres en ce qui concerne l'autonomie journalistique.

De surcroit, l'entreprise est parvenue à créer un ensemble de valeurs, de représentations et de symboles communs à partir desquels ses membres ont pu construire leur identité personnelle et collective (Sainsaulieu, 2014 et 1987 ; Paugam, 2000). Le matériau récolté dans les entretiens et plus largement dans

le cadre de notre recherche doctorale indique que cette culture partagée s'est construite tout au long de son histoire, depuis sa création en 1887. Il est particulièrement intéressant de souligner que la culture organisationnelle du journal *Le Soir* s'est en grande partie constituée à travers les différentes prises de position des journalistes pour défendre l'indépendance de la rédaction, ses prérogatives sur le projet éditorial et l'image du quotidien, ainsi que l'autonomie rédactionnelle (Libert, 2019). Cette culture s'enracine donc en de nombreux points avec les valeurs associées au groupe professionnel journalistique (Deuze, 2005).

Notre analyse des récits biographiques nous conduit à envisager le journal *Le Soir* comme étant positionné au centre des mondes du journalisme⁷. Notre outil d'analyse permet ici de mieux comprendre les raisons de son pouvoir d'attraction sur les trajectoires professionnelles : si *Le Soir* représentait pour l'ensemble des informateurs la plus haute place qu'ils espéraient pouvoir obtenir dans leur carrière, c'est parce qu'il constituait un lieu de travail qui rendait possible une harmonie entre la strate identitaire liée au groupe professionnel, à l'organisation et à la trajectoire personnelle. Cette harmonie explique leur attachement pour l'organisation. Ils sont d'ailleurs plusieurs à parler du *Soir*, comme si leur appartenance à la rédaction déterminait en grande partie ce qu'ils sont.

Lorsque les attentes énumérées ci-dessus sont rencontrées et que l'entreprise parvient à susciter une identification organisationnelle importante, alors la mobilité externe volontaire est quasiment nulle : peu de journalistes choisissent de changer de média. Quand on atteint cette position, c'est l'immobilité qui prédomine : « Pourquoi voudrait-on changer ? ». Ces attentes ont longtemps été comblées au sein du quotidien bruxellois. Elles le sont encore pour certains interviewés, mais généralement de manière moins prégnante. Ceux qui ont connu la rédaction avant les années 2000 s'accordent pour dire qu'il était extrêmement rare à l'époque que des journalistes quittent volontairement le quotidien. Ils anticipaient d'ailleurs la construction de leur carrière à partir de cette position. De nouvelles attentes étaient créées, de nouvelles positions étaient briguées, mais elles s'envisageaient à partir de l'entreprise médiatique.

Quand le milieu organisationnel se transforme

Les trajectoires des journalistes interviewés sont variées : certains continuent d'évoluer au sein du journal, d'autres en ont été écartés, notamment dans le cadre des restructurations de l'entreprise ; d'autres encore s'en sont progressivement détachés, au fil des mutations qui sont venues transformer leurs conditions d'emploi et de travail. Parmi ces derniers, certains ont choisi de quitter l'entreprise, d'autres d'y

rester. Dix ne travaillent plus pour le quotidien au moment de l'entretien : un journaliste est parti à l'âge de la retraite, deux ont été licenciés, trois sont partis dans le cadre de la restructuration de 2013, quatre autres ont quitté le quotidien de leur plein gré en dehors des plans de licenciement.

Certains informateurs qui travaillent toujours au *Soir* mobilisent dans leur discours le registre vocationnel pour expliquer les départs d'anciens collègues. En journalisme, « la vocation » est fréquemment présentée comme l'un des principaux éléments de régulation des carrières (Bastin, 2011) : ainsi, ne resteraient dans le journalisme que ceux qui sont « *mordus d'actualité* » ; quitteraient le métier, ceux dont la vocation n'est pas suffisamment forte pour en supporter ses conditions difficiles. Ce registre n'explique les trajectoires qu'à partir des individus et ne prend que peu ou pas en compte le contexte qui entoure les parcours personnels (Bastin, 2011). Or, tout comme d'autres travaux en journalisme (Pereira, 2020 ; Machut, 2019 ; Standaert, 2016 ; Bastin & Machut, 2016), notre analyse montre que l'on ne peut réduire la régulation des carrières à la question de posséder ou non la fibre journalistique. Elle écarte, par ailleurs, l'approche opposée qui relève des théories structuralistes et pour laquelle seul le poids des structures externes détermine l'évolution des carrières individuelles. L'analyse des entretiens nous permet une lecture sensiblement plus fine des départs du quotidien. En effet, une trame commune se dégage des récits des journalistes qui ont quitté le *Soir* après y avoir travaillé durant de nombreuses années : les évolutions récentes de leur milieu organisationnel sont progressivement entrées en dissonance avec leurs attentes professionnelles, au point, pour certains, de ne plus parvenir à reconnaître leur métier. Leur attachement s'est altéré et ils ont fini par se dissocier du journal.

Trois facteurs principaux de dissonance ont été identifiés dans les entretiens. Le premier est le fait de ne plus se retrouver dans la ligne éditoriale du quotidien. Au cours des années 2000, huit interviewés estiment que l'identité du quotidien aurait progressivement glissé vers un côté plus « populaire », au détriment du côté « qualité » : le journal serait ainsi devenu plus « *sensationnaliste* » (J3), il mettrait en avant « *l'émotionnel* » (J3, J4 et J5), au « *détriment de l'analyse et de la réflexion* » (J3, J4 et J5). D'autres interviewés reconnaissent cette évolution, mais la nuancent et estiment que ce changement traduit un sentiment d'impuissance de la rédaction en chef face au déclin des ventes. Plusieurs informateurs présentent le changement de la ligne éditoriale comme l'une des principales raisons de leur départ. Comme nous l'avons vu, le fait de « se retrouver » dans la ligne éditoriale constitue un repère identitaire important et l'une des conditions de l'attachement du journaliste à son média. Or, l'évolution du

projet éditorial, notamment sous l'effet de la centralisation du processus d'élaboration du journal entre les mains de la rédaction en chef, est progressivement entrée en dissonance avec les attentes des journalistes interviewés :

Il y avait un attachement très fort au journal [...] Et je le défendais bec et ongles contre tous ceux qui critiquaient la presse, les médias, d'une manière générale. Et je me suis rendu compte qu'à partir des années 2005-2007, je commençais à pouvoir difficilement défendre le journal. Quand j'entendais des amis ou des connaissances qui disaient : "Enfin, tu as vu ce que ton journal fait ?" Je ne trouvais plus d'arguments pour leur répondre. Je leur disais "Oui, tu as raison". Et donc, de devoir de plus en plus souvent dire : "Oui, tu as raison. Effectivement, il y a un problème..." fait qu'il y a une distance qui commence à se créer et qui fait qu'on n'arrive plus à adhérer totalement au projet. (J5 a travaillé au *Soir* durant plus de 20 ans).

Le second facteur de dissonance est lié à l'intensification de la productivité et de la charge de travail. Cette mutation résulte principalement de la réduction de la taille de la rédaction, du développement de stratégies plurimédias et des changements de politique managériale. Certains informateurs parviennent à donner du sens à cette évolution et y puisent même une source nouvelle de pouvoir (Datchary, 2010). D'autres interviewés, au contraire, ont le sentiment que leur activité au *Soir*, en étant de plus en plus soumise aux exigences de productivité, aux contraintes techniques et économiques, s'est progressivement vidée de son sens. Cette situation est un facteur important de dissonance. Le journaliste J2 a travaillé au *Soir* durant plus de 20 ans. Il a décidé de quitter le quotidien lors du second plan de restructuration en 2013. Il explique que deux refus successifs concernant des demandes de reportages à l'étranger l'ont fortement démoralisé, au point de penser que s'il ne s'arrêtait pas, il finirait par tomber en dépression. Le motif donné à ces refus est qu'il serait plus productif en restant à la rédaction, assis derrière son ordinateur :

Aller sur le terrain, c'est quand même l'essence de ce métier. Bien sûr que l'on peut aussi prendre son téléphone et appeler. Je le fais aussi. Mais je trouve que ce qu'il faut privilégier, c'est que les gens ne soient pas leurs fesses sur une chaise à la rédaction, à attendre les ordres qui viennent d'en haut, à regarder sur le web ce que les autres ont fait [...] Et donc quand tu dois écrire beaucoup, faire plusieurs articles sur la journée, à un moment, ça devient du journalisme assis. [...] Ça, ce n'est pas mon métier. Pour moi, ce n'est plus du journalisme. [...] Ça

a aussi été l'un des aspects qui ont fait que, à un moment, j'ai dû lever le pied. Que je me suis dit : "Maintenant stop !". (J2. Il a travaillé au *Soir* durant plus de 20 ans)

Son discours et les mots qu'il emploie « ce n'est pas mon métier », « ce n'est plus du journalisme » montrent que l'évolution de son travail au journal qui, pour lui, est de plus en plus dicté par la productivité et d'autres préoccupations d'ordre économique, ne correspond plus à ses attentes professionnelles. Ce journaliste explique avoir commencé sa carrière sous statut d'indépendant. Un début de parcours qui aurait forgé la conception qu'il se fait de son métier et de son identité professionnelle : ainsi, malgré le nombre d'années durant lesquelles il a exercé comme journaliste salarié, il dit que son « esprit de journaliste est resté très indépendant ». Nous retrouvons ici l'influence de la trajectoire personnelle dans le processus de construction identitaire. Ses mots signifient, par ailleurs, que son engagement revient en priorité à sa profession, et non à l'entreprise. Il n'accepte pas les nouvelles contraintes qui lui sont imposées car elles affectent ses conditions de travail, or elles n'ont pour lui aucun intérêt journalistique. Il ne parvient plus à donner du sens à son activité, et c'est ce qui l'a conduit au départ. Son récit met en lumière les tensions entre les strates identitaires liées au groupe professionnel, à l'organisation et à la trajectoire personnelle.

Le troisième facteur de dissonance est la perte d'autonomie professionnelle. Ce facteur fait suite au renversement du processus d'élaboration du journal qui devient davantage centralisé entre les mains de la rédaction en chef. Les journalistes, malgré leur spécialisation et leur expertise, se sont dès lors vus de plus en plus imposer des sujets d'articles. Cette perte d'autonomie est liée à l'évolution de la politique managériale et résulte en grande partie de la volonté de renforcer les structures hiérarchiques en place. Plusieurs informateurs vivent ce changement comme une remise en cause de leur expertise et de leurs compétences. La perte d'autonomie soulève donc des enjeux liés à la reconnaissance et à la valorisation du travail. Par ailleurs, certains interviewés se sont vus imposer des choix rédactionnels qu'ils n'assumaient pas pleinement, mais qu'ils se résignaient à faire :

Je me suis dit : "Est-ce que je mets toute mon énergie pour prouver que ce n'est pas intéressant ou bien j'écrase [...] ?" Et donc je fais beaucoup de travail pour des choses qui ne m'intéressent pas, que je considère sans intérêt, que je signais par mes initiales parce que je n'étais pas fier. (J2)

Ces trois évolutions ont entraîné, pour plusieurs informateurs, d'importantes dissonances entre ce

qu'ils pensent devoir faire, en fonction de leur rôle professionnel et de leur trajectoire vécue, et ce qu'ils font au quotidien. Parfois, ces évolutions ne correspondent pas non plus à l'image que le journaliste souhaite renvoyer à ses pairs, ses sources, son public ou encore ses proches. De fortes tensions émergent donc entre, d'une part, son image de soi et son identification au groupe professionnel et, d'autre part, son appartenance au milieu organisationnel. Une partie des journalistes interviewés sont alors entrés dans un cercle vicieux : ces changements les conduisent à ne plus pouvoir donner du sens à leur activité et moins ils parviennent à le faire, plus ils ont du mal à les accepter. Cette perte de sens peut être source de souffrance (trois informateurs ont fait état de dépression ou de burn-out en raison de ces facteurs). Ces évolutions sont d'autant plus mal vécues que l'attachement envers la rédaction et le journal était extrêmement prégnant : « Je dirais aussi qu'on ne critique jamais autant que ce que l'on a aimé. J'ai beaucoup aimé, j'ai beaucoup reçu, j'ai beaucoup donné. J'ai été beaucoup déçu ». (J2) ; « À un moment, il faut se dire, on n'est plus en accord. Le problème, c'est ça, c'est de se dire, on attend tellement de son journal qu'à un moment, on est déçu » (J4). Les discours de ces informateurs révèlent à quel point ils liaient leur identité professionnelle à leur milieu organisationnel. Se dissocier du quotidien est donc très difficile, comme si on abandonnait une partie de soi, de ce que l'on était, de ce que l'on pensait être encore longtemps. Les dissonances entre les trois strates identitaires ont ainsi joué un rôle central dans leur départ du quotidien.

Quant au reste des interviewés qui travaillent toujours pour le quotidien, nous ne retrouvons pas dans leur discours de si fortes dissonances. Cela ne veut pas dire qu'ils ne reconnaissent pas ces évolutions. Tous soulignent que le métier se pratique aujourd'hui dans des conditions plus difficiles. Ils regrettent parfois également la montée des logiques économiques et marketing dans le contenu éditorial. Parfois, ils doivent également suivre des injonctions qui entrent en contradiction avec ce qu'ils pensent devoir faire. Néanmoins, ils sont quelques-uns à parvenir à relativiser ces transformations. C'est le cas de la journaliste J16 : « C'est pour ça qu'il y a autant de départs, parce que les conditions de travail, oui, effectivement, sont moins bonnes qu'avant. Mais je pense que c'est le cas pour tout le monde ». Il est important de noter ici que, parmi eux, certains occupent ou ont occupé une fonction à responsabilités au sein de la rédaction, or notre recherche a permis de confirmer que le degré d'autonomie progresse selon la position hiérarchique. Ils sont, par ailleurs, davantage en phase avec l'évolution de la ligne éditoriale du quotidien. Ces journalistes parviennent donc encore à donner du sens à leur travail et c'est ce qui leur permet d'en accepter les transformations. D'autres informateurs disent ne plus

retirer beaucoup de satisfaction de leur vie professionnelle, mais des raisons personnelles, telles qu'un prêt hypothécaire, les retiennent dans leur emploi.

Au-delà des dissonances ressenties par une partie des interviewés, les transformations intervenues au *Soir* semblent conduire à un mouvement de distanciation à l'égard du milieu organisationnel. Et cela, même pour les journalistes qui sont toujours au *Soir*. La force d'attraction du journal n'est plus aussi forte que par le passé. Cela ne veut pas dire que la mobilité externe va forcément s'accentuer, mais il semble désormais plus difficile de se projeter et de s'investir pleinement dans son milieu organisationnel, ne serait-ce que par volonté de se préserver d'une identification trop incertaine ou qui peut parfois faire souffrir.

Se détacher

Parmi les neuf informateurs qui ont quitté *Le Soir* avant la fin de leur carrière professionnelle, la plupart ont en commun d'avoir considéré *Le Soir* comme la plus haute place qu'ils espéraient pour leur carrière. Quitter cette position a marqué un moment charnière dans leur carrière professionnelle. Andrew Abbott mobilise le concept de *turning point* qu'il définit comme des changements courts, conséquents, de nature à réorienter un processus, à établir une nouvelle réalité, une nouvelle direction dans la carrière (Abbott, 2001 ; Abbott, 2009).

Quand on quitte cette position, où va-t-on ? L'ensemble de ces informateurs expliquent avoir ressenti le besoin d'une rupture nette dans leur parcours professionnel : autant *Le Soir* a exercé sur leur trajectoire une force d'attraction importante, autant, en quittant cette position, les forces en œuvre sont plutôt répulsives. Quitter cette position induit un réel bouleversement identitaire, et cela même lorsque le départ est volontaire. Les perspectives professionnelles semblent désormais bien minces, comme le montre cet extrait d'entretien évoquant le découragement de certains journalistes qui vivent mal les évolutions de leur milieu organisationnel :

En fait, quand on allait manger ensemble, ce n'était même pas très gai parce qu'on entendait vraiment de plus en plus certains journalistes dire : "Est-ce qu'on va rester ?" Mais en même temps, ils disaient : "Qu'est-ce qu'on peut faire d'autre ?" De nouveau, quand on est au Soir, où peut-on aller ? (J5)

L'analyse des récits biographiques des informateurs qui sont partis du *Soir* montre clairement la volonté de marquer une rupture. Dans leur étude de 2016, Bastin et Machut ont montré que le centre des mondes de l'information constitue la dernière étape la

plus fréquente d'une carrière en journalisme (Bastin & Machut, 2016). En d'autres termes, sortir de cette position revient généralement à sortir du monde social, ce que nous qualifions de *forces répulsives*. Notre recherche sur les carrières des journalistes du *Soir* rejoint ce constat, tout en permettant d'en affiner la compréhension. En effet, notre thèse est que de nombreux départs actuels du journalisme de personnes qui occupaient une position au centre du monde peuvent s'expliquer par un profond désajustement entre les trois strates identitaires et le sentiment qu'il n'existe pas, ailleurs dans le monde, de positions permettant de retrouver une concordance entre les strates.

Ainsi, plusieurs informateurs ont renoncé au métier et quitté le journalisme. Certains soulignent qu'ils pourraient travailler pour les quotidiens *La Libre Belgique* ou *L'Écho*, qui sont également des journaux dits de référence, ou encore pour l'entreprise audiovisuelle *RTBF*. Toutefois, la majorité garde le sentiment que les conditions de travail restent meilleures au *Soir* qu'ailleurs et soulignent que les évolutions qu'ils regrettent se retrouvent également dans les autres médias traditionnels. Ils ont donc le sentiment de ne pas avoir d'autres perspectives professionnelles au sein des mondes journalistiques. Plusieurs ont donc fait le choix de quitter le journalisme et de donner une toute nouvelle direction à leur carrière. Deux d'entre eux ont mis fin à leur activité de journaliste, mais ils continuent à s'impliquer pour le groupe journalistique en travaillant désormais au sein d'unions professionnelles de défense du journalisme. Ils s'investissent dans des structures ou des projets dont l'objectif est de valoriser le journalisme et ses valeurs. Ils ont quitté leur entreprise afin de renouer avec des valeurs qu'ils ne retrouvaient plus suffisamment au *Soir*.

Mais quitter cette position ne signifie pas dans tous les cas quitter le métier. Il s'agit surtout de rompre avec ses principaux repères identitaires et de revoir ses attentes professionnelles. Deux autres informateurs ont ainsi poursuivi leur activité de journaliste : l'un a rejoint la rédaction d'un autre quotidien quelques mois après son départ du *Soir*, mais dans un domaine de spécialisation très éloigné de ce qu'il avait l'habitude de couvrir : « C'est un monde à part, j'étais vraiment vierge à ce poste [...] il fallait une coupure nette que je n'ai jamais regrettée » (J7 a travaillé au *Soir* durant une vingtaine d'années). Le second a poursuivi dans son domaine de spécialisation, mais il a créé son propre média et est devenu auto-entrepreneur. Il a donc choisi une tout autre forme de relation d'emploi : « Je ne voulais plus de pyramide, d'une hiérarchie avec des contraintes administratives, économiques, marketing qui ne me concernent pas et dont je subissais les conséquences » (J2). Quitter le quotidien lui a permis de redonner du sens à son activité et ainsi « *de se retrouver* ».

Quelle que soit la direction donnée à leur carrière par la suite, quitter ce qui représentait la plus haute place qu'ils espéraient obtenir, se détacher d'une position qui a durant longtemps accroché leur trajectoire, représente nécessairement un profond bouleversement identitaire. « Je crois que j'ai toujours pensé que je resterais au *Soir*. Mais je n'ai jamais pensé que *Le Soir* allait changer comme il a changé » (J5). Tout changement est générateur de « petites crises » qui nécessitent un travail sur soi et une perturbation des routines antérieures (Dubar, 2015, p. 165). Mais les récits de la majorité des interviewés qui ont quitté *Le Soir* montrent qu'ils ont vécu ce départ comme une épreuve réellement difficile, tant ils liaient leur identité au quotidien.

CONCLUSION

L'objectif de cet article était d'explorer et de défendre la thèse selon laquelle une analyse des trois grandes strates de l'identité professionnelle des journalistes - l'identification au groupe professionnel, l'identification à l'organisation et la trajectoire personnelle - et de la manière dont elles s'articulent entre elles contribue à affiner la compréhension des mécanismes structurant le paradigme gravitationnel (Bastin, 2016 ; Strauss, 1992) et à approfondir l'étude des carrières des journalistes dans un contexte de profundes transformations organisationnelles. Cette perspective a été développée à partir de notre recherche consacrée à l'évolution des carrières des journalistes du quotidien *Le Soir* qui démontre que l'analyse des strates identitaires contribue à objectiver le paradigme gravitationnel des carrières pour les mondes du journalisme.

Cet outil d'analyse permet, tout d'abord, de mieux comprendre les mouvements qui dessinent les carrières. Il permet d'approfondir pourquoi certaines positions ne parviennent pas à retenir les journalistes alors que d'autres exercent un pouvoir d'attraction important sur leur trajectoire professionnelle. Dans notre recherche, il nous a conduit à positionner le journal *Le Soir* au centre des mondes du journalisme et nous avons pu observer que la force d'attraction du quotidien était profondément liée à sa capacité à offrir les conditions d'une cohésion entre les trois grandes strates de l'identité professionnelle.

Par ailleurs, il s'avère pertinent pour étudier les bouleversements identitaires vécus par les journalistes en raison des transformations récentes de leurs conditions d'emploi et de travail et les mouvements de dissociation qu'ils entraînent à l'égard de l'organisation et des mondes du journalisme. Notre recherche a ainsi démontré que les journalistes du *Soir* sont de plus en plus confrontés à des tensions entre leur identification au groupe professionnel, leur rattachement

au milieu organisationnel et leur trajectoire personnelle. Ces dissonances ont transformé la relation qui les liait à leur journal et affaibli la force d'attraction du quotidien. Elles conduisent à un mouvement de distanciation à l'égard de l'organisation, et peuvent, à ce titre, entraîner des changements conséquents dans la carrière. Pour une partie de nos intervenants, ces dissonances ont représenté une source de souffrance, notamment parce que leur attachement et leur identification à l'entreprise sont longtemps restés importants. Mais aussi parce que quitter *Le Soir* revient souvent à quitter le journalisme.

Enfin, cet outil d'analyse permet d'étudier les phénomènes de recompositions identitaires que ces changements entraînent. L'analyse des récits biographiques des journalistes qui sont partis du *Soir* montre clairement qu'ils ont ressenti le besoin de marquer une rupture nette dans leur parcours professionnel, de donner une nouvelle direction à leur carrière.

D'autres recherches consacrées aux carrières journalistiques pourraient mobiliser une analyse des trois strates identitaires afin d'approfondir, par exemple,

la compréhension des difficultés actuelles des jeunes journalistes à s'attacher à leur milieu organisationnel et à se projeter dans les mondes du journalisme à cause de l'insécurité de leur situation d'emploi (Standaert, 2016). Par ailleurs, il pourrait également être intéressant de concentrer l'analyse plus spécifiquement sur l'une des trois strates et d'en observer les transformations. À titre d'exemple, cela pourrait s'avérer pertinent dans le cadre d'une recherche portant sur l'augmentation récente du télétravail en journalisme dans le contexte de la crise sanitaire (Lacroix & Carignan, 2020 ; Libert et al., 2022), et la manière dont cette évolution travaille l'attachement des journalistes à l'égard de leur entreprise de presse.

Soumis le 05/05/2021

Accepté le 14/01/2023

NOTES

¹ Cette recherche se concentrait sur les journalistes de l'entreprise belge Rossel & Cie, holding du groupe Rossel. Nous avons étudié l'évolution de l'emploi et du travail à l'intérieur de la rédaction de son journal *Le Soir*, de 1999 à 2013 (Libert, 2019). Cette étude s'appuyait notamment sur une large recherche documentaire (des documents internes à l'entreprise et un corpus constitué d'articles de presse narrant les événements économiques, sociaux et rédactionnels qui concernent la rédaction du quotidien) et 18 entretiens biographiques.

² Les données issues des entretiens ont été récoltées entre 2015 et 2016, mais elles restent pleinement fondées à ce jour. Cela a notamment pu être confirmé par des contacts récents avec une partie des informateurs rencontrés.

³ Les personnes rencontrées ont été sélectionnées sur base du critère de la diversité des profils et des parcours professionnels (en termes de statut d'emploi, de fonctions hiérarchiques, d'ancienneté professionnelle, etc.).

⁴ Associés à la sociologie interactionniste, les mondes sociaux sont souvent considérés comme un concept, mais ils relèvent

pourtant d'avantage d'un cadre, d'une manière d'interpréter des activités collectives, qui repose sur un ensemble de composantes interdépendantes, chacune variant légèrement en fonction du contexte étudié (arènes, conventions, carrières, négociations, etc.) (Langonné et al., 2019).

⁵ Hughes cite comme exemple les possibilités de faire carrière à travers le développement d'un engagement militant dans des organisations patriotiques ou civiques (Hughes, 1964).

⁶ Réalisée dans le cadre de notre recherche doctorale (Libert, 2019).

⁷ Il va de soi qu'il serait également intéressant d'interroger les trajectoires de journalistes qui n'ont jamais travaillé au *Soir* pour en attester. Toutefois, notre matériau de recherche souligne très nettement la force attractive du quotidien en comparaison avec d'autres médias, tout comme sa capacité à permettre des activités et des actions particulièrement « représentatives » du monde sociale (Strauss, 1992).

RÉFÉRENCES

- Abbott, A. (2001). *Time matters. On theory and method.* Chicago: The University of Chicago Press.
- Abbott, A. (2009). À propos du concept de Turning Point. In Grossetti, M. (Ed.), *Bifurcations : Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement* (pp. 187-211). Paris: La Découverte. <https://doi.org/10.3917/dec.bessi.2009.01.0187>
- Augey, D. (2003). Les journalistes : petits maillons au bout de la chaîne industrielle. *Hermès, La Revue*, 35(1), 73-79. <https://doi.org/10.4267/2042/9319>
- Barland, J. (2020). Innovation of New Revenue Streams in Digital Media. *Nordicom Review*, 34(s1), 99-111. <https://doi.org/10.2478/nor-2013-0107>
- Barley, S. R. (1989). Careers, identities, and institutions: The legacy of the Chicago School of Sociology. In M. B. Arthur, D. T. Hall, et B. S. Lawrence (Eds.), *Handbook of career theory* (pp. 41-65). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bastin, G. (2003). Les professionnels de l'information européenne à Bruxelles : Sociologie d'un monde de l'information (territoires, carrières, dispositifs). Dissertation doctorale, École Normale Supérieure de Cachan. <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01385480/>
- Bastin, G. (2011). Profil : journaliste. Trajectoires biographiques et identités collectives dans les mondes de l'information. In *Colloque national : Le journalisme, une activité collective. Formes, acteurs, pratiques, enjeux*, 18.
- Bastin, G. (2016). Gravitation, aléa, séquence : Variations sociologiques autour du concept de carrière. In Demazière, D. et Jouvenet, M. (dir.) *Andrew Abbott et l'héritage de l'école de Chicago* (Vol. 2). Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01385699>
- Bastin, G., & Machut, A. (2016). Gravitation et dispersion dans les carrières des journalistes passés par la presse quotidienne nationale. *Temporalités*, 23. <https://journals.openedition.org/temporalites/3403>
- Becker, H. S., & Strauss, A. L. (1956). Careers, personality, and adult socialization. *American journal of sociology*, 62(3), 253-263.
- Becker, H. S. (2006). Notes sur le concept d'engagement. *Tracés. Revue de sciences humaines*, (11). <https://doi.org/10.4000/traces.257>
- Becker, H. S. (2010). *Les mondes de l'art*. Paris : Flammarion.
- Bergamo, A, Mick, J. & Lima, S. (2013). *Perfil do jornalista brasileiro. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. <https://perfilojornalista.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Síntese.pdf>
- Bucher, R., & Strauss, A. (1961). Professions in process. *American journal of sociology*, 66(4), 325-334.
- Cefai, D. (2015). Mondes sociaux. Enquête sur un héritage de l'économie humaine à Chicago. *SociologieS*. <https://doi.org/10.4000/sociologies.4921>
- Champagne, P. (2000). Introduction-Le journalisme à l'économie. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 131(1), 3-7.
- Charon, J-M. & Pigeolat, A. (2021). *Hier, journalistes. Ils ont quitté la profession*. Toulouse : Entremises éditions, 126 p.
- Cohen, N.S., Hunter, A. & O'Donnell, P. (2019). Bearing the Burden of Corporate Restructuring: Job Loss and Precarious Employment in Canadian Journalism. *Journalism Practice*, 13(7), 817-833. doi: 10.1080/17512786.2019.1571937
- Compton, J. R., & Benedetti, P. (2010). Labour, new media and the institutional restructuring of journalism. *Journalism studies*, 11(4), 487-499.
- Courpasson, D. (1994). Marché concret et identité professionnelle locale : La construction de l'identité par le rapport au marché. *Revue française de sociologie*, 35(2), 197-229.
- Datchary, C. (2010). Ce que le Web 2.0 fait à l'autonomie journalistique. L'expérience Médiapart. In Lemieux, C (dir.). *La subjectivité journalistique : Onze leçons sur le rôle de l'individualité dans la production de l'information* (pp. 123-141). Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Degand, A. (2012). *Le journalisme face au web : Reconfiguration des pratiques et des représentations professionnelles dans les rédactions belges francophones*. Dissertation doctorale, Université catholique de Louvain.
- Desmarez, P. & Stroobants, M. (1989). L'entreprise : évidence ou symptôme d'un problème ? *Cahiers de Sociologie et d'Économie Régionales. Critique régionale*, (17).
- Deuze, M. (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Deuze, M., & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165-181. doi:10.1177/1464884916688550
- Dubar, C. (1992). Formes identitaires et socialisation professionnelle. *Revue Française de Sociologie*, 33(4), 505-529. <https://doi.org/10.2307/3322224>
- Dubar, C. (1996, 2^e édition). *La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles*. Paris : Armand Colin.
- Dubar, C. (1998a). Les identités professionnelles. In Ker-goat, J., Boutet, J., Jacob, H. & Linhart, D. (Eds.), *Le monde du travail*. Paris : La Découverte.
- Dubar C. (1998b). Trajectoires sociales et formes identitaires. Clarifications conceptuelles et méthodologiques. *Sociétés contemporaines*, 29(1), 73-85.
- Dubar C. (2015). *La crise des identités : L'interprétation d'une mutation*. Paris : PUF.
- Frisque, C. (2013). Multiplication des statuts précaires et (dé)structuration de l'espace professionnel. *Sur le journalisme About journalism Sobre jornalismo*, 2(2), 78-93. <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/94>
- Goffman, E. (1961). *Asylums : Essays on the social situation of mental patients and other inmates*. New-York: Anchor Books.
- Hughes, E. C. (1937). Institutional Office and the Person. *American Journal of Sociology*, 43(3), 404-413. <http://www.jstor.org/stable/2768627>
- Hughes, E. C. (1964, 2^e édition). *Men and their work*. Glencoe: Free Press.
- Hughes, E. (1996). Le drame social du travail. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 115(1), 94-99.
- Hunter, A. (2015). Crowdfunding independent and freelance journalism: Negotiating journalistic norms of autonomy and objectivity. *New Media & Society*, 17(2), 272-288. <https://doi.org/10.1177/1461444814558915>
- Lacroix, C. & Carignan, M.-È. (2020). Pandémie de COVID-19 : de nouvelles contraintes journalistiques qui menacent le droit à l'information. *Enjeux et société*, 7(2), 271-296.
- Lasorsa, D. L., Lewis, S. C., & Holton, A. E. (2012). Normalizing twitter: Journalism practice in an emerging communication space. *Journalism Studies*, 13(1), 19-36. doi:10.1080/1461670X.2011.571825
- Laugée, F. (2014). À partir du milieu des années 1990, la mise en ligne de l'information s'impose avec le développement des usages sur le web. In Leteinturier, C. *Les journalistes français et leur environnement : 1990-2012. Le cas de la presse d'information générale et politique*, (pp.113-133). Paris : Éditions Panthéon Assas.
- Le Bohec, J. (2000). *Les mythes professionnels des journalistes : l'état des lieux en France*. Paris : L'harmattan.
- Le Breton, D. (2004). *L'interactionnisme symbolique*. Paris : PUF.
- Le Cam, F. (2005). *L'identité du groupe des journalistes du Québec au défi d'Internet*. Dissertation doctorale, Université Rennes 1.
- Le Cam, F. (2009). *Le journalisme imaginé : histoire d'un projet professionnel au Québec*. Montréal : Leméac.
- Le Cam, F., Pereira, F.H. & Ruellan, D. (2019). Professional Identity of Journalists. In Vos, T., Hanusch, F., Dimitrakopoulou, D., Geertsema-Sliigh, M. et Sehl, A. *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. Wiley Blackwell.
- Leteinturier, C. (2014). *Les journalistes français et leur environnement : 1990-2012. Le cas de la presse d'information générale et politique*. Paris : Éditions Panthéon Assas.
- Libert, M., Le Cam, F. & Domingo, D. (2022). Belgian Journalists in Lockdown: Survey on Employment and Working Conditions and Representations of Their Role. *Journalism Studies*, 23(5-6), 588-610. doi : 10.1080/1461670X.2021.1944280
- Libert, M. (2019). *Carrières et conditions d'emploi et de travail des journalistes. Analyse des mutations dans la presse quotidienne belge francophone*. Paris : Institut Francophone pour la Justice et la Démocratie.
- Machut, A. (2019). *La Bourse ou la plume ? : les trajectoires professionnelles de journalistes dans le monde de l'information financière*. Dissertation doctorale, Université Grenoble Alpes.
- McManus, J. H. (1994). *Market-Driven Journalism: Let the Citizen Beware?* California: Sage Publications, 264 p.
- Nel, F. (2010). *Laid Off: What Do UK Journalists Do Next?* Preston: University of Central Lancashire.
- Örnebring, H. (2009). *The two professionalisms of journalism: Journalism and the changing context of work*. Oxford: University of Oxford, Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Örnebring, H. (2018). Journalists thinking about precarity: Making sense of the "new normal". *International symposium on online journalism*, 8(1), 109-127.
- Osty, F. (2008). L'identité au travail à l'épreuve de la crise. In Kaddouri, M., Lespessailles, C., Maillebouis, M. & Vasconcellos, M. (eds), *La question identitaire dans le travail et la formation : contributions de la recherche, état des pratiques et étude bibliographique*. Paris : L'Harmattan. 69-81.
- Paugam, S. (2000). *Le salarié de la précarité. Les nouvelles formes de l'intégration professionnelle*. Paris : PUF.
- Pereira, F. H., Tredan, O., & Langonné, J. (2018). Penser les mondes du journalisme. *Hermès, La Revue*, 82(3), 99-106.
- Pereira, F.H. (2020). "I Knew I Wouldn't be Well Remunerated Before my 30s": Professional Transition in French Journalism. *Journalism Practice*, 16(4), 755-773. doi :10.1080/17512786.2020.1813049
- Posetti, J., Bell, E. & Brown, P. (2020). *Journalism & the Pandemic: A Global Snapshot of Impacts*. ICFJ and the Tow Center for Digital Journalism. https://www.icfj.org/sites/default/files/2020-10/Journalism%20and%20the%20Pandemic%20Project%20Report%202020_FINAL.pdf
- Rebillard, F., & Smyrnaios, N. (2019). Quelle « plateformisation » de l'information ? Collusion socioéconomique et dilution éditoriale entre les entreprises médiatiques et les infomédias de l'Internet. *tic&société*, 13(1-2), 247-293. <https://doi.org/10.4000/ticsociete.4080>
- Reinardy, S. (2011). Newspaper journalism in crisis: Burnout on the rise, eroding young journalists' career commitment. *Journalism*, 12(1), 33-50. <https://doi.org/10.1177/1464884910385188>
- Reinardy, S. (2016). *Journalism's lost generation: The undoing of US newspaper newsrooms*. New-York: Routledge.
- Reinardy, S., Zion, L., & Baines, A. (2021). "It's like dying but not being dead" U.S. newspaper journalists cope with emotional and physical toll of job losses. *Newspaper Research Journal*, 42(3), 364-378. <https://doi.org/10.1177/07395329211030577>
- Sainsaulieu, R. & Segrestin, D. (1986). Vers une théorie sociologique de l'entreprise. *Sociologie du Travail*, 28(3), 335-352.
- Sainsaulieu, R. (1987). *Sociologie de l'organisation et de l'entreprise*. Paris : Presses de la Fondation nationale des sciences politiques.
- Sainsaulieu, R. (2014, 4^e édition). *L'identité au travail*. Paris : Presses de la Fondation nationale des sciences politiques.
- Standaert, O. (2016). *Le journalisme flexible. Trajectoires d'insertion, identités professionnelles et marché du travail des jeunes journalistes de Belgique francophone*. Bruxelles: P.I.E Peter Lang.
- Strauss, A. (1992). Une perspective en termes de monde social. In Baszanger, I. (dir.). *La trame de la négociation, Sociologie qualitative et interactionnisme*. Paris : L'Harmattan.
- Van Leuven, S., Raeymaekers, K., Libert, M., Le Cam, F., Stroobant, J., Malcorps, S., Jacquet, A., D'Heer, J., Heinderyckx, F., De Vuyst, S. & Vanhaelewyn, B. (2019). *Le profil des journalistes belges en 2018*. Gand : Academia Press. https://lapij.ulb.ac.be/wp-content/uploads/2019/04/2018_etude.pdf
- Zion, L., Dodd, A., Sherwood, M., O'Donnell, P., Marjoribanks, T., & Ricketson, M. (2016). Working for less: the aftermath for journalists made redundant in Australia between 2012 and 2014. *Communication Research and Practice*, 2(2), 117-136. <https://doi.org/10.1080/22041451.2016.1185924>

RESUMO | ABSTRACT | RÉSUMÉ

Les strates identitaires. Analyser l'identité professionnelle des journalistes pour mieux comprendre leur carrière
Statement journalism in electoral coverage and reliance on official sources

Camadas identitárias. Uma análise da identidade profissional dos jornalistas para melhor compreensão de suas carreiras

Identity dimensions. Analyzing journalists' professional identities to better understand their careers.

Fr. Cet article a pour objectif de discuter d'un outil d'analyse des carrières des journalistes reposant sur une analyse approfondie des trois grandes strates qui composent leur identité professionnelle - l'identification au groupe professionnel journalistique, l'identification organisationnelle fondée sur le rattachement au média et à l'entreprise et enfin, la trajectoire personnelle - et de la manière dont ces strates s'articulent entre elles. À partir des résultats d'une recherche consacrée à l'évolution récente des carrières des journalistes du quotidien belge *Le Soir*, nous y défendons la thèse selon laquelle l'analyse des trois strates identitaires et de leur articulation contribue à affiner la compréhension des mécanismes structurant le paradigme gravitationnel des mondes sociaux issu de la sociologie interactionniste (Bastin, 2016 ; Strauss, 1992) et à approfondir l'étude des carrières des journalistes dans un contexte de profundes transformations organisationnelles de l'emploi et du travail. En effet, mobiliser une analyse des trois strates identitaires, de leur ajustement ou, au contraire, de leurs dissonances, représente, selon nous, un outil pertinent permettant notamment de mieux comprendre l'attraction exercée par certaines positions au sein des mondes du journalisme, les mouvements de distanciation induits par les transformations récentes de l'emploi et du travail et, enfin, les départs du journalisme.

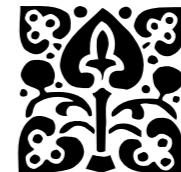
Mots-clés: identité professionnelle; strates identitaires; journalistes; *Le Soir*; carrières

Pt. O objetivo deste artigo é discutir uma ferramenta de análise das carreiras no jornalismo, com base em uma análise pormenorizada das três principais camadas (strates) que formam a identidade profissional jornalística – identificação com o grupo profissional jornalístico; identificação organizacional baseada no vínculo com a mídia e empresa; e trajetória pessoal – além da forma como essas camadas se articulam entre si. A partir dos resultados de uma pesquisa que investigou o desenvolvimento recente das carreiras dos jornalistas do diário belga *Le Soir*, sustentamos que a análise das três camadas identitárias e a articulação entre elas contribui para aperfeiçoar o entendimento dos mecanismos que estruturam o paradigma gravitacional dos mundos sociais, originado da sociologia interacionista (Bastin, 2016; Strauss, 1992), e também para aprofundar o estudo das carreiras jornalísticas no contexto de profundas transformações organizacionais em relação a emprego e trabalho. De fato, a análise das três camadas identitárias, com suas sintonias ou, ao contrário, com suas dissonâncias, constitui, ao nosso ver, uma ferramenta relevante para compreender melhor a atração exercida por certas posições no universo do jornalismo; os movimentos de distanciamento gerados pelas recentes transformações no emprego e no trabalho; e, por fim, os desvios do jornalismo.

Palavras-chave: identidade profissional; camadas identitárias; jornalistas; *Le Soir*; carreiras

En. This article aims at discussing a tool for analyzing journalists' careers based on an in-depth analysis of the three main dimensions (strates) that make up their professional identity, namely identification with the journalistic professional group, identification with the organization on the basis of attachment to the media and the company, and personal trajectory, and how these dimensions relate to each other. Drawing on the results of a research project on the recent evolution of the careers of journalists working for the Belgian daily *Le Soir*, we argue that an analysis of the three identity dimensions and their articulation helps to refine our understanding of the mechanisms structuring the gravitational paradigm of social worlds developed by interactionist sociology (Bastin, 2016; Strauss, 1992), and helps to expand the study of journalists' careers in a context of profound organizational transformations in both employment and work spheres. In fact, mobilizing an analysis of the three identity dimensions, of their alignment or on the contrary of their discordance, represents a relevant tool in our perspective, enabling us among other things to better understand the attraction exerted by certain positions within the worlds of journalism, the distancing movements induced by recent transformations in employment and work spheres and, finally, departures from journalism.

Keywords: professional identity; identity dimensions; journalists; *Le Soir*; careers





ENTRETIEN AVEC

Florian Sauvageau

Au carrefour des influences américaine, britannique et française

PRÉSENTATION

Florian Sauvageau est considéré dans la province de Québec, et au-delà, comme la figure de proue de l'enseignement universitaire du journalisme, pour en avoir été un pionnier dans les années 1960 et en être resté jusqu'à ce jour une référence publique emblématique.

Natif de la ville de Québec, il a réalisé ses premières études supérieures dans l'université de cette ville, l'Université Laval^I, tout en menant en parallèle des activités d'animateur et de reporter à la radio. Il continue cette 'double vie' pendant toute sa carrière : la pratique d'une forme ou d'une autre de journalisme et la vie d'académique. Avec une seule parenthèse, de taille, en 1985-1986 : la co-présidence du *Groupe de travail sur la politique de la radiodiffusion* mis sur pied par le ministère des Communications du Canada et la production du rapport Caplan-Sauvageau par cet organisme.

Pendant ses études, l'Université Laval était en pleine modernisation, en croissance accélérée et à la recherche de renouvellements divers. Le journalisme sera une filière où elle s'affirmera et Florian Sauvageau sera invité à y jouer un rôle de plus en plus déterminant. Devenu avocat, il fait un séjour à Paris à l'École Supérieure de journalisme (en 1965-66), puis plus tard (les étés 1969, 1970 et 1971) aux États-Unis où il obtient une maîtrise en journalisme de l'Université de l'Illinois. Dans sa vie parallèle, il a été directeur de l'information, puis directeur de la rédaction au *Soleil* de Québec, le principal quotidien de cette ville, animateur d'émissions à la radio privée (CHRC-AM), à la radio et à la télévision publiques de Radio-Canada, ainsi que collaborateur à la scénarisation et à la rédaction de documentaires de l'ONF (Office national du film du Canada).

Professeur d'université, il a régulièrement publié des articles académiques, rédigé ou co-dirigé de nombreux livres, prononcé d'innombrables conférences et été constamment présent sur la scène médiatique à titre d'expert. En 1992, il fonde le Centre d'études des médias (CEM), une entreprise unique par son rôle d'animation dans le réseau des universités francophones du Québec. Il en a été le président du conseil d'administration jusqu'en 2017.

^I L'Université Laval a été fondée en 1852 par une congrégation religieuse et est restée encadrée par le clergé catholique jusqu'au milieu du vingtième siècle.

En 2012, l'Université Laval lui a décerné le titre de professeur émérite, une attribution sur concours témoignant de la qualité supérieure de sa trajectoire professionnelle. En 2017, le gouvernement du Québec l'a nommé officier de l'Ordre national du Québec pour sa contribution au monde de l'information.

Cet entretien entrelace des souvenirs de son parcours personnel, l'histoire de la structuration de la formation universitaire en journalisme au Québec et sa position d'observateur expert du monde médiatique.

At the crossroads of American, British, and French influences

Florian Sauvageau

Florian Sauvageau is regarded in the province of Quebec, and beyond, as the figurehead of academic journalism education, pioneering it in the 1960's and remaining to this day an emblematic public reference.

Born in Quebec City, he completed his first post-graduate studies at the city's university, Université Laval^{II}, while simultaneously working as a radio host and reporter. He kept up his "double life" throughout his career, practicing one form of journalism or another while being an academic. A notable interlude occurred in 1985-1986, when he co-chaired the Task Force on Broadcasting Policy set up by the Canadian Ministry of Communications, which resulted in the publication of the Caplan-Sauvageau report.

During his years as a student, Université Laval was in the process of rapid growth, modernization and renewal. Journalism was one of the fields of study in which the university established itself, and Florian Sauvageau was called upon to play an increasingly decisive role. After becoming a lawyer, he spent time in Paris at the École Supérieure de Journalisme (1965-66), then later (summers of 1969, 1970 and 1971) in the United States, where he obtained a Master's degree in Journalism from the University of Illinois. In his parallel life, he was news director, then managing editor at *Le Soleil* in Quebec City, the city's leading daily, host of programs on private radio (CHRC-AM) and on Radio-Canada's public radio and television, as well as scriptwriter and editor of documentaries for the NFB (National Film Board).

As a university professor, he regularly published academic articles, wrote or co-edited numerous books, delivered countless lectures and was a constant presence on the media scene as an expert. In 1992, he founded the Centre d'études des médias (CEM), a unique venture in the network of French-speaking universities in Quebec. He was Chairman of the Board until 2017.

^{II} Université Laval was founded in 1852 by a religious congregation and remained under the supervision of the Catholic clergy until the middle of the twentieth century.

In 2012, Université Laval awarded him the title of professor emeritus, a competitive award recognizing the quality of his professional career. In 2017, the Quebec government named him an Officer of the National Order of Québec for his contribution to the world of information.

This interview interweaves memories of his personal life, the history of the establishment of academic journalism education in Quebec, and his position as an expert observer of the media world.

Na encruzilhada das influências americana, britânica e francesa

Florian Sauvageau

Na província de Quebec, e para além dela, Florian Sauvageau é tido como uma figura de proa do ensino universitário de jornalismo pelo seu pioneirismo nos anos 60, mantendo-se até hoje como referência emblemática na área.

Natural da cidade de Quebec, completou seus primeiros anos de estudos na Universidade Laval, na mesma cidade^{III}, ao mesmo tempo em que atuava como locutor e repórter de rádio. Manteve essa “vida dupla” durante toda a sua trajetória profissional, combinando a prática do jornalismo, de uma forma ou de outra, com a carreira acadêmica. Houve apenas uma interrupção, porém bastante relevante: em 1985-1986, foi copresidente do Grupo de Trabalho sobre Política de Radiodifusão criado pelo Ministério das Comunicações do Canadá, que produziu o relatório *Caplan-Sauvageau*.

Na época em que estudou, a Universidade Laval passava por um intenso processo de modernização, expansão acelerada e busca por renovação. Essa afirmação se daria especialmente no campo do jornalismo, no qual Florian Sauvageau seria convidado a desempenhar um papel cada vez mais decisivo. Depois de se tornar advogado, passou uma temporada em Paris, na Escola Superior de Jornalismo (1965-66), e posteriormente (nos verões de 1969, 1970 e 1971) nos Estados Unidos, onde obteve um mestrado em jornalismo pela Universidade de Illinois. Paralelamente, trabalhou como diretor de informação e depois como diretor de redação no jornal *Le Soleil*, o principal diário da cidade de Quebec, além de apresentador de programas na emissora privada CHRC-AM e na rádio e televisão públicas da *Radio-Canada*, tendo ainda colaborado em roteiros de documentários do ONF (*Office national du film*).

Como professor universitário, tem publicado regularmente artigos acadêmicos, escrito ou coeditado vários livros, dado inúmeras palestras e marcado presença constante como especialista na cena midiática. Em 1992, fundou o *Centre d'études sur les médias* (CEM), uma iniciativa única pelo seu papel dinamizador da rede

^{III.} A Universidade Laval foi fundada em 1852 por uma congregação religiosa e permaneceu sob a supervisão do clero católico até meados do século XX.

de universidades francófonas no Quebec. Presidiu o Conselho de Administração do CEM até 2017.

Em 2012, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Laval, uma distinção honorífica concedida por meio de concurso atestando a excelência de sua trajetória profissional. Em 2017, foi nomeado Oficial da Ordem Nacional do Quebec pelo governo do Quebec, em reconhecimento à sua contribuição para o mundo da informação.

Nesta entrevista, entrelaçam-se memórias de sua trajetória pessoal com a história da estruturação do ensino universitário de jornalismo no Quebec, destacando ainda sua posição como observador e especialista da mídia.

SLJ : Les formations en journalisme au Québec ont commencé à se structurer dans les années 1960. Alors étudiant en Droit à l'Université Laval, vous pratiquiez déjà le journalisme en parallèle à vos études. Qu'est-ce qui vous a conduit à vous impliquer dès ce moment-là du côté de l'enseignement du journalisme ?

FS : Mes souvenirs de ces débuts remontent à une rencontre avec André Patry, professeur de Droit à l'Université Laval. Il était fascinant. Il parlait cinq ou six langues, et était l'enseignant du cours de droit international public. Il était aussi superviseur d'émissions d'affaires publiques à Radio-Canada^{IV}. A la fin de mes études en droit, en 1964-65, je ne savais pas trop quoi faire dans la vie. Je suis allé voir André Patry à Montréal, à Radio-Canada, pour lui expliquer que je finissais mes études et que je n'avais pas envie de pratiquer le droit. Je ne sais pas s'il le savait, mais j'ai travaillé à la radio CHRC^V pendant toutes mes études et le journalisme m'intéressait. La formation des journalistes aussi. C'était la grande époque de CHRC, qui était la station la plus populaire à Québec et j'étais « l'ami Florian » le samedi matin, dans les émissions pour enfants. Le soir, on faisait une émission de demandes spéciales et je faisais aussi des reportages. On couvrait les incendies en direct et toutes sortes de choses. Et je lisais aussi les nouvelles. Donc, je rencontre André Patry qui m'explique qu'il termine à ce moment-là un rapport sur l'enseignement du journalisme pour le Recteur monseigneur Vachon^{VI}. L'Université Laval souhaitait ouvrir une formation au journalisme. Et André Patry m'interroge : « Voulez-vous aller étudier un an en Europe et devenir professeur ? ». Il dit cela après à peine une heure de conversation. Il avait beaucoup d'influence. L'université m'a donné une petite bourse et je suis parti après mon Droit à Paris, à l'école de journalisme de la rue de Rennes.

Chose certaine, à l'époque, les universités Laval et de Montréal s'intéressaient beaucoup à l'enseignement du journalisme, suivant aussi en cela les nombreux échanges sur le sujet au sein de l'Union canadienne des journalistes de langue française (UCJLF). Aussi, le rapport Patry était dur avec le monde des médias. Il reprochait notamment aux médias de ne pas s'intéresser à la formation des journalistes. Pourtant, au moment où André Patry rédigeait son rapport, en 1964, *Le Soleil* avait organisé un stage pour dix jeunes dans sa salle de rédaction. Ces stagiaires sont d'ailleurs presque tous devenus des journalistes au *Soleil*. Le frère Clément Lockquell, une personnalité éminemment importante dans le monde culturel de Québec et dans le monde économique, et doyen de la Faculté de commerce de l'Université Laval, était présent à la séance de clôture de ces stages et aurait émis l'idée d'associer ce stage à l'université. André Patry n'évoque pas cela, mais in-

^{IV.} Un organisme public de radiodiffusion est créé en 1932, La Commission canadienne de radiodiffusion, qui devient Radio-Canada en 1936. La Société est couplée dès le début à une version en langue anglaise : la Canadian Broadcasting Corporation (CBC). Elle constitue encore aujourd'hui l'épine dorsale du journalisme canadien.

^{V.} Station de radio AM entrée en ondes le 1er avril 1926. Elle a cessé d'émettre le 30 septembre 2012.

^{VI.} Louis-Albert Vachon, évêque, puis cardinal, archevêque de Québec de 1981 à 1990, recteur de l'Université Laval de 1960 à 1972.

dique, dans son rapport déposé la même année, qu'il y a un manque flagrant de formation intellectuelle des journalistes dont les employeurs se satisfont.

Cela a donc commencé ainsi. J'étais entre-temps parti à Paris suivre les cours de l'école de journalisme, rue de Rennes, mais surtout voyager et continuer mes reportages pour CHRC. Quand je suis revenu de France, il n'y avait pas encore d'école de journalisme au Québec. Je suis alors devenu secrétaire de la commission des études de l'université Laval tout en étant correspondant parlementaire de CHRC. C'est ainsi que par la suite j'ai été associé aux débuts de la formation au journalisme au Québec. Un ou deux ans plus tard, l'Université a créé un comité et j'en suis devenu membre. Le comité regroupait des personnalités qui, à l'université, dans divers secteurs, s'intéressaient au journalisme. Il était chapeauté par monseigneur Marcel Lauzon, un homme extrêmement efficace. Le comité s'est réuni rapidement. Les premiers cours sur le journalisme à Laval se sont donnés à l'Extension de l'enseignement^{vii} au milieu des années 1960, en accord avec le Syndicat des journalistes du *Soleil* qui souhaitait aussi que des cours soient organisés, que des journalistes soient mieux formés.

Je connaissais bien les deux premiers professeurs de la nouvelle formation en journalisme-information lancée en 1968 : Thomas Sloan, le directeur, et Jacques Rivet. Quand j'étais correspondant parlementaire, Thomas Sloan était le correspondant du *Montreal Star*. Il a écrit un livre remarquable, *Quebec : The Not So Quiet Revolution*. Beaucoup de gens pensent qu'il a inventé l'expression « Révolution tranquille »^{viii}, mais ce n'est pas lui, c'est un autre journaliste du *Montreal Star* qui s'appelait Brian Upton. Tom Sloan avait été boursier Nieman à Harvard. Il a rencontré Monseigneur Lauzon et est devenu directeur d'un programme formel d'enseignement du journalisme. L'autre professeur des débuts de la formation, Jacques Rivet, revenait de Paris où il avait obtenu un diplôme de l'Institut français de presse. De mon côté, je suis revenu en juillet 66 et j'ai commencé une double vie. J'avais deux mi-temps. Le premier comme secrétaire de la Commission des études de l'Université Laval et le second comme correspondant parlementaire de CHRC. Mario Cardinal^{ix} du journal *Le Soleil* me repère et en 1967 me nomme directeur de l'information du quotidien. Je n'avais jamais travaillé dans un journal de ma vie.

SLJ : Hors de la ville de Québec, des formations francophones se développent aussi peu après mais sur des impulsions un peu différentes et parfois avec des projets bien distincts. Comme en ordre dispersé ?

FS : À l'Université de Montréal, c'est d'abord un département de communication qui est créé en 1970. Le journalisme y occupe peu de place. Mais il faut parler de Jean Cloutier, le directeur du Centre audiovisuel, resté dans l'ombre de l'histoire du journalisme au Québec. Il avait des idées très avancées pour l'époque et, en 1973, il a écrit un livre *L'ère d'Emerec ou la communication audio-scripto-visuelle à l'heure des self-média* et a ainsi créé l'expression *Self media*, bien avant le règne des réseaux sociaux. « Emerec », c'est l'émetteur-récepteur. Avocat de formation, diplômé du Centre de formation en journalisme de Strasbourg, ancien journaliste à Radio-Canada, il n'a jamais eu au Québec la reconnaissance qu'il méritait. C'était un précurseur. Il a fait davantage pour la formation des journalistes africains en créant l'Institut international de la communication. Je suis allé enseigner à Dakar grâce à l'Institut international de la communication. Le Canada a joué un rôle important dans la création de l'école de journalisme à Dakar, le CESTI. Il y a beaucoup de Québécois qui sont allés enseigner là. Moi, j'y suis allé fin des années 70, je pense. Pierre O'Neil, l'ancien secrétaire de presse de Pierre Elliott Trudeau, a été le directeur de cette école de journalisme. Et

vii. Un service de l'Université ayant pour mission d'offrir des cours (hors programmes) au grand public dans une perspective de développement culturel et professionnel.

viii. L'expression désigne les six premières années de 1960 alors que le gouvernement du premier ministre Jean Lesage a initié un ensemble de modernisations de l'État québécois dont la prise en charge de l'Éducation et la Santé jusque-là entre les mains de l'Église catholique. Ce moment a été perçu comme l'entrée dans la modernité et l'État-Providence.

ix. Directeur de la Rédaction (équivalent de Rédacteur en chef) du quotidien *Le Soleil* (1967-1969).

Cloutier était important là-dedans. Finalement, le Certificat en journalisme de l'Université de Montréal est créé au milieu des années 1970 à la Faculté de l'éducation permanente. Il existe toujours à côté du DESS^x de journalisme ancré pour sa part au Département de Communication. Je pense que j'ai enseigné là la première année, tout comme Mario Cardinal. J'ai beaucoup aimé enseigner à ces étudiants, qui étaient plus âgés, et déjà, pour plusieurs, sur le marché du travail et qui prenaient leurs études très au sérieux.

À l'UQAM (Université du Québec à Montréal), l'autre université franco-phone à Montréal créée en 1969 dans la foulée de la Révolution Tranquille, l'initiative vient de Serge Proulx, sociologue, et de Jean-Paul Lafrance, issu des études littéraires. Ils créent le département de communication en 1973. Ayant passé une année sabatique en Californie et influencé par Gregory Bateson, Serge Proulx défend un modèle contre-culturel. Il s'inspire des sciences juridiques à l'UQAM, qui sont alors un peu la gauche des facultés de droit traditionnel, et veulent former des juristes intéressés par la justice sociale. Serge Proulx m'a raconté qu'il souhaitait suivre cet exemple et former des individus qui iraient travailler dans les médias communautaires^{xi}. Ils ont ensuite embauché Pierre Bourgault^{xii}, Gérald Godin^{xiii}, donc des journalistes de gauche, qui ont poussé de l'intérieur pour développer la filière journalisme. Gérald Godin a participé seulement une année, il est ensuite devenu candidat contre le premier ministre libéral sortant, Robert Bourassa, en 1976. Ils ont ensuite embauché Jacques Larue-Langlois^{xiv} et Armande Saint-Jean^{xv}, qui a joué un rôle très important à l'UQAM¹. Avoir embauché des personnes intéressées par le journalisme, qui parlaient de journalisme, et œuvraient pour la professionnalisation, suivant aussi en cela les pressions des étudiants, a permis que le journalisme prenne réellement sa place à l'UQAM. Depuis, on a créé l'École des médias et un grand nombre de professeurs de journalisme, issus du monde professionnel, y enseignent.

À Jonquières^{xvi} aussi, une formation a été mise en place^{xvii} en 1967 au niveau du CEGEP^{xviii}. J'ai progressivement changé d'avis concernant cette formation. Au départ, je pensais que former des journalistes devait être fait à l'Université, mais depuis, le monde des médias a tellement changé que cette formation a toute sa place pour certains médias. Je pense qu'il y a des médias où l'on n'a pas besoin d'un diplôme universitaire, que le CEGEP joue un rôle correct, comme ce qu'ils appellent au Canada anglais, les *community colleges*. Je trouve que c'est utile, cela a un rôle à jouer.

Les questions de formation ont beaucoup été alimentées par l'influence étrangère, notamment américaine. Dès la mise en place du comité de réflexion sur la formation au journalisme à l'Université Laval, Monseigneur Lauzon est allé aux États-Unis pour voir comment cela fonctionnait. Il a décidé, en accord avec le comité, que la formule américaine était la meilleure. C'était une formule dans laquelle les études hors journalisme étaient majoritaires. Le premier programme de journalisme à l'Université Laval s'est construit ainsi, avec seulement 30 crédits sur 90 crédits de cours en journalisme, dans la droite filiation des *Liberal Arts* états-unis. Avec Louis Martin, l'un des premiers professeurs de la formation, nous avons utilisé une formule déjà connue : « Comprendre et faire comprendre ». Comprendre, on faisait cela ailleurs que dans les cours de journalisme, comprendre le monde. Et ensuite, le journaliste apprenait à le faire comprendre. Ce qui est propre au journalisme. Louis appelait cela la rigueur imaginative. D'un côté, l'esprit scientifique : comprendre, les sources, la vérification ; et de l'autre, les arts, faire comprendre... grâce au récit.

SLJ : Tout au long de votre carrière, vous avez œuvré à créer des ponts entre le Québec et le reste du Canada. Vous avez ainsi connu les diffé-

x. Diplôme d'études supérieures spécialisées correspondant à une quatrième année d'université ou première année de maîtrise.

xii. Formule médiatique alternative aux médias dominants d'État ou privés qui a émergée avec force au Québec dans la décennie 1970.

xiii. Journaliste, orateur impressionnant, fondateur en 1963 du premier parti politique indépendantiste québécois, le Rassemblement pour l'indépendance nationale (RIN).

xiv. Journaliste, écrivain, homme politique, député puis ministre, sous la bannière du parti politique souverainiste, Parti Québécois (PQ).

xv. A été réalisateur à Radio-Canada. Militant socialiste et indépendantiste, très actif dans les années 1970.

xvi. 25 ans de journalisme puis professeure à l'Université de Sherbrooke.

xvii. Municipalité du Saguenay à quelque 200 kms au nord de Québec.

xviii. Dans une forme embryonnaire d'abord, puis graduellement de manière très élaborée et diversifiée, regroupée aujourd'hui dans les programmes de la filière Arts et technologies des médias (ATM).

xix. Le Collège d'enseignement général et professionnel (CEGEP) est une structure scolaire pré-universitaire.

rences culturelles entre les systèmes d'enseignement du journalisme.
Comment les résumeriez-vous ?

FS : Au cours des années 1970, j'ai été autant journaliste que professeur. Je donnais cours chaque année, mais je voulais continuer à faire du journalisme. Je n'imagine pas qu'on puisse faire l'un sans l'autre. Et dans les années 70, j'étais à Radio-Canada, ensuite à l'Office national du film (ONF)^{xix}. J'ai commencé à connaître le Canada anglais un peu avant. Quand j'étais au *Soleil*, le président, Gabriel Gilbert, me poussait pour que je participe aux rencontres des éditeurs canadiens, les *Managing editors Conferences* de la *Canadian Daily newspapers publishers association* (CDNPA). J'en étais membre. J'ai commencé à connaître des collègues anglophones comme Clark Davey, qui était le grand patron du *Globe and Mail*, ainsi que Lindsay Crysler, ancien *managing editor* de *The Gazette*, qui a été un des premiers patrons de l'école de journalisme à Concordia. Je pense que la différence entre les Canadiens anglais et les Québécois est que les directions des écoles de journalisme au Canada anglais étaient occupées pour la plupart par d'anciens journalistes. À Laval par exemple, après les anciens journalistes Tom Sloan et Yves Gagnon, dans les premières années, la tradition s'est perdue et la grande majorité des directeurs du département (devenu de communication) ont été des universitaires sans expérience du journalisme. Peter Desbarats a dirigé l'école à l'Université de Western en Ontario pendant de longues années, Stuart Adam à Carleton, un ancien journaliste du *Toronto Star*. Ils représentent ce qu'on appelle les écoles de la première vague de l'enseignement du journalisme : l'Université Carleton à Ottawa, l'Université Western à London en Ontario et Ryerson à Toronto^{xx}. Pour l'anecdote, ce qui est intéressant, c'est que Carleton a été créée notamment pour offrir une formation aux vétérans qui revenaient de la Deuxième Guerre. Lors de la deuxième vague d'écoles de journalisme au Canada anglais, on a aussi embauché des journalistes de très grande réputation. Au King's College de Halifax en Nouvelle-Écosse, par exemple, George Bain, le directeur, était une autorité journalistique au Canada anglais. Plus récemment, Donna Logan, ancienne journaliste et vice-présidente de Radio-Canada, a créé l'école de journalisme à l'Université de la Colombie-Britannique. Cela constitue une vraie différence entre le Québec et le Canada anglais. A Laval, par exemple, la communication a pris plus d'importance en raison des chercheurs qui sont arrivés dans les années 1970 : Roger De La Garde², Line Ross ou Jacques de Guise. Ils s'intéressaient beaucoup aux médias et au journalisme, leur apport intellectuel a été important, mais c'est avant tout la communication qui s'est développée par la suite. L'expansion de la communication s'est faite un peu au dépend du journalisme dans les universités. Cela peut se comprendre. Au tournant des années 1970, l'intérêt pour la communication était central. À Ottawa, le premier ministre des Communications dans l'histoire du Canada, Éric Kierans, ancien ministre du Québec, comparait les télécommunications et les satellites au chemin de fer. Il disait que le Canada avait été créé grâce aux chemins de fer, et qu'il serait consolidé par les communications.

SLJ : Dans ce contexte, vous voyagez beaucoup et rencontrez de nombreux collègues à l'étranger. Le Québec est alors lui aussi traversé par de nombreuses influences étrangères qui modèlent le monde journalistique de la formation et de l'information. Dans le cas canadien, compte tenu de son histoire et de sa position géographique, on pense spontanément à la France et à l'Angleterre, mais aussi aux États-Unis ?

FS : Je suis allé aux États-Unis étudier à l'université de l'Illinois où j'ai obtenu une maîtrise en journalisme en 1974. Wilbur Schramm, l'un des auteurs des *Four Theories of the Press*, était considéré comme un grand penseur de la communication à l'époque. J'y allais beaucoup à cause de lui. Mais

xix. Autre Société d'État canadienne créée en 1939 pour la production filmique.

xx. L'université Ryerson s'appelle à présent l'Université métropolitaine de Toronto.

quand je suis arrivé en Illinois, il était parti en Californie. J'ai découvert des livres que j'ai utilisés dans l'enseignement pendant des années, et notamment, *Four Theories of the Press* et le rapport Hutchins, *A Free and Responsible Press*. Le concept de liberté de presse m'intéressait, mais j'ai alors compris qu'il se déclinait de bien des manières. J'ai aussi découvert tous les travaux sur la culture de masse. Cela a représenté une grande différence pour moi entre mes études à Paris et celles aux États-Unis. J'ai découvert aux États-Unis tout un univers que je ne connaissais pas. Au Canada anglais, il y avait aussi de grands penseurs de la communication dans les années 40 et dans les années 50. McLuhan n'était pas le seul. Un autre auteur auquel on pense moins, Harold Innis, me semble aussi important que McLuhan. Là, j'ai découvert un monde dont je n'imaginais pas l'existence, le monde de la réflexion sur les médias.

Alors que je travaille à mi-temps au Département information et communication de l'Université Laval dans les années 1970, je perçois aussi l'influence de la France, et notamment des travaux et de la personnalité d'Armand Mattelart, souvent invité au Québec, ou encore de Jean Schwoebel, journaliste au *Monde* et un des fondateurs de la Fédération française des sociétés de journalistes (autre nom des Sociétés de rédacteurs). Cela croisait aussi ce que j'avais appris à l'université de l'Illinois : j'étais convaincu qu'il fallait donner plus de pouvoir aux citoyens. Je suis d'ailleurs allé en 1973 à Stockholm avec Lindsay Crysler alors au quotidien *The Gazette* à Montréal (il deviendra plus tard directeur de l'enseignement du journalisme à Concordia) pour comprendre le fonctionnement de l'ombudsman de presse en Suède, puis au *Washington Post* pour interviewer l'ombudsman. Cela nous amènera à organiser un grand colloque à Québec sur les ombudsman et les conseils de presse, et nous faisons une enquête avec Simon Langlois sur l'ombudsman au *Toronto Star* et à la *Gazette*³. Ce dispositif n'a pas vraiment duré. Mais c'était l'époque où tout cela m'intéressait. Plus tard, mes liens avec David Pritchard, professeur à l'université du Wisconsin, sont aussi tissés en partie par ces intérêts. Il était venu passer une année sabbatique à Québec au Conseil de presse. David se souvient qu'il avait vu notre enquête avec Simon Langlois auprès des journalistes québécois, pour la Commission royale sur les quotidiens. Il y avait trouvé des « racines intellectuelles » communes avec les enquêtes bien connues de son ami David Weaver aux États-Unis. Ils avaient été collègues à l'Université d'Indiana. Nous avons rencontré David Weaver et commencé à travailler ensemble sur une enquête auprès des journalistes canadiens⁴ de partout au pays.

Bien sûr, nos médias sont d'abord des médias américains. Mais la Grande-Bretagne a aussi exercé une grande influence : le modèle de la BBC, mais aussi le modèle du conseil de presse. Dans les années 1960, l'Union canadienne des journalistes de langue française (UCJLF) avait fait venir, à Montréal, Lord Denning, le président du Conseil de presse britannique. Yvan Lamonde, historien québécois respecté, écrit d'ailleurs que le Québec, au-delà des médias, est influencé bien sûr par la France, par les États-Unis, largement, mais aussi par la Grande-Bretagne. Et culturellement, au sens large, il montre que nous sommes plus britanniques que l'on pense⁵. Pour ma part, j'ai toujours pensé être « culturellement » aussi proche des Anglais que des Français, la langue mise à part. Yvan Lamonde explique bien l'importance de l'Angleterre dans « la trame politique et culturelle » du Québec. L'influence culturelle des institutions et du parlementarisme britannique est importante. Ces liens avec la Grande-Bretagne permettent des comparaisons intéressantes pour les médias, pour le service public par exemple, tout comme ceux avec la France, et pas seulement dans ce dernier cas pour les questions de droit sur lesquelles nous avons beaucoup échangé, Pierre Trudel de l'Université de Montréal et moi, avec Emmanuel Derieux,

professeur à l’Institut français de presse à Paris (Paris 2). Ces liens avec l’étranger ont par ailleurs renforcé ma conception de l’importance de l’information internationale. Cet intérêt était partagé par mon collègue, Roger de la Garde, un personnage important au Québec, qui a tenu la revue *Communication*⁶ toutes ces années à bout de bras. Roger de la Garde avait avec l’université Western, et un collègue ancien journaliste de cette université, obtenu des fonds de l’Agence canadienne de développement international (ACDI) pour accroître l’importance de l’information internationale et évaluer son importance⁷. Dans ce cadre, je me souviens⁸ avoir fait, avec Shirley Sharzer, devenue plus tard la première femme *deputy managing editor* de l’influent *Globe and Mail*, une tournée des médias canadiens pour analyser l’intérêt qu’ils avaient pour cette information internationale.

SLJ : Vous avez toujours cultivé le lien entre mondes professionnel et académique. Une des choses que vous nous avez dites est que vous souhaitiez profondément que les universitaires comprennent mieux la réalité des médias. Vous considérez que les médias sont fondamentaux. Pourtant, vous avez aussi proposé, participé même, à une présence active d’un troisième joueur, le gouvernement, dans le monde médiatique ?

FS : Effectivement, je crois profondément au rôle de l’État. Des commissions d’enquête ont été mises en place par le gouvernement canadien depuis les années 1970⁹. D’abord la commission sénatoriale Davey (1970) sur l’influence des médias et sur la concentration des capitaux dans cette industrie, puis la commission Kent (1981) sur la concentration des médias et aussi le Groupe de travail sur la politique de la radiodiffusion canadienne, Caplan-Sauvageau (1985-86). J’ai d’abord participé à la commission Kent, au cours de laquelle on m’avait demandé de faire une enquête auprès des journalistes québécois avec Simon Langlois¹⁰. Puis, j’ai participé au Groupe de travail à titre de co-président avec Gerald Caplan. Le groupe a produit le rapport appelé Caplan-Sauvageau sur la politique de la radiodiffusion. Dans le cadre des travaux de ce groupe, nous avons commandé plus de 30 rapports de recherche. C’est à ce moment-là, au milieu des années 1980, que je me rends compte qu’il y a un manque flagrant - plus au Québec encore - de recherche sur les politiques publiques et sur les médias en général. Jean de Bonville, professeur au département Information et communication de l’Université Laval, avait écrit dans le livre *Les journalistes*, un chapitre de constats sur le manque de recherches dans le domaine au Québec¹¹. Pour ma part, je me souviens des balbutiements de la recherche : en histoire, en sociologie, avant que naisse la communication. Aujourd’hui, nous sommes loin du désert que constatait Jean de Bonville en 1980. Une brève recension de Mathieu-Robert Sauvé¹² montre qu’une vingtaine de thèses de doctorat en cours au Québec sont consacrées au journalisme, dont une douzaine à Laval. La réflexion sur le journalisme est essentielle à son enseignement.

Notre groupe de travail sur la radiodiffusion commande donc des recherches. Le politologue Vincent Lemieux a ainsi effectué des travaux de recherche pour nous, il m’a aidé à comprendre beaucoup de choses, et entre autres l’élaboration et la formulation des politiques publiques dans un domaine donné, mais aussi qu’il faut voir le journalisme comme un système. Nous avions par ailleurs un directeur de la recherche, Pierre Trudel, professeur de droit à l’Université de Montréal. Paul Audley était le secrétaire de notre groupe. Il a écrit un livre remarquable, *Canada’s Cultural Industries*. Paul était cet intellectuel de Toronto qui aurait voulu que le modèle de réussite des médias du Québec s’applique au Canada anglais dans sa lutte contre l’influence culturelle américaine, une obsession depuis les années 1930 et qui atteint maintenant son paroxysme avec les GAFAM. J’ai aussi découvert à ce moment-là qu’il y avait au Canada anglais de nombreuses personnes

qui s’intéressaient à l’économie des médias, notamment à l’Université de l’Alberta. Ce secteur m’avait toujours semblé négligé au Québec.

Ces commissions ont participé au développement de la recherche. Dans le cas de la commission Kent, ils ont publié le rapport et huit volumes de travaux de recherche. J’aurais aussi souhaité qu’on le fasse pour Caplan-Sauvageau, mais il aurait fallu rester à Ottawa encore des mois pour superviser la rédaction finale des travaux. Fred Fletcher^{xxi} à qui j’ai soumis l’hypothèse que ces commissions d’enquête ont joué un rôle important dans la recherche, m’a répondu en disant que lorsqu’il a commencé à enseigner le cours Culture et politique à York, son principal outil de travail, c’était le rapport Davey. La Commission Davey (3 volumes) a elle aussi publié des travaux de recherche.

De notre côté, notre groupe de travail a été formé au moment où un débat politique et social avait émergé autour de Radio-Canada. Les conservateurs venaient d’être élus, et l’on craignait qu’ils ferment Radio-Canada. D’ailleurs, quand j’ai accepté de codiriger le groupe, beaucoup de personnalités du monde journalistique se demandaient ce que j’allais faire dans cette galère. Mais le ministre des Communications, Marcel Masse^{xxii}, m’avait promis toute indépendance. Il a tenu parole. Dans notre rapport, tout le monde s’attendait à ce que l’on dise que Radio-Canada devait être réformé. Dans le chapitre concernant la société publique, nous écrivions – ce que je n’écrirais plus comme cela maintenant, parce que ce n’est plus le cas, – que Radio-Canada représentait le panthéon de la culture.

SLJ : Ce travail colossal produit dans les commissions d’enquête, les recherches réalisées dans ce cadre, les liens que vous tissez, vous amènent progressivement à créer le Centre d’études des médias, le CEM, un centre encore très actif à l’Université Laval. Une sorte d’impatience, de suppléance même, face aux inactions des institutions ?

FS : Après le travail de la commission d’enquête Caplan-Sauvageau, je reviens à l’université, et le Recteur de l’époque, Michel Gervais, crée un groupe de réflexion sur l’avenir de la communication à l’université. J’en deviens président. Nous produisons un rapport qui s’appelait *Communiquer demain* et où l’on suggérait la création d’un centre d’études sur les médias. Cependant, la suggestion n’aboutissait pas. Les dossiers n’avançant jamais vite à l’université. Quelques années plus tôt, Fernand Dumont, un éminent sociologue à l’Université Laval, était devenu directeur de l’Institut québécois de recherche sur la culture (IQRC). Il souhaitait développer un axe sur les médias, un chantier, comme ils appelaient cela à l’époque. Fernand Dumont m’a contacté pour diriger ce chantier, et j’ai été « prêté » par l’université pendant trois ou quatre ans. À l’époque, j’étais très présent sur la place publique. Nous avons rapidement obtenu le soutien du ministère des Communications du Québec qui était très important à ce moment-là au plan de la recherche. Cela a permis de transformer le chantier en Centre d’études sur les médias en 1992, le CEM¹³. Dès le départ, le centre a reçu une subvention du ministère. Il y avait au ministère une équipe de chercheurs dirigée par Hélène Cantin, qui avait travaillé au CRTC^{xxiii} et était une excellente chercheure. Elle et quelques collègues, dont le sous-ministre, étaient très sympathiques à l’idée de créer un Centre d’études sur les médias et ont contribué à l’appui du ministère qui s’est perpétué depuis lors. Nous avons directement mis l’accent au CEM sur les politiques publiques sans oublier l’économie des médias. Nous avons eu la chance de collaborer avec Jean-Pierre Le Goff de HEC et Yves Rabeau des sciences de la gestion à l’UQAM.

Au départ de Fernand Dumont de l’IQRC et lors du rattachement subséquent de cet Institut à l’INRS (l’Institut national de recherche scientifique),

xxi. Alors professeur à la York University de Toronto et figure de proue de la recherche sur les médias au Canada anglais.

xxii. Député du parti progressiste-conservateur alors au pouvoir à Ottawa et Ministre des communications du gouvernement de Brian Mulroney de 1984 à 1986 et de 1989 à 1991.

xxiii. Conseil canadien de la radiodiffusion et des télécommunications, organisme de réglementation rattaché au gouvernement du Canada.

une composante de l'Université du Québec, nous avons pris la décision, au CEM, de ne pas aller à l'INRS. Le Centre vivait une période faste à l'IQRC et employait trois chercheurs à temps plein. Nous bénéficiions alors du travail d'un employé de l'IQRC qui était un démarcheur de fonds. Je me souviens être allé avec lui à l'agence de coopération francophone à Paris. Et pendant un moment, le Centre pilotait un projet avec un Camerounais, une Française, un Belge, un Burkinafoulé, un Tunisien. Le CEM s'est donc autonome en passant des ententes avec plusieurs universités. L'Université Laval nous héberge (et c'est toujours le cas), mais nous avions des ententes avec l'UQAM, HEC et l'Université de Montréal. Le conseil d'administration comprend un représentant de chacune des universités, et des membres venant du monde des médias. À l'époque, je voulais regrouper les chercheurs de plusieurs universités. Je me considère davantage comme un animateur. Si j'ai quelques qualités, celle-là, c'est ma plus grande, probablement : rassembler des gens. J'aime faire cela. Le travail d'équipe, la collaboration, c'est essentiel. Le Centre d'études a été conçu ainsi : faire travailler des chercheurs sur des problèmes plus concrets qui allaient intéresser les entreprises. C'était aussi une stratégie qui aidait au financement, car pour se financer auprès du ministère, il fallait faire la preuve de notre pertinence. J'ai alors développé une tactique dans la recherche de financement : au lieu d'aller voir des gens, par exemple Radio-Canada, et dire 'Nous avons un beau projet, et avons besoin d'argent'. J'allais à Radio-Canada et je disais 'Nous avons un beau projet, nous allons payer 50 % si vous payez 50 %'. Et nous avons eu beaucoup de contributions ainsi. Cela faisait aussi que nous n'étions dépendants ni des commanditaires ni de l'État.

Une des clés de la survie du CEM est aussi liée au CRTC. Lors d'une transaction entre médias, le CRTC avait statué que 10% de la somme totale devait être consacrée à des bénéfices pour la communauté. Nous avons alors interprété ce 'bénéfice' comme pouvant inclure la recherche. Des opérations de cet ordre ont permis la création de *The Canadian Media Research Consortium*¹⁴, le Consortium canadien de recherche sur les médias. Ce Consortium regroupait l'Université Ryerson et notamment l'Université de la Colombie-Britannique, et le CEM. Nous avons pendant sept ou huit ans, obtenu des sommes relativement importantes. Dans ce cadre du CRTC, l'Université Laval (comme l'Université Carleton, de son côté) a aussi obtenu un million de dollars pour créer la Chaire de journalisme scientifique¹⁵. Le voici :

La somme était liée à l'acquisition par le réseau de télévision CTV de Discovery Canada, une chaîne scientifique. J'ai été responsable de la Chaire le temps de sa mise en place, puis Jean-Marc Fleury, journaliste et communicateur scientifique, et Fábio Henrique Pereira, collègue du Département depuis 2021, [ndlr : co-éditeur de la revue *Sur le journalisme*] ont repris successivement les rênes de la formation autour d'un microprogramme en journalisme scientifique et du développement de la recherche dans le domaine

Depuis sa naissance, le CEM a réalisé de nombreux projets¹⁶. Il a le mérite d'exister encore, après 30 ans, sous la direction de Colette Brin, collègue du Département, et grâce au travail de longue haleine du chercheur permanent Daniel Giroux, maintenant retraité, un professionnel prêté par le Ministère québécois des Communications deux ans après la création du Centre et qui est devenu un rouage essentiel de son fonctionnement et un fin connaisseur du monde des médias. L'un des projets dont je suis le plus fier est le rapport que nous avons fait en 2015 sur la concentration et sur Pierre Karl Péladeau, à la fois leader politique et propriétaire de médias¹⁷. Ce rapport montre les conséquences des mouvements de concentration dont nous parlions dès les années 1970. Il explique que si nous sommes arrivés à cette situation, c'est que personne n'a agi au fil des ans, malgré tous les rapports et toutes

les études. Le CEM avait déjà réalisé une enquête auprès des députés de l'Assemblée nationale¹⁸ qui montre qu'ils étaient devenus de plus en plus inquiets au fil des ans au sujet de la concentration des médias. Mais s'ils sont inquiets, pourquoi n'ont-ils rien fait ? Et pourquoi maintenant, alors que la concentration et la convergence ont atteint des sommets chez Québecor^{xxiv}. Plus personne n'en parle. Tout ce qui nous a inquiétés, que j'ai répété un nombre incalculable de fois, dans nombre de conférences, de colloques, d'interviews pendant des années, j'ai répété que c'était dangereux, que si P.K. Péladeau utilisait, avec des visées politiques, toute la puissance médiatique qu'il avait, la situation constituait un risque pour la démocratie. Cela a constitué une inquiétude pendant de nombreuses années : pour preuve, les commissions Davey et Kent au niveau canadien et un nombre important de commissions parlementaires et de comités à Québec sur la concentration de la presse. Le risque est grand que tout ce que l'on craignait à cette époque-là se réalise.

Une autre réalisation du CEM renvoie à la coopération internationale. Le Centre avait des collaborateurs dans plusieurs pays. Par exemple, l'économiste des médias Robert Picard¹⁹, qui a été directeur de la recherche du *Reuters Institute for the Study of Journalism*, participait aux activités du CEM depuis des années. C'est un peu grâce à lui que le Centre est devenu le collaborateur canadien de l'enquête annuelle sur le numérique (le *Digital Report*) du Reuters Institute²⁰. Mon grand souci était d'ouvrir sur le monde. Cela rejoignait l'importance que j'accordais à l'information internationale. Cela reflète aussi mon année passée en Europe en 1965-66. J'ai découvert un univers. Je préparais une émission hebdomadaire pour CHRC. Je suis allé à Rome, au Vatican, interroger le cardinal Maurice Roy de Québec qui participait au Concile Vatican II. C'était impressionnant. En Allemagne, je me souviens quand je me suis retrouvé devant le mur de Berlin, cela change la vie. La création du programme de journalisme international à l'Université Laval, en coopération avec l'École de journalisme de Lille que dirigeait Patrick Pépin, a été un projet fondamental^{xxv} pour moi²¹. En envoyant des étudiants à l'étranger, je voulais leur donner l'opportunité de connaître ce que j'avais connu très, très longtemps auparavant. Quand je réfléchis, je pense que c'est ça qui est le plus important pour moi : l'ouverture des journalistes sur le monde.

À 81 ans, je continue à penser que l'on ne forme pas un journaliste dans les formations en communication. Si je me permettais un commentaire excessif, je dirais que les journalistes savent le dire, mais qu'ils n'ont souvent rien à dire. Comprendre avant de faire comprendre. Je pense que la complexité du monde actuel renforce encore cette impression. Raison pour laquelle j'étais favorable au développement du programme de journalisme international. Nos médias sont des médias paroissiaux^{xxvi} et je trouvais cela important de promouvoir l'information internationale. Nous avons ensuite tenté de faire la même chose en information économique ; cela n'a pas fonctionné faute de candidats. Sauf exceptions, les diplômés en administration ou en économie n'ont pas forcément le journalisme comme centre d'intérêt. Une enquête auprès des étudiants en journalisme²² en novembre 2021 nous a permis de recenser 350 étudiants en journalisme au Québec dans les trois universités Laval, l'UQAM et l'Université de Montréal. C'est beaucoup. J'ai déjà écrit il y a quelques années²³ que j'espérais que les jeunes journalistes puissent inventer leur journalisme comme on avait pu le faire dans les années 60-70. Un précurseur, Jean-Louis Gagnon^{xxvii}, a transformé le journalisme entre 1958 et 1961. Il a prôné un journalisme différent, plus actif. Les jeunes journalistes continuent aussi à inventer et militent pour diverses formes de journalisme. Et puis la qualité du journalisme actuel ne dépend pas seulement de ceux qui le font. L'enseignement et la recherche y sont

^{xxiv} Québecor, entreprise québécoise présente dans les médias, la télécommunication, l'édition et le sport.

^{xxv} Ce programme est aujourd'hui, intégré comme filière de la maîtrise en communication publique.

^{xxvi} Expression québécoise qui rappelle le quadrillage religieux du territoire québécois et qui connote en même temps l'épithète « provincial » utilisé en France pour l'opposer à une perspective étroitement « locale ».

^{xxvii} Grand journaliste québécois. Voir : <https://ordre-national.gouv.qc.ca/membres/membre.asp?id=223>

aussi pour quelque chose. Je pense qu'une des difficultés de l'enseignement du journalisme à l'université réside dans le fait que les journalistes enseignants n'ont jamais élaboré une véritable méthodologie du journalisme et de sa pratique. D'anciens journalistes comme les auteurs de *The Elements of Journalism*²⁴ ont réfléchi à leur métier et montrent que l'enseignement du journalisme ne se limite pas à expliquer comment faire un *lead*. Il faut développer la réflexion sur la méthode journalistique, de la collecte de l'information à sa présentation.

Et dans les médias actuels, cela m'agace parfois de lire certains textes : le journalisme militant, je n'aime pas beaucoup cela, mais c'est peut-être en partie le journalisme de 2023. Pierre Trudel, dans son dernier livre, *Droits, libertés et risques des médias* (2022), distingue l'acte d'information et l'acte journalistique. Il estime que nous sommes à présent dans un monde où il y a de plus en plus d'information qui n'est pas journalistique mais qui peut être de très grande qualité. C'est aussi mon opinion. Je l'ai d'ailleurs brièvement développée auprès d'Antoine Char dans une publication pour Projet J²⁵. Ce qui me semble important pour les journalistes est de montrer, en expliquant la méthode, comment l'acte journalistique diffère des autres actes d'information pour mieux défendre le journalisme et montrer sa spécificité.

*Propos recueillis et annotés par
François Demers et Florence Le Cam
Janvier 2023*

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

François Demers, Florence Le Cam, « “Au carrefour des influences américaine, britannique et française”. Entretien avec Florian Sauvageau », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.520>

NOTES

1. Saint-Jean, A. (2002). Éthique de l'information: fondements et pratiques au Québec depuis 1960. PUM.
2. de la Garde, R. (1975). Profil sociodémographique des journalistes de la presse écrite québécoise. *Communication. Information Médias Théories*, 1(1), 31-52.
3. Barrett, B., & de la Garde, R. (1976). Profil sociodémographique des journalistes de la presse électronique québécoise. *Communication. Information Médias Théories*, 1(3), 259-279.
4. de la Garde, R., & Barrett, B. (1977). Profil socio-démographique des journalistes de la presse électronique montréalaise. *Communication. Information Médias Théories*, 2(2), 259-280.
5. Langlois, S., & Sauvageau, F. (1989). L'image de l'ombudsman de presse dans deux quotidiens canadiens. *Communication. Information Médias Théories*, 10(2), 189-210.
6. Pritchard, D., Pritchard, D. H., & Sauvageau, F. (1999). Les journalistes canadiens: Un portrait de fin de siècle. Presses Université Laval.
7. Voir son chapitre « L'Angleterre dans la trame politique et culturelle » de son ouvrage *Allégeances et dépendances*, Editions Nota bene, 2001, pp.167ss.
8. Sauvageau, F. (1980). L'information internationale: commerce ou propagande? Présentation. *Communication. Information Médias Théories*, 3(2), 1-5.
9. Voir ce document : <https://publications.gc.ca/Collection-R/LoPBdP/BP/prb9935-f.htm#B.%20La%20Commissiontxt>
10. Langlois, S., & Sauvageau, F. (1982). Les journalistes des quotidiens québécois et leur métier. *Politique*, 1, 5-39.
11. Sauvageau, F., Lessard, G., & de Bonville, J. (1980). Les journalistes: dans les coulisses de l'information. Montréal, Québec/Amérique. En 2005, Jean de Bonville fera en collaboration avec Fernande Roy, historienne québécoise, un autre travail de cartographie : Roy, F., & De Bonville, J. (2005). La recherche sur l'histoire de la presse québécoise. Bilan et perspectives. *Recherches sociographiques*, 41(1), 15-51.
12. Robert-Sauvé, Mathieu, (2022), « Si la tendance se maintient, il y aura des docteurs en journalisme au Québec », Projet J, <https://j-source.ca/si-la-tendance-se-maintient-il-y-aura-des-docteurs-en-journalisme-au-quebec/>
13. <https://www.cem.ulaval.ca/>
14. <http://www.cmrcrcrm.ca/>
15. [https://www.ulaval.ca/la-recherche/unites-de-recherche/chaires-de-recherche-en-partenariat/chaire-en-journalisme-scientifique-bell#:~:text=Service%2Dconseil%20et%20soutien%20d,des%20journalistes%20scientifiques%20\(FMJS\).](https://www.ulaval.ca/la-recherche/unites-de-recherche/chaires-de-recherche-en-partenariat/chaire-en-journalisme-scientifique-bell#:~:text=Service%2Dconseil%20et%20soutien%20d,des%20journalistes%20scientifiques%20(FMJS).)
16. <https://www.cem.ulaval.ca/>
17. <https://www.cem.ulaval.ca/publications/reflexions-et-mise-en-contexte-de-la-situation-creee-par-le-election-de-m-pierre-karl-peladeau/>
18. <https://www.cem.ulaval.ca/wp-content/uploads/2019/04/parlementairesmedias.pdf>
19. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/people/professor-robert-g-picard>
20. <https://www.cem.ulaval.ca/lancement-du-digital-news-report-2022-et-sortie-des-donnees-canadiennes/>
21. Sauvageau, F. (2003). «N'y a-t-il plus de journalisme, aujourd'hui, qu'international?»: récit d'une expérience de formation... Les cahiers du journalisme, (12), 42-54.
22. <https://www.cem.ulaval.ca/publications/etudiants-en-journalisme-qc/>
23. Voir la conclusion du chapitre de Florian Sauvageau (2015), Pour la survie du journalisme, sous la direction de Robert Maltais et Pierre Cayouette, Québec Amérique, p.284.
24. Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2021). *The elements of journalism, revised and updated 4th edition: What newspeople should know and the public should expect*. Crown.
25. <https://j-source.ca/florian-sauvageau-une-carriere-au-gre-des-hasards-de-la-vie/>

**MERCI AUX ÉVALUATEURS ET ÉVALUATRICES DES RÉCENTS NUMÉROS DE LA REVUE
AGRADECemos AOS AVALIADORES DAS ÚLTIMAS EDIÇÕES DA REVISTA
MANY THANKS TO ALL THE REVIEWERS OF THE RECENT ISSUES**

Alzira Abreu (Fundaçao Getulio Vargas, Brasil) • Juan Miguel Aguado (Universidad de Murcia, España) • Chris W. Anderson (The City University of New-York, USA) • Leonel Azevedo de Aguiar (Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil) • Altuğ Akin (İzmir Ekonomi Üniversitesi, Türkiye) • Dominique Augéy (Aix-Marseille université, France) • Jan Baetens (katholieke Universiteit Leuven, België) • Helder Bastos (Universidade do Porto, Portugal) • Christa Berger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil) • Elisabeth Bird (University of south Florida, USA) • Gersende Blanchard (Université Lille 3, France) • Claire Blandin (Université Paris-Est-Créteil, France) • Franck Bousquet (Université Toulouse 3, France) • Nadège Broustau (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Laura Calabrese (Université libre de Bruxelles, Belgique) • João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Dominique Cardon (CNRS, France) • Marialva Carlos Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) • Valérie Cavelier-Croissant (Université Lyon 2, France) • Jean Charron (Université Laval, Canada) • Ivan Chupin (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, France) • Iluska Maria da Silva Coutinho (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil) • Béatrice Damian-Gaillard (Université Rennes 1, France) • Jamil Dakhlia (Université Paris 3 Sorbonne nouvelle, France) • Salvador de Léon (Universidad Autónoma de Aguascalientes, México) • Juliette de Maeyer (Université de Montréal, Canada) • Didier Demazière (CNRS, France) • Emmanuel Derieux (Université Paris Panthéon-Assas, France) • Irène Di Jorio (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Anya Diekmann (Université libre de Bruxelles, Belgique) • David Domingo (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Carlos Eduardo Esch (Universidade de Brasilia, Brasil) • Benjamin Ferron (Université Paris-Est-Créteil, France) • Marie-Soleil Frère (FNRS, Belgique) • Elvira Garcia de Torres (Universitat Internacional Valenciana, España) • Gilles Gauthier (Université Laval, Canada) • Eric Georges (Université du Québec à Montréal, Canada) • Benoit Grévisse (Université catholique de Louvain, Belgique) • Nicolas Harvey (Université d'Ottawa, Canada) • François Heinderyckx (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Cristiane Henriques Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) • Alfred Hermida (University of British Columbia, Canada) • Nicolas Hubé (Université de la Sorbonne, France) • Valérie Jeanne-Perrier (Université Paris-Sorbonne, France) • Alice Krieg-Planque (Université Paris-Est-Créteil, France) • Eric Lagneau (France) • Sandrine Lévéque (Université de la Sorbonne, France) • Seth C. Lewis (University of Oregon, USA) • Dominique Marchetti (CNRS, France) • Julien Longhi (Université de Cergy-Pontoise, France) • Pere Masip (Universidad Ramon Llull, Espana) • Frederico de Mello Brandão Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil) • Thaïs de Mendonça Jorge (Universidade de Brasília, Brasil) • Isabelle Meuret (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Luciana Mielićzuk (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) • Sophie Moirand (Université Sorbonne-Nouvelle, France) • Sandy Montanola (Université de Rennes 1, France) • Sylvia Moretzsohn (Universidade Federal Fluminense, Brasil) • Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasilia, Brasil) • Joana Ormundo (Universidade de Brasília, Brasil) • Sylvain Parasie (Université Paris-Est, France) • Ike Picone (Vrije Universiteit Brussel, België) • Olivier Pilmis (CNRS, France) • Alain Rabaté (Université de Lyon 2, France) • Franck Rebillard (Université Sorbonne-Nouvelle, France) • Edgar Rebouças (Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil) • Zvi Reich (Ben-Gurion University of the Negev, Israël) • Roselyne Ringoot (Université Grenoble Alpes, France) • Catarina Rodrigues (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Nélia Rodrigues Del Bianco (Universidade de Brasília, Brasil) • Eugénie Saitta (Université Rennes 1, France) • Luís Santos (Universidade do Minho, Portugal) • Florian Sauvageau (Université Laval, Canada) • Julie Sédel (Université de Strasbourg, France) • Willam Spano (Université Lyon 2, France) • Jean-François Tétu (Institut politique de Lyon, France) • Annelise Touboul (Université Lyon 2, France) • Sandrine Turgis (Université de Reims, France) • Olivier Trédan (Université de Rennes 1, France) • Jean-Michel Utard (France) • Barbara Witte (Hochschule Bremen, Deutschland) • Eliane Wolf (Université de la Réunion, France) • Stéphanie Wojcik (Université Paris-Est-Créteil, France) • Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, France)

Publiée avec le concours de :



Ce numéro de la revue
a été imprimé grâce
au soutien du FNRS



Faculdade de Comunicação - UnB

